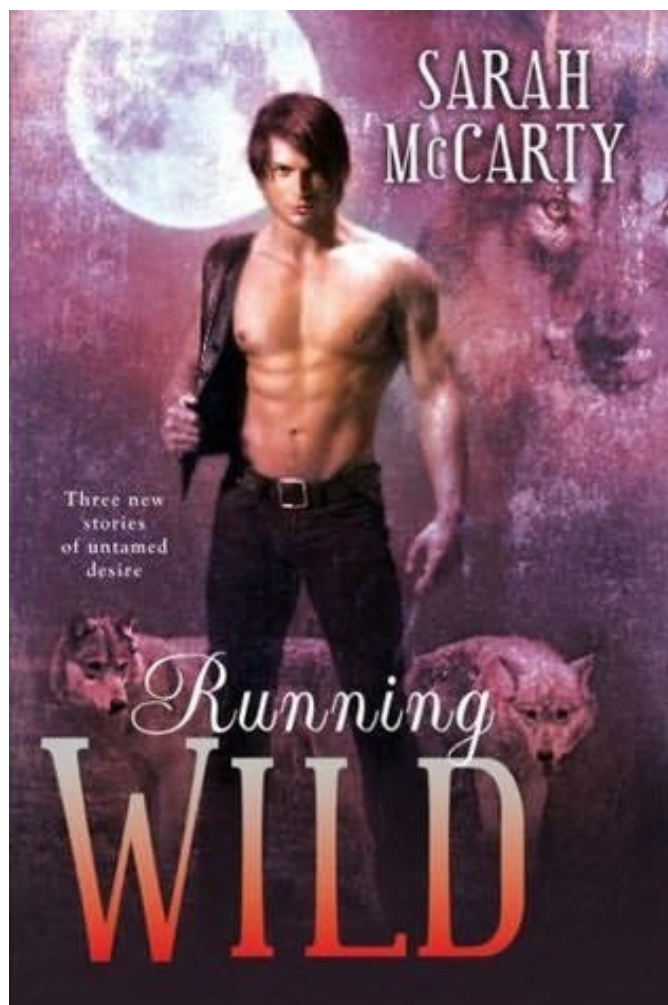


Sarah McCarty
Desejo Selvagem

WILD ANTHOLOGY 1-3



Disponibilização em Esp:
Tradução e Formatação:
Revisão: Lu Avanço
Revisão Interm: Luna
Revisão Final: Kakau

Passionate Novels
Gisa

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Quando a paixão explode, nada volta a ser o mesmo, seja entre humanos ou entre homens lobos. Donovan. É um Protetor. Sua tarefa consiste em levar de volta à manada à líder. Mas quando aspira pela primeira vez a sedutora fragrância de Lisa Delaney, esta se converte em sua presa, em corpo e alma. E ele está disposto a arriscar ambas as coisas por uma paixão que vai além de todos os limites.

Kelon. É o melhor Protetor de toda a manada. Sua única intenção é voltar para seu lar depois de ter ajudado ao Donovan, mas não conta com que Robin Delaney lhe distraia até o ponto de trocar seus planos.

A tenra, doce e atrativa Robin é a única mulher capaz de lhe fazer esquecer o dever e considerar uma decisão que nenhum homem lobo deveria ter que tomar.

Wyatt. Em uma manada onde somente os fortes são os líderes e qualquer debilidade é rechaçada, Wyatt não pode permitir-se sentir-se atraído pela sempre prática e humana Heath Delaney. Mas esta, com seu esbelto corpo, fogoso temperamento e exuberantes lábios não é uma mulher que um homem como ele possa ignorar, seja qual seja o preço.



Nota da revisora Lu Avanço:

Lindo, muito lindo. Dois irmãos e um primo. Tudo de bom. Eu adoro os lobos, eles são principalmente fieis... kkkkk





Donovan

Capítulo 1

la ser uma dessas noites.

Donovan bebeu um gole da cerveja e suspirou. Não deixavam de passar coisas, mas nenhuma delas merecia a pena, exceto a mulher que se aproximava das portas de cristal do desvencilhado lugar, o único que havia no povoado para entreter-se, uma mescla de boliche, bar e sala de bilhar. Essa garota prometia. Media ao redor de um e sessenta e aparentava ter mais caráter que um homem lobo em lua cheia. Era difícil distingui-la em detalhe com a parka que usava, pois ficava muito grande, e com o gorro que lhe chegava até as sobrancelhas, mas lhe deu uma impressão de ardente feminilidade, rasgos delicados e uma boca grande que indicava determinação.

A mulher golpeou fortemente a porta com os braços estirados e o corpo rígido.

Depois tirou o cabelo castanho claro do rosto com um gesto de agressividade. As luzes de néon dos letreiros embutidos na janela iluminaram sua expressão, revelando uma mescla de emoções, fúria, desespero, resolução, que piscaram de uma vez na penumbra.

Estava claro que tinha uma missão. Donovan estava tomando um gole de sua cerveja para reconfortar-se, quando a porta se abriu e o frio ar noturno entrou, substituindo o fedor de fumaça e suor por um aroma de tormenta iniciada.

—Merda —disse Wyatt. Inclinou-se para frente. Seu olhar passeou da mulher até o grupo de bagunceiros que havia ao fundo jogando bilhar. As pernas frontais de sua cadeira golpearam o chão de concreto com um golpe surdo.

—Algun problema? — Donovan inspirou profundamente, procurando instintivamente o aroma da mulher. Chegou-lhe, ligeiro e etéreo, temperado com a essência feminina que seu lobo interior tinha procurado durante toda a vida.

—Espero que não.

Pelo tom de voz do Wyatt, não parecia ter muitas esperanças. Donovan observou como a mulher atravessava o bar, ignorando a saudação do garçom, e se encaminhava em sua direção, dirigindo-se claramente para a parte mais afastada da sala. Não distinguia com detalhe sua silhueta dentro daquele casaco de inverno muito grande, mas suas pernas embainhadas em jeans eram magras e largas para sua altura, e sua fragrância —maldita seja, que fragrância— ao passar junto a sua mesa, envolveu-o como em um abraço longamente esperado, lhe penetrando além de sua pele, tão profundamente que chegou a seu lobo interior. Tanto como para lhe fazer uivar. Donovan se ergueu na cadeira. Definitivamente, essa garota ia causar problemas.

Assinalou-a a suas costas.

—Isso é o que se chama uma mulher zangada.

—É Lisa Delaney. —Wyatt empurrou a cadeira.

— E tem direito a está-lo.

—O noivo a deixou? —Um noivo seria uma complicação, mas nada que ele não pudesse dirigir. Um marido seria um obstáculo maior.

—Pior. —Seu companheiro ficou em pé. Sua placa captou a luz do fluorescente, um tênue reflexo do poder que ostentava. Donovan se perguntou se alguém dessa fechada comunidade saberia que um homem lobo era o encarregado de fazer respeitar suas leis.

—Muito pior —murmurou Wyatt, enquanto a mulher agarrava um taco de bilhar e se aproximava da parte de trás, onde quatro homens de vinte anos estavam jogando uma partida que estava indo de mal a pior.

Não era um grupo ao que Donovan teria elegido unir-se se fosse a garota. Os homens estavam muito aborrecidos, bêbados e muito satisfeitos consigo mesmos. Uma má combinação, por onde olhava. Entretanto, a mulher não duvidou nem se separou de seu caminho, limitou-se a apertar o taco e seguir em frente. Se fosse uma loba, haveria dito que estava marcando sua presa.

O pêlo de sua nuca arrepiou lhe avisando.

—O que é pior? —disse Donovan.

—Uma mulher entre a espada e a parede. —Wyatt não tirava os olhos de cima.

—Merda, eu temia isso. Vamos.

Lisa Delaney chegou ao grupo de bagunceiros antes que Donovan pudesse dar nem três passos. O mais bocudo de todos, Buddy, levantou o olhar.

—Vá, olhem quem está aqui. Veio retomar de onde parou sua irmã?

O sim da moça chegou ao Donovan através da distância. Suave, rouco, carregado de tensão. Sem perder o passo, a jovem lhe cravou o taco na virilha. Buddy gritou e segurou suas bolas. Como todos outros homens que havia ao redor, Donovan se estremeceu. E, como todos outros, deu um passo para frente. A garota atacou de novo, um desumano soco na cara que lançou ao Buddy contra a parede. Este se agarrou o nariz e pediu ajuda. Um de seus amigos se adiantou. Mas outro homem de uma mesa vizinha lhe agarrou os braços e os imobilizou. Uma olhada rápida lhe fez ver que seus outros dois amigos se encontravam na mesma situação, imobilizados por cidadãos de rosto severo e impassível. Wyatt adotou uma atitude protetora para Lisa, mas não fez gesto de interferir.

Estava claro. Tratasse-se do que se tratasse, era algo pessoal. E merecido.

Lisa volteou o pau e carregou contra seu estômago.

—Era seu primeiro encontro, imbecil.

A base deu com algo sólido. Ao Buddy lhe escapou o ar dos pulmões e se dobrou em dois. O seguinte golpe lhe deu nas costas. Donovan acreditou ouvir como se rompia uma costela. Antes de ficar de quatro no chão, Buddy ficou a choramingar como um bebê.

—Sua primeira vez em tudo —rugiu a jovem.

Golpeou-lhe de novo. Buddy pediu socorro a gritos, tentando parar o golpe com o braço e gritando de novo ao se chocar contra o taco. Os homens de feições duras que rodeavam o cenário, não se moveram nem um milímetro, limitando-se a observar a situação impassivelmente por debaixo de suas boinas de beisebol. A mulher levantou o pau de novo, o fôlego lhe faltando apenas pela força da emoção que a embargava.

—E lhe fez mal.

Era quase um soluço.

Buddy levou os joelhos ao peito e se fez uma bola, cobrindo o rosto com os braços, mas deixando a nuca ao descoberto. A jovem não aproveitou a oportunidade.

—Maldito seja, fez-lhe mal.

Donovan olhou ao Buddy. Não precisava ser um gênio para saber do que se tratava o assunto.

O verme que se encolhia no chão se aproveitou de uma garota inocente, que devia ser da família dessa mulher.

A luz se refletiu nas lágrimas que rolavam pelas bochechas da Lisa, no ódio de seus olhos, a impotência de sua alma enquanto lutava em seu interior com a ética do que estava fazendo.

—Não tinha o direito.

O seguinte movimento não foi tão forte como os outros. Ricocheteou na coxa do menino.

—Não o merecia.

Outro golpe muito menos forte. Um tremor apenas visível se apoderou de seus braços ao começar a dar-se conta da realidade.

Lisa não seria capaz de matar aquele covarde filho da puta. Donovan se aproximou e agarrou o taco enquanto ela voltava a levantá-lo. A surpresa lhe fez levantar o olhar. Seus olhos eram de um azul brilhante; estavam cheios de lágrimas e uma dor que lhe rasgava o coração.

A adrenalina se mesclou com seu aroma ao considerar sua altura e a força com a que sustentava o taco. Uma chamada primitiva e instintiva a que qualquer lobo macho se veria obrigado a responder. Chegou-lhe com muita mais força do que devia, e o tomou também muito mais pessoalmente. Donovan levantou o pau ainda mais, intensificando a tensão entre ambos.

—Ou o mata ou deixa que se ocupe a lei.

Ela atirou do taco, fulminando com o olhar ao Buddy que se pôs de barriga para cima choramingando.

—Eu não tenho por que fazer nada.

Seus músculos não podiam enfrentar aos do desconhecido. O pau seguiu entre ambos.

—Tem que fazê-lo.

—A lei não fará nada contra esse lixo.

Donovan dirigiu um olhar ao Wyatt.

—É certo?

A boca do outro se transformou em uma lúgubre raia.

—O conselho procurador se negou a apresentar queixa.

—Porque a mãe do Buddy o comprou —rugiu a jovem jogando o pé para trás.

O moço se encolheu de temor. Lisa não lhe golpeou, limitou-se a observar como se afastava arrastando-se com os ombros estranhamente tensos.

Wyatt suspirou.

—É verdade. Mas isso não significa que a lei vá ser tão indulgente contigo se for mais longe.

—Dá-me igual. —Lisa puxou o taco. Donovan o soltou ao seguinte puxão, deixando que ficasse com ele, sem poder acreditar no que ouvia a respeito das leis humanas. Nenhuma súplica de nenhuma mãe teria salvado a um homem que se atrevesse a tocar a uma mulher lobo. Seus parentes teriam sido juiz, jurado e executor, e se não tinha a ninguém, essa tarefa teria recaído nos Protetores da manada. Em seu caso, significava que ele ou seu irmão teriam defendido à mulher. A lei da manada não tinha piedade em casos como aquele.

A boca do Wyatt expressava sua própria insatisfação em relação às leis humanas enquanto cumpria com seu dever.

—Fez tudo o que podia, Lisa.

Ela olhou indignada ao Buddy; o gorro e sua juba ocultavam sua expressão. A fumaça rançosa formou redemoinhos em torno de sua cabeça como se se tratasse de um véu, ao repetir asperamente:

—Não.

—Sim.

Wyatt alargou a mão para agarrar o taco. Os lábios de seu companheiro se curvaram para emitir um som que só outro lobo seria capaz de ouvir. Wyatt lhe olhou de soslaio.

Donovan negou com a cabeça e cruzou os braços. Essa mulher teria sua oportunidade, fosse qual fosse. O xerife retrocedeu, levantando uma sobrancelha com ar de surpresa.

Buddy aproveitou a distração para ficar em cócoras. Conseguiu levantar, apoiando-se na parede, enquanto sujeitava o nariz e um flanco. O sangue emanava entre seus dedos, tão vermelha e quente como a raiva que tinha dentro.

—Putá.

—É obvio. —Lisa colocou o pau pelo osso que havia entre sua mão e seu braço, cravando-lhe sob a noz, e apertando enquanto os olhos de seu oponente se abriam como pratos. Como era uns dez centímetros mais baixa que ele, significava um ângulo especialmente doloroso.

— E se te aproximar de novo a minha família, verá o muito que o posso ser.

A resposta do Buddy foi um rouco grunhido que fez que os homens que os rodeavam se movessem incômodos. Donovan se situou melhor para lhe cobrir as costas e esperou. Isso só podia acabar de uma maneira, e não ia ser violentamente. Lisa Delaney não tinha o coração de uma assassina, por muito que o desejasse nesse momento.

Essas ânsias começaram a se evaporar. A necessidade de ver esse homem sofrendo, o desejo de possuir os recursos para matá-lo estavam sendo substituídos, lenta e amargamente, pela aceitação de que não era capaz de finalizar sua missão. Buddy se aproveitou de suas dúvidas e apartou o taco. Lisa retrocedeu um passo, e logo outro, empurrada pela força de Buddy e o sorriso zombador de seu rosto, agora que se encontrava em situação de vantagem.

Se desse outro passo, toparia-se com o Donovan. O calor de seu corpo acariciou ao homem dos pés à cabeça em uma sutil sedução. Acabando com a distância entre ambos, alcançou o pau, e acrescentou sua força à dela. Lançou-lhe um olhar surpreendido por cima do ombro quando suas costas se chocaram contra seu peito, antes de voltar-se de novo, agarrar o taco, e jogar seu peso em cima. Ele ajustou o ângulo ligeiramente, empurrando e levantando-o até que Buddy se encontrou de novo contra a parede, esta vez estrangulado no extremo do pau, despossuído de todo sorriso zombador, com uma sombra azulada sobre seu rosto, que parecia não ser nada boa para sua sobrevivência.

—Se quer dizer algo, possivelmente seja o momento de lhe fazê-lo urgiu Donovan ao ver duvidar a Lisa.

—Posso arrumar isso.

—Não duvido disso, mas pensei que possivelmente queria acrescentar algo antes que desmaie.

Lançou-lhe outro olhar. Por um breve instante, seu corpo descansou contra o dele, apoiando-se. Este sentiu no fundo de sua alma o adequado dessa posição. Em seu interior, o lobo uivou Minha tão fortemente que lhe pareceu impossível que não o ouvisse.

Wyatt sim que o fez. Lançou-lhe um olhar estranho antes de adiantar-se.

—Lisa, tem que soltá-lo.

—Para que faça isso de novo? A outra pessoa? —negou com a cabeça e agarrou com mais força o taco.

— Não.

—Se o fizer, o agarraremos.

—E sua mãe o salvará de novo.

—Não. Não o fará.

Donovan reconheceu a promessa atrás dessa declaração. Wyatt não tinha perdido todos seus costumes depois de tudo. Bem. Isso facilitaria sua tarefa. Buddy se arrastou para um lado e Lisa deu um tropeção. Donovan lhe passou uma mão pela cintura, obrigando-a de novo a apoiar-se nele. Os suaves e femininos músculos de seu abdômen se estremeceram ao tocá-la. Ao encontrar-se em uma situação que não estava preparada para confrontar, tinha medo e se sentia insegura, mas estava decidida a chegar até o final. Essa mulher tinha fibra.

—Isso você não pode assegurar —Ela disse ao Wyatt.

—O que posso te prometer é que se o mata, sua irmã já não terá a ninguém. Se encontrará desprotegida.

Buddy fez um estranho som com a garganta, como se estivesse tragando as amídalas. Donovan sentiu como Lisa voltou a estremecer, ao olhar o rosto cor púrpura de seu inimigo, o taco, suas mãos sobre as delas na base. Com uma pequena exclamação, soltou o pau e se separou dele. O impacto da madeira ao golpear o chão fez que todo mundo se movesse. Os curiosos retrocederam; Buddy tropeçou caindo para frente. Donovan a agarrou pela mão e a empurrou pro lado.

Buddy segurou a garganta com as mãos. Seus amigos se meteram no meio dando um chute no taco, que rodou pelo chão de cimento estralando.

A mulher olhou o pau, e depois ao Buddy e ao grupo de homens que o apoiavam.

Suas mãos se converteram em punhos. Tudo o que queria dizer se encontrava em seus olhos, junto com a certeza de que não serviria para nada. Nada do que fizesse ia mudar o que tinha acontecido, e a não ser que matasse o Buddy, nada ia eliminar a ameaça que representava.

Levantou os lábios tratando de fazer uma careta.

—Não te aproxime nem de mim nem de nenhum dos meus nunca mais.

Com a mesma determinação com a que tinha entrado, girou sobre seus calcanhares e partiu com um passo tão seguro como antes. Pois sim, essa garota tinha coragem.

Donovan a seguiu a passo lento, com pernadas mais curtas. Não queria ficar a sua altura enquanto estivessem dentro. Agarrou seu casaco da cadeira. Quando estava na metade do caminho, ouviu que o tipinho se movia, e o murmúrio de vozes ofendidas que estavam jogando lenha na fogueira. Voltou-se. Buddy olhava ferozmente a Lisa com seu rosto arroxeadado e ensangüentado cheio de ódio. Apartando aos amigos que o sustentavam, separou-se da parede, oscilando.

—Isto não acabou aqui, Delaney —gritou às costas de Lisa. Incluiu a todos os clientes do bar em seu seguinte olhar enquanto limpava o sangue do rosto e murmurava — Está bem longe disso.

A ameaça obrigou a Donovan a voltar sobre seus passos. Cinco pernadas e estava em frente ao filho da puta. Agarrou-o pelo pescoço coberto de marcas, levantou-o com uma mão e o suspendeu sobre sua cabeça deixando que se agitasse, que sentisse toda a força de seu lobo, suas garras afiadas como facas sobre a jugular e a medula espinhal antes de grunhir:

—Pode ser que não goste de tirar suas tripas, mas não me importaria em absoluto.

O fedor de amoníaco feriu suas fossas nasais. Donovan soltou ao Buddy, soprando enojado. Esse covarde mijou nas calças. Deu-se a volta e se deteve antes de chocar-se contra Wyatt. Com um gesto do polegar indicou ao homem que se encontrava sobre a poça de sua própria urina.

—E nos chamam de animais? Nem sequer estão adestrados.

Capítulo 2

—Merda, ponha em marcha!

Lisa girou a chave de novo. O motor gemeu, mas não chegou a arrancar. Tinha que partir. Buddy e seus amigos não iam ficar sentados depois dessa humilhação.

Jogou uma olhada ao bar. A silhueta de um homem se emoldurou na porta bloqueando a luz, antes de lançar-se a noite. Era o desconhecido do bar. Não havia muito tempo que ela e suas irmãs viviam ali, mas em um povoado tão pequeno como Haven, só se necessitava um dia para conhecer todo mundo, e gente desconhecida chamava a atenção.

Sobre tudo alguém como esse. Alto, moreno e másculo. Se não tivesse estado tão furiosa, teria ficado embevecida ao vê-lo. Em um princípio tinha acreditado que Wyatt era o homem mais bonito que tinha conhecido, mas o desconhecido tinha algo mais. Provavelmente deveria ser a espessa juba que levava pelos ombros, lhe dando um ar de

menino mau. Possivelmente o modo em que suas maçãs do rosto se sobressaíam sobre suas mandíbulas quadradas. Ou melhor, se tratava da aura selvagem que levava ao seu redor como outros homens podiam levar jeans, de forma natural e despreocupada. Fosse o que fosse, havia conseguido burlar o seu “não tenho tempo para isto”, carregado de desespero, que tinha lhe acompanhado durante os últimos anos de sua vida amorosa, e tinha feito renascer seu interesse pelo sexo oposto. Sem mais nem menos, em meio de sua raiva e de sua vingança. Tinha que ser algo da testosterona que esse homem levava em si.

A porta do bar se abriu, estendendo o reflexo amarelo da luz no vago desenho de cor que lançavam os letreiros de néon. O homem avançou entre a desordem de luzes e sombras, e então... Desapareceu. A moça pestanejou e entrecerrou os olhos para ver através da tremenda nevasca que estava caindo, com a mão na chave de contato.

Esquadrinhou a área, seguindo a trajetória do caminho. Não apareceu. Lembrou-se de como tinha se posto detrás dela, e de como tinha segurado o taco quando lhe tinham falhado as forças. Nunca havia se sentido tão assustada ou aterrorizada como quando a raiva havia diminuído e ficou ali, dando-se conta do que acabava de fazer, mas ele a tinha ajudado, tinha-lhe emprestado sua força, e seu medo se evaporou.

Explorou a escuridão, prevenindo-se de estar sozinha no estacionamento, no breu da noite. O medo voltou a apoderar-se dela. As pessoas não desapareciam, e os homens que o faziam enquanto ela se encontrava sozinha em um estacionamento escuro, eram homens que deveria evitar. Girou a chave de novo. O motor de arranque resfolegou uma ordem. O carro a ignorou.

—Vamos, Bessie, não me faça isto agora.

O motor grunhiu e balbuciou, mas não arrancou.

—Se você se puser em marcha, te darei uma garrafa do melhor óleo que tenha em casa. —Por um momento acreditou ter detectado uma nota de alegria no motor.

— Não é qualquer coisa —cantorolou. Outra falsa esperança. Deteve-se e olhou a seu redor, com os alarmes acesos. Não se via nada. Só montões de neve que acabavam de cair, acariciados pela luz da lua, que fazia parecer viva a uma cidade muito teimosa para reconhecer que estava morta. O velho assento de couro rangeu protestando contra o frio quando se inclinou para frente e acariciou o painel.

—A que você gostaria? Óleo recém comprado, com aditivos para fazê-lo mais saboroso. Pensar que falar amavelmente com um veículo ia arrumar o que um mecânico tinha advertido que lhe ia custar centenas de dólares solucionar, era uma loucura, mas estava sem dinheiro. Suas irmãs e ela tinham investido cada centavo de sua parca herança na velha granja nos limites do parque nacional, que esperavam converter em um próspero refúgio para fotógrafos e amantes da natureza. Embora Haven se encontrasse a cinqüenta quilômetros do turístico povo do Berder, Montana, beirava o mesmo parque, e, portanto podia ocupar-se dos mesmos turistas. Entretanto, seu maior atrativo tinha sido definitivamente que a propriedade custava a metade que outras em zonas mais de moda.

Mas inclusive custando a metade de preço, o lugar lhes havia tirado todo o dinheiro que possuíam. Sem o trabalho de sua irmã mais velha Heather, não poderiam ter custeado as reformas. Dada a situação, a única coisa que podia oferecer a seu carro eram aquelas adulações.

O uivo do vento converteu os pesados flocos em uma impenetrável parede de neve, alimentando o desespero que estava tentando conter por todos os meios. E estava ficando sem forças para contra-atacar.

Flexionou os dedos dentro das luvas para aliviar a rigidez causada pelo frio.

A temperatura estava caindo rapidamente. Esperava que sua irmã se lembrasse de levar mais madeira. Se isso se transformasse em uma tempestade de neve, iam necessitar. Não se podia confiar muito no velho forno e suas reservas de óleo estavam acabando, mas felizmente a casa vinha equipada com uma estufa e uma montanha de lenha.

Soprou uma rajada de vento que sacudiu o veículo. Limpou o vidro que estava embaçado. Um golpezinho a sua esquerda arrancou um grito e a fez voltar-se. Era ele, o desconhecido do bar. E por muito que a tivesse feito sentir-se a salvo em meio dessa estúpida bronca, ali fora, a mercê dos elementos, dava-lhe um medo mortal.

Provavelmente porque lhe parecia que estava do mais cômodo nessa tormenta selvagem.

Não abriu a janela, mas sim se limitou a gritar através dela. Não porque esse vidro oferecesse-lhe muito amparo, mas era melhor que nada.

—O que quer?

—Te tirar daqui. —aproximou-se da parte frontal da caminhonete.

— Abra o capô.

Se lhe obedecesse, poderia fazer o que quisesse com o Bessie. Mas a verdade, como parecia que esta não estava de humor para cooperar, as coisas não podiam piorar.

Procurou sob o balcão e puxou a alavanca. O metal cedeu com um ruído surdo. Ele se aproximou e abriu o capô, lhe bloqueando a visão de tudo, menos da superfície grafite até não poder mais. Ouviu como colocava o suporte e depois nada. Esse homem podia estar fazendo algo a sua querida caminhonete, desde destroçar todos os cabos até arrumá-los. Um brilho de luz a sua esquerda fez voltar o olhar. Na soleira se recortava outra silhueta. Além do desconhecido, só havia um homem no povo com ombros tão largos e uns quadris tão estreitos. Só outro que se embrenharia na noite como se lhe pertencesse: o xerife.

Durante um instante, a neve ficou girando e Wyatt desapareceu como o tinha feito o forasteiro, mas ao pestanejar o viu de novo, dirigindo-se para ela em meio da tormenta com a mesma atitude autoritária. Perguntou-se se seriam parentes. Ao menos isso explicaria a aparição do desconhecido no lugar, e a estranha maneira em que os dois pareciam dominar o espaço que havia a seu redor.

Abriu a porta e saiu. O vento penetrou por seu casaco com eficácia desumana. A crueldade do tempo era outra das coisas que sua irmã e ela tinham subestimado quando decidiram mudar-se da cidade. Lisa se amassou em seu casaco e foi até a parte frontal do carro onde o forasteiro estava enredando com um montão de cabos.

—Sabe algo de motores?

Ele não a olhou, tão somente seguiu trabalhando em uma determinada conexão.

—Não. A verdade é que somente gosto de jogar com os cabos.

Não podia lhe culpar pelo sarcasmo. Tinha sido uma pergunta estúpida.

—Poderá arrumá-lo?

—Te direi isso dentro de um momento.

Estava gelada, mas não pensava voltar para o bar nem em sonhos. Colocou as mãos nos bolsos e se estremeceu.

—Obrigado.

—De nada. —Dirigiu-lhe um olhar. Seus profundos olhos marrons pareciam conter todo o calor que lhe faltava.

— Por que não espera dentro do carro?

—Estou bem.

Outro estremecimento desmentiu suas palavras.

—To vendo.

Ele se endireitou. Impressionou-lhe de novo quão alto era, mais de um metro e oitenta. E ela mal que chegava a um metro e sessenta. Faziam um casal ridículo, embora a seus hormônios não importasse. A jovem contemplou sem fôlego como se desabotoava os botões de couro de alce de seu grosso casaco de lã. Como se ouvisse a chamada, o vento soprou de novo, lhe esmagando a camisa contra a poderosa superfície de seu peito. O tecido se apertou contra seu estômago plano, revelando as largas marcas dos músculos que convergiam em seus esbeltos quadris e fortes coxas.

Seus hormônios começaram a cantarolar algo que seria mais adequado em um local de strip-tease que em um estacionamento. “Tire isso tudo”.

Umedeceu-se os lábios.

—Obrigado pela ajuda ali dentro.

—De nada.

Tirou-se o casaco. A ela lhe cortou a respiração. O homem fez gesto de desabotoar a camisa, o que não lhe pareceu mal. Abaixo de zero ou não, tinha a terrível impressão de que só uma olhada em seu peito a faria explodir em chamas. Ao menos, estaria bem poder esticar a mão e explorar esses músculos que distinguia através do algodão negro de sua camisa. Os joelhos se afrouxaram, se dobraram sozinhos de pensá-lo, e sentiu que com um só roçar de seu dedo, cairia sobre a neve em uma postura da mais lasciva.

—Dá-te conta de que estamos abaixo de zero?

Colocou-lhe o casaco pelos ombros, pondo o pescoço sob o queixo antes de fechar o botão.

—Ao ver a forma em que está tremendo, eu diria que sim.

O casaco estava quente por seu corpo, impregnado por seu aroma, um aroma aditivo e agradável que lhe fez inspirar profundamente. E logo, outra vez, antes de reprimir-se. O que é o que tinha esse homem?

—Não posso aceitar seu casaco.

—Durante um momento não o necessitarei.

Com ele tudo se tratava de um momento.

—Então já terá ficado gelado.

Fez gesto de desabotoar o botão. Ele pôs suas mãos sobre as dela.

—Não.

Uma palavra simples, uma ordem sussurrada, enunciada com a expectativa de ser obedecida.

—Não aceito suas ordens.

—Não acredito que as aceite de ninguém —disse Wyatt, aparecendo a seu lado—, mas neste caso estaria bem que a considerasse uma sugestão razoável.

Do peito do desconhecido saiu um som. Tratava-se claramente de um grunhido.

Wyatt se apartou a um lado, mostrando seu sorriso na comisura de seus lábios.

—Donovan pode ficar temperamental quando sua... uma mulher sofre.

Ela fez caso omisso da hesitação.

—Donovan terá que se adaptar.

Moveu as mãos. Donovan lhe obrigou a levantar o queixo com o dedo que mantinha sob seu queixo. Passou-lhe o polegar pela mandíbula em uma carícia que alcançou suas terminações nervosas mais sensíveis. Afetava-lhe tanto a ela como a ele.

—Não —lhe assegurou ele brandamente.

— Não o fará.

Para demonstrar sua afirmação, grampeou-lhe o resto dos botões tão rápido que não se podiam distinguir seus dedos, apanhando-a eficazmente dentro das grossas dobras. A jovem ficou ali na escuridão entre os dois homens, com o casaco de Donovan protegendo-a do frio igual a seu dono o tinha feito das repercussões de sua violência um pouco antes.

Cruzou os braços sobre o peito sob o casaco. Não estava acostumada a que lhe cuidassem e agora não sabia o que tinha que fazer: protestar contra seu despotismo ou permanecer isolada do frio? Seu casaco era quente, muito quente, e seu masculino aroma se estendia por sua pele de forma deliciosa. Não recordava que outro aroma de homem lhe houvesse afetado tanto como esse; poderia ficar aspirando-o toda a vida.

O dorso de seus dedos lhe roçou as bochechas.

—Wyatt te levará em seu carro enquanto eu me ocupo do teu.

Ela levantou as sobrancelhas.

—Ah sim?

Wyatt lhe pôs uma mão no ombro.

—Isso parece.

A jovem se plantou no chão, fazendo uma careta quando os pés lhe formigaram em protesto.

—Me parece que não.

Donovan franziu o cenho.

—Não tem por que passar frio.

—Você tampouco.

A expressão do homem se suavizou.

—Não tenho frio.

E surpreendentemente, não o parecia. Estava ali em metade da crua tempestade, tão tranquilamente como se fizesse vinte graus, enquanto que os pés da jovem estavam convertendo em blocos de gelo. Golpeou o chão para voltar a senti-los. Ele lhes jogou uma olhada, e depois voltou a olhar ao Wyatt.

—Leva-a para carro.

A firmeza da ordem tomou a decisão por ela.

—Você é que pode parando de me dar ordens. —separou-se da mão do Wyatt.

— E eu não vou a nenhuma parte.

Tirou a mão e começou a desabotoar os botões.

—E me nego a me aproveitar de alguém.

—A única que vai sofrer é você —a contradisse Donovan.

—Tem que ter frio.

Ele se encolheu de ombros.

—Não o terei durante um tempo, mas seus pés já estão gelados.

—Meu carro está ali mesmo —assinalou Wyatt para o outro lado do estacionamento.

Como se ela não soubesse. As chamativas luzes no alto o delatavam. Levantou o queixo.

—Estou bem.

Não ia deixar ninguém a sós com sua caminhonete. Era o único que se interpunha entre sua família e a indignação.

—Posso responder pelo Donovan.

A jovem pôs os olhos em branco.

—Não te vai nada bem o papel de inocente, Xerife.

—Estava tentando te dar confiança.

—Me acabou toda a confiança. —Os homens atraentes que pensavam que seu aspecto lhes proporcionaria uma consideração especial se encontravam no mais baixo de sua escala ultimamente. E os que eram como Wyatt e Donovan, bom, estaria louca em confiar neles.

— Fico com meu carro.

Wyatt olhou ao Donovan e se encolheu de ombros.

—Tentei.

Do desconhecido saiu de novo um ruído surdo. Lisa levantou um pé do pavimento só um momento, mais para trocar o peso do corpo que outra coisa, mas como se fora um ímã, ambos os homens reagiram imediatamente e seus olhares se cravaram em seu desastroso calçado. Antes que pudesse dar-se conta, Donovan a tinha em seus braços.

Embora entre os dois se interpusessem duas capas de casaco, ela podia sentir a firmeza de seus músculos enquanto se moviam. E era impossível ignorar seu aroma, assim de perto. Se antes o tinha considerado aditivo, agora pensou que era embriagador. Ele a levantou ainda mais e abriu a porta do carro. O assento de couro rangeu quando a deixou em cima. O desconhecido não se apartou. A jovem podia ver brilhos âmbar em seus olhos castanhos. A maneira em que refletiam a luz era de uma vez formosa e hipnotizante. Colocou as palmas contra seu peito. Não estava frio absolutamente.

—Está tão quente. —maravilhou-se ao notar a quantidade infinita de energia que transmitia, fazendo que suas palmas sentissem cócegas de uma maneira que desafiava toda descrição. Ficou sem fôlego enquanto ele passava suas mãos pelos lados do casaco com um sussurro. Centrou-se por completo no caminho dessas mãos, nas terminações nervosas sob sua pele que cobravam vida ante a sutil pressão, esforçando-se por sentir a mais mínima das sensações enquanto seus dedos lhe roçavam os quadris, além das coxas...

—Você não —comentou ele arrastando as palavras, em um tom tão baixo e fluido como seu roce. O calor de suas palmas se instalou além de seus joelhos, acendendo um fogo em seu estômago. Seus dedos ficaram no exterior enquanto seus polegares lhe pressionavam o interior.

— Mas eu posso remediá-lo.

Sacudiu os cotovelos dentro do casaco, procurando o humor para lutar contra o vergonhoso desejo.

—Pensava que já o tinha feito —disse Lisa.

Abriu-lhe as pernas e se meteu entre elas. O desejo se apoderou dela como uma bomba ardente de necessidade quando sua virilha se acomodou contra a sua. Afogou um grito, e a risada sufocada, absolutamente masculina que recebeu como resposta só serviu para alimentar o fogo invisível que devorava sua carne.

—O que faz?

Donovan se inclinou com uns olhos que pareciam resplandecer, com essa estranha energia envolvendo-a, arrastando-a, enquanto seus dedos se deslizavam sob seus cabelos para lhe levantar a nuca.

—Reclamo o que é meu.

Capítulo 3

Não se apoderou de sua boca imediatamente. Donovan tinha esperado muito tempo que chegasse esse momento, esse primeiro beijo com sua companheira, para precipitar-se. Saboreou o ofego de assombro que levou a umidade de seu fôlego a sua pele e a essência de seu aroma as suas narinas. Aproximou-se um pouco mais, excitando-se com o calor de sua boca, o sussurro ofegante de seu nome.

—Donovan...

Ele jogou a cabeça para trás e grunhiu:

—Sim, Donovan.

Os olhos da moça se abriram como pratos ante o primitivo som. Não lhe deu tempo para assimilá-lo, limitou-se a acomodar sua boca sobre a dela, obrigando-a a permanecer quieta para receber o roce de sua língua, desfrutando de uma só vez de seu sabor e sua fragrância. Classificou tudo, gravando-o em sua alma. Essa era sua companheira. A mulher que tinha sido criada especialmente para ele.

Ela permanecia quieta debaixo dele, sem mover-se, sem lhe devolver imediatamente o beijo. Ele aproveitou suas dúvidas para inspecionar a textura de sua boca, as zonas sensíveis, como a carícia de sua língua sobre a ponta de seu lábio inferior a fazia estremecer e apertar-se mais a ele. Como o roce da língua dele na sua criava outro tipo de quietude. Uma antecipação ofegante.

Os dedos de Lisa se fizeram um novelo sobre seu peito. Oito pontos de calor. Ele passou a língua sobre a ponta dos dentes dela antes de tentá-la com outra carícia sobre seu lábio inferior. Sua boca se moveu sob a sua, o afrodisíaco de sua saliva estava penetrando em seu sistema como o faria com qualquer humana, somente que resultava o dobro de potencia com sua companheira.

Ela gemeu. Ele aspirou lentamente o som, levando-lhe aos pulmões, lhe inclinando a cabeça para trás, atraindo-a para ele, lamentando a grossa barreira de casacos que o afastava da suavidade de seus seios. Desejava tê-la nua em seus braços, pele com pele, coração com coração, seus corpos unidos e o desejo explodindo em prazer. Necessitava privacidade para explorar todas as maneiras de levar o prazer a seus olhos suaves, e guturais gemidos a seus lábios.

Donovan apartou sua boca de Lisa, lutando por recuperar o controle, com todo seu corpo dolorido pela necessidade de possuí-la. Estava ali. Por fim. A neve rangeu sob umas botas. Wyatt. Seu lobo se elevou dentro dele e descobriu as presas, agressivamente possessivo desse milagre, incapaz de tolerar que nenhum macho se aproximasse dela. Nem sequer seu primo e chefe.

Donovan beijou Lisa na bochecha, lutando contra a violência de seus instintos, cravando-se na realidade de seus sentidos. Sua pele era como um fresco cetim, suave como a seda, sensível na fenda de seus lábios. Ficou ali, desfrutando da pequena descoberta, traído por seu ofego, precisando saber mais. Tinha que explorar cada curva, cada lugar erógeno secreto, todos os desejos encobertos, todos seus sonhos mais queridos. Tinha que saber tudo a respeito dela.

—Sim —sussurrou enquanto lhe beijava o osso sob sua maçã do rosto, seguindo o caminho até sua orelha, detendo-se para lhe morder o lóbulo, mesclando sua satisfação com o pulsar de seu pulso ao estremecer-se ligeiramente e jogar a cabeça para trás, lhe oferecendo mais.

—Dê-me tudo.

A resposta de Lisa foi um ligeiro suspiro e a carícia de seus dedos contra seu peito.

Os ossos de sua mandíbula eram frágeis, seu pescoço lhe proporcionava um atrativo erótico a mais para descobrir outros lugares sensíveis. Percorreu-o lhe mordiscando a suave carne até chegar ao pescoço do casaco. Grunhiu de frustração lhe desabotoando seu próprio casaco e o dela, enquanto sua presa franzia o cenho protestando pela perda de sensações. Os separavam muitas barreiras. Desceu o zíper antes de continuar sua viagem até o sedutor osso onde começava seu ombro.

Uma carícia com sua língua a essa zona vulnerável. Outro ofego por parte dela. Ele gostava. Apertou-a mais, preparando-a para outro beijo, para outra degustação. Havia-a desejado durante tanto tempo, tinha esperado tanto, que quase tinha perdido a esperança.

—Que doce —sussurrou.— Que doce sabe.

Deslizou uma mão sobre sua coxa, deleitando-se na suave e excitante curva que conduzia à deliciosa plenitude de seus quadris. Seus dedos se afundaram em sua carne firme.

—Você é assim doce em todas as partes?

Tinha que sabê-lo. Suas presas se desesperavam com a mesma exigência que palpitava em seu membro: possuí-la, marcá-la como sua sem a menor dúvida possível. Ele passou um braço pela parte inferior das costas, apoiando seu peito contra o seu, apertando seus dentes contra sua pele, provando sua carne, absorvendo-a em sua boca, conectando-os nesse pequeno prelúdio. Cada um dos estremecimentos que ela experimentava enquanto a preparava para sua dentada o fazia grunhir desde seu peito.

Essa era a mulher a que tinha esperado. Sua mulher. Sua companheira. Queria jogar a cabeça para trás e uivar. Desejava agarrá-la em seus braços e fugir. Desejava-a... Só a ela.

A mão em seu ombro lhe fez levantar a cabeça.

—Donovan.

Ficou fora do alcance do Wyatt, com o olhar cravado nos lábios abertos de Lisa, sua expressão sonhadora, a deslumbrante paixão de seus olhos.

—Some daqui, Wyatt.

—Para que possa marcá-la?

Donovan fixou seu olhar nas velozes pulsações da garganta da Lisa e a marca vermelha que se encontrava uns poucos milímetros à direita. Tocou-a. Ela estava receptiva, preparada.

—Sim.

Wyatt cruzou os braços.

—Não posso permitir que o faça.

O rugido do Donovan começou no mais profundo de seu ser. Voltou-se lentamente, deixando que as mãos de Lisa escorregassem de seu peito. Suas garras se contraíram e se expandiram preparando-se para trocar.

—Está-me desafiando?

—Não, merda, mas tampouco vou permitir que se suicide por culpa do desejo de aparear-se.

Donovan pestanejou enfocando o rosto do xerife. Seu primo fez um gesto para a moça.

—Pensa-o. Maldita seja, ela é humana! Você é um Protetor. Pensa o que significaria para ambos que a marcasse.

Lisa grunhiu a suas costas. Donovan se voltou. A jovem lhe tinha torcido o gorro, de forma que lhe caía sobre uma sobrancelha. A consciência do que acontecia ao seu redor estava substituindo à expressão sonhadora de seus olhos azuis e a vergonha lhe estava tingindo de vermelho as bochechas. Porra. Oxalá estivesse ainda muito longe para processar as palavras do Wyatt.

Trouxe o rosto da Lisa para o osso de seu ombro, apertando os quadris contra os delas, o peito contra o seu, escutando o rápido batimento de seu coração, respirando o aroma de sua excitação, enquanto cada célula de seu corpo lhe pedia que a marcasse, e sua consciência lhe acautelava da injustiça de que o fizesse.

As mãos de Lisa se introduziram dentro de sua camisa, deslizaram-se desde seus quadris até sua cintura, deixando um caminho de fogo a seu passo ao lhe cravar as unhas através do tecido e um desejo quase impossível de controlar. Não houve acanhamento no empurrão que aprisionou sua entreperna a dela, nem arrependimento no gemido de satisfação quando seu duro membro deu com a suavidade de seu interior, puro paraíso da feminilidade.

Um paraíso que teria que ignorar se quisesse seguir vivendo como até agora. Havia momentos em que ser um Protetor não era prático e nem gratificante.

—Lisa.

Ela ficou rígida. Ele repetiu seu nome, trazendo-a do sonho para a realidade. Seu abraço se afrouxou, e acabou soltando-se. Donovan deixou que se separasse dele alguns milímetros. Seu lobo emitiu um protesto inclusive ante uma separação tão insignificante.

Ela o olhou com assombro e medo em seus olhos. Por um segundo, perguntou-se se haveria ouvido seu protesto mental, mas então viu que se levava os dedos aos lábios, e compreendeu. O que lhe assustava era a resposta que lhe tinha dado. Devolveu-lhe o olhar afavelmente. A jovem teria que ir acostumando-se. Os emparelhamentos que suportavam uma união por toda vida eram apaixonados.

Outro pestanejo, uma inspiração profunda, e Lisa jogou um olhar ao Wyatt, tocando com os dedos a marca de seu ombro. Limpou a garganta e fez gesto de levantar-se do assento.

—Acredito que aceitarei sua oferta de me levar pra casa.

A imagem dessa mulher em um carro com outro macho, sendo ou não seu primo, roubou outro rugido rouco de Donovan sem que pudesse evitá-lo.

O surdo estrondo vibrou contra as mãos da Lisa, varrendo a última das teias de seu cérebro e a letargia de seus músculos. Colocou-lhe os cabelos arrepiados. A onda de desejo que percorria seu corpo se quebrou ante a energia selvagem que emitia Donovan.

O aviso de perigo começou a gritar através de sua mente, mas em vez de pôr-se a correr, o que seu interior lhe pedia era que fosse para frente, que voltasse para seus braços, que se lançasse às chamas. Sempre tinha sentido debilidade pelos meninos maus.

Empurrou-lhe com o dedo no meio do peito.

—Você, Donovan, deveria levar uma etiqueta de perigo na frente.

Sentiu-se bastante orgulhosa do comentário. Sofisticado. Mundano. Superficial. Para que logo lhe dissessem que as peças de teatro do instituto tinham sido uma perda de tempo.

Donovan retrocedeu um passo, mas não desviou o olhar de seu rosto. Ela teve a impressão de que estava catalogando cada mínimo detalhe de sua expressão, cada amostra emoção.

—Eu poderia dizer o mesmo de você.

Ela saiu do carro deslizando-se através do pequeno espaço que tinha criado.

Agora os flocos de neve caíam com mais força e ficavam presos na aba de seu chapéu e vinham aos olhos. Pestanejou para tirar um.

—Só foi um beijo.

—foi mais que isso.

Ela negou com a cabeça e umedeceu os lábios, provando o frio da tormenta e o calor do desejo do homem.

- O que faz?

- Reclamo o que é meu.

A segurança do homem era imensa. Ela deu um passo à esquerda, afastando-se da porta. Fez-lhe um buraco, educadamente, lhe cravando os escuros olhos nos seus. A jovem jogou o cabelo sobre os ombros, agarrando o casaco que ameaçava caindo.

—Não, não foi.

—Poderia te dizer a razão.

O modo em que Donovan a olhava era diferente de como a tinha olhado qualquer homem em toda sua vida. Como se para ele, ela fosse a única de sua espécie. Como se fosse necessário apenas dois minutos e um pouco de privacidade para lhe mostrar o céu em seus braços.

Como ia resistir ante um homem que a olhava assim? Um instante depois soube.

—Está tentando me assustar?

Ele nem sequer pestanejou, limitou-se a seguir observando daquela maneira preguiçosa que era a sedução em si mesmo.

—Não.

De repente se sentiu aliviada de que o xerife se encontrasse ali. Evitou que fizesse algo tão bobo como lhe perguntar onde se alojava.

—Então preferiria que me dissesse se pode arrumar minha caminhonete.

—Sim, mas não vai te servir de nada esta noite.

—Por quê?

Sacudiu-lhe a neve que se acumulou no chapéu.

—Em uma tormenta como esta, pode acabar em uma sarjeta, com uns pneus tão maus como estes seus.

Ela retrocedeu e começou a caminhar. Ele fechou a porta a suas costas.

—Bessie não seria capaz de me trair assim.

Donovan ficou a sua altura, aparentemente imune ao frio. Estudou-o pela extremidade do olho, tomando nota de seu estômago plano, suas coxas poderosas e por último, a silhueta de sua ereção em sua virilha. Definitivamente esse homem estava bem dotado. Seu olhar se deteve ali um momento. Seu membro aumentou sob os jeans. A jovem se umedeceu os lábios enquanto seu estômago se encolhia com o mesmo desejo.

—Bessie? —perguntou ele.

Ela limpou a garganta e deu uns tapinhas sobre o capô do carro.

—Bessie.

Não teve que lhe olhar ao rosto para ver seu sorriso. Ouvia-se claramente em sua voz.

—Puseste nome na sua caminhonete?

Não tinha por que fazê-la parecer tão irracional.

—Estou segura de que você também colocou nome a um par de coisas.

Donovan a olhou como se não tivesse nem idéia do que estava falando, embora ela soubesse que o habitual era que um homem pusesse nome em seu pênis.

—Não, a verdade é que não.

Ela comentou passando a seu lado:

—Que sorte a minha. Beija maravilhosamente, mas nem um pinga de imaginação.

—Eu tenho imaginação —interveio Wyatt.

Detrás, Donovan fez aquele ruído de novo. Ignorou-o. Ao sorrir ao Wyatt, não o fez de coração. Estava cansada, deprimida, e ainda tinha muito trabalho pela frente antes de ir pra cama. Só ficava um mês para a inauguração do Delaney's Bed and Breakfast.

—Se não te importar, não faça uso da tua esta noite —disse Lisa.

—Está preparada? —perguntou Wyatt.

Ela assentiu, jogando um olhar à porta do bar.

—Não deveria ter perdido o controle.

—Tinha razão.

—Pode ser. —amassou-se nos casacos enquanto se aproximavam do carro de patrulha.

—Mas Buddy não vai esquecer facilmente esta noite.

Wyatt ficou sério.

—Se for esperto, o fará.

Buddy não era do tipo que se diz razoável.

O xerife trocou de tema.

—Por certo, que tal está Robin?

—Quer saber a verdade?

Ele assentiu.

—Não sei. Pensa que como não a violaram, só espancaram, é melhor fazer como se nada tivesse acontecido.

—Fingir não lhe fará nenhum bem.

Não precisou voltar-se para saber quem estava falando. Reconheceria essa voz em qualquer parte.

—Não se supõe que você estava consertando meu carro? —perguntou ao Donovan.

—Já tratamos deste assunto.

—Você o tratou. Eu não estava de acordo. E é meu carro. —Olhou-o com intenção por cima do ombro.

— Eu ganho.

Antes que pudesse saborear seu sentimento de vitória, pisou em uma parte de gelo e seu pé direito escorregou. Agitou os braços dentro de seu casaco enquanto caía para trás.

Donovan a agarrou tão facilmente como se respira, como se o tivesse estado esperando. Quando recuperou o equilíbrio, não a soltou, manteve-a abraçada junto a ele e a guiou, como se fora algo delicado e frágil. Como se não acabasse de ver entrar em um bar e derrubar a um homem com um taco.

A porta do bar se abriu nesse mesmo momento e saíram dois homens. Lisa girou a cabeça. Os tipos saíram de seu campo de visão antes de poder comprovar pra onde se dirigiam. Esperava que não lhes ocorresse fazer algo ao Bessie.

Retorceu-se, tentando vê-los. O braço do Donovan se interpunha. Ficou cravada no chão. Ele continuou caminhando e lhe pôs a rasteira. O lógico é que houvessem acabado os

dois no chão, mas esse homem tinha os reflexos de um gato. Manteve o equilíbrio em frente, um milagre de coordenação que provocou em seu interior uma onda de calor. Deus, esse tipo era um feromônio andante.

Agarrou-a em braços com facilidade.

—Pode-se saber o que faz?

Lisa resistiu o impulso de adiantar-se e apertar seus lábios contra o osso de sua garganta, roçar sua bronzeada pele com a língua, provar seu calor.

—Tentar captar sua atenção.

Soltou-a e cruzou os braços. Não pareceu notar que seus largos ombros lhe bloqueavam a vista.

—Tem toda.

A jovem fez um gesto com os dedos.

—Está no meio.

Donovan jogou uma olhada a suas costas, levantando uma sobrancelha ao vislumbrar aos amigos do Buddy cruzando o estacionamento.

—Não tiveste bastante ali dentro?

Ela voltou a colocar as mãos nos bolsos, lembrando-se da violência que tinha tomado conta dela, seu inevitável fim, que a teria deixado indefesa a não ser pela intervenção desse homem. Ficou a um lado, observando a direção dos dois tipos.

—Mais que suficiente.

—Então o que lhe importam esses dois?

—Não quero que façam mal a Bessie.

—Acredito que a Bessie já não possam fazer nenhum dano —interveio Wyatt.

Foi um alívio que os amigos do Buddy não parecessem estar interessados na caminhonete. Sem o carro, suas irmãs e ela nunca poderiam acabar com os preparativos para a inauguração.

—Para que saiba, Bink Riddle me assegurou que ainda roda pelo menos oito mil quilômetros.

Wyatt pôs os olhos em branco.

—Bink ofereceria sua alma ao diabo pra vender um carro.

Lisa se encolheu de ombros.

—Pode ser, mas desta vez não.

—O que é o que te faz estar tão segura? —perguntou Donovan.

Por muito que o tentou, não pôde detectar nada de cepticismo em sua voz ou expressão, simplesmente uma confiança natural com a que teria gostado de contar.

—Instinto.

Suas sobrancelhas se elevaram.

—E o que é o que te diz seu instinto de mim?

Não teve nem que pensar a resposta. Saiu-lhe sozinha, voando entre seu fôlego gelado e o olhar ardente dele.

—Traz problemas. Problemas daqueles de verdade, sem dúvida.

Seu lento sorriso lhe chegou com a suavidade da manteiga, mesclada com uma generosa capa de desejo.

—Não vejo que esteja fugindo pra nenhuma parte.

A jovem soprou um floco de neve que lhe tinha posado no nariz.

—Isso se deve a que nestes casos, tenho menos cérebro que um mosquito.

—Então, que problema há?

—O momento que escolheste.

—O que tem de mau?

Ela, totalmente frustrada, girou sobre seus calcanhares, e passou ao lado do Wyatt, que ostentava um sorriso cúmplice.

—É um asco.

Capítulo 4

E ela pensava que o momento que tinha elegido fosse penoso? Donovan sorriu amargamente seguindo o enorme carro patrulha do Wyatt através da cegadora tormenta de neve. Deveria olhá-lo desde seu ponto de vista. Aí estava, em uma missão decisiva para sua manada como era recuperar a seu chefe e de repente encontrava a sua companheira. Uma companheira humana, proibida para qualquer lobo, e especialmente para um Protetor.

Passou-se a língua pelos lábios, recolhendo seu sabor incomparável, estremecendo-se enquanto penetrava entre seus sentidos, acendendo-os, alimentando sua frustração. Tinha esperado centenas de anos que chegasse esse momento, seu destino, e agora a tradição proclamava que tinha que partir.

Mas não podia. Embora fosse capaz de ignorar o impulso de seus sentidos, pelo que não estava seguro, não poderia. Ela tinha problemas. Necessitava ajuda. Ele estava ali. Seu dever era lhe trazer segurança, como Protetor e companheiro potencial. Ela o tinha apanhado com esse olhar desesperado que pedia tudo e não esperava nada.

A enorme caminhonete derrapou sobre a estrada úmida. Recuperou rapidamente o controle de seus reflexos. Distinguiu o veículo do Wyatt a frente, escorregando na seguinte curva. As estradas estavam ficando traiçoeiras. Agarrou com todas suas forças o volante quando o carro ao que seguia continuou em linha reta.

Não gostava que Lisa tivesse ido em um carro com outro homem, nem que sua segurança se achasse em outras mãos. Queria que estivesse com ele, sob seu amparo. E teria estado, se Wyatt não tivesse apoiado seu pequeno desafio levando-a em seu 4x4.

Maldito Wyatt, sabia que ficaria louco ao vê-la em seu carro, quanto lhe incomodaria que Lisa estivesse tão perto de outro macho. Sabia e se regozijava com isso. Era a revanche pela pressão que Donovan ia exercer sobre ele, para que retornasse pra onde deveria estar. Donovan não podia fazer muito sobre o desafio de seu líder, mas do de Lisa sim, e se encarregaria disso.

Recordou o olhar furioso que lhe tinha dirigido, como se ele tivesse culpa por ela se negar a responder à atração que existia entre ambos. Não podia jogar com um lobo e ignorar as conseqüências. Mas a verdade é que possivelmente sim. Era humana, não tinha nem idéia do que ele exigiria dela, se a escolhesse como sua companheira. Sim...

Demônios! Até que ponto havia mudado o impossível?

O 4x4 se internou em um escuro caminho que se distinguia entre as árvores.

Como lobo, Donovan aprovou o isolamento. Como homem, com uma mulher que ainda não era sua e estivesse sendo ameaçada, não lhe pareceu nada apropriado viver tão longe da civilização. Andou pelo caminho observando o espesso bosque, a densidade das plantas daninhas e do mato que retinham a queda da neve e ocultavam a lua. Um perfeito lugar para a atividade dos depredadores.

O caminho terminava em um círculo sob uma grande casa de estilo Vitoriano. A porta frontal se abriu imediatamente. A luz alagou o pátio e duas silhuetas, uma pequena e leve, e a outra mais alta e robusta, baixaram correndo os degraus. Donovan saiu do carro e se encontrou junto à porta do carona do carro do Wyatt antes que as mulheres chegassem. Ambas se detiveram. A mais jovem se parecia enormemente com Lisa, tanto em seus traços como em sua fragrância. Sua irmã.

O rosto da mulher maior se via mais amadurecido. As duas piscaram ante sua súbita aparição com idênticas expressões de confusão. Era inevitável fixar-se nas marcas roxa do pálido rosto da juvenzinha. Dava apreensão vê-los em alguém que irradiava tal delicadeza e doçura de caráter. Não era de estranhar que Lisa tivesse se tornado louca.

Donovan sossegou um rugido quando a jovem se aproximou ansiosamente para olhar por cima dele, e seu aroma o envolveu lhe recordando ao de sua companheira, mas com outras matizes. Algo que não ia bem. Algo que trouxe a luz todo seu instinto protetor. Passou as gemas dos dedos sobre a descolorida carne de suas bochechas. Agora era sua família.

Ela se apartou e o observou com receio.

O homem lhe sorriu tranquilizadamente fechando os punhos para controlar sua raiva.

Detrás dele, ouviu uma maldição de Lisa.

—Quem é você? —perguntou a outra mulher, fazendo retroceder à irmã.

Ouviu-se um estalo no ferrolho da porta, e esta bateu nas costas de Donovan.

—Um pesado —se queixou Lisa de dentro do carro. O homem não se moveu um momento. A porta voltou a golpear as costas dele. Ele se manteve em sua posição, deixando Lisa no veículo enquanto se assegurava de que tudo estava tranquilo. O vento não lhe trouxe nenhuma energia ou aroma estranhos. Saudou com o queixo às mulheres que esperavam perto da porta, bloqueando o vão com seu corpo ao oferecer uma mão para que Lisa se agarrasse. Ela o olhou com aborrecimento. Ele esperou pacientemente. Com um bufo, a jovem colocou a mão na sua. Em seu braço saltaram faíscas pelo contato.

Respirou seu aroma quando lhe roçou ao passar na frente, mas o cotovelo que encontrou seu estômago o tomou de surpresa.

—Saia.

Ele levantou uma sobrancelha. Ela devolveu-lhe o olhar franzindo o cenho. Essa mulher não conhecia a prudência. Gostava.

—Lisa? —chamou a mulher maior, rompendo o momento.

Ela abriu passo.

—Carol, muitíssimo obrigado por ficar com Robin.

Sua amiga não tirava o olho do homem, procurando com receio no olhar, ao predador que sentia espreitando sob a superfície. Donovan lhe ofereceu seu sorriso mais agradável e simpático, mas nem um grama de cautela abandonou sua expressão. De fato, piorou. Interessante a sugestão de seu irmão Kelon a respeito de que poderiam mesclar-se entre os humanos sem que se dessem conta. Embora os humanos não possuíssem os sentidos mais desenvolvidos do mundo, tinham instinto de sobrevivência como todos os seres vivos, e ao que parece, eram capazes de pô-lo em ação.

Voltou sua atenção a Robin. A jovem ficou sem fôlego e retrocedeu. Lisa se colocou a frente dela para protegê-la. Como se seu frágil corpo pudesse impedir que ele fizesse o que quisesse. Não esbanjou seu sorriso nela. Representava uma ameaça e a moça sabia. Só que não da maneira que ela supunha.

—Este é meu primo, Donovan McGowan —disse Wyatt, saindo do carro e acalmando a tensão com a normalidade da apresentação.

—Seu primo? —repetiu Lisa, olhando os dois.

— Por que não o mencionou antes?

O xerife encolheu os ombros.

—Não o perguntou, e, além disso, as circunstâncias de seu encontro não deixaram muito tempo para apresentações.

Lisa se ruborizou. Seu olhar furioso se transformou em acusação enfocando seus olhos azuis no Donovan, como se a culpa de tudo fosse dele.

—Houve muito tempo para dizê-lo.

Donovan não tirava o olho de seus lábios. Adorava o modo em que se arredondavam com as vocais, acariciando as sílabas um pouco mais que o resto das pessoas. Ou possivelmente fosse por lhe atrair tanto que o parecia.

—Estava distraído. —Esperou um crucial segundo, durante o qual ela aspirou e em sua boca se formou um perfeito O, antes de continuar tranquilamente.

— Tentava arrumar a Bessie.

—OH não. —Robin se esfregou os braços tremendo e olhou pra Lisa.

— Bessie quebrou outra vez?

—Sim. —Lisa franziu o cenho ao olhar a sua irmã.

— Por que não está de casaco?

—Por que você está com dois? —espetou-lhe Robin.

Apesar de seu aspecto frágil, estava claro que a irmãzinha tinha o espírito da família.

—Tinha frio —lhe informou Donovan.

—E você não? —perguntou Robin, dando-se conta nesse momento de que só levava uma camisa.

—Mais ou menos.

Wyatt tirou o casaco e envolveu com ele a jovem, conduzindo-a aos largos degraus que levavam ao alpendre.

—Se Donovan não tivesse intervindo quando o fez, provavelmente agora tivesse alguma razão para estar preocupada com sua irmã.

Robin olhou por cima do ombro.

—OH, Lisa, o que fez?

A boca de sua irmã se converteu em uma linha reta.

—O que devia.

Robin ficou cravada no terceiro degrau e se girou, apoiando-se no Wyatt para não cair. Aceitou sua ajuda com naturalidade, como se estivesse acostumada a isso. Donovan arquivou essa informação para futuras investigações.

—A família do Buddy tem muita influência por aqui.

A boca de Lisa adotou uma expressão teimosa.

—Não tanta como para que te possa fazer mal e fugir das responsabilidades.

Sua irmã fechou os olhos e perguntou.

—Como está a situação?

O não poderia ser pior do Donovan se sobrepôs com facilidade ao sem problemas de Lisa. Robin abriu os olhos.

—Não me leve a mal, Lisa, mas nesta ocasião fico com a opinião do Sr. McGowan.

—Nem sequer o conhece.

—Mas a você sim, e sempre esteve aqui para me proteger.

—Nem sempre.

Uma rajada de vento baixou a temperatura um ou dois graus. Donovan passou um braço pelos ombros de Lisa.

—Podem falar disto lá dentro.

Lisa ficou ainda mais rígida.

—Quem pensa que é para me dizer o que tenho que fazer?

Seu companheiro.

Veio-lhe à cabeça e se formou em sua garganta. O tragou porque não acreditava que a ela fizesse muita diferença essa afirmação, embora a tivesse entendido. Ao pronunciar um seco “um cidadão responsável”, os cantos da boca do Wyatt se torceram pra cima.

O outro lobo compreendia a perfeição o conflito que estava tendo em seu interior. E o filho da puta estava se divertindo com isso.

Donovan lhe mostrou o dedo do meio, pelas costas da Lisa. Com isso só conseguiu que o sorriso de Wyatt se alargasse e que Robin franzisse o cenho. Wyatt tentou lhe fazer subir as escadas mais depressa. Ela negou com a cabeça, baixando o olhar aonde os dedos de Donovan se curvavam possessivamente sobre o ombro da Lisa. Sua expressão se suavizou ao entendê-lo.

—Vieste para protegê-la.

Assim era.

—Não necessito que me protejam —protestou Lisa.

Robin assentiu, ignorando-a. Umedeceu-se os lábios e se apoiou com mais força em Wyatt.

—Muito bem. Algumas vezes reage de forma exagerada.

—Não é verdade!

Donovan emprestou a mesma atenção a sua negativa que Robin.

—Estivemos sozinhas as três durante muitíssimo tempo.

—As três?

—Temos outra irmã.

—Está aqui? —não notava o aroma de outra mulher.

Robin negou com a cabeça. O carro da Carol arrancou a suas costas.

—Ainda não —murmurou Lisa apartando-se de seu braço. Ele a deixou, inalando sua excitação ao mesmo tempo.

A irmã suspirou.

—Você contou?

—Claro! Estava ferida... Tinha que sabê-lo.

Robin obrigou ao Wyatt a soltá-la.

—Te passou pela cabeça que possivelmente eu não queria que ninguém soubesse?

—Por quê?

—Porque me comportei como uma estúpida. —Os nódulos que apertavam o casaco estavam brancos.

— Sou tão estúpida que não posso distinguir a um mal nascido de uma pessoa normal.

—Não foi estúpida —interveio Wyatt.

— Só confiada.

—Diga-o como quer, mas o que ocorreu na outra noite não é algo para que saiba todo mundo.

—Fez-te mal! —exclamou Lisa.

Sua irmã moveu a cabeça.

—E você teve que intervir pessoalmente em vez de deixar que a justiça se ocupe.

—A justiça não ia fazer nada!

—E agora, ao colocar o povo contra nós, poderíamos nos ver obrigadas a partir daqui, perdendo nosso dinheiro, nosso futuro e nossos sonhos. —Robin tirou seu cabelo do rosto.

— Por minha culpa. De novo. O que acredita que seria mais fácil para mim? Alguns hematomas ou isso?

Lisa empalideceu, abrindo os olhos como pratos enquanto o vento lhe punha o cabelo pelo rosto. O instinto pedia a Donovan que a tomasse em seus braços, que a abraçasse enquanto ele arrumava tudo. Mas não conhecia os detalhes ou o que conduziria. Só podia prometer algo.

—Ninguém lhes obrigará a saírem de seu lar.

Nenhuma das duas mulheres se dignou a olhá-lo.

—Não é tão simples, Robin —protestou Lisa.— Sempre há limites.

Sua irmã bufou.

—E nós chegamos ao nosso. Tudo o que temos o investimos aqui.

Temos olhado fundo.

—É um novo começo.

—Sim, e o valorizo tanto que não me arrisco a perdê-lo por culpa de minhas tolices.

—Não vais perder nada.

As irmãs emprestaram ao Wyatt a mesma atenção que a ele, o que não foi de muito consolo para Donovan, que queria que Lisa recorresse a ele para tudo.

A jovem se encontrava junto a ele, mordendo os lábios, com uma expressão que era uma luta entre desafio, desculpas e angústia enquanto Robin subia um degrau. Esta esticou a mão e se apoiou no corrimão do alpendre.

—Esta era minha última oportunidade para levar uma vida normal, Lisa.

Pode-se saber o que significava isso?

Lisa acertou a dizer:

—Sei.

—Não quero esbanjá-la me preocupando com você.

—Poderia considerá-lo como a mudança que sempre desejaste.

—Não é algo com o que queira viver. —Robin olhou ao Donovan, com seu interior de aço brilhando através de sua frágil aparência.

— Se tiver uma bolsa no carro, pode trazê-la pra dentro.

—Ele não fica —repôs Lisa.

—Eu digo que sim.

Sua irmã se retorceu dentro do casaco.

—Não é a única pessoa que vive aqui, Robin.

—Não, mas um terço da casa me pertence. —Fez um gesto para que Donovan fosse para seu veículo.

— Considera o lugar onde durma como minha parte.

—Merda, Robin! Não quero que fique.

—Eu sim.

—Por quê?

A jovem inclinou a cabeça como se estivesse refletindo sobre a pergunta.

—Porque tem um olhar duro, desses de “não te atreva a me enfrentar” de um lutador de boxe a dieta de esteróides, que poderia ser um elemento de dissuasão para qualquer repercussão que sua ida hoje ao povoado nos pudesse trazer, e porque — se encolheu de ombros e um sorriso posou em seus lábios—, você age de uma maneira que nunca tinha visto. É interessante.

—Não quero que me incomodem.

O sorriso de Robin era doce como o mel.

—Então possivelmente possa considerá-lo como um cliente de prova.

Estava claro que Donovan ia ser uma prova.

Este se encaminhou a seu carro. A neve rangia sob seus pés. Lisa apertou os dentes audivelmente antes de murmurar:

—Não te incomode em pegar nada. Não fica.

Ele abriu a porta e tirou uma bolsa de lona. A porta se fechou com um forte estalo ao levantar o olhar.

—Por que não? Estão me convidado.

Capítulo 5

Haviam-no convidado.

Donovan tinha posto uma ênfase especial na palavra convidado, assim com muita satisfação. A Lisa ficou gravado na mente, lhe consentindo um sentido mais escuro enquanto lhe dava forma aos hambúrgueres. Não pôde evitar lembrar-se da tradição popular que dizia que um vampiro não podia entrar na casa de uma pessoa sem ser

convidado. Os vampiros não existiam, mas os dois homens sentados na mesa restaurada da granja, que agora era a do hotel, tinham um ar desses seres míticos. Possuíam a flagrante sensualidade e o magnetismo que alimentam a mística.

—No que pensa? —perguntou-lhe Wyatt, dando um gole no café.

—Em que a única coisa que precisamos é pôr em vocês umas presas, chamar à imprensa, e teríamos o hotel cheio durante todo o ano com clientes que iam querer admirar aos vampiros sexys .

Donovan se engasgou com o café. Wyatt lhe deu uns tapinhas nas costas, derramando parte do conteúdo de sua xícara pela violência de seus movimentos.

—Crê que somos vampiros? —inquiriu.

—Claro que não. —Pôs os olhos em branco.

— O que digo é que se pudéssemos lhes pôr umas presas postiças o próximo Halloween, poderíamos tirar um bom benefício.

Donovan deixou sua xícara com cuidado em cima da mesa. Inclinou a cabeça. Elevou uma sobrancelha.

—E o que aconteceria se não quisesse ser um vampiro? E se prefiro ser um homem lobo? Ela o observou.

—Parece-me que tem mais pinta de vampiro.

Por alguma razão, o comentário provocou no Wyatt uma gargalhada.

—Não sou um asqueroso vampiro —resmungou Donovan.

Enquanto dava forma a outro hambúrguer, a jovem se conteve para não pôr os olhos em branco outra vez.

—Muito bem, não faz diferença que o seja —o hambúrguer aterrissou sobre a bandeja com um ruído surdo.

—Pode ser um homem lobo. Quem se importa? Lavou suas mãos na pia.

—Se não te vão os vampiros, um montão.

Ela abriu a porta do grill e olhou ao Donovan por cima do ombro. Seus profundos olhos castanhos lhe devolveram o olhar brilhando através das pestanas. Seus sentidos ficaram impactados.

—Teve uma má experiência com um vampiro quando era criança?

—Poderia dizer que sim. —Afastou seu café pro lado.

A jovem pulou quando a porta do grill se fechou de repente. Teriam que ajustar a tensão nesse aparelho antes que alguém perdesse uma mão. Voltou a abrir-la de par em par. O ar quente lhe tirou o cabelo do rosto. Voltou-se, hipnotizada de novo pelo magnetismo do Donovan.

—Sigo pensando que seria um bom vampiro.

O olhar que ele lhe lançou foi mais quente que o calor que saía do forno.

—Que te dêem.

Estava claro que o assunto lhe era do mais delicado.

Robin apareceu a cabeça pela porta.

—Já arrumei o quarto detrás para nosso convidado.

Esse quarto estava em frente ao seu e se encontrava na ala pertencente à família. Na mente da Lisa apareceram imagens de saídas às escondidas pelo corredor.

—O que acontece a ala de hóspedes?

O olhar do Donovan lhe acariciou a bochecha com a suavidade de umas mãos.

—Não quero incomodar.

Como que não? O homem já havia dito que queria ser tudo para ela com esse beijo que quase lhe tinha arrancado a alma do corpo. E ela não se encontrava tão contra a idéia como deveria estar, prova disso era quão consciente era de sua presença, até o ponto que sabia a zona onde ele fixava seu olhar, pela resposta de seu corpo. Quando os lábios lhe fizeram cócegas, soube que estava olhando sua boca. Quando os seios se incharam e lhe arderam de forma estranha, de maneira que os mamilos se endureceram, soube que o olhar tinha descido. Quando os joelhos lhe dobraram e seu estômago se encolheu, decidiu que era o momento de retomar o controle. Gostava de ser a que levava as rédeas em uma relação.

—Tenho a impressão de que você adora os problemas e tudo ao que conduzem.

Os cantos dos lábios dele se torceram para cima. Voltou a cravar o olhar no seu.

—Tem seu ponto.

Referindo-se a ela.

Robin tirou a franja da frente e interrompeu o momento.

—Teria instalado ele na suíte presidencial, mas o sistema de calefação não funciona ali.

—Acabamos de pagar uma reparação!

—Parece-me que não lemos as letras pequenas que dizia que era uma reparação temporária.

—Se quiserem, posso dar uma olhada.

Lisa olhou ao Donovan.

—Arruma calefações além de carros?

O respaldo da cadeira rangeu ao tornar-se para trás. Controlava a situação. Seu atrativo era absoluto.

—Mais ou menos.

—Se for assim, descontaremos cinquenta dólares de sua conta durante os dias que lhe custe arrumá-la.

—Vou pagar por meu quarto? —perguntou dando um gole no café.

A jovem observou a maneira em que a largura de seus ombros lhe estirava a camisa sobre o peito, como se enrugava o algodão sobre os braços ressaltando a força que havia debaixo. A boca lhe secou. Contemplou como se flexionavam os músculos de sua garganta

quando tragava, notou a ligeira umidade de seus lábios. Umedeceram-se os seus, imaginando seu sabor, mesclado com o do café e o do desejo.

Deu-se o gosto de riscar visualmente a curva de seus músculos que se estendiam até os pulsos. Tinha umas mãos bem formadas, fortes, com dedos largos e unhas curtas. Hábeis e grandes. Tão grandes para abranger seus amplos seios. Os joelhos lhe dobraram ao pensá-lo.

Deus, se alguma vez lhe colocasse essas mãos em cima, se acenderia e saltaria como um hambúrguer em uma frigideira. Fechou os olhos ao pensar em lhe servir de jantar. Segura de que Donovan sabia como desfrutar de uma mulher. Esse conhecimento sensual se encontrava escrito em seus lábios cheios, em sua postura, em como a olhava...

Agarrou-se com força a alça do forno quando suas entranhas soaram famintas.

Sempre tinha pensado que a natureza se esqueceu de lhe dar sensualidade.

Isto somente provava que a natureza tinha senso de humor. Averiguar que podia excitar-se e incendiar como todas, sendo que no momento que não podia dedicar-se a isso, era uma piada cruel.

—Claro que sim.

Disse uma quantidade que era o dobro do que tinham acordado cobrar. Ele nem sequer pestanejou. Entretanto, a comissura de seus lábios sim que se contraiu.

—Parece-me bem.

Não o era, e ambos sabiam. Também Wyatt, a dizer por sua expressão.

—Se isso já está acertado —interveio este—, crê que poderíamos tirar esses hambúrgueres do fogo?

Merda! Estavam queimando. Abriu a porta de um puxão, e abanou a fumaça com as mãos para alcançar o grill. Moveu-se muito rápido, dando-se com o braço na borda. Queimou-se imediatamente.

- Ai!

A madeira rangeu, e em um abrir e fechar de olhos, Donovan se encontrava a seu lado, levantando seu braço. Ela pensou que o fazia para jogar uma olhada à ferida, mas logo sentiu seu fôlego sobre sua pele e depois seus lábios a escaldaram com mais força que a queimadura. O fôlego ficou congelado nos pulmões ao observar que sua boca se encontrava sobre seu braço. Os olhos dele se entrelaçaram com os seus enquanto lhe roçava com a língua a zona ferida. Eram negros, tão negros que não ficava nem pinga da suavidade do castanho neles.

—O que faz? —pôde pronunciar.

—Curo-te.

—Beijando-o?

—É a maneira humana.

Ela franziu o cenho ante a estranha resposta.

—Isso é um conto chinês.

O homem baixou seu braço e levantou uma sobrancelha. Não havia nenhuma razão para conter o fôlego, mas o fez.

—Quer dizer que não se sente melhor? —perguntou-lhe. Os músculos de seu antebraço se estremeceram por seu roce. O ambiente ficou sem ar e tudo, exceto seus olhos, lhe desfocou. Seus olhos apelavam a algo que havia no mais profundo de seu ser. O atraíam. Tentavam-na. Recordava a paixão de seu beijo, a força de suas coxas, o poder de seu membro contra sua virilha. Escapou-lhe um gemido faminto dos lábios.

—Devo tomá-lo como um sim?

—Acredito que pode tomar isso como quiser —interveio Robin da soleira.

OH Deus, ficou olhando ao homem como uma colegial.

—Vocês dois, pensam que podem terminar de preparar o jantar sozinhos? —continuou Robin.

— Necessito que Lisa me ajude com umas coisas.

—Sim —respondeu Donovan. Ela não podia se mover ainda. Passou o cabelo por detrás da orelha, acariciando com os dedos a pele sensível detrás.

— Vai com sua irmã, seli. Eu me ocuparei do jantar.

Seli?

—O que é uma ?seli??

Deu-lhe a volta.

—Te ocupe de sua irmã. —Inclinou a cabeça e, antes de empurrá-la, sussurrou em seu ouvido—: Não se encontra bem.

Isso tirou Lisa de seu sonho. Posou a mão em seu flanco, apertando a cicatriz. Seu olhar se cruzou com a de sua irmã enquanto um pânico familiar se apoderava de seus nervos. Robin estava pálida, suas manchas roxas ressaltavam de uma maneira grotesca contra sua branca pele. Meu Deus! Ele tinha razão!

—Robin?

Ela negou com a cabeça.

—Aqui não.

Lisa passou junto ao Wyatt, que estava sentado à mesa.

—Ficará bem, Lisa —disse.

— Apenas está desgostosa.

Lisa moveu a cabeça. Ele não sabia, não podia sabê-lo. Robin tinha os dias contados e só um milagre podia mudar isso. Desgraçadamente, parecia que já tinham utilizado todos os milagres que lhes tinham dado de graça, e agora somente ficava seu engenho e suas orações para seguir adiante.

Não ia ser suficiente.

—Leva alguma varinha mágica no bolso? —perguntou Donovan ao Wyatt que olhava ferozmente às imundas e oxidadas válvulas do velho forno.

—Não, mas tenho uma chave inglesa.

—Isso não vai solucionar nada.

—Não há maneira de arrumá-lo?

—Está morto, somente se esqueceu de enterrá-lo. —Golpeou o trambolho de mais de cinquenta anos.

—Merda, o que faltava às Delaney.

Donovan apareceu a cabeça por detrás do aparelho.

—Não têm por que sabê-lo.

—Notarão quando o lugar não esquentar.

—Não terão que preocupar-se com isso.

—Quando diz terão, refere a Lisa?

—Refiro-me às duas. —Estendeu a mão para que lhe passasse a chave inglesa.

— A família de minha companheira é minha família.

Wyatt lhe passou a chave.

—Significa que vamos procurar o Buddy esta noite?

A esperança se notava no tom do Wyatt. Sempre estava disposto a participar de uma briga.

—Não te preocupa violar a lei humana que representa?

—Estou aqui para aprender, não para me converter.

—O que significa isso?

—Desejo o sangue do Buddy tanto quanto você.

Ninguém podia desejá-lo tanto quanto ele. Esse homem tinha ferido à irmã de sua companheira, tinha ameaçado a ela mesma. Apertou um parafuso solto.

—Cuida para que Lisa não te ouça ou te encontrará com umas presas para o Halloween.

—Pode merecer a pena. Parece que encontra aos vampiros sexys.

Apertou tão forte que o parafuso se soltou. Merda.

—Trocará de opinião.

—Quando lhe mostrar suas presas?

Imaginou suas presas cintilando um instante antes que os cravasse no ombro, imaginou seu grito enquanto o êxtase se apoderava dela, enquanto ele se introduzia nela... Seu membro ficou duro. Jurou de novo antes de responder:

—Sim.

Wyatt negou com a cabeça.

—Não funcionaria, Donovan. Você é um Protetor. A manada nunca permitirá que se una a uma humana.

Saiu por detrás do forno.

—Isso não é assunto da manada.

—O farão deles. Ficaram muito poucos protetores. A manada te necessita.

—A manada necessita a seu chefe.

—Meu pai é o chefe.

—Seu pai está morrendo.

A tensão nos ombros do Wyatt foi a única amostra de que a informação o afetava.

—Os homens lobo tão velhos como ele não morrem.

—Sim, o fazem quando suas companheiras falecem.

Wyatt pestanejou.

—Helen morreu?

—Já sabe como gostava de correr transformada em lobo. Dispararam-lhe uns caçadores. Ao que parece, encontrava-se muito ferida para voltar a transformar-se, e sem a ajuda de seu companheiro, não foi capaz de curar-se.

—Maldita seja. —Wyatt se passou uma mão pelo cabelo.

— Se uniu a ela?

—Não. Já sabe o que lhe preocupa o futuro da manada.

—Mas?

—Sem ela, está se consumindo. —E se encontrava angustiado por convencer ao Wyatt da necessidade de conservar as tradições antes de morrer. Uma batalha que Donovan não estava seguro de querer ganhar, mas ele não tinha nada que dizer no assunto. Ele fazia cumprir a lei, não a criava.

Wyatt observou Donovan por debaixo de sua mão.

—Veio para me fazer voltar para a manada.

—É minha tarefa.

—Também é sua tarefa te unir a uma mulher lobo e seguir protegendo à manada.

Donovan sentiu o agulhão da culpa, a chamada do dever.

—Conheço meu destino.

—Mas está pensando em jogar tudo pro alto, em voltar as costas a manada.

—Uma companheira só aparece uma vez na vida de um lobo.

Fazia uns anos que desejava que chegasse logo, e isso tinha começado a interferir com tudo o que fazia, e a frustração crescia em proporção à convicção de que não apareceria. Mas tinha-o feito. Apertou com mais força a chave inglesa.

—Então, entenderá por que não volto.

—Não é o mesmo. Se eu for, Kelon pode continuar com a estirpe. Você é um Alfa. Não há ninguém mais.

—Eu não exerceria o mando da maneira tradicional.

—Como Alfa, pode fazer o que quiser.

—A manada se encontra muito ancorada na tradição para ouvir o que quero.

Seguirão como sempre até que se dêem conta de seu engano ou até que se extingam.

—Então terá que fazê-los trocar de opinião.

—Igual a você, lhes convencendo de que unir-se a uma humana não debilitará a raça?

Donovan se obrigou a relaxar a pressão sobre a chave inglesa. Jogou-a na caixa de ferramentas.

—Sim.

—A desafiarão até que morra, e você sabe.

A coluna vertebral do Donovan ficou rígida. A adrenalina corria velozmente por suas veias.

—Não lhe farão mal.

Wyatt retrocedeu, lhe deixando sair do pequeno espaço.

—Porque você o diz?

Donovan inclinou a cabeça.

—Por isso, e porque sabem que se ela morrer, eu também o faria.

—E o que fará com os que acreditam que a física dos emparelhamentos não funciona da mesma maneira com os companheiros humanos, que um lobo não pode unir-se por toda vida a um humano? O que fará quando atacarem? Matar as pessoas a que protegeste durante toda sua vida?

—Se atacarem a minha companheira, sim.

Não teria outra escolha. Lutaria para defendê-la, já que ela seria incapaz de fazê-lo por si só. Os homens lobo nasciam, não se faziam, e embora aparear-se com ele trocasse a fisiologia de Lisa, lhe permitindo compartilhar sua esperança de vida, não a converteria em lobo. A crença de que a dentada de um homem lobo te convertia automaticamente em um era um invento dos humanos.

—Os que a atacarem serão seus amigos e seres queridos —replicou Wyatt, seguindo com sua teoria.

— De verdade crê que te será fácil matá-los?

Uma imagem apareceu em sua mente, a da Lisa com sua suave pele branca destrocada por garras de lobo, sua garganta aberta por presas. Seria presa fácil com sua fragilidade humana. A raiva lhe cegou. Seus músculos se esticaram. Um grunhido lhe subiu pelo peito.

—Suponho que isso responde a minha pergunta.

Donovan abriu os olhos e se olhou. Não recordava ter pensado em transformar-se, mas se encontrava já a meio caminho. Cruzou o olhar com o Wyatt, sentindo morrer com o descobrimento.

—Vi você enfrentar a uma morte segura à mãos de um rebanho de vampiros sem perder o controle, mas aqui está meio transformado apenas de pensar que algo pudesse passar a Lisa. —Wyatt moveu a cabeça.— Nas mãos de sua própria gente.

Donovan fechou os olhos e assimilou a verdade enquanto voltava a converter-se. A resposta foi uma gutural expulsão de dor.

—Sim.

Wyatt nem sequer pestanejou, limitou-se a inclinar a cabeça e perguntar:

—Ninguém pode viver dividido em dois, primo, o que suscita a seguinte questão: está disposto a te afastar da Lisa?

Abandonar a razão de sua existência, a metade de sua alma? Como alguém poderia ser capaz de escolher essa opção? Como poderia ele decidir o que era o melhor?

—Possivelmente.

Wyatt suspirou.

—Acredito que está enganando a si mesmo.

—A respeito do que?

—A respeito do que deveria. —Wyatt se inclinou e fechou a caixa de ferramentas.

—Nossas crenças nos ensinam que um casal é uma bênção para um lobo preparada pelo Criador antes de seu nascimento. —A tampa se fechou fazendo um som metálico.

—Sempre me pareceu o cumulo da arrogância de nossa cultura que nós sejamos os que decidamos as bênções que um macho recebe.

Endireitou-se e cruzou o olhar com o Donovan, um olhar carregado de solidão comum a todos os lobos sem casal, que recordou a seu primo que Wyatt tinha vivido muito mais que ele, e sempre sozinho.

—Se por acaso te interessa, acredito que deveria aceitar o presente e ver onde te leva.

—Embora tenha que ir contra a manada? —Viver sem manada era pior que a morte. Abandonar o dever se equiparava com a morte.

—Sim. —Wyatt se encolheu de ombros.

— Seu irmão e você serviram à manada adequadamente, arricastes suas vidas um infinidade de vezes, suportado feridas que teriam feito perecer a lobos menos hábeis, em defesa da lei dos homens lobo. Teria que haver uma recompensa para isso.

Donovan fez uma careta.

—Me convertendo em parte dos perdidos?

O olhar do Wyatt se manteve inalterável, lhe fazendo perguntar se ele também havia sentido a escuridão crescente dentro dele.

—Encontrando sua alma.

Era uma forma poética de expressar o sentimento de plenitude que Donovan sentia ao respirar o aroma de Lisa.

—O pensarei.

—Enquanto pensa, recorda que, como Alfa, farei tudo o que possa para trocar as opiniões a respeito de uniões mistas dentro da manada.

Não soava otimista a não ser triste. Não era necessário pensar muito para averiguar a razão. Não só ia ser uma tarefa virtualmente impossível, mas como também para que tivesse sequer uma oportunidade de fazê-lo, seu pai tinha que morrer, porque o Grande Al não era partidário de debilitar o sangue dos homens lobos.

—Sinto por seu pai.

—Nunca pensei que morreria.

—Helen foi sua perdição. —Como Lisa seria a sua.

Wyatt negou com a cabeça.

—Não, foi sua sorte. —A caixa de ferramentas tilintou ao agarrá-la.

—A união com minha mãe não foi verdadeira, mas sim selou pela gravidez. Quando os anos passaram, lembro de ver o mesmo olhar torturado nos olhos dele que vejo que está aparecendo nos teus. Nossa raça não está feita para viver sozinha.

—A manada pode ser um substituto —foi uma resposta instintiva, um ensino instaurado nele desde sua mais tenra infância.

—Ah sim? —perguntou Wyatt, observando-o com seus olhos carregados de experiência.

Donovan não podia menos que ser sincero. Isso tinha acreditado antes de conhecer Lisa, mas agora...

—Não sei.

Seu primo se dirigiu à porta do pequeno sótão.

—Depois de ver como da noite para o dia, com a aparição da Helen, meu pai, aquele homem ao que tanto admirava, converteu-se na sombra do que era, não estou seguro de que alguém devesse fugir de seu destino.

Donovan era um Protetor, teria dado sua vida por qualquer membro da manada.

Um lobo põe as necessidades da manada por frente das suas. À manada antes que à companheira.

—Tenho um dever a cumprir.

—Do qual eu te dou permissão para que te desprenda.

Culpa, desejo, esperança; cada uma delas lutava por impor-se, todas significavam uma traição ao propósito ao que tinha dedicado sua vida. Inclinou a cabeça.

—Aprecio suas boas intenções.

Wyatt moveu a cabeça.

—É um bastardo do mais cabeçudo, tenho que reconhecê-lo.

—Donovan retrocedeu, pois o protocolo requeria que o Alfa passasse primeiro. Wyatt se deteve a ficar a sua altura.

— Deveria aceitar minha oferta e partir.

—Você não é meu Alfa.

—O serei.

—Então quando o for, falaremos.

—Pensa que Lisa poderá esperar tanto?

Donovan não teve que responder. Wyatt leu a resposta em seus olhos.

—Quão mal está meu pai?

Não pestanejou.

Embora a expressão de seu primo permanecesse tranqüila, em seu aroma se misturou um pingo de angústia. Atravessou a porta, esperando-o ao outro lado.

—Bom, o que podemos fazer com esse forno? —perguntou Wyatt assinalando o trambolho quebrado.

—Pediremos um novo e diremos que arrumamos este.

—Pensa que as Delaney vão acreditar?

—Quão único temos que fazer é as manter afastadas da casa quando instalarem o novo. Depois, já será muito tarde.

—Isso é verdade. Mas elas não são como nossas mulheres, são mais independentes.

Donovan já sabia. A resistência da Lisa, inaudita em uma mulher lobo, despertava seus instintos de dominação. Seu membro se retorcia ante a provocação, e seu lobo surgia ao pensar em aceitar esse desafio, em lhe provar que ele era o mais forte, aquele cujas ordens teria que seguir na cama e fora dela. A força do impulso, a violência dessa necessidade fazia-no tremer. Encontrava-se perigosamente perto de perder o controle e isso não podia ser. Os emparelhamentos violentos aos que eram propensos os lobos podiam deixar a um humano ferido gravemente. Teria que ensinar a Lisa a ser submissa antes disso, por sua própria segurança.

—Então suponho que teremos que as convencer de algum jeito.

—Essas mulheres podem ser difíceis de convencer.

Mas ao menos uma delas, com o incentivo adequado, podia ser também muito suave e derreter-se contra ele como a manteiga.

—Pois então teremos que confiar em minha obstinação para levar a cabo a tarefa.

—Bom, se for aplicar seu lado teimoso... —O sorriso do Wyatt se esfumou. Ficou sério.

—Estou contente de que tenha encontrado sua meia laranja, Donovan, seja humana ou não. E mais contente ainda de que seja a fôrma de seu sapato para essa tua obstinação.

Donovan sorriu.

—Recorda que você gosta de minha obstinação agora que te estou empurrando a voltar para a manada.

O outro se limitou a rir.

—Levarei em conta se eu escolher ser o Alfa.

Seu primo lhe agarrou a caixa de ferramentas das mãos.

—Isso não é uma escolha.

—Tampouco o é encontrar a sua companheira.

Ele assentiu, reconhecendo a verdade da afirmação, enquanto se encaminhava às escadas do porão, iludido até a medula ao pensar em ver a Lisa de novo. Podia comparar-se com a emoção antes de uma batalha.

—Estou começando a pensar isso.

Encontrar a uma companheira não era uma escolha.

Donovan se lembrou dessa afirmação mais tarde. A neve recém caída cobria a paisagem, ocultando tudo sob um branco brilhante. Seguia nevando. Fazia mais frio que em uma geladeira, e, entretanto distinguia a Lisa no alpendre, envolta em um edredom, contemplando a noite, franzindo o cenho como se todas as respostas do mundo se encontrassem detrás da escuridão que dificultava sua visão humana.

Depois de deslizar-se silenciosamente através dos flocos de neve que caíam, parou-se sob a árvore onde tinha deixado sua roupa. O vento lhe soprou no rosto, desordenando seus cabelos, trazendo sua fragrância. Inalou-a profundamente, agarrando-se a ela como a uma âncora enquanto voltava a se transformar em humano e recolhia sua roupa de onde a tinha deixado pendurada em um ramo da árvore. A corrida o tinha tranqüilizado, tinha-o deixado relaxado para sua finalidade. Voltar a aspirar seu aroma reforçava sua decisão. Com manada ou sem ela, não ia separar-se da Lisa.

Logo que se vestiu se dirigiu para ela, sentindo que pertencia a ele e a ninguém mais que ele, com cada passo que dava. Um ligeiro pingo de umidade na extremidade de um de seus olhos brilhou sob a luz do alpendre. Estava chorando. Recebeu a informação como se lhe tivessem dado um murro no estômago. Não deveria estar chorando. Nada que conduzisse tristeza deveria tocá-la jamais. Teria que estar protegida, mimada, isolada de tudo o que lhe roubasse o sorriso do rosto. Ele era seu companheiro, destinado a converter-se em sua força, sua voz, seu refúgio.

Formou-se outra lágrima. Nada trocou em sua expressão enquanto a gota se deslizava por sua bochecha. Ele pisou com força a propósito no degrau superior, sabendo que a tabua rangeria. da mesma maneira que supunha que não gostaria que a vissem chorar. Ela o consideraria uma debilidade, mais que um presente de confiança concedido por uma fêmea a seu companheiro.

A tabua rangeu. A jovem voltou a cabeça, entreabrindo a boca ligeiramente pela surpresa. Seu membro, faminto pela rajada que lhe tinha levado seu aroma, retorceu-se e se estirou pelo desejo absurdo de sentir a suavidade desses lábios contra sua dureza.

Nos dois passos seguintes, imaginou que ela era uma loba, pensou como o receberia, a maneira adequada para uma fêmea que se visse confrontada sem perigo com um macho tão excitado como ele estava; o olhar baixo, as mãos nos flancos, sem oferecer nenhuma resistência. Levou a imaginação um pouco mais longe: ele salvava a distância entre ambos, atraindo essa suave boca pro seu peito e apertando-a contra ele enquanto seu aroma e seu corpo o rodeavam, deixando que o toque de seus lábios lhe levasse ao perigoso limite de sua excitação.

—O que está fazendo aqui?

A ilusão se desvaneceu sob a rudeza da pergunta. Entretanto, o agressivo desejo de reclamá-la como dele e marcá-la não desapareceu.

—Desfrutando da noite —disse aproximando.

— Uma pergunta melhor seria o que está fazendo você aqui abrigada com somente isso. — indicou a colcha.

A única amostra de que se encolhia de ombros sob o tecido foi o ligeiro movimento do algodão.

— Com isto tenho o bastante.

Ao olhar para baixo se viam as pontas de grandes pantufas rosas e macias, que apareciam sob o edredom cor bolo.

Não conhecia nenhuma mulher a que tivessem podido pegar com umas como essas.

Lisa, em troca, levava-as sem vergonha.

— Eu gosto de suas pantufas.

Para sua surpresa, seu rosto se enrugou preparando-se para um soluço dilacerador.

Forçou um rouco obrigado de seus lábios franzidos.

— Robin me deu de presente.

— Os cumprimentos não têm por que te fazer sentir triste, seli.

Por sua bochecha se deslizou uma nova lágrima, seguida rapidamente por outra. Seu corpo agitou-se enquanto inspirava. A angústia de seu aroma o levou para ela. Passou-lhe os braços pelos ombros, apertando-a contra seu peito. Apesar da pomposa colcha, ela se sentiu pequena junto a ele, eclipsada tanto por seu corpo como pelo tecido.

— Não sei o que significa essa palavra.

Ele a beijou cuidadosamente no alto da cabeça.

— Significa que não está sozinha.

A jovem não levantou a vista e seguiu olhando à frente.

— Posso te fazer uma pergunta pessoal?

— Sim.

O imediato de sua resposta pareceu lhe procurar uma pausa. Aferrou a colcha com mais força antes de perguntar.

— É problemático?

Estava preocupada com o Buddy e seus amigos? Obrigou-a a voltar-se e lhe levantou o rosto posando uma mão sob seu queixo. A maneira em que seguiu suas instruções acalmou algo do desejo agressivo que havia nele.

— O suficiente para fazer o que necessitar.

Ela piscou.

— Sem perguntas?

— Sem perguntas.

— Por quê?

O arco natural de sua boca formou a palavra com uma sexy careta. Ele posou o polegar no centro de seu lábio inferior enquanto a pergunta se apagava.

— Porque você me pediu isso.

Ela se reclinou, lhe privando da sensação de seus lábios movendo-se contra a gema dos dedos.

—Uau, deve ter uns antecedentes de meio quilômetro de comprimento.

Não parecia muito preocupada com a idéia.

—Pensa que todo mundo me pede que faça algo ilegal?

—Para falar a verdade, não te pedi que fizesse nada.

—Isso é certo. E eu não disse o que te custaria.

Em lugar de apartar-se, ela se inclinou para ele. Algo ia mal. Lisa não era uma mulher dependente.

—É o suficientemente mau para me fazer esquecer tudo durante uma hora?

—Que problema há?

Ela moveu a cabeça.

—Se limite a responder a pergunta.

Era sua companheira. A lenda dizia que podia lhe arrancar a prudência de sua mente.

—Sim.

A jovem soltou a colcha que se deslizou para baixo. Em lugar de fazer gesto de recolhê-la, deslocou os braços por seu torso com a mesma suavidade, alheia ao frio que teria que estar atendendo-a sob a camisola de seda transparente que lhe deixava ao descoberto as costas e destacava as redondas curvas de suas nádegas.

—Demonstra-o.

Em sua alma não cabia a suficiente honra para manter suas mãos longe desse exuberante corpo. Rodeou seu traseiro com as mãos, atraindo-a para si.

—Quer que te faça amor.

Não o perguntou. Ela tampouco simulou que o tivesse feito.

—Que não seja tão sério. —As pontas de seus dedos se deslizaram sob o pescoço de sua camisa, procurando instintivamente sua pele e cruzando o olhar com o seu.

— Mas quero que me faça esquecer.

—O que?

A jovem negou com a cabeça.

—Isso não importa.

Importava muitíssimo, mas ele não era um estúpido. A metade de sua alma estava em seus braços lhe dando permissão para que a possuísse. Já se ocuparia do resto mais tarde.

Inclinou a cabeça, respirando mais de sua fragrância embriagadora, obrigado por sua ética pessoal a lhe informar de sua condição antes de seguir em frente.

—Se o fizer, fará amor com um lobo.

—Deus, isso espero. Agora mesmo a falta de experiência não seria um estímulo.

Sua risada se transformou em um gemido quando a coxa da jovem se deslocou sobre a dele. Ajudou-a, apertando os dedos contra suas suaves nádegas, içando-a enquanto sussurrava contra seus lábios abertos.

—Não haverá volta atrás.

Salvou a distância entre ambos, aproximando seus lábios cheios na firmeza dos seus igual a seu ventre se aninhava contra seu membro.

—Só me interessa seguir em frente.

—Muito bem, a mim também. Abrace-me com as pernas.

Capítulo 7

Donovan sabia como ela recordava: a especiarias e masculinidade. E também lhe agradou voltar a senti-lo tão perto, com os duros contornos de seus músculos acolhendo-a apropriadamente. E seu aroma... Esteve a ponto de gemer quando a apertou fortemente contra as inflexíveis planícies de seu peito. Cheirava como a promessa de todas as delícias terrestres que sempre tinha imaginado. Selvagem e masculino, todo um vício. Adoraria inundar-se em sua fragrância, respirá-lo todos os minutos do dia. Decidiu inalá-lo agora, ofegando enquanto alimentava a fome voraz que estava consumindo-a. Sua virilha se umedeceu e se desdobrou pelo prazer.

—Me ajude a esquecer —gemeu enquanto apertava fortemente com os tornozelos. Ele era o único que podia lhe fazer esquecer a ameaçadora perda.

Seus lábios lhe beliscaram as comissuras, fazendo com que diminutas faíscas penetrassem em seu interior, onde se amontoaram em uma montanha cada vez maior de brasas, que tão somente esperavam o momento adequado para arder.

—Esquecer o que? —perguntou o homem ignorando o convite de seus lábios abertos para seguir a curva de seu lábio inferior com sua língua, a áspera textura da carícia avivando umas quantas brasas. Mudou-se para a sensível comissura de sua boca, lenta e audazmente. O desejo a golpeou com tanta força que gemeu apartando-se, como protegendo-se.

—Não.

O mundo começou a dar voltas enquanto ele se girava. Seu antebraço se cravou em suas costas prendendo-a contra a parede. Ela se estremeceu, enquanto o frio gelado se unia ao calor abrasador. Sua língua lhe tocou nesse lugar de novo. O efeito voltou a ser elétrico.

Retorceu-se e separou o rosto. Ele grunhiu e então lhe agarrou o queixo com os dedos. Seus olhos cravavam-se como brasas nos seus. Seu peito se expandiu com outra inspiração profunda ao dizer:

—Não, você tem que aceitar o que eu te dou.

OH meu Deus, isso era muito excitante. Total e completamente excitante. Nenhum homem lhe tinha dado jamais uma ordem na cama.

—Eu gosto.

—O que?

—Está deixando que eu veja seu lado mandão.

Por um segundo ele a olhou, como se não acreditasse no que estava ouvindo, depois seus olhos se intimidaram e apanhou com os dentes seu lábio inferior, mordiscando-o ligeiramente antes de dizer:

—Isso está bem, porque provavelmente eu serei muito mais antes que se acabe à noite.

—Ah sim?

O sorriso dos olhos de Donovan se estendeu a sua boca enquanto observava a expressão do rosto dela. Não havia dúvida de que gostava do que via. O que por si só já era único. Nunca tinha considerado a si mesma como especialmente atrativa.

—É obvio.

Ela voltou à cabeça, deliciando-se com os leves arranhões de sua ligeira barba contra a bochecha.

Seus lábios queimavam onde ele a tinha acariciado. Provou-o. Seu aroma misturado com o sabor, a fazia necessitar mais.

—Eu adoro como cheira.

Ele duvidou a sua vez, e imediatamente a jovem sentiu seu sorriso contra seus lábios.

—Seu aroma tampouco está mau. —Inclinando a cabeça levou sua boca até o extremo de sua garganta.

— Uma mulher atrativa, quente e necessitada.

Necessitada. Ela não era assim sempre. Era importante que o deixasse claro. A boca do homem se abriu, os lábios provaram seu pescoço, lhe roubando a voz, elevando sua excitação até o ponto de deixá-la sem respiração.

—Só por esta noite —as arrumou para gemer Lisa.

—Para muito mais.

Ela negou com a cabeça.

Donovan a beijou por todo o pescoço; pequenos beijos úmidos e ágeis que faziam estremecer toda sua coluna vertebral e lhe causavam calafrios de prazer, entre a antecipação e o desejo. Ao chegar a sensível comissura de sua boca, sua fome selvagem começou a fazer cócegas a ponto de estalar.

—Recorda, não há volta atrás —grunhiu ele antes que sua boca selasse a dela, apanhando seu fôlego, envolvendo a ambos em um estado de desejo carnal que não deixava nenhum espaço para discussão. Com cada inspiração penetrava o mais puro desejo. Cada movimento era um passo para a plenitude. Os lábios do Donovan se separaram dos dela. Flexionou suas mãos, separando os globos de seu traseiro, abrindo-a mais.

—Vem aqui.

Lisa lhe passou os braços pelo pescoço e apertou ainda mais os tornozelos a suas costas, esfregando sua boca contra a dele.

—Estou aqui.

—Não, está longe. —Sujeitou-a com uma mão sob seus quadris, antes de avançar oprimindo-a entre o calor de seu corpo e a dureza da parede. Não houve nenhuma concessão em nenhum dos dois gestos. E nenhuma em seu membro, que cravou firmemente na fenda entre suas coxas.

—Quero-te aqui.

—OH, Meu Deus. —Ali estava bem. Muito bem. Ao vermelho vivo. Perfeito.

Apertou-se tão fortemente contra ele que lhe doeu. O pequeno beliscão de dor prazerosa somente provocou que quisesse mais, que necessitasse mais. Ele voltou a trocar de posição, mantendo-a nesse precipício enquanto a tormenta de neve se enfurecia a seu ao redor. O vento destroçava as árvores, e dentro da Lisa, o último sinal de resistência rompia-se também.

Donovan a investiu. A maré de sensações obrigou a Lisa a inclinar a cabeça para trás, enquanto ele fazia descender seus quadris pondo um rápido contraponto, arrastando suas suaves dobras interiores com seu largo membro. O fino nylon de sua calcinha não a protegia da maravilhosa carícia. Ao derramar-se em seu interior, o batimento do coração da paixão, golpeou-se com a frente em seu ombro.

—Como consegue me fazer isto? —disse Lisa.

—Da mesma maneira que você a mim.

A Lisa gostava, gostava de saber que não era a única que estava enlouquecendo. Abriu os olhos. Ele girou a cabeça ao mesmo tempo em que ela, e sua boca encontraram a sua, aberta, acolhedora.

Donovan não aceitou o convite imediatamente, para continuar com o jogo que ela não poderia suportar, atormentando-a com a promessa da paixão que estava por chegar enquanto seus quadris pulsavam em sua úmida racha. Sua calcinha se fez a um lado, e então somente os jeans se interpuseram entre ela e seu duro membro. Ela esticou a mão e encontrou o primeiro botão. Foi toda uma luta, mas conseguiu desabotoá-lo. Tentou chegar a seu zíper, e teve que afogar um soluço ao encontrar outro botão.

—Por que leva jeans com botões?

Custou-lhe uma eternidade desabotoar essas malditas coisas. Por fim cederam. O pêlo de seu estômago lhe fez cócegas na mão. A montanha de músculos se estremeceu e tremeu.

—Oxalá pudesse ver.

Em seu peito voltou a soar um rugido. A vibração chegou a jovem ao centro de seu ser. O homem encolheu o estômago, lhe proporcionando mais espaço para manobrar. Ela

introduziu a mão mais profundamente. Os mamilos da Lisa ficaram duros e se retorceu contra ele.

—OH, isso foi muito bom. Fez de novo. Com mais força. Ele grunhiu outra vez. Mais forte.

Isso é muito excitante.

A ordem implícita voltou a soar, mais profunda e asperamente, atravessando suas reservas enquanto seus dedos lhe atiravam do cabelo, lhe inclinando a cabeça para o ângulo que ele queria, o qual resultava perfeito para seu beijo. Sua cabeça desceu. Seus olhos pareciam resplandecer.

—Sabia que seria assim —sussurrou ela. Conseguiu agarrar seu membro com a ponta dos dedos.

—Como?

Sua boca se encontrava a escassos milímetros da sua. A jovem queimava os lábios.

—Selvagem.

Ela esperava que o lado selvagem dele saísse à luz. Especialmente essa noite quando queria esquecer-se de si mesma, de suas preocupações, centrar-se na química que pulsava entre ambos.

—O terei em conta.

A jovem jogou a cabeça para trás, tirando o cabelo do rosto, aguardando o momento exato em que seu olhar desceria até a parte da frente de sua camisola, sabendo que ele veria os firmes casulos de seus mamilos contra o tecido semitransparente e que inclusive distinguísse a silhueta da auréola.

—Terá que fazê-lo muito melhor. Tem que me tirar outros homens da cabeça.

Ele ficou rígido contra ela. O grunhido lhe chegou com mais força, mas mais brevemente. Não gostava de lhe ouvir falar de outros homens.

—Algum homem em particular?

—O doutor Steven Holcomb.

—Por quê?

—Sempre acaba me decepcionando.

Esse grunhido acabou convertendo-se em um som que somente poderia chamar-se rugido.

—Em minha cama não se sentirá decepcionada.

—Prova-o.

—Desafiar a um lobo é um engano.

—Por quê?

A jovem arqueou as costas, retorcendo-se um pouco no pequeno espaço para lhe oferecer seus seios. Ele retrocedeu um passo enquanto ela se arqueava ainda mais. Sua mão em sua cintura lhe ajudou, até que sua espinha dorsal se encontrou tão tensa quanto seu interior.

—Traz a luz nosso lado dominante. —Seus lábios se fecharam sobre a ponta de seus seios, excitada e firme, possuindo-a completamente.

—OH. —Ela lutou para recuperar o equilíbrio justo antes de deixá-lo por impossível e permitir que ele a sujeitasse. Que bom que alguém se ocupasse do mais básico.

— Sempre desejei que me dominassem.

Ele ficou imóvel, depois apareceram as afiadas pontas de seus dentes e mordeu ligeiramente a parte inferior do mamilo, lhe provocando ardentes espetadas de prazer.

A expressão dele adotou um matiz selvagem e em seus olhos se lia algo estranho.

—Terá que caçar à besta, não?

A moça teria que se sentir aterrorizada, mas não foi assim. Ao contrário, sentiu-se incrivelmente excitada, até o ponto que, tão somente com que ele tivesse exercido um pouco mais de pressão em seus clitóris e lhe tivesse acariciado um pouco mais seus seios, teria chegado ao orgasmo.

—Se está se referindo a isto —ela colheu com as gemas dos dedos a parte de seu membro que podia alcançar—, não o duvide.

—Foder! —um giro de pulso e sua cabeça se encontrou na posição que desejava.

Que ela desejava. Sua boca se lançou contra a sua. Os lábios da jovem se abriram sob a pressão dos seus, aceitando a intromissão de sua língua, sua personalidade dominadora.

Essa aditiva essência de seu beijo se estendeu por seu corpo, penetrando até seus ossos. O que delícia. Que familiar...

Maldita seja, tinha que ter sabido que ele era a classe de homem que deixa às mulheres sem nenhuma defesa, que seu fogo é tão potente que não deixa nenhuma opção mais que queimar-se com ele. Nunca tinha tido um amante como ele. Lisa se estremeceu, rodeando seu membro com os dedos, aproximando suas coxas, atraindo-o para si.

Tinha estado completamente necessitada e nunca o tinha sabido.

—Mais.

Ele a levantou.

—Tudo o que queira, seli.

Seu corpo se pegou ao dele. Boca contra boca, peito contra seios, genitálias contra genitais, esperança contra sonho.

—OH Meu Deus. —Conteve o fôlego ao notar a fria parede contra suas costas de novo.

— Quando? —o tremor roubou o calor da pergunta.

As mãos do Donovan agarraram seu traseiro, cada um de seus dedos ardentes como tições.

—Tem frio.

—Não importa.

O homem pôs a mão entre suas costas e a parede. Inclinou-se com facilidade, obtendo que os dois se agachassem o suficiente para recolher a manta.

—Deveríamos fazer amor em um lugar mais quente.

—Aqui podemos fazer ruído. —Se esperasse até entrar na casa, perderia o momento, ia se ver obrigada a recordar tudo o que estava tentando esquecer. Algo que obviamente ele não compreendia.

—Pode gritar dentro.

Ele permitiu que seus pés se deslizassem por seus flancos. Lisa se sentiu perdida sem seu apoio. Tentou-o de novo.

—Gritarei mais forte aqui fora.

Aprisionou-lhe uma bochecha com a mão, e o toque de seu dedo polegar contra seus lábios foi tão suave como seu sorriso de cumplicidade.

—O que você está apostando?

A velha casa rangia sob a força da tormenta. Os lençóis sussurraram ao elevar e alisar os quadris. A vaporosa camisola se deslizou por suas suaves coxas, insinuando sua virilha, tentando-o com a pele ainda mais tenra que havia debaixo. Sua companheira era todo contrastes: descarada, inocentemente tímida, suave e ardente, ali tombada, na escuridão na grande cama com colunas. Trocou-se de posição já três vezes antes de adotar a atual. Ao Donovan parecia perfeita. De lado, a força da gravidade lhe proporcionava uma apetitosa visão dos generosos seios que ameaçavam saindo-se dos sedosos triângulos que lutavam por contê-los. Se não tivesse sido pelo cóis franzido desse objeto tão feminino, teria podido distinguir a cor de seus mamilos. Umedeceram-se os lábios. Com uma só indicação de seu queixo, as acetinadas cúpulas se revelariam ante seus olhos.

Ficou um momento com uma bota ao meio tirar, enquanto o desejo sulcava por suas veias em uma quebra de onda cada vez mais potente, observando como os dedos da jovem jogavam com a pálida prega, levantando-o um pouco mais, incitando sem precaver-se de seu lobo. E seu lobo tinha uma fome voraz. Ao soltar a bota, jogou uma olhada à parte interior de suas coxas onde os esbeltos músculos davam passo à suavidade feminina. As presas lhe ardiam. Passou-lhes a língua por cima, sem apartar o olhar.

Quando terminasse, quando ambos estivessem saciados, a marcaria ali.

A bota fez um ruído seco ao cair. Lisa, com os olhos abertos como pratos, pegou um salto apertando os punhos. Embora não podia distingui-lo à perfeição, havia suficiente luz ambiental para que ele pudesse apreciar todas e cada uma de suas preciosas curvas.

Todas suas sensuais provocações, como a pequena vibração que invadiu seus peitos ao sobressaltar-se.

Se tivesse estado mais perto, teria absorvido o susto contra seu peito, silenciado a vibração com seus lábios, amainado o nervosismo com seus beijos. Tinha que aproximar-se. Tirou a outra bota.

—Está nervosa?

—Eu diria impaciente.

Não podia sentir-se mais impaciente que ele.

—Acendeu o abajur da mesinha de noite.

—Eu gosto mais da escuridão.

—Ummm. —com certeza que sim, mas não podia esconder-se dele, disto. A cama se afundou ao apertar a mão. Nos olhos dela se leu a surpresa ao encontrá-lo tão perto como para que sua visão humana pudesse detectá-lo. Chegou ao abajur e acendeu a luz.

— Mas eu quero ver-te.

Sua respiração era quase um ofego silencioso. A surpresa obscureceu as íris de seus olhos até convertê-los em índigo, antes de que seu olhar descesse e ficasse cravada em seu peito. A visão do rosa de sua língua deslizando-se entre seus lábios criou um rugido de reconhecimento em sua garganta. Seu olhar não se separava de seu peito.

Flexionou seu peitoral esquerdo. Ela pestanejou. Algo estranho e suave se moveu em seu peito. Lisa voltou a piscar enquanto ele flexionava o direito. Cada vez estava mais nervosa. Flexionou ambos os peitorais de uma vez. Isso ganhou duas piscadas e o início de um sorriso.

Aproximou-se dela, colocando um joelho sobre a cama, e lhe levantou as costas.

—Tem um sorriso maravilhoso.

A jovem apoiou a palma da mão sobre seu peito enquanto ele amaciava os travesseiros para que se apoiasse.

—E eu adoro seu tórax.

Colocou-se em cima dela, lhe abrindo as pernas com os joelhos antes de inclinar-se, coxa contra coxa, firmeza contra suavidade, peito contra seio. Passou a mão entre o travesseiro e seu crânio. As finas mechas de seu cabelo se deslizaram sobre sua pele como farrapos de seda.

—Poderia lhe apresentar seu sorriso a meu peito.

Ela arqueou as sobrancelhas e sorriu ainda mais.

—Não estará insinuando que você gostaria que pusesse a boca em cima?

OH sim. Fechou os olhos, concentrando-se nos lugares onde suas peles se roçavam, os mamilos, as gemas dos dedos, a redondez de seu ventre.

—Seria o mais justo, posto que eu tenho a intenção de posar minha boca em todo seu corpo.

A resposta não se fez esperar: cravou-lhe as unhas no peito.

O desejo cavalgava por seu corpo enquanto fora, o termômetro descendia. Sua pele registrou a mudança, seus ouvidos a intensa força do vento ao golpear a casa, e dentro sentiu o desespero, alimentando o anseio de Lisa. Donovan lhe acariciou a têmpora, onde veias de cor púrpura criavam um fino vigamento sob a superfície, outro aviso de que era humana. Frágil. Franziu o cenho e tratou de aplacar sua agressividade.

—O que?

Deslizou seus dedos ainda mais profundamente entre a seda de seus cabelos.

—Acabo de recordar de que terei que tomar cuidado contigo. Esta vez lhe tocou franzir o cenho a ela.

—E o que acontece se eu não quiser que tome cuidado?

Roçou com seus lábios os dela, lhe roubando um estremecimento a sua respiração, e se fez com o controle de novo. Era sua primeira vez juntos. Sentaria as bases para o resto de sua relação, e como os lobos se apareavam para toda uma vida, a experiência os acompanharia durante o resto de seus dias.

—De toda forma, tomarei cuidado.

—Não tem nem idéia de quem sou —gemeu ela.

Não podia resistir a suavidade cremosa de sua pele. Seus lábios encontraram sua têmpora, permaneceram um instante ali, sentindo o batimento do coração de seu pulso antes de inspecionar a ponta de seu nariz e o arco de suas bochechas. Perfeita. Era tão suave, tão arredondada. Havia sido criada para fazer surgir a seu lobo. Mas ela não era uma dos seus. Nunca sobreviveria o ataque de suas garras, a ferocidade de suas dentadas.

—Está claro que é um mistério do mais tentador e tenro.

Um movimento de seu queixo sob sua mandíbula lhe deixou exposto o pescoço. Seu aroma, uma mescla de sabonete e feminilidade, era mais forte ali. Fragrante, poderoso, sedutor.

Seu membro se removeu dentro das calças. O batimento do coração de dor concentrou o desejo que fluía dentro dele.

—Minha —rugiu a palavra contra um lado de seu pescoço.

Ela se arqueou ante a pressão de seu beijo.

—Por esta noite.

O roce de seus dentes por seu pescoço corrigiu a afirmação. Suas endurecidas unhas se cravaram em sua pele. O estremecimento que o atravessou seguiu de perto ao dela, que a deixou retorcendo-se entre os lençóis. A excitação feminina, doce e aditiva, flutuou no espaço que existia entre eles, envolvendo-o em uma capa de certeza.

—Incrível.

—O que? —disse ela.

—Você. —Roçou a pele dela com a língua, fechando os olhos enquanto notava seu sabor sob seu aroma, diferente mas de uma vez igual.

— Contigo surge meu lado mais selvagem.

Ela apertou suas coxas um instante antes de abri-los, lhe arranhando o torso com muita suavidade para estimular sua febre de fazê-la sua como se fosse uma loba, mas o suficiente para incitar seu desejo e sua necessidade de perder o controle.

—Bem.

—Não. Não está bem. —Ele não podia assustá-la, machuca-la.

— Esta vez não.

Possivelmente nunca.

Inspirou, e ela se aproveitou. As arrumou para colocar uma mão entre eles com um objetivo claro, movendo-se entre suas pernas, apoiando seu grosso membro no triângulo entre suas coxas. Seu testículo se endureceram, criando um murmúrio de antecipação em seu interior. Estava perdendo o controle. Agarrou-lhe a mão e a apertou contra seu estômago.

—Joga sujo.

—Sim.

A carne lhe arrepiou. Ele percorreu suas costas. Lisa inclinou a cabeça a um lado para facilitar a exploração. A aberta amostra de submissão despiu o fio de seu desejo. Seu olhar se posou no lugar onde antes lhe tinha deixado a marca. A pele estava intacta, tinha-lhe desaparecido. Apertou com mais força seus cabelos, enquanto a mão dela penetrava pela cremalheira aberta de suas calças e se fechava sobre ele. A aberta carícia, mais quente que o fogo, abrasou-lhe. Sua garota, tomando-o em suas mãos. Porra, se reagisse dessa maneira em de tudo o que ela lhe fazia não ia durar muito.

Apertou-lhe o rosto contra seu peito e sussurrou a ordem em seu ouvido, concentrando-se no ponto onde deixaria sua marca.

—Vem aqui, seli.

—Vamos voltar sobre esse tema outra vez?

Desejo temperado com risada. Outra diferença entre a cópula humana e a de sua espécie.

Isso ele gostava. Mordiscou-lhe o lóbulo da orelha, apertando-a contra si, e a labareda de sensações subsequente a envolveu, lhe dando uma idéia da ferocidade de seu desejo.

—Sim.

—Por quê?

Ele negou com a cabeça, incapaz de lhe transmitir o que uma mulher lobo teria entendido instintivamente sobre o dar e receber das primeiras relações. Ela o observava com os lábios ligeiramente abertos, com a camisola caída pelo peito, que só era ligeiramente mais escuro que sua incrivelmente pálida pele. Seus seios se estremeciam pela rapidez de sua respiração.

—Porque eu quero.

Chamou-lhe a atenção o lóbulo de sua orelha. Agarrou-o entre suas presas, mordendo-o brandamente, relaxando a pressão ao notar seu ofego e seu tremor, lambendo a marca com sua língua, sujeitando-a enquanto o afrodisíaco se estendia por seu corpo, apertando os dentes ante a pressão e tensão de seus pequenos dedos.

Ela girou a cabeça, apertou sua boca contra a sua, abriu os lábios e lhe passou sua doce língua pela comissura dos lábios, tentando-o de novo.

—Donovan...

O sussurro de seu nome estava fazendo com que ele perde-se o controle, destruindo-o.

—Deseja-me, Lisa?

—Sim.

—Aceita-me?

—Claro que sim.

Ante a resposta, sentiu que seu lobo lutava por dominar a situação, pela supremacia, como sempre lhe passava em momentos de grande liberação de adrenalina. O desejo lhe enrouqueceu a voz. Lambeu com rapidez o lóbulo sensibilizado.

—Então, te ofereça a mim.

Esperava que se assustasse, que se afastasse. Se o tivesse feito, teria podido conter seu lado selvagem. Mas não o fez, mas sim lhe sorriu. Um sorriso zombador que chegou ao mais profundo e desentupiu essa parte dele que estava justamente tentando ocultar. Seus dedos se fecharam em torno de seu membro de novo, acariciando-o com ligeiras pulsações de prazer. Levou-se a outra mão ao ombro e devagar, muito devagar, baixou a alça, revelando uma pele branca cremosa que crescia e se elevava.

Sustentou-lhe o olhar, uma mulher desafiando o seu homem, lhe desafiando.

—O que você gostaria que te oferecesse?

O tecido ficou suspenso sobre a ponta do mamilo. Se soltaria com uma simples baforada de ar, um pouco de seu fôlego. Os dedos dela iniciaram seu caminho através do torso dele, cruzando as voluptuosas curvas que ele ansiava provar com uma carícia quase descuidada, dirigindo-se para a outra alça.

Ele a deixou jogar, desfrutando do espetáculo. Seu membro se inchou, desafiando a restrição de seus dedos. Sua surpresa se demonstrou com uma ligeira hesitação ao chegar a alça.

Os homens lobos eram muito parecidos com os humanos, mas havia algumas diferenças, por exemplo, no tamanho. Seu sorriso vacilante ficou oculto em um momento com essa expressão de fanfarronice dela que devia enganar a tantos. Moveu a cabeça.

—Não tem por que ocultá-lo, Lisa.

—Do que está falando?

Ele posou o dedo polegar na comissura de sua boca.

—Está preocupada.

—Tenho que modificar minhas expectativas, simplesmente.

À baixa, a julgar pelo arco de suas sobrancelhas.

—Vou estar pendente de seu prazer, seli.

—Por que me chama assim todo o momento?

Exerceu um pouco de pressão. Seus lábios se abriram e distinguiu mais à frente, o branco de seus dentes, o rosa de sua língua.

—É um termo carinhoso muito antigo.

—Isso não me diz nada.

Inclinando a cabeça, capturou a última sílaba com seus lábios, absorvendo o ofego e outro de seus estremecimentos ao deslizar a língua pelo interior de seu lábio.

—OH!

—O que?

Suas línguas se encontraram. A palma da mão de Lisa lhe apertou com força no ombro, antes de curvar os dedos e lhe cravar as unhas em exigência crescente.

—Que gosto maravilhoso.

O afrodisíaco, algo necessário em sua espécie. Preparava às fêmeas para a violência da cópula do homem lobo. Sempre lhe tinha incomodado de algum jeito, mas agora sentiu-se agradecido, ao deslizar a mão por suas costelas e dar-se conta do pequenos que eram os ossos da Lisa em comparação com os seus, que finos eram os músculos que cobriam-nos, que delicada sua constituição em comparação com uma fêmea lobo. Queria que gritasse, mas não de dor. Custou-lhe retrain suas garras antes de lhe passar a mão pelo estômago e cobrir seu ventre. Fez-se um vão entre as dobras que lhe receberam com sua doce umidade. O dilatado botão de seus clitoris se esticou contra a parte interior das articulações de seus dedos. Curvou os dedos elevando a ponta da úmida greta, lhe sustentando o olhar enquanto o fazia, observando como se obscurecia ao aproximar-se desse sensível pico, como suas pupilas se acendiam ao chegar e como seus dedos se detinham, acariciavam lenta e rapidamente de uma vez.

Continuou lhe sustentando o olhar ao conduzir seus dedos através de sua umidade e depois ao levar-lhe lenta e pausadamente aos lábios. Ao introduzi-los em sua boca, na expressão do rosto da Lisa se confundiram a surpresa e a vergonha, assim como uma ardente labareda de excitação. Sua essência fluíu através de suas papilas de gustativas com uma chamada tão capitalista como um afrodisíaco.

—Você também tem um gosto muito bom.

—Não posso acreditar no que está fazendo.

—Disse-te que ia levar minha boca por todo seu corpo.

Ela pôs sua mão entre os dois.

—Mas ali não!

Um sorriso se abriu passo através da forte quebra de onda de desejo.

—Como pode uma mulher tão atrevida ser tão inocente de uma vez?

—Eu não sou inocente.

—Se não sabe que esse é o lugar que mais desejo provar, então é mais inocente que uma recém-nascida.

A jovem levantou as sobrancelhas. Em dois puxões tirou a mão de suas calças e lhe sujeitou a nuca. Deixou-lhe fazer. Por muito que o tentasse, não ia detê-lo.

A curva de seu seio atraiu a sua boca. Beijou-o com a boca aberta antes de seguir para abaixo. O sedoso tecido da camisola se enganchou com seu queixo áspero, retirando-se a seu passo. Um ofego anunciou a chegada do queixo ao alto de seu mamilo. Foi o

suficientemente rápido para entrever a expressão de prazer absoluto que se lia em seu rosto.

—Pensa no quanto vai gostar quando fizer o mesmo com seus clitóris.

A única coisa que obteve como resposta foi um ligeiro gemido. Como era muito guloso, quis ouvi-lo de novo. Esfregou-lhe com cuidado. Ela se retorceu violentamente, mas não voltou a emitir esse excitante som. Ao olhá-la, deu-se conta de que se estava contendo a propósito. Seus olhos azuis cintilavam através das pestanas, desafiantes, desafiadores. Enterrou os dedos de novo entre suas pernas e rugiu uma advertência. Isso obteve uma resposta. Entre seus dedos se derramou uma deliciosa nata, enquanto a entreperna da jovem se fechava em um beijo faminto. Gostava de seu rugido.

—Fique quieta.

Lisa se moveu debaixo dele, acomodando o quadril entre suas mãos.

—Não quero.

Outro empurrão de seus quadris deixou claro que necessitava incentivo. Voltou a localizar seus clitóris. Estava duro e inchado, e acalmou sua fome com uma ligeira carícia. A jovem ficou cravada no lugar. Voltou-o fazer. Modificou suas carícias guiando-se por seus ofegos até que deu com o suave movimento circular que conseguiu agitar sua respiração até o extremo.

Suave. Porra, tinha que reagir assim a uma carícia tão suave. Suave, embora em seu interior uma voz lhe ordenava possuí-la, reclamá-la como dele, marcá-la.

Deixou cair à frente em seu estômago, esfregando-a contra a camisola.

—Vais acabar comigo, seli.

Retorceu-lhe o cabelo com os dedos e atirou dele. Donovan ignorou a ordem.

—Não sou eu quem está perdendo tempo.

Não, mas somente porque não entendia ao que se arriscava.

—Sinto muito.

—Nada de desculpas. Só se apresse.

Beijou-a no estômago, Sorrindo ao notar que a suave carne subia e baixava com sua trabalhosa respiração. Incrementou a pressão de sua carícia levantando de uma vez a beira de sua camisola com o queixo.

Enquanto lhe paralisava as coxas com os ombros, apanhou-lhe o pulso e lhe apartou a mão. Colocou-a no lugar de seu ventre onde lhe acabava de beijar. Seus dedos se entrecerraram, como se quisesse reter a lembrança.

—Fique aí.

—Não irá chu...

—Sim, e te vai adorar.

Tentou fechar as pernas quando já era muito tarde.

—Quem o diz?

—Eu e todas as terminações nervosas de seu corpo.

—Nem sequer tomei banho!

Requereria muita concentração averiguar o que importava isso. Certamente, não era o momento se podia cheirar os deliciosos fluidos de sua excitação. Depois de anos de espera, especulação, esperança, isso era o máximo que uma mulher podia pedir a seu companheiro.

E um segundo mais de espera era muito. A calcinha caiu a um lado com um movimento de sua garra e então já não houve nada que se interpor entre os dois. Nem tecido, nem tempo e nem distância. Nada.

Ao sentir o primeiro toque de sua língua, ela ofegou. No segundo, gritou. No terceiro, pôs o travesseiro sobre o rosto e relaxou as pernas, o que lhe veio de maravilha. Nenhum homem, lobo ou humano, queria nenhuma distração ao encontrar-se com um festim como o que tinha ante seus olhos.

Era tão formosa ali como em outros lugares de seu corpo. Os lábios interiores, inchados pelo desejo, úmidos pela excitação se desdobravam com uma impaciência que vibrava em seu próprio sangue. Respirou fundo de novo e sentiu outra vez que tanto essa mulher como esse momento era o que tinha estado esperando. Dispôs-se a desfrutar, recreando-se em sua suavidade, bebendo sua beleza até que o travesseiro já não foi capaz de afogar seus gritos. A tensão bulia por seus músculos, amadurecia seu aroma. Estava perto, muito perto. Quão único o retinha era a velha tradição que dizia que a boa sorte sorria à união que começava bem. E isso significava que Lisa tinha que gozar com seu membro essa primeira vez.

Introduziu um dedo em sua vagina. Seus músculos se sacudiram. Retrocedeu, lhe rodeando o clitóris com a língua, sem lhe dar mais estimulação de uma vez que comprovava seu canal.

Apertou os dentes enquanto seus músculos cediam ante a pressão de seu dedo. Era pequeno.

Pequeno e tenso. Introduziu-se mais fundo. As costas de Lisa se arquearam sobre a cama. Os sedosos músculos se ondulavam em fortes impulsos, atraindo-o para o interior.

—Donovan!

Apesar do travesseiro, ouviu a chamada de seu desejo, sentiu-a. Compartilhou-a. Seus testículo lhe doíam e atiravam. Ele tampouco ia durar muito.

Com um pesaroso último beijo, abandonou sua vagina, tirando o dedo, mas não podia deixar sua pele. Não de tudo. Seu desejo era muito forte, sua atração muito potente. Demorou uns cinquenta beijos em chegar a seu peito. Outros dez em chegar à boca.

As mãos da Lisa o levaram mais acima, até envolvê-lo em seu beijo. As lágrimas de suas bochechas lhe umedeceram a pele. Entre seus dentes ficaram apanhadas mechas de cabelo.

—Donovan.

—Aqui estou.

—Prometeste-me que poderia esquecer.

—Já sei. —Com sua mão livre atirou dos jeans para liberar a seu membro.

—Dê-me um minuto e te darei tudo o que te prometi.

—Não quero tudo, somente a você. Agora.

Ele se lançou sobre a cama. O colchão se afundou. Ela se recostou no vão, se introduziu o dedo polegar do Donovan na boca, olhou-o e começou a chupá-lo. Esta vez foi ele quem ofegou roucamente enquanto que umas cócegas de alerta subiam por suas costas.

—Maldita seja, não me faça pensar em coisas assim ou asseguro que a má sorte nos perseguirá.

—Má sorte?

Ele negou com a cabeça, mais para dissipar os pensamentos que para responder a sua pergunta.

—Dá igual. Somente é uma superstição.

Concentração. Tinha que concentrar-se. Com veloz eficiência preparou seu membro, introduzindo a grossa cabeça na escorregadia abertura. Os olhos dela se abriram como pratos ao notar até que ponto estava excitado. Os olhos do Donovan se fecharam ao sentir o calor abrasador que lhe esperava. Abriu-os quando Lisa lhe soltou o dedo.

Tinha passado de nervosa a excitada, e agora se encontrava alarmada.

—Não, seli, não tenha medo.

Ela sorriu forçadamente.

—Acredito que é um pouco mais do que esperava.

Assim era em muitas maneiras das que supunha, mas seu dever era tranquilizá-la, lhe facilitar a entrada em sua vida, cuidá-la de todas as maneiras possíveis. Seu desejo ia além do sexo. Apertou-se contra ela, mantendo a conexão embora Lisa houvesse preferido soltar-se.

—Sei o que faço.

Ela jogou uma olhada para baixo. Devolveu-lhe um olhar francamente cético.

—Com certeza que sim, mas não sei se as camisinhas que comprei vão servir.

Merda. Esqueceu-se desse aspecto dos rituais da cópula humana. Os homens lobos não eram portadores de enfermidades e a gravidez, que ocorria poucas vezes, era algo muito desejado.

—Camisinhas?

Esquivou sua mão, que começou a rebuscar daqui para lá. Ao dar-se conta de que estava tentando alcançar a gaveta da mesinha, a abriu, deixando escapar o fôlego através dos dentes porque os músculos de Lisa se separaram uns centímetros, provocando-o com o calor que havia mais à frente. Na gaveta havia uma caixa pequena.

O ciúmes se apoderou dele ao dar-se conta do que era. Conseguiu falar com um tom tranquilo apesar de tudo.

—Guarda os preservativos junto à cama?

—Eu gosto de estar preparada. —Seus olhares se cruzaram.

—Te incomoda?

—Absolutamente.

Abriu a caixa rasgando-a, aplicando a violência sobre o papel. Os preservativos se chocaram contra um lado da gaveta.

Lisa se virou ao ouvir o ruído e de uma vez a ponta de seu mamilo lhe esfregou o peito.

—O que houve?

Tinha perdido a cabeça. Algo que não lhe tinha ocorrido desde a infância. Agarrou os preservativos.

—Caíram.

—OH.

A moça voltou a acomodar-se sobre a cama e deslizou os dedos por seu abdômen, enredando-os no pêlo por debaixo de seu umbigo, continuando até chegar a base de seu pênis. O desejo lhe ferveu no sangue. Embora soubesse que ia chegar, nada o tinha preparado para o calor de seus dedos, a firmeza de seu punho. Um raio teria sido menos devastador.

Fechou os olhos e apertou os dentes, deixando que o instinto guiasse seus quadris. Lisa nem sequer pestanejou, limitou-se a segui-lo, adotando seu ritmo, sua velocidade.

Donovan atirou os pacotes sobre a cama e lhe agarrou o pulso. Ela jogou uma olhada.

Apertou-o com mais força e sorriu ainda mais.

—Sente-se ambicioso hoje?

—Só tem estes?

—Sim.

Fechou os dentes sobre seu lóbulo, detendo-se quando estava a ponto de lhe morder levando-a até o limite. A cama se afundou ao ficar de lado. Separou um preservativo do resto.

—Então não, não acredito que vá conseguir nenhum recorde.

Ela não deixou de sorrir, mas levantou as sobrancelhas.

—Você da conta que pôs a fita de seda muito alto, verdade?

—Estraga. —Abriu o pacote e olhou o conteúdo. A camisinha ia resultar-lhe muito pequena. Merda!

—O que acontece?

Ele lhe mordeu. Lisa se estremeceu e ofegou, e a cálida chuva de seu prazer lhe banhou o membro, deteriorando sua determinação de fazê-lo a sua maneira, de fazê-la sentir a gosto.

—Parece-me que não me vão caber.

A jovem lhe golpeou no ombro, fazendo-o cair de costas. Rodou pelos travesseiros. Ela ficou sobre ele com uma expressão tão selvagem como a de um lobo. E tirou o preservativo da mão.

—Já verá como sim.

Assim foi, embora com muita dificuldade pudesse conter a ponta que, asfixiada, lutava por escapar a seu controle. Não estava seguro de que Lisa o notasse. Parecia decidida a voltá-lo louco. Ou possivelmente queria chegar ao limite ela mesma. De qualquer maneira, ele estava disposto ao que fosse. Quando se encontrou de novo sobre ela, com seu membro a caminho de seu interior, com um seio em sua mão e o mamilo sob o polegar, voltou a beijá-la. Profunda e firmemente, suavizando sua agressividade com a sua, lhe roubando o controle, até que ela se tranqüilizou e decidiu ser complacente, até que gemeu seu nome aceitando-o. Surpreso, notou uma cicatriz cirúrgica no lado direito de seu abdômen, decidindo lhe perguntar sobre isso depois.

—Assim está bem —lhe tirou o cabelo do rosto.

— Deixe-me ocupar disto.

—Por que tem que marcar você o ritmo?

—Porque sim. —Penetrou-a, sentindo como se estiravam os pequenos e sedosos músculos e como resistiam antes de relaxar-se e deixar que entrasse esse primeiro centímetro.

A pesar do preservativo, seu calor lhe abrasava. Provocava-o.

— Minha reputação é a que está pendente de um fio.

—OH.

A jovem franziu o cenho enquanto ele seguia empurrando. Cravou-lhe as unhas nos ombros, atraindo-o. Seus polegares o apartavam secamente, ao crescer a incerteza em seu corpo ante a posse a que ele a estava submetendo. Seu lobo rugiu um protesto, reagindo instintivamente ante sua resistência com o impulso da dominação. Ele empurrou com as palmas abertas enquanto seu corpo se adaptava à intrusão do dele.

Outra exclamação ofegante, feminina, aguda, que se mesclava com o doce perfume de seu desejo, saiu de seus lábios. Ele inalou ambos. Porra, nunca havia sentido nada assim.

Seguiu penetrando-a, lutando por manter o controle enquanto ela se adaptava a seu tamanho. Estremeceu-se enquanto a jovem o apertava em seu interior, incitando-o a ir ainda mais fundo. Apartou-lhe o cabelo do rosto de novo, analisando sua expressão em busca de alguma amostra de incômodo, mas encontrando tão somente o mesmo prazer extremo junto com o assombro.

Isto retinha sua atenção e o atraía. Queria alimentá-la, nutri-la, explorar a novidade junto a ela. Maldita seja. Seu olhar desceu até seu mamilo, duro como uma pedra, enquanto se estremecia sobre seu seio com sua seguinte inspiração. A quem pretendia enganar? O que desejava era explorá-la.

—Está bem?

Demorou pelo menos cinco segundos em levantar as pestanas, revelando o azul de seus olhos.

—Não.

Esta vez tocou a ele franzir o cenho.

—O que acontece?

Lisa deslizou as palmas por suas omoplatas, sua cintura e depois as fez subir por suas nádegas, onde se detiveram. Cravou-lhe as unhas na firme carne.

—Estou morrendo de fome e você está se contendo.

Ele deixou que o apertasse, observando-a atentamente.

—Possivelmente queira me assegurar de que pode agüentar o que pediste.

—Com certeza que sim. Confie em mim.

—Aceita-me?

—Se disser que sim, seguirá em frente?

Outro sorriso atravessou o limite da paixão.

—Sim.

—Então, é obvio. —Suas unhas não deixaram nenhuma dúvida de que o dizia a sério. Donovan o respondeu retroagindo seus músculos antes de penetrá-la impetuosamente. Tampou-lhe a boca bem a tempo de amortecer o grito que a rasgou.

Não foi o único que se rasgou. A fina camisinha se rompeu sob a pressão de sua investida. Não lhe importou, não lhe podia importar, porque agora somente o existia entre eles o escorregadio calor do apertado canal feminino e o desejo de plenitude. Ela se arqueou e outro grito seguiu de perto ao primeiro ao recebê-lo por completo. Ele aceitou o convite, pousou seus dentes em seu ombro, rugindo ao explodir dentro dele seu próprio clímax, mordendo, sentindo como as glândulas de sua boca liberavam o hormônio que deixaria uma marca escura. Marcou-a como dele, sujeitando-a entre seus dentes e seu membro.

Para sempre.

Capítulo 8

Lisa começou a chorar de madrugada com soluços roucos e dilaceradores que fizeram Donovan desejar sair e matar o que os tivesse provocado. Mas tudo o que podia fazer foi abraçá-la até que passou o pior, até que os soluços amenizaram. Roçou-lhe a têmpora com os lábios e as lágrimas se derramaram por seus lábios como um banho de sal.

—Prometo-te que estou saudável.

Ela pestanejou.

—O que?

—Não posso te contagiar com nada, apesar da camisinha ter rompido.

—A camisinha se rompeu?

—Sim.

—Genial.

Assim que isso não era o problema. O que somente deixava duas opções. Recolheu a seguinte lágrima com a ponta do dedo.

—Tampouco posso te deixar grávida. —A não ser que quisesse, e isso só se a sorte lhes sorrisse.

Lisa sorveu pelo nariz e passou a mão pelo rosto.

—Suponho que isso te converte no amante perfeito.

—Perfeito não. Sobre tudo se depois te põe a chorar —se levou a lágrima aos lábios.

Apartou-lhe com as mãos.

—Não é nada.

Donovan franziu o cenho.

—Está chorando.

A jovem franziu o cenho a sua vez.

—E o que?

—Quero solucionar o que te passa.

A Lisa não fez nenhuma graça a resposta. Outro golpe seguido de um olhar assassino.

—Talvez esteja chorando porque me submeti a esse pênis monstruoso teu.

A mão dele se fechou sobre a curva de suas nádegas.

—É certo?

—Fui com muito cuidado. Muito suave.

Lisa voltou a soluçar ao escutar a ênfase da palavra suave. Suas lágrimas não tinham nada que ver com ele, e não era justo lhe fazer pensar o contrário. Abriu a boca para dizer-lhe. Ele a cortou.

—Não te fiz mal.

Não podia sabê-lo de maneira nenhuma.

—Essa é uma presunção incrivelmente arrogante.

—Mas não por isso menos verdadeira. Diga-me, por que chora?

Como podia lhe contar tudo? Nem sequer o conhecia.

—Não é da sua conta.

O polegar que lhe tinha estado acariciando a bochecha se colocou sob sua mandíbula e pressionou. Não teve outra opção que levantar a cabeça. Estava tão bonito como antes, com a expressão suavizada pela recente satisfação, seus olhos escuros por uma emoção que não pôde discernir por culpa das lágrimas. Enquanto que ela, sem dúvida —graças a

seu ataque de pranto— pareceria uma bruxa. Uma bruxa despenteada com olhos inchados e nariz vermelho.

Esticou a mão em busca do interruptor. Não chegava. Tornou-se sobre seu peito, apertando o rosto contra seu ombro. Seguro que lhe estava causando toda uma impressão pós coito.

—Eu não gosto de ter as luzes acesas todo o tempo.

Donovan estudou seu rosto, detendo-se nos olhos. Tomou sua mão levando-lhe aos lábios antes de colocá-la sobre seu coração. A cama se moveu ao jogar um braço atrás e apertar o interruptor. Com essa pequena atenção quase começa a chorar de novo.

Suspirando, voltou a apoiar-se sobre seu ombro.

—Eu adoraria ter lhe conhecido em outro momento.

Ele ficou quieto dessa maneira tão peculiar que já tinha notado antes.

—Por quê?

O pêlo de seu peito lhe raspava a palma da mão. Esfregou-o, concentrando sua atenção no mais ligeiro som que provocava que na ação em si mesmo.

—Acredito que teríamos podido ter algo especial.

—Temos algo especial. —Cobriu com sua mão o lugar do ombro onde lhe havia mordido. A marca queimava. A pele lhe arrepiou, também entre as pernas. O lugar pulsava em expectativa. Esse homem tinha um lado misterioso, e a verdade é que gostava.

—Só foi uma noite, Donovan.

—Fez amor com um lobo, Lisa. Não há volta atrás.

Ela pôs os olhos em branco. Havia egos e egos.

—Olhe, agradeço-te a experiência, mas não é que me tenha desgraçado para outros homens.

Tecnicamente, podia ser uma mentira, mas não ia admitir. Agarrou-a pelo cabelo com mais força. Um momento antes estava aninhada em seu ombro, enquanto que ao seguinte encontrou-se de costas na cama com ele em cima.

—Sim, eu o fiz.

Isso era muito. Tentou apartar-lhe pondo as mãos sobre seu peito, mas era como tentar empurrar uma parede. O impacto chegou aos pulsos. Apertou os dentes para ocultar a dor e lhe espetou:

—Não, assim supera-o.

O homem rugiu. Não havia outra forma de descrever esse ruído que lhe saía do peito.

Sua virilha, como sempre, lhe fez cócegas ao notar o som primitivo, e depois, apesar do aborrecimento que experimentava em seu interior, suavizou-se amigavelmente. A cama se afundou enquanto seus joelhos se situavam entre os da jovem.

—Não haverá outros homens, Lisa.

Notava-o sobre ela; todo músculo, masculino e não de tudo dominando a situação.

Retorceu-se para cima e se encontrou com a barreira de seus braços. Tentou-o por abaixo somente para topar-se com a larga cabeça de seu pênis. Não só era um homem irritante, mas também insaciável. Levantou o queixo.

—Isso não é teu assunto.

Ele lhe acariciou a bochecha com os nódulos.

—Eu serei o único enquanto esteja comigo, seli.

—Não me chame assim! —Empurrou-lhe o peito— E saia de cima.

—Por quê?

—Porque está se comportando como um tirano.

—Mas você gosta.

—Não.

—Seu corpo diz o contrário.

Muito típico dos homens!

—Que me sinta atraída fisicamente por você, não significa que queira ter uma relação contigo.

Outro silêncio.

—Não?

O modo em que o disse a fez vacilar.

—Não.

Ele não se moveu, não falou. Lisa não podia suportar esse silêncio.

—Atraíram-me sexualmente muitos homens com os que decidi não ter uma relação.

Embora no quarto reinasse a escuridão mais absoluta, teria jurado que podia distinguir seus olhos. Não com precisão, mas pareciam romper o negrume, quase como resplandecendo. A pele lhe arrepiou de novo. Os músculos do Donovan se esticaram. Não deixou que se levantasse nem tampouco a envenenou mais, limitou-se a ficar onde estava... pensando?

Ao final, rompeu o silêncio.

—Se sentiria mais cômoda com sua decisão se a meditasse um pouco mais?

Falava como se fora um fato consumado.

—Quando tomo uma decisão, o tempo é algo imprescindível.

Passou-lhe a mão por detrás da cabeça, enredando os dedos em seu cabelo. Roçou seus lábios com os seus.

—Nega-te a aceitar o que há entre nós?

—Não —sim. Estava-o fazendo? Fazer amor com ele tinha mudado algo entre eles. Não sabia dizer o que. Possivelmente ali residia o problema. Não gostava dos mistérios.

—Não parece muito segura.

—Ainda não o estou.

Agarrou-lhe o lóbulo da orelha com os dentes, detendo-se justo a ponto de lhe morder, levando-a até o limite. A cama se afundou ao mover-se. Sua outra mão ficou debaixo dela.

Em um desses movimentos que demonstravam sua força e a encantava secretamente, ficou de costas. Não lhe tirou as mãos de cima. Muito esperto, porque se o houvesse feito teria escapado da cama mais rápido que canta um galo. Seu membro pulsava entre suas pernas, como um eco do batimento do seu coração. Outra conexão inquietante entre ambos.

Era algo capitalista, que lhe assustava, e de uma vez, se tivesse acreditado nos contos de fadas, perfeito.

E a verdade é que não tinha tempo para isso.

—Já te disse que não era o momento.

—Não estou de acordo.

Por que não lhe surpreendia?

—Não posso te oferecer nada mais que isto agora mesmo.

—E isto é...?

—Sexo, quando quiser. —Quase se travou na última sílaba, pois a calidez de sua mão se incorporou a seu seio, rodeando-o por inteiro.

—E se te dissesse que me parece bem?

—Te chamaria de mentiroso.

Passou-lhe o polegar pelo mamilo.

—Por quê?

Essa noite lhe tinha dado muita atenção a seus seios. Ainda tinha os bicos sensíveis, quase ao vermelho vivo. Retorceu-se ante a sensação, quase era dolorosa.

—É muito intenso para mim —pôde ofegar.

—Sou perfeito para você. —A carícia da gema de seus dedos por sua coluna vertebral cessou. A pressão sob as omoplatas lhe fez incorporar-se.

—Vem aqui.

Seu ventre se viu invadido pelo desejo mais ardente e imediato que contraiu seus músculos e lhe roubou um gemido da garganta. Ele havia dito isso muitas vezes durante a noite, e sempre que lhe tinha obedecido, tinha-a feito gozar de uma maneira diferente e mais excitante em cada ocasião, até que tinha perdido a conta. Negou com a cabeça, quase com desespero.

—Não.

Não lhe deixou nenhuma opção, pois aproximou sua boca a ela.

—Shhh! Precisa de cuidados.

Cuidados? Chamava-o assim agora? Chiou quando o calor de sua boca rodeou seu mamilo, esticou-se ante sua língua, mas sua força não era nada comparada com a sua e tudo o que pôde fazer foi preparar-se para a dor.

Mas nunca chegou. Em seu lugar, igual a quando lhe tinha beijado na queimadura do braço, encontrou-se com o calor, a carícia de sua língua úmida e depois, cessou a dor.

Lambeu-a brandamente até que a tensão abandonou seus músculos.

—Me dê seu outro seio.

A tenra ordem vinha da escuridão. Lisa não o duvidou, limitou-se a trocar de posição e esperou sem respiração durante um segundo. Chegou com a mesma delicadeza, o mesmo cuidado. Fechou os olhos enquanto as moléstias desapareciam. Ao sentimento de atenção se unia o de segurança que lhe proporcionava que lhe sujeitasse pelo quadril. Se encarregou desse seio com a mesma meticulosidade que do outro. Quando ficou a lambê-lo, ela sossegou um bocejo. Soltou-lhe o mamilo separando lentamente os lábios. A excitação, que sempre andava à espreita quando se encontrava a seu lado, saiu à superfície a pesar do cansaço que denotava.

—Cansada?

Assentiu. Uma vez mais, trocou-a de posição delicadamente. Ela abriu as pernas enquanto o desejo e o esgotamento lutavam pela supremacia. Ele se deslizou fora da cama. Teve a impressão de uma sombra e um momento depois sua boca se encontrava sobre a sua, quente, experimentada, completamente carnal em sua exigência de uma resposta. Uma resposta que ela não teria podido conter embora o tivesse querido. Ele era o que mandava nesta situação. Quando Donovan se separou, lhe seguiu, aferrando-se ao sentimento, à conexão.

—Shh. —Agarrou-lhe os pulsos com os dedos, lhe apartando os braços de seu pescoço, acomodando-a de novo sobre os travesseiros.

—Fique assim.

Ela fechou os olhos quando o homem saiu do quarto, utilizando o rangido ocasional do chão de madeira para seguir seu caminho para o banho. Ouviu o som da água, uns quantos rangidos mais, e de novo o teve a seu lado. O edredom se apartou. Sua mão no interior de sua coxa lhe fez sobressaltar-se. O pano quente que lhe aplicou entre as pernas lhe arrancou um gemido. Depois um suspiro. Quando o pano se esfriou, empurrou-lhe o braço. Notava-se muito irritada para que lhe roçasse qualquer outra coisa.

—Dói?

Levantou uma pálpebra, embora não pôde distinguir nada, enquanto que ele parecia que podia encontrar tudo o que queria com uma exatidão inquietante. Se não tivesse tão cansada, teria protestado ante essa injustiça.

—Sim, e nem pense te ocupar disso.

—Muito tarde.

Quando ele aproximou a cabeça a seu quadril, tentou afastá-la.

—Digo-o a sério, Donovan.

—Não seria um lobo como manda a tradição se te deixasse assim.

—Não se preocupe, sua reputação não ficará manchada, asseguro-lhe isso.

Não se deteve.

—Não me arriscarei.

Ela colocou a mão sobre o ventre. Ele a agarrou.

—Donovan...

Não pôde falar mais. Sua língua se estendeu sobre a pele irritada. A dor apareceu por um segundo para sumir antes que pudesse terminar sua exclamação.

—Shh. Deixe-me te cuidar.

A mão que colocou sobre sua pélvis não lhe deixou outra opção. E a verdade é que não queria tê-la. A cálida carícia de sua língua cobriu sua carne com uma massagem relaxante, que levou a tensão de seus músculos deixando passo à fadiga. O sono lhe reclamava. Deixou cair a mão até sua cabeça. Sentiu seu cabelo fresco contra as gemas dos dedos.

—Sinto muito.

Cessou seus serviços com um ligeiro beijo em suas dobras. Experimentou uma pequena espetada no rosto interior da coxa e uma rajada de prazer que chegou até seu centro.

Antes que pudesse protestar, ele a empurrou com suavidade e ficou de costas. Pôs-se em cima dela e começou a riscar círculos sobre suas omoplatas, lhe roubando toda tensão.

—Por quê?

A jovem colocou o queixo sobre o dorso das mãos.

—Estou muito cansada.

—Então, dorme.

Notava seu membro, que descansava pesadamente sobre suas nádegas. Obrigou-se a abrir os olhos e o apertou, e algo de suas forças retornou.

—Não é justo para você.

—Me deixe decidir isso. —Deu-lhe um tapinha nas nádegas.— Dorme.

Como se seu corpo só tivesse estado esperando a sua permissão, o cansaço a envolveu como em uma névoa. Enquanto a bruma se abatia sobre ela, uma lembrança a assaltou.

Havia algo que tinha que fazer. Algo importante. Tentou recordar. Seu membro pegou uma sacudida e então lhe veio à mente.

—Lembrará de comprar preservativos amanhã?

Suas mãos pararam a metade de carícia. Sua resposta afirmativa ficou oculta por um grunhido de desgosto.

Ela franziu o cenho. Podia ser o mais sexy do mundo, mas não ia continuar arriscando sua vida para lhe agradar.

—Promete-o?

Ele voltou a se ocupar da massagem.

—Prometo-o.

—Ok. —Bocejou e se afundou ainda mais nos travesseiros.

— Porque acredito que vou te necessitar de novo.

— Contava com isso.

A promessa a acompanhou no sonho.

Acredita que alguém vá ter preservativos que valham a um homem lobo?

—Não, mas lhe prometi que o tentaria.

Mais risadas.

—E sempre cumpre o que promete?

—Sim.

—Bom, olhando desta maneira, quando lhe revelar o que é, também pode comentar que não os necessitam.

—De algum jeito, não vejo como isso vá reduzir o impacto.

—Certamente não, mas te fará desejar que chegue o momento de dizer-lhe .

Não via a hora. Odiava tudo o que se interpunha entre seu membro e sua tenra carne.

Wyatt adotou um tom mais sério e se reclinou na cadeira.

—Saiu o tema do por que estão Robin e ela tão preocupadas?

—Sim, mas me distraí.

O outro homem sorriu.

—Tenho que te confessar, Protetor, que estou descobrindo a uma pessoa nova em você.

—Te cale, Wyatt.

—É assim que se fala com o chefe?

Donovan ficou com a caneca na mão a meio caminho da boca.

—Vai voltar?

—Acaso o duvidava?

Não, a verdade é que não. Nunca tinha duvidado de que Wyatt fizesse o que devia.

—Esperava que fosse por um pouco mais de resistência.

Seu primo suspirou. Começou a golpear a caneca com as pontas dos dedos.

—Por isso disse ontem, não tenho muito tempo que dedicar a demonstrações temperamentais.

Donovan nunca tinha visto que Wyatt se comportasse de forma caprichosa em sua vida. Teimosamente, sim. Com aborrecimento, sim. Mortiferamente, também. Mas nunca por capricho.

—O velho está desejando reunir-se com sua companheira.

Wyatt bebeu o resto do café de um gole e os músculos da garganta se moveram muito para tratar-se de uma simples bebida. A amargura da dor suavizou seu aroma, mas quando deixou a caneca sobre a mesa, nada de sua angústia se refletiu em seu rosto.

—Só me preocupa algo por ir daqui.

—O que?

—Ficará sozinho para arrumar isso com o Buddy e companhia.

—Ninguém fica em seu lugar quando está fora?

—Meu substituto.

No tom de voz se notava mais preocupação que outra coisa.

—Vejo que não é um tipo que te inspire muita confiança. Quando irá?

A cadeira de seu primo raspou o chão ao levantar-se.

—Agora. —Agarrou o chapéu do respaldo.

—Ontem à noite chamei o Kelon. Estará aqui dentro de uns dias.

—Aposto que ficou encantado.

—Soava tão entusiasmado como sempre.

Com certeza que sim. Sabia exatamente como teria recebido Kelon as notícias. Ele era todo dureza e determinação. Nos velhos tempos, Donovan tinha sido capaz de lhe fazer rir, mas nas últimas décadas se tornou cada vez mais sério, de maneira que já não podia lembrar-se de quando tinha sido a última vez que tinha ouvido seu irmão rir. Seu otimismo havia diminuído pela longa espera da chegada de uma companheira, o mais duro para um lobo.

Donovan jogou uma olhada a alegre cozinha, pensou nas duas mulheres que estavam lá em cima, em quanta esperança tinham posto neste lugar e no perigo que corriam. Embora não pensasse que lhe custasse muito ajustar contas com o Buddy, ainda ficava o assunto que tinha levado Lisa a sua cama na noite anterior. Tinha que ser algo importante. Agora que estavam juntos, era responsável pelo tema. Suspirou e apartou a xícara, ficando em pé.

E isso significava que necessitava a seu irmão.

—Kelon se adaptará. —Estendeu-lhe a mão.

— Que tenha boa viagem, Wyatt.

Ele a apertou e colocou o chapéu sobre a cabeça. A aba lhe ocultava os olhos, deixando sozinho visível como amostra do que sentia um sorriso ligeiramente forçado em seus lábios e um ar de determinação.

—Se cuide, Donovan. Me daria muita raiva ter que voltar a recolher um cadáver em vez do meu Protetor número um.

—Terei isso em conta.

Wyatt deu a volta e abriu a porta. Por um segundo sua silhueta se recortou no marco, sublinhada pela alvorada povoada de nuvens. Um vento gelado penetrou pela abertura e

deu com os pés de Donovan. Subiu-lhe pela coluna vertebral. Wyatt estava indo pra casa, mas haveria muitos que não estariam contentes de vê-lo e que não receberiam com boa cara as mudanças que proporia. E teria que enfrentar a eles sozinho. O chão rangeu sobre sua cabeça, anunciando que Lisa levantara. Ficou parado, dividido em dois por suas lealdades, amarrado por seu juramento. Comprometido com sua companheira e com obrigações para seu líder.

Wyatt saiu ao alpendre, girou e cruzou o olhar com o seu, compreendendo imediatamente.

—Seu lugar está aqui no momento.

Assim era, mas não o fazia mais fácil ver seu Alfa enfrentando-se desprotegido ao que poderia ser uma situação perigosa.

—Ao menos lhe diga ao Kelon que volte.

Seu primo sorriu.

—Posso suportar uns quantos duelos.

A manada podia mostrar-se teimosa quanto às tradições. E não todos os lobos punham a honra antes que os resultados. Os encanamentos soltaram um protesto ao ligar a ducha. O desassossego o envolveu.

—Vigia seus passos.

O outro assentiu.

—O farei.

A porta se fechou a suas costas com decisão.

Vinte minutos depois, Lisa entrou na cozinha. Donovan esperava um sorriso, mas não obteve nenhum. De fato, ela nem sequer o olhou, limitou-se a agarrar uma xícara e se dirigiu diretamente à cafeteira, como se sua vida dependesse disso. Agarrou-a pelo braço quando a teve a seu alcance e lhe levantou o queixo com o índice. Tinha estado chorando.

Acariciou com o dedo o salgado caminho que as lágrimas tinham percorrido. Algo se revolveu em seu peito.

—Estiveste chorando.

—Me caiu sabão nos olhos.

Ele poderia ter acreditado a não ser porque estava apertando tanto as mãos sobre a xícara azul que os nódulos lhe haviam posto brancos. Perguntou-se se devia tirar o tema ali e agora, mas o desejo com o que ela olhava a cafeteira lhe fez trocar de idéia.

—Necessita café?

—Com certeza sim.

Ele riu entre dentes.

—Você não gosta de madrugar, verdade?

A jovem seguia sem olhá-lo.

—Não, se posso evitá-lo.

—Isso vai te dificultar um pouco administrar um hotel, não?

—Já me adaptarei.

—Com certeza que sim.

Lisa lhe fulminou com o olhar.

—Está debochando de mim?

Ao menos agora o olhava. Tirou uma cadeira e a levou até ela.

—Não. Somente estou comentando o que vejo.

Ela se sentou, apoiando a frente em uma mão e com a xícara vazia na outra, estendida para frente. A silenciosa ordem lhe fez sorrir.

—Sua força é admirável. —A jovem não pronunciou nenhuma palavra enquanto lhe servia o café.

— Leite ou açúcar?

—As duas coisas. Três cubinho de açúcares e bastante leite.

Ele a olhou.

—Vai tomar um café ou sobremesa?

Lisa tirou seu o cabelo úmido do rosto.

—Se tanto te incomoda, te afaste e o farei eu mesma.

Donovan levantou a mão antes que ela se pudesse em pé.

—Calma, já vou. É que nunca tinha visto ninguém que tomasse assim.

—Bom, pois agora já viu.

Pelo modo em que se sentava na cadeira, os ombros retos, os braços cruzados, o lábio inferior ligeiramente caído, estava claro que procurava briga. Jogou o açúcar e o leite como lhe tinha pedido, deu a volta e se apoiou no balcão.

—Isso está claro —disse Donovan.

Ela indicou à garrafa térmica.

—Vai dar o café ou não?

—Se me pagar por isso.

—Com o que?

Era uma garota desconfiada.

—Com um beijo.

Demorou um segundo, mas seus ombros se relaxaram um pouco.

—Tenho que ir buscá-lo? Porque agora que me sentei não gostaria muito de me levantar.

Ele sorriu e se separou do balcão.

—Não. Esta manhã estou de bom humor.

Só lhe custou três passos chegar a seu lado. Sua cabeça se apoiou com naturalidade na palma de sua mão. Ao olhá-la voltou a reviver a noite com a sedutora promessa de seus olhos. Os lábios dela se abriram.

Lisa queria que a beijasse. A consciência disso o atravessou com o ardor do desejo. A antecipação que tinha estado fervendo em seu sangue chegou a seu ponto de ebulição.

Aproximou-se ainda mais, deslizando a mão por seu ombro, pela ponta do pescoço de sua camisa amarelo pálido, com sua bem disposta fila de pequenos botões brancos. Umas barreiras muito débeis para a carne que procurava. Desabotoou o primeiro sustentando seu olhar e sorriu quando suas pupilas se dilataram. Passou ao segundo, e logo ao terceiro. Ela tragou saliva com dificuldade. Com um ligeiro puxão, apartou o tecido. A satisfação se mesclou com a paixão ao deixar a marca ao descoberto. Agora estava vermelha, mas logo somente seria uma sombra sob a pele. Era permanente, assim como a mudança de seu aroma, o que a declararia não disponível para o resto dos machos.

Ela tinha seguido seu olhar. Cobriu com os dedos a marca, esfregando-a como se quisesse apagá-la.

—Não. —Agarrou-lhe a mão.

—Eu gosto.

Lisa piscou um par de vezes. Antes que pudesse recuperar o sentido, salvou a distância que havia entre eles. Cobriu-lhe com a mão os seios. Seu fôlego explorou em sua boca. Ele o inalou, levando-lhe muito dentro, notando a diferença, a mescla de ambos, o perfeito que a mistura resultava.

Donovan deslizou a língua entre o selo de seus lábios, gemendo pelo impacto. O desejo incendiou entre ambos como gasolina sobre fogo. Lisa jogou a cabeça para trás, provocando-o a beijá-la, e o desinibido convite dela levou dele toda precaução e senso comum, até que só desejou mais. Mais dela, mais do sentimento que se estava criando.

Agarrou o respaldo da cadeira, impedindo que caísse enquanto o beijo se fazia mais profundo. Passou-lhe o braço pelo pescoço, lhe pressionando a nuca com os dedos femininos e doces possuidores de sua alma. Nunca tinha experimentado isso com outra pessoa; uma paixão instantânea mesclada com muito mais, o passado mesclando-se com o presente. A sensação de um futuro abrindo-se ante seus olhos...

Suas unhas lhe cravaram na pele em sedutora demanda. Oito pequenas espetadas de prazer. Donovan fechou os olhos, procurando a disciplina que lhe tinha sustentado durante toda sua vida. Ouvia como se movia sua irmã pelo piso de cima, e, além disso, o café estava ficando frio. Não podia deixar que acontecesse isso logo na manhã depois de marcá-la, a não ser que quisesse ouvir falar disso durante os seguintes séculos.

Passou-lhe a mão detrás da cabeça, levantando-lhe para um último beijo antes de ouvir o rangido do primeiro degrau da escada traseira. Colocou o polegar na comissura de sua boca, deixando meio milímetro entre ambos.

—Robin está descendo as escadas.

Ela pestanejou, mas o olhar sonhador não deixou seus olhos imediatamente. Donovan apertou os lábios contra sua fronte, sorrindo, respirando seu aroma de novo, sabendo que nunca se cansaria dele, de senti-la. O chão frente à soleira rangeu. Depois de empurrar a xícara de Lisa frente a ela, sentou-se na cadeira do lado, ocultando sua excitação. Levantou sua própria xícara quando Robin entrou na cozinha.

—Bom dia.

Olhou a ambos e franziu o cenho durante tanto tempo que Donovan se perguntou se estaria doente, e então, sorriu. O gesto deveria ter iluminado seu rosto, mas só evidenciou sua debilidade.

—Bom dia, Donovan e Lisa.

Ao jogar uma olhada em Lisa, comprovou que ela contemplava com cenho franzindo a Robin.

Esta olhou um momento a cafeteira, e depois ao armário, como se estivesse fazendo uma escolha. Enquanto se encontrava ali, seu aroma chegou ao Donovan. Seguia contendo algo que não ia bem. Voltou-se de novo para a Lisa. Ela também estava estudando a sua irmã. E as lágrimas se amontoavam em seus olhos.

Então se deu conta. Robin era a razão pela qual chorava. Esta suspirou e abriu o armário que havia sobre os fogões. Dentro havia alguns potes de remédios. Agarrou primeiro um, logo outro e por fim outro. Ninguém tem que tomar tantos medicamentos se não se tratar de algo importante.

—Não te encontra bem?

Robin se apoiou no balcão. Ele fez gesto de levantar-se. Lisa o deteve lhe pondo a mão na perna.

—Tenho um pouco de náuseas.

—Posso te levar ao médico.

—Há muita neve.

—Isso não é problema.

Robin se girou. Tratava de aparentar o contrário, mas se podia ver que estava débil.

Estava a ponto de ficar de pé quando Lisa lhe sussurrou:

—Sente-se.

Duvidou. Ignorar a uma mulher em apuros ia contra suas normas. Lisa lhe cravou as unhas em sua coxa e a obedeceu a contra gosto.

O sorriso que dedicou Robin a Lisa resultou um pouco tremente. Ainda mais quando se voltou para ele.

—Se os medicamentos não me fizerem efeito, digo-lhe isso.

—Não o duvide.

Recolheu os potes.

—Vou ficar na cama um pouquinho mais.

Donovan esperou até que começou a subir as escadas antes de dirigir-se a Lisa.

—Ela é o que quer esquecer, verdade?

Sua companheira umedeceu os lábios e tomou outro gole de café. As mãos lhe tremiam e derramou um pouco. Agarrou um guardanapo e o limpou.

—Está doente muito tempo. Desde antes que nossos pais morressem. Apoiou a fronte no punho e o tremor se estendeu por seu ombro e depois pelo corpo inteiro.

—Não é justo. Trabalhou tanto, acabava de começar a sonhar um pouco —deixou cair a cabeça sobre a palma de sua mão.

— E agora isto.

—O que é isto?

—O pior que lhe podia passar.

Ele agradeceu que aos Protetores fossem ensinadas técnicas de interrogatório, o fazendo capaz de conter sua impaciência.

—Te explique.

As escadas traseiras rangeram. Lisa levantou o olhar para onde se havia partido sua irmã com aspecto culpado.

—Não sou eu quem deve contá-lo.

Talvez sim e talvez não. Mas a ele o diria. Lisa se mordeu o lábio. Mas ali, onde sua irmã pudesse ouvi-los, não. Ele deslocou sua cadeira para trás, agarrou-a pela mão e a ajudou a levantar-se. Tinha que sair da casa, afastar-se desse sentimento de culpabilidade.

—Pode me contar no caminho pro povoado.

Ela esticou a mão e fez gesto de agarrar seu café.

—É um segredo.

Donovan não se separou, mas lhe deixou espaço para agarrar a xícara.

—Não o direi a ninguém.

Não ia dizer, por mais que Donovan a torturasse com esse silêncio infernal, o segredo era de Robin, e Lisa não pensava romper sua confiança. Fechou a porta do carro de repente, fulminando com o olhar a Donovan que rodeava o veículo enquanto a observava com um olhar cúmplice que a convidava a confiar.

A neve rangia sob suas botas ao pisar com força as escadas que conduziam à porta de vidro da farmácia. Fez gesto de agarrar a maçaneta, mas ele chegou antes. Fizesse o que fizesse, parecia que ele sempre ia na frente dela. Irritava-a até não poder mais. O homem lhe abriu a porta. Seu agradecimento resultou forçado. Ao passar, notou como seus dedos lhe acariciavam as costas. Seu grosso casaco a protegia de toda sensação, mas nada podia evitar recordar a intimidade da noite anterior. As bochechas lhe ardiam. Entrou rapidamente na loja, dirigiu-se ao corredor central, deteve-se frente aos medicamentos para azia e respirou profundamente.

Donovan foi a seu lado.

—Passa-te algo?

—Dói-me a cabeça.

Como todas as vezes que tinha mencionado que lhe ocorria algo, ele a abraçou. Se sentiu melhor imediatamente, e por alguma estranha razão suas preocupações lhe pareceram das mais tolas. Saiu de seus braços, olhando ao redor para comprovar se alguém os tinha visto.

—Pare.

—O que?

—De me consolar. —Desejava apertar os dentes, voltar para seus braços. Não podia fazer nenhuma das duas coisas.

— E se alguém nos vir?

Ele entreceitou os olhos.

—Veria um homem abraçando a uma mulher.

Lisa cruzou os braços e jogou uma olhada para o final do corredor. Com certeza Honey Brandt, a farmacêutica, estava escutando. Do balcão elevado ao fundo da loja tinha uma perspectiva privilegiada.

—Poderia te causar problemas —sussurrou.

—Por que falas em voz baixa? E por que se preocupa por isso agora?

Porque acabava de recordar de que Honey era parente do Buddy.

—Olhe, isto não foi uma boa idéia.

Tentou afastar-se um pouco dele. Conseguiu chegar até o final de seu braço antes que ele voltasse a atraí-la para si.

—Por quê?

—Honey Brandt é a tia do Buddy, e pensa que ele é o centro do universo.

—E?

—Da maneira que está me olhando, está claro que Buddy lhe contou uma historinha e duvido que me vá vender alguma coisa, e muito menos camisinha.

Donovan jogou uma olhada à mulher que havia atrás do balcão. Lisa sabia o que via. Uma senhora maior de cara agradável, com óculos redondos sobre bochechas gordinhas e rosadas, que dava uma impressão de calidez e amabilidade. Nada podia estar mais longe da realidade. Esperava que Donovan sorrisse como fazia toda a gente quando a conhecia. Não o fez.

—Então, comprarei-os eu.

—Tampouco venderá isso a você se souber que está comigo.

—Já veremos.

Caminhou pelo corredor arrastando a ela a seu passo. Não teve mais remédio que segui-lo para não dar mais motivos de distração a Honey. Quanto mais perto do balcão encontravam-se, mais claro ficava o descontentamento da mulher. Donovan parou em frente da pequena amostra de profiláticos que penduravam detrás da farmacêutica.

O bom dia, Lisa, do Honey resultou mais frio que o ar do exterior. Seu tom foi completamente diferente ao dirigir-se ao Donovan, o que somente demonstrava que o atrativo deste era tão potente com as mulheres de mais de quarenta anos como com as de vinte.

Lisa lhe beliscou o pulso.

—Bom dia, senhora.

Donovan levantou uma sobrancelha para sua companheira, e quando a comissura de seus lábios se curvou com ira peralta, ela soube claramente que ia cobrar esse beliscão.

Fez um gesto para as caixas e sem um pingo de vergonha perguntou.

—Qual prefere?

Tanto fazia pra ela, pois não tinha comprado um preservativo em sua vida. Os que tinha, havia sido comprado por sua irmã maior, Heather, que pensava em tudo e estava sempre preparada. Foi ela quem tomou conta delas e as tinha mantido unidas depois da morte de seus pais fazia quinze anos, quando Heather só tinha dezoito anos.

Certamente, ela podia entrar tranqüilamente em uma loja e comprar essas coisas sem pestanejar sequer. Mas sua irmã não estava ali, e além de tudo não tinha que ver-se com Donovan. Lisa fez como se Honey não estivesse escutando todas e cada uma de suas palavras e forçou um sorriso em seu rosto.

—O que te pareça melhor está bem.

Agora estavam em plena função. Ele encolheu seus grandes ombros, atraindo uma vez mais o olhar da farmacêutica.

—Você é quem os quer; eu preferiria não ter nada entre nós dois.

A compreensão nos olhos da outra mulher incomodou a Lisa mais que sua brincadeira. Esse homem podia ser todo testosterona, mas não tinha que ir publicando-o por aí. Agarrou uma caixa e a pôs sobre o balcão.

—Estes mesmo. —Dirigiu seu sorriso a Honey, introduzindo-a na pequena confrontação.

— Não te parece?

A farmaceutica piscou. Lisa teve que esperar dois segundos antes que tirasse o olhar do rosto de Donovan. Jogou uma olhada à caixa e por um momento adotou uma expressão desiludida.

—Esses vendem muito bem.

A mulheres, supunha. Lisa apostaria o que fosse que não muitos homens compravam camisinhas destinadas a anestesiá-las. Só mulheres que esperassem alargar o canal para o ato sexual o fariam.

Donovan agarrou a caixa e a girou para ler o que dizia na parte da frente. Levantou as sobrancelhas.

—Não tiveste bastante com as moléstias desta manhã? Lisa apertou os dentes.

—Sempre se pode melhorar.

Ele colocou a palma da mão sobre sua bochecha em um gesto explicitamente íntimo que demonstrava uma conexão mais profunda que o sexo.

—Vais ter que te acostumar um pouco antes que comecemos com sessões mais longas. —Colocou a caixa de novo no gancho e agarrou outra.

— Entretanto, terá que fazer algo com respeito ao tamanho.

Atraiu-a para si para lhe dar um beijo. Pela extremidade do olho, Lisa viu as palavras extra grande sobre o pacote. Os joelhos lhe dobraram quando o beijo chegou a seu fim, e de novo sentiu curiosidade na expressão de Honey.

—Que otimista —murmurou com o pouco fôlego que lhe tinha deixado.

—Sim. Imagino que sua definição de extra grande não vai ter muito que ver com a realidade.

Ela entrou no jogo, roçando a caixa com um dedo.

—Levamos estes.

Colocou a mão no bolso procurando a carteira. Honey lhe jogou um olhar de desprezo.

—Eu pago. —grunhiu Donovan com o mesmo tom de reprimenda que havia nos olhos de Honey.

—Tudo bem. —meteu-se as duas mãos nos bolsos. “minha mãe, como se ia imaginar que havia um protocolo para comprar preservativos?”

—Já que está aqui, quer levar mais Tracolimus para Robin? — perguntou-lhe a farmacêutica.

Embora as palavras resultassem bastante educadas, ao pronunciar o nome de Robin houve certa brincadeira. Lisa se enfureceu. Donovan lhe acariciou uma mão. Consolando ou advertindo? Dava-lhe igual. O sobrinho dessa mulher tinha abusado de sua irmã. Não ia a deixar que a insultasse. Abriu a boca.

—Nos levaremos —respondeu Donovan com um tom açucarado.

—Já tem o dinheiro, Lisa?

Ela se mordeu a língua. Honey sabia muito bem que não tinha. Além de ser uma farmácia e uma loja, esse lugar também fazia de agência de correios e nem o subsídio de incapacidade de Robin, nem o cheque mensal de Heather tinham chegado ainda.

—Eu sim. —O tom do Donovan era tão diferente, a matiz de perigo tão claro, que Lisa se viu obrigada a girar a cabeça. Honey também deve ter sentido, porque suas palavras resultaram cautelosas enquanto agarrava uma bolsa debaixo do balcão.

—É muito caro.

Disse o preço. Donovan nem sequer pestanejou.

—Obrigado.

—Não vai pagar meus medicamentos.

—Não. —Entregou as notas com tranquilidade.

—Estou pagando os de Robin.

—Eu posso arrumar isso sozinha.

Pôs-lhe a mão debaixo do queixo de novo. Não necessitou que ajudasse a levantá-la. O ressentimento o fez por ela.

—Mas por que teria que fazê-lo se eu estiver aqui?

—Porque sou uma mulher adulta que não necessita que um homem se ocupe dela!

Ele não se zangou. Limitou-se a lhe acariciar a bochecha com o polegar dessa maneira tranqüilizadora e possessiva , e a dizer com voz profunda.

—Mas você é minha mulher, e para mim é um prazer te ajudar.

Não deveria ter se sentido comovida com uma declaração tão chauvinista, mas assim foi. E se sentiu ridícula.

—Essa é uma idéia totalmente fora de moda.

—Nós acreditamos nisso.

—Não é daqui? —perguntou Honey, como se não se desse conta de que não era um dos cem habitantes que residiam nesse povoado, que alguma vez tinha sido importante.

—Não.

—Já me parecia. Não vi a nenhum homem daqui com uma atitude como essa.

—Um homem com honra sabe como ocupar-se de sua fêmea.

A expressão “sua fêmea” fez chiar os dentes de Lisa.

—Poderia tentar não parecer um homem das cavernas?

—Tentarei, mas não te prometo nada.

Lançando-lhe um olhar furioso, a jovem lhe arrancou a bolsa das mãos.

—Tem outras idéias arcaicas com as quais deveria me familiarizar?

—Algumas.

—Conte-as.

—Acredito que os problemas de minha companheira tem que ser resolvido por mim, que suas preocupações são as minhas, e —olhou por cima do ombro de Honey—, que seus inimigos também são meus. —Fez um gesto à mulher.

— Possivelmente queira transmitir isso a seu sobrinho.

Honey retrocedeu um passo. Lisa se encaminhou para a porta. Donovan ficou a sua altura.

—Não está mal —comentou a jovem.

—Eu tenho claras minhas prioridades. Disso não tem que se preocupar.

Só que as prioridades dele não refletiam as suas.

—Genial.

Alcançou a porta antes que ela a abrisse. O vento gelado penetrou na loja.

Lisa suspirou. Era um homem muito teimoso.

—Podemos ir pro meu carro agora?

Capítulo 10

Parecia que podia chegar até Bessie, mas não conduzi-la. Lisa ficou sentada na cálida caminhonete de Donovan, olhando através da janela escura, enquanto que o outro

enredava sob o capô de seu carro, impassível ao frio. Baixou o vidro e lhe gritou pela terceira vez:

—Sou perfeitamente capaz de conduzir meu próprio carro até em casa.

De debaixo do capô saiu um som. Embora não podia distinguir as palavras, reconhecia o tom de um palavrão quando o ouvia. Quando Donovan levantou o olhar do que estava fazendo, sua expressão era do mais acalmada. Ao responder “estou seguro de que sim?”, notou-se que estava a ponto de perder a paciência.

Lisa pôs os olhos em branco.

—Sei que somente está seguindo a corrente.

—Então, por que me pergunta o mesmo todo o momento?

—Para ver se de repente se sente iluminado e troca de opinião.

O sorriso que lhe dedicou, sexy e masculino, atraiu a atenção de todas e cada uma das terminações nervosas de seu corpo.

—Não prenda a respiração.

Isso é o que deveria fazer. Estava claro que Donovan ia ser um amante exigente. Se combinasse isso com esse lado protetor que tinha, se não ficasse de olho, ia acabar totalmente envolta em algodão.

—Sabe, seguir a corrente não te levará muito longe.

Ele voltou a trabalhar de novo.

—E até onde é isso?

—Poderia acabar aqui plantado.

—Uhhuh.

Bom, que metido. Ao menos poderia fingir que se assustava.

—Falta pouco?

—Muito menos que nas últimas cinco vezes que perguntou.

—E quanto é isso?

—Uns dois minutos.

Genial. Reclinou-se no assento. Ao menos poderia conseguir colocar papel de parede na sala de jantar principal hoje.

—Ok. Avise-me quando terminar.

O capô se fechou de repente. Donovan lhe deu um golpezinho.

—Já terminei.

Ela abriu a porta.

—Obrigado. Tenho um montão de coisas que fazer hoje.

Donovan lhe indicou que voltasse a meter-se no carro.

—Acredito que aproveitarei esta oportunidade para que Bessie e eu nos conheçamos melhor.

Lisa pôs os olhos em branco.

—Pensa que não sei conduzir.

A neve rangeu sob suas botas ao aproximar-se da caminhonete. Colocou os cotovelos no marco do vidro.

—O que penso é que não quero que conduza por essas estradas cheias de neve com esses pneus carecas.

—Que diferença há entre que você caia pelo precipício ou que eu caia?

Tocou-lhe o nariz com um dedo.

—A diferença é que eu não poderia viver se passasse o último.

—E eu?

Donovan deslizou as gemas dos dedos por suas bochechas.

—Neste caso, o que eu quero importa mais.

O que ia argumentar ela depois disto? Esse homem preferia morrer antes de que lhe acontecesse algo. Era como tirado de uma novela romântica. Só que isso não era ficção e sim a vida real, e não lhe aconteciam essas coisas. Observou como se encaminhava a seu velho carro com a arrogância de seus ombros largos e quadris estreitos que o distinguiam.

Nunca tinha conhecido a um homem como ele.

Donovan entrou na caminhonete destrozada. Fechou a porta sem ter que brigar com ela, que sempre ficava emperrada a meio caminho. Mas é que a esse homem tudo lhe saía sempre bem?

Indicou-lhe com as luzes que fosse primeiro. Pôs em marcha o enorme carro. O motor ronronou de uma maneira que recordou ao Donovan quando ficava sentimental.

Deu uns tapinhas no volante.

—Não te zangue comigo, ok?

Apesar de suas palavras valentes, a verdade era que não estava acostumada a conduzir pela neve, e sobre tudo em estradas sobre as que não tinham passado a máquina de limpar neve e ainda estavam cobertas por ao menos cinco centímetros de neve.

Entrou na estrada com cuidado. Os pneus se agarravam sem nenhum problema, de maneira muito diferente ao que via que passava atrás dela. Bessie derrapava inclusive ao mando do Donovan. Possivelmente este tinha razão e estaria bem que trocassem os pneus.

Não achava engraçado pensar que Bink lhe tinha mentido. Era um mau presságio para sua nova vida.

Mas a verdade é que não tinha mentido. Havia-lhe dito que os pneus podiam agüentar muitos quilômetros mais. Não havia dito nada do veículo em geral.

Tirou o pé do acelerador para esperar ao Donovan. Quando lhe deu as luzes, apertou o acelerador avançando a um ritmo mais lento, já que se aproximavam de uma inclinação, mas se assustava cada vez que as rodas escorregavam ou a parte traseira ziguezagueava. Mordeu-se o lábio, inclinando-se para frente para estudar a estrada como se pudesse descobrir o próximo perigo. Ao fazê-lo, deu de novo a razão ao homem. Possivelmente fora melhor que ele conduzisse seu carro. Parecia estar bastante capacitado para corrigir

derrapagens, tratando-os como tudo o que fazia. Com tranqüila confiança. Ela deveria aprender a comportar-se assim.

Um momento depois, o povoado ficou as suas costas e a estrada asfaltada também. Ali era mais difícil conduzir. Manteve a caminhonete sobre as marcas dos pneus que tinham feito antes ao descer da montanha, apertando um pouco mais o acelerador ao começar a subir. Quase dois quilômetros depois, passaram pelo Deep Hole Road. Agarrava o volante com os nódulos brancos. Um pouco mais acima se encontrava uma das zonas mais traiçoeiras da estrada. Curvas fechadas junto a profundos desfiladeiros à direita, e como trilhos só havia as grandes árvores que cresciam aos lados. Quando fazia bom tempo, acreditava serem protetores naturais majestosos, mas agora que cair era uma ameaça real, pareciam-lhe tão consistentes como palitos de dentes. Duvidava muitíssimo que pudessem deter a queda do veículo ao fundo da ravina.

Apartou os olhos do bordo e se concentrou na estrada. Não tinha nada que temer.

Simplesmente estava voltando para casa. A caminhonete não estava escorregando, sozinha avançava lentamente e com segurança sob seu controle. Não tinha por que preocupar-se. Pela extremidade do olho, viu uma caminhonete turbinada que se preparava para entrar na estrada principal no Deep Hole. O veículo não era estranho, mas não se lembrava a quem pertencia.

Saudou com a cabeça; não tinha muito que ver com a saudação habitual com a mão mas era tudo o podia fazer. Estava muito nervosa.

Arrastou pelo cruzamento com somente uma derrapagem ao cruzar-se com uma volta transversal e se colocou ao outro lado. Olhou o retrovisor ao escutar o rugido de um motor. Pestanejou. O veículo que estava esperando se colocou entre o Donovan e ela. As condições da estrada não pareciam incomodar ao condutor absolutamente. Pisava-lhe nos calcanhares —era uma caminhonete enorme e estupenda, com o chassi modificado e mandíbulas pintadas na parte da frente.

— O instinto lhe dizia que acelerasse para distanciar-se desse condutor temerário, mas a próxima curva era muito fechada e a estrada era muito estreita para adiantar, ia ter que ficar detrás dela. Umedeceu os lábios e se obrigou a relaxar as mãos que agarravam o volante. Tudo iria bem contanto que ficasse detrás dela.

Depois de olhar de novo no espelho, assaltou-lhe outra vez um incomodo sentimento de que conhecia algo nesse carro, e depois se deu conta. Pertencia a um dos amigos de Buddy. O menos respeitável de todos —o que tinha estado no cárcere durante um tempo por um delito de agressão. A velocidade do veículo adquiriu então um novo significado. O coração lhe pulsava no peito como um cavalo desbocado. Não se atreveriam, ou sim?

Dois segundos depois, obteve a resposta. O carro, com as rodas disparadas e o motor rugindo, avançava para frente a toda força. Ao princípio não conseguiram, mas depois esses pneus gigantesco se fizeram com a estrada e tudo o que podia ver no retrovisor eram os dentes da parte da frente, como uma paródia do perigo que corria. Soou um golpe e depois

houve uma sacudida, e de repente a visão se desfocou ao perder o controle do veículo. Ouviu a buzina da Bessie a suas costas como advertência de que a parte traseira de seu carro se escorregava para a esquerda. O profundo precipício apareceu ante seus olhos.

Meu Deus!

Endireita. Endireita

As palavras ressonaram em sua mente em um ataque de pânico. Girou o volante muito ao lado contrário, não sabia, mas em vez de endireitar, as rodas seguiram girando lentamente. Plantou os dois pés sobre o freio. A caminhonete não parou, mas sim seguiu para o barranco em câmara lenta. Um grito, assim como o coração e todo seu café da manhã ficou apanhado na garganta.

Meu Deus! O banco de neve não era o suficientemente grande para detê-la, ao menos não a essa velocidade. Seguiu girando o volante, apertando o freio, quando os amigos do Buddy passaram junto a ela a toda velocidade, quase roçando-a, tocando a buzina.

Teve uma visão de seus dedos do meio voltados para cima em um gesto de muito mal gosto, e depois continuou contemplando como a paisagem girava a seu redor. Uma volta mais e se encontraria na Borda. A impotência, o terror e as náuseas lutavam por impor-se, e deixou cair a frente sobre o volante. O rugido de um motor lhe fez levantar a cabeça. Acreditou ver algo cinza e laranja, e um momento depois deu contra a porta quando esse algo golpeou a parte da frente do carro. A bola cinza e laranja seguiu para frente, levantando o banco de neve em um torvelinho branco.

Donovan!

Lisa deu uma cambalhota quando seu veículo se embutiu contra a ladeira da montanha, deu-se com uma rocha e se deteve abruptamente. A parte da bochecha, onde se havia golpeado com a janela, pulsava-lhe.

Meu Deus, Donovan.

Lutou contra o cinto de segurança, liberando-se dele de um puxão, ofegando com força enquanto olhava o lugar por onde Bessie tinha desaparecido.

—Donovan!

A porta do condutor se encontrava pega à ladeira. Deslizou-se ao outro assento, e puxando a maçaneta da porta, conseguiu abri-la e saltar fora. Ao olhar para frente, não viu nem rastro dos amigos do Buddy. Tampouco nenhuma possibilidade de ajuda. Jogou uma olhada para baixo, e tampouco.

Senhor!

Atravessou correndo e escorregando pela estrada, até que chegou ao ponto por onde Donovan caiu. Não vislumbrava a caminhonete lá de cima —mas podia distinguir o caminho que tinha esboçado pela neve. Não parou a pensá-lo nem um momento, atirou-se costa abaixo pela ladeira, agarrando-se às árvores menores e aos ramos, chamando o Donovan aos gritos e cada vez mais aterrorizada ao não obter resposta.

Tropeçou em um ramo perto do fundo do primeiro desnível, que lhe fez cair para frente. Aterrissou junto a algo suave e o agarrou. Era o casaco do Donovan.

Deus. O casaco do Donovan. Teria saído da caminhonete.

—Donovan!

Um gemido foi a única resposta. Ao menos ainda estava vivo. Bessie se encontrava feita migalhas contra um canto rodado uns metros mais abaixo. Graças a Deus que Donovan tinha saído disparado antes. Nunca teria sobrevivido ao impacto. Girou-se e se ajoelhou junto a ele. Estava meio enterrado sob a neve. Havia sangue por toda parte, vermelho brilhante ou rosa, dependendo do perto que estava de seu corpo. Seu primeiro instinto foi voltar a tremer. O segundo, vomitar. O terceiro, averiguar a gravidade que estava.

Venceu o terceiro.

Tinha um corte enorme na frente. A julgar pelo ângulo em que se encontrava o braço, tinha fraturado. Tentou lhe desabotoar os botões do casaco. Tremiam-lhe tanto os dedos que não podia nem sequer agarrá-los. O soluço que tinha estado retendo lhe rasgou a garganta. Arrancou-se as luvas de um tapa e o tentou de novo.

—Pode-se saber o que pensava que estava fazendo, Donovan?

O botão passou pelo buraco. Atirou dele, repetindo o processo cinco vezes mais, com os dedos queimando pelo frio, e os olhos abrasando pelas lágrimas.

—Esta é outra de suas arcaicas idéias? Se sacrificar pelos outros? Por mim?

Passou-lhe as mãos pelos flancos sob o casaco. Teria-lhe ajudado saber como se reconhecia uma costela quebrada. Apalpou mais o corte e experimentou a horrível sensação de que sua mão se introduzia dentro de seu corpo. Gritou. O vento levou o esmigalhado som e o eco repetiu a seu redor. Deixou que o som se extinguísse antes de recuperar o ânimo e lhe abrir a camisa.

Tinha um buraco no flanco. Provavelmente tinha sido causado por um ramo.

Distinguia charcos de sangue junto com uma matéria esbranquiçada e algo mais que não queria nem identificar. Desejava agarrar as bordas da ferida e fechá-la. Colocou as mãos sobre esta, como se fora possível levar a cabo tal coisa. Respirou uma vez, e depois outra, centrando-se em como o ar entrava e saía de seus pulmões, como se isso fosse fazer com o que estava olhando voltasse para a normalidade. Não era possível.

Estava ferido. Muito. Tinha que levá-lo ao hospital, mas como fazê-lo era um mistério. Não tinha um telefone celular para chamar em busca de ajuda, não podia subi-lo sozinha pela montanha, e não podia curá-lo ali.

—Em que confusão te colocaste, céu.

Apartou-lhe uma mecha de cabelo quase negro da frente. O sangue lhe penetrou entre os dedos. O ponto do ombro onde ele tinha mordido lhe queimou. O calor se transmitiu ao braço e lhe chegou até os dedos.

Pôs-lhe as pontas dos dedos contra a têmpora, lhe buscando o pulso, enquanto o estranho calor se intensificava. Lembrou-se de como a tinha respaldado no bar, forte e indomado, com o aspecto de que a única coisa que necessitava para lançar-se contra Buddy e seus amigos era uma palavra dela. Recordou sua expressão justo antes que a beijasse pela primeira vez —apaixonada, profundamente satisfeita e incrivelmente sexy. Mas sobre tudo, lembrou-se de como a tinha abraçado enquanto chorava, com uma mescla de força, compreensão e ternura.

—Nem sequer sabia que existiam homens como você —se inclinou para frente e lhe beijou o único ponto limpo de sangue que tinha na bochecha.

— Merda, não morra antes que eu descubra o que há entre nós dois.

Ouviu um som de tecido. Algo lhe roçou a coxa despertando suas sensações.

—Espero que seja sua mão.

Por favor, que seja sua mão e não algum animal ao que tenham incomodado.

Suas pálpebras se levantaram um pouco.

—O que vais fazer se não for?

O tom soava débil. Tinha que estar sofrendo muitíssimo. Podia ver o brilho de seus olhos detrás das pestanas.

O soluço que tinha estado tentando conter lhe saiu da garganta. Apertou-se os nódulos contra os dentes para deter o próximo. Estava consciente. Isso tinha que ser um bom sinal.

—Gritar como uma condenada —respondeu com um fio de voz. A comissura de seus lábios se contraiu.

—Eu não gosto das mulheres que gritam.

A neve rangeu sob seus joelhos ao aproximar-se mais.

—Então será melhor que me assegure que é sua mão.

—É minha mão —sua mão sã apareceu. Ela a apertou entre as suas antes que pudesse se machucar mais.

—Choraste.

Pôs os olhos em branco enquanto colocava a mão sobre seu quadril.

—É claro. Destroçou meu carro.

Ele fez uma careta de dor enquanto tentava sorrir.

—Suponho que então terá que cobrar com meu corpo.

A Lisa rodou uma lágrima pela bochecha que foi cair sobre seu casaco.

—Não ficou muito corpo pra isso.

—Ficarei bem, seli. Somente preciso descansar um momento.

—Não pode ficar aqui. Sangrará.

—Pode me transportar até lá em cima?

—Não.

Ele fechou os olhos.

—Então me deixe descansar um minuto.

Isso era a coisa mais estúpida que tinha ouvido em sua vida. Não podia ficar ali deitado, sangrando até morrer. Apertou com mais força a ferida do flanco.

—Deveria ir em busca de ajuda.

Seus dedos lhe seguraram o braço.

—Não. Não quero que vá por aí desprotegida.

Não teve coração para lhe dizer que no estado em que se encontrava, não é que ele servisse de muito amparo. Tirou-se o cachecol e o apertou contra o flanco. A mordida lhe abrasava.

—Tenho que fazer algo.

—Me fale.

—Do que?

Ele fez uma careta antes de seguir.

—Me diga o que acontece com Robin.

O que importava guardar um segredo nesses momentos?

—Fizeram-lhe um transplante de rins o ano passado. É o segundo. Suas últimas análises não têm bom aspecto. Parece que está rejeitando o transplante.

—Ah, isso explica seu aroma.

—Como?

Donovan moveu a cabeça e franziu o cenho.

—Quero dizer, por isso está tão preocupada.

Podia ser que queria dizer isso, mas não era o que havia dito. Isso não tinha sentido.

—Já te disse que é uma pessoa muito estranha, Donovan?

Apertou-lhe com mais força a ferida. A vendagem parecia que estava sortindo efeito.

O sangue estava deixando de sair. E, embora pudesse ser coisa de sua imaginação, a ferida parecia menor.

—Preferiria que me dissesse o quanto te atraio.

Era também sua imaginação, ou sua voz soava mais forte?

—Imagino que sim, mas depois de quase me matar de susto, vai ter que trabalhar isso para obter esse galanteio.

Ele não respondeu, limitou-se a respirar fundo. Provavelmente para controlar a dor.

Tinha que lhe doer muitíssimo.

—Deu a Robin o rin, verdade? Por isso tem uma cicatriz no flanco direito.

—Sim. Por desgraça, o meu não funcionou, assim teve que passar por isso de novo.

O vento soprava pela montanha. As árvores se balançavam, os ramos se partiam, e os troncos rangiam protestando. Sabia como se sentiam exatamente. Encontrava-se tão indefesa contra as forças que conformavam sua vida como elas.

—O que vamos fazer, Donovan?

—Refere a como subir até lá em cima? Ou falas de nossa relação?

Ela jogou uma olhada para cima e depois voltou a olhá-lo.

—Não sei. Você escolhe. As duas coisas são impossíveis.

O homem moveu a mão e conduziu a dela até seus lábios. Posou um beijo no dorso. Era um gesto antiquado. Elegante, masculino e possessivo. Igual ao próprio Donovan. Ao observar o sangue manchado de vermelho, teve que voltar a conter as lágrimas. Tinha perdido muito sangue. Muito. Meu Deus, não queria vê-lo morrer.

—Pensa que as duas coisas são impossíveis porque somente crê no que pode ver, e que todo o resto são contos de fadas.

Em seus olhos havia algo estranho. De trás de suas pupilas se estendia uma luz. Era mais negra que o resto de sua íris e resplandecia de dentro com uma força iridescente. Ela respirou fundo, inalando seu aroma. Sempre cheirava tão bem. O ombro lhe ferrou como se estivesse lhe queimando. Não podia respirar.

—Necessito que me faça um favor, Lisa.

—O que?

—Que me recolque o braço.

Devia estar brincando. Tinha um buraco enorme no flanco, uma brecha na cabeça, e não sabia quantas feridas internas mais, e estava preocupado por seu ombro?

—Isso pode esperar até que cheguemos ao hospital.

—Terá que fazê-lo agora.

Ela observou o braço e a ruptura que se encontrava justo em cima do cotovelo, o que dava esse ângulo tão estranho. Abriu a boca e a fechou imediatamente. Como ia lhe contar seus medos? Que estava morrendo ali, longe de tudo, com ela como única ajuda. E tudo porque se havia interposto para salva-la. Outra vez.

—Não sei se posso fazê-lo —e como soava tão cruel, crescentou—: ao menos, sem vomitar.

Esta vez deixou que lhe acariciasse a bochecha. Necessitava o consolo desse gesto porque, que Deus a ajudasse, mas ia recolocar esse braço. Era o menos que podia fazer.

—Pode fazê-lo.

Seu sorriso lhe resultou tão trememente como sua confiança.

—Se logo ficar estranho, não me jogue isso na cara.

—Alinha os ossos e pronto; eu me ocuparei do resto.

Como se ele pudesse se encarregar de tudo. Lisa lhe apartou com delicadeza o casaco do ombro. Ao ver que tomava ar, sentiu-se culpada.

—Sinto muito.

—Está o fazendo muito bem —resmungou ele.

— Tire-me o casaco.

Fez o melhor que pôde, descobrindo que não servia de nada pestanejar contra as lágrimas —seguiram saindo, causadas por cada ofego entrecortado que ouvia, cada contração de músculo provocada pelo movimento.

E quando terminou com o casaco, deu-se conta de que isso não era o último: ainda tinha que se ver com a camisa. Não podia reter as lágrimas, que se filtravam entre os dedos dele, derramando-se e unindo-os nesse momento de dor e de absurda esperança. Com um tom tão tenso que chiava, Lisa disse:

—Agora tenho que tirar a camisa.

Acariciou-lhe a maçã do rosto com o polegar, compreendendo seu sentimento de culpa.

—Não, não o faça. Agora agarre o braço por cima e por debaixo da zona onde quebrou e puxe até notar que os dois extremos se encaixaram.

Ela tinha uma imaginação muito viva, mas não fazia falta para dar-se conta de como ia ser isso. Teve náuseas de novo. Sorriu-lhe esperando não revelar como estava se sentindo.

—Isso parece.

Com mãos trementes agarrou o braço. Seus bíceps eram tão grandes, seus antebraços estavam tão desenvolvidos que não tinha muito onde agarrar-se. Afundou os dedos e puxou. Escorregaram-se as mãos. Arranhou-lhe sem querer o músculo esmigalhado.

—Puxa mais forte —resmungou Donovan entre dentes.

O que pensava que estava fazendo?

—Estou puxando tudo o mais forte que posso —lhe espetou.

— Nem todos somos homens massa.

—Merda.

Soltou-se. Ele caiu sobre a neve. Somente nesse momento Lisa se deu conta do suor que povoava sua fronte. Mais sentimento de culpa.

Não posso fazê-lo.

Logo que esse pensamento lhe veio à mente, expulsou-o. Esse homem havia arriscado a vida por ela, e tudo o que lhe pedia em troca era que recolocasse o braço.

Em cócoras, analisou a situação.

—Necessito um lugar onde me agarrar.

Ele esticou sua mão esquerda para o antebraço.

Oxalá isso servisse de algo.

—Assim não. O ângulo está torcido.

Uns metros mais abaixo, havia uma rocha que se sobressaía da neve. Era bastante alta, mas um pouco pequena. Entretanto, esses metros eram como quilômetros, porque não se podia mover. Donovan tinha seguido seu olhar.

—Bom plano.

Levantou os joelhos e seus calcanhares se afundaram no chão. Ela fez gesto de pará-lo.

—Não te mova! Poderia ter as costas quebradas.

—Não está quebrada.

—Não pode sabê-lo.

Seus olhares se cruzaram. Agora o brilho estranho de seus olhos se via mais pronunciado.

—Sei quais são minhas feridas.

—Mas pode haver algumas que não sinta agora.

—Terá que aceitar que eu sou diferente em certas coisas, Lisa.

—Vou te contar algo que possivelmente não saiba, amiguinho: deixando a um lado os órgãos reprodutores, não há muitas diferenças em nossa anatomia.

Ele não respondeu. Em lugar disso, arrastou-se para frente.

Ela saltou detrás dele.

—Vai se matar!

Donovan seguiu concentrado em seu objetivo.

—Pensei que você acreditasse que já estivesse morto.

Lisa tropeçou em uma raiz oculta e teve que deter-se. Puxou dela para liberar-se.

O homem chegou até a rocha antes que ela pudesse alcançá-lo.

Deixou-se cair sobre a neve a seu lado.

—É um homem muito teimoso, McGowan.

—E você, uma mulher preciosa.

Ela ficou sobre o flanco esquerdo e lhe sujeitou o braço a ambos os lados da ruptura o melhor que pôde.

—Esses cumprimentos não lhe levarão a nenhuma parte.

Pela têmpora lhe caíam gotas de suor. Não se podia nem imaginar o que lhe estaria doendo.

Teria que estar débil, seu sorriso deveria ser tremente, mas este era tão arrogante e atrativo como sempre.

—Está segura?

Ela dobrou os dedos, sem atrever-se a lhe tocar, já que isso significaria seguir com o procedimento do braço.

—Muito seguro.

Ficaram assim um bom momento, ele esperando, ela preparando-se, antes que ele trocasse de posição.

—Seli?

A ternura de seu tom de voz requeria que o olhasse. Não queria. Sabia o que ia dizer. Que tinha chegado o momento. Levantou o olhar, sabendo que ia se descobrir como uma covarde.

—O que?

Os olhos do Donovan eram toda compreensão.

—Coloca o braço.

Como se fosse tão fácil. Agarrá-lo, puxar, causar uma dor indizível e não se sabe mais quais outros danos, e tudo terá terminado. Fechou os dedos sobre a palma de novo. Venha... Coloca o braço.

Inspirou de novo. Não lhe pareceu suficiente para lhe ajudar em sua tarefa.

—Me diga outra vez quão fácil será —murmurou ao final.

—Agarra o braço por cima do cotovelo, puxa e os extremos do osso se colocarão em seu lugar, já verá que o quanto é fácil.

—Poderia descrever de forma mais atrativa?

—A próxima vez o farei melhor.

—Para que saiba, não haverá próxima vez. Logo que saíamos daqui, vou matar a esses dois.

Donovan se pôs a rir, pôs-se a rir de verdade.

—Espero que não esteja rindo de mim.

Agarrou-lhe o braço. A mão esquerda do Donovan se afundou profundamente na neve para agarrar-se. Ao responder “não estou rindo de você” o fez com esforço. Ela se apoiou bem e inspirou de novo, e depois, rezando em silêncio, puxou. Os ossos se colocaram em seus lugares com uma vibração áspera terrível. O corpo inteiro do Donovan tremeu e de seu fôlego saiu um grunhido.

—Sinto muito. Sinto-o —não podia deixar de dizê-lo, não podia deixar de lhe acariciar o peito através da camisa, de lhe apartar o cabelo da fronte enquanto ele lutava contra a dor. Inclinou-se para frente e lhe beijou de novo nesse lugar da bochecha que estava livre de sangue, saboreando a calidez de sua pele, prova de que seguia vivo.

—Sinto-o muitíssimo, Donovan.

Passou-lhe por fim seu braço sobre o ombro, atraindo-a para seu lado esquerdo.

Sua voz soou rouca ao dizer:

—Tem-no feito muito bem.

A neve se derretia dentro de seu jeans e o frio lhe atravessava a pele. Não importava. Colocou a mão sobre o ombro dele e ficou tombada ao seu lado, lhe deixando que a abraçasse estreitamente, que a consolasse com o lento toque de sua mão sobre seu braço.

—Não quero voltar a fazer algo assim em minha vida.

Roçou-lhe o cabelo com os lábios.

—Já sei.

—E agora o que fazemos?

—Esperamos.

Ela jogou a cabeça para trás com cuidado para observar seu rosto. Tudo o que conseguiu ver foi a parte baixa de sua mandíbula.

—Que se gele o inferno e nós com ele?

—Não —jogou a cabeça para trás. Os tendões de seu pescoço se marcaram mais ao esticar-se. Sua mão ficou a metade de caminho sobre seu braço.

— Que me recupere.

—Demorará semanas em te curar. Parece-me que não é uma boa idéia.

—A verdade —a atraiu para si—, é que somente necessito uns minutos mais.

—Isso não é possível.

—Para um lobo, sim.

Por um momento, enjoou-se. Apoiou-se sobre uma mão. A neve cedeu, e perdeu o equilíbrio. Donovan teve que ajudá-la, o que foi um tanto incômodo. Limpou-se a neve do rosto. O frio lhe penetrou com mais força na pele.

—Você não é um lobo. Ele não evitou o olhar.

—Sim, o sou. Um homem lobo, para ser exato.

Soava tão seguro que haveria dito que lhe tinha soltado um parafuso, mas seu aspecto o negava. Como se não acabasse de cair por uma montanha, como se não tivesse um buraco enorme no flanco.

Ao levantar a vista para cima, a ternura abandonou seu rosto.

—Os amigos do Buddy estão voltando.

Olhou-a, e o lado selvagem que tinha notado em seu primeiro encontro se instalou em suas feições, lhe trocando de uma maneira que ela não reconhecia. Era como algo primitivo, selvagem e perigoso. Agarrou-lhe o queixo com os dedos, interpondo seu enorme corpo entre a ameaça no alto da montanha e ela. Como se todos esses músculos e ossos servissem de algo contra as balas.

—Quero que vá detrás dessas rochas e te agache. Não diga nenhuma palavra e não atraia a atenção de maneira nenhuma, aconteça o que acontecer.

Acontecendo o que acontecesse? Isso não soava bem. Ela negou com a cabeça, com alguma dificuldade porque ele seguia lhe agarrando o queixo.

—Não penso te deixar sozinho.

Donovan não lhe soltou o queixo, mas sim lhe obrigou a manter seu olhar, a ver o que ela não queria aceitar.

—Você não vai enfrentar o perigo, Lisa. As coisas não funcionam assim.

Ela retrocedeu. O vento abriu a camisa e o casaco de Donovan, revelando seus abdominais, lisos como uma tabua. Não podia desviar o olhar. Seus músculos abdominais transbordavam de força por baixo da bronzeada pele. Sua bronzeada e intacta pele.

Piscou, mas não houve nenhuma mudança. A ferida tinha desaparecido. O único que ficava era uma linha escura e uma mancha de sangue seca que se confundia com o tecido de seu jeans.

Retrocedeu outro passo, horrorizada.

—Quem é?

Ele salvou a distância que Lisa tinha posto entre ambos com um passo.

—Um lobo.

A revelação não significava nada para ela.

—O que quer dizer com isso? —perguntou com voz rouca.

—Sou um homem lobo. E você tem que te pôr a salvo.

—Não —não sabia se estava negando sua afirmação ou o fato de deixá-lo lutar sozinho.

Ele a beijou com força, deslizando sua língua sobre a sua, lhe roubando o protesto, substituindo-a pelo sussurro de seu nome. Atraiu-a para si. A essa distância era impossível que não notasse a força que brotava dele ou o brilho de seus olhos. Esse brilho que o destacava como uma criatura não de todo humana.

—Depois lhe explico isso, agora me obedeça.

—Não —de centenas de pensamentos desconexos e palavras que rondavam sua mente, essa foi a única que foi capaz de pronunciar.

Ele a apertou contra seu peito, contra o corpo com o que ela tinha feito amor à noite anterior. Esse corpo não humano.

—Eu posso arrumar isso sozinho, seli.

A carícia de sua mão por suas costas era inquietantemente familiar na paisagem surrealista de seus pensamentos, igual à confiança em sua voz.

—Sou um Protetor. Essa é minha tarefa.

O ruído de portas de carros que se fechavam, tiraram-na de sua paralisia. Fechou os punhos contra os ombros de Donovan. Vinham para matá-los. Isso era o mais importante agora. Separou-se, e sentindo-se estranhamente tranqüila, curiosamente indiferente, perguntou:

—Pode te ocupar deles?

—Sim.

A jovem se mordeu o lábio enquanto umas sombras se abatiam sobre a montanha e começavam a deslizar-se pela neve, crescendo a cada passo. Somente tinham uns segundos para conceber um plano.

—O que vais fazer?

Seus olhos brilharam. Roçou-lhe a mancha roxa do rosto em uma suave carícia.

—Vou matá-los.

Capítulo 11

Lisa estava comovida.

Donovan entrou com seu destróado veículo no caminho do hotel. A seu lado, agasalhada com seu casaco, Lisa se encontrava feito um novelo contra a porta, esgotada, fazendo pouco caso do vento que penetrava pelo pára-brisa quebrado. Ele supunha que tinha que sentir-se agradecido por não ter tido que matar a esses dois enquanto ela o olhava. De que depois de uma olhada pela beira do precipício, se atemorizaram e saíram fugindo a toda velocidade. Imaginava que Lisa estaria ainda mais impressionada do que se encontrava agora se o tivesse visto matar com suas próprias mãos. O fato de que fosse um lobo já ia ser difícil o bastante para ela aceitar, sem ter que ser testemunha do seu lado mais selvagem.

—Estamos quase chegando.

Sua única resposta foi um ligeiro gesto de assentimento. O roxo da bochecha tinha escurecido da hora do acidente pra agora. Desejava inclinar-se e beijá-lo. Curá-la. Os pneus escorregaram em uma volta. Endireitou o veículo dando um golpe ao volante. Oxalá pudesse arrumar as coisas entre eles com tanta facilidade.

—Não pensa em falar comigo?

Lisa lhe fez esperar até que o carro parou em frente do edifício antes de lhe dar uma resposta, de uma vez que esticava a mão para puxar a maçaneta.

—Não. Parece-me que não.

Embora ela fosse rápida, ele era mais. Deu a volta ao carro bem a tempo de agarrá-la antes que caísse.

—Precisa descansar.

Ela o olhou distraidamente.

—Por quê?

—Ao me curar, ficou sem energia.

A porta da casa se abriu com um chiado familiar.

—Eu não posso curar às pessoas.

—A mim sim.

Tomou em seus braços. Ela se abraçou a ele instintivamente.

—Por quê?

—Compartilhar energia é parte do laço entre os membros do casal.

Notava-se que estava emocionada, porque não negou automaticamente a união entre eles. Olhou-a. Que não lhe respondesse também poderia ser que tivesse dormido.

Nas escadas soaram passos. Leve pegada sob a luz, passos femininos. Donovan não teve que dar a volta para saber quem se aproximava. O vento lhe trouxe o aroma de Robin antes de que ela aparecesse.

—Meu Deus, o que houve?

—Estamos bem, mas um par de amigos de Buddy nos obrigaram a sair da estrada.

Encaminhou-se para a casa. Robin saltou para ficar a sua altura.

—Por quê?

—Suponho que estivessem incomodados por uma mulher ter humilhado seu amigo.

—E tentaram matá-la?

—Estavam tentando matar a mim —levantou o ombro para impedir que a cabeça de Lisa caísse para trás.

— Ela estava conduzindo meu carro.

—Como se isso fosse melhor —Robin se adiantou e abriu a porta, observando suas roupas manchadas de sangue.

— A fizeram mal?

Ele penetrou na calidez da casa. Cheirava a produtos de limpeza e a pão recém feito.

—Só ao tentar me ajudar.

—Você nunca lhe faria mal. Quer ela.

O homem parou em seco.

—Lisa diria que ainda não a conheço o suficiente para querê-la.

—Minha irmã é capaz de dizer um montão de coisas para evitar sentir-se vulnerável.

—Você acredita no amor a primeira vista?

Ela subiu as escadas na frente dele. Com a mão sobre o corrimão para evitar cair, respondeu por cima do ombro.

—Eu acredito que as coisas ocorrem quando têm que ocorrer, por mais que tentemos mudá-las.

Em seu tom havia um matiz de aceitação que lhe pôs os cabelos de pé. Fixou-se em sua palidez, a fadiga que envolvia seus movimentos, a marca roxa que tinha se estendido sobre sua cor amarelo e verde pela metade de seu rosto.

—E acredita que está destinada a morrer?

A jovem fez uma careta.

—Contou-lhe isso Lisa, não?

—Está preocupada com você.

—Já sei —chegaram ao patamar.

— O que desejaria é que...

—O que?

Ela moveu a cabeça e suspirou.

—Oxalá o encontro com o Buddy tivesse resultado de outra maneira.

Donovan levantou a cabeça de repente.

—Não posso acreditar que tivesse preferido deitar com esse cretino.

—Não, somente que —se deteve ante a porta da Lisa com a mão na maçaneta—, sempre estive doente, desde que era pequena e quase o único que pude fazer foi ler —seu sorriso era tímido, feminina, comovedora. Ouvir seus sonhos enquanto observava a prova de como tinha acabado a noite lhe doía.

— Sabia que Buddy não era um príncipe. Sozinho esperava que merecesse a pena por uma noite. O bastante para...

Não terminou a frase.

—Para que?

Ela suspirou.

—Para roçar com a ponta dos dedos a magia que Lisa e você compartilham.

Antes de morrer.

As palavras não pronunciadas ficaram suspensas entre ambos. Merda. Robin merecia a magia. Merecia a vida. Não estava em suas mãos lhe assegurar esse último.

Um ligeiro rubor cobriu suas bochechas. Seus olhares se encontraram por um instante.

—Que tola, não sou?

—Não, é muito humano —passou pela porta e se encaminhou para a cama. Ela o seguiu.

—Lisa ficará bem. Somente precisa dormir algumas horas.

A jovem levantou as sobrancelhas.

—E você como sabe?

O homem colocou a sua irmã sobre a cama. As companheiras humanas não eram tão resistentes como as mulheres lobo. Curar era algo instintivo para elas freqüentemente.

Sobre isso não tinham controle e às vezes terminavam dando muito, muito rapidamente.

—Sei.

Quando se endireitou, Robin o estava observando com esses olhos tão sábios.

—Não é o que aparenta, é?

—Não.

A brutalidade de sua resposta só provocou seu sorriso.

—Não se preocupe. Não tem que me dizer nada. Os adoro os quebra-cabeças.

—Não te coloque com este.

—Tratando-se de minha irmã? —cruzou os braços sobre o peito.

— Me parece que não posso evitá-lo.

Ocultar o que era para a família da Lisa, era algo que não tinha previsto. No plano original consistia em levar-lhe possivelmente a sua manada. Mas isso já não era possível. Conhecia Lisa o suficiente para saber que não abandonaria a sua irmã. Ele, como lobo, também dava muito valor à família e nunca a pediria isso.

—Será mais feliz se o deixa passar, se esquecê-lo.

—Não, os mistérios me deixam louca.

Apesar da seriedade da situação, ele sorriu.

—Me ouça, é melhor que deixe este sem desvendar.

—Quando eu conseguir sua confiança, você terá a minha.

—Isso me parece justo.

Depois de tirar as botas de Lisa, estendeu-a sobre a cama e a cobriu com o edredom. Convencê-la para que confiasse nele outra vez não ia ser fácil. Dirigiu um olhar a Robin.

—Vou comprovar que a casa está bem fechada. Você fica com ela?

A jovem olhou pela janela.

—Crê que vão vir aqui?

Donovan não podia assegurar o contrário. A casa tinha muitos pontos de entrada para que um só lobo os protegesse. Uma vez que Kelon chegasse, se sentiria mais a vontade.

A Robin disse simplesmente:

—Ora, não, somente é por ser precavido.

Capítulo 12

Lisa estava acordada. Donovan parou junto à porta do quarto e escutou a mudança em sua respiração que indicava que tinha voltado para a consciência. Fez gesto de agarrar a maçaneta da porta e depois duvidou. Raramente experimentava vacilação. Pelo menos desde que era menino. O que somente demonstrava como uma companheira podia fazer mudar uma pessoa.

Abriu a porta. Lisa ficou de lado, apoiando a bochecha no braço e sorrindo. Estava claro que não se lembrava do que tinha passado, pois se encontrava entre o sonho e a realidade. Donovan lhe devolveu o sorriso, regozijando-se nesse momento de paz, sabendo o que lhe vinha pela frente.

—Está acordada?

—Que horas são?

Ele se apoiou na cadeira que havia junto à porta e tirou sua bota direita.

—Três em ponto.

A jovem bocejou e se estirou com vontade. De repente, franziu o cenho.

—Dormi a sesta?

Ele tirou a outra bota rapidamente, deixando-a cair antes de cruzar o quarto. Tirou a camiseta com a mesma velocidade, atirando-a junto à cama.

—Ficou dormindo sim.

Ela posou os olhos sobre seu peito. Donovan já tinha notado que ela fazia isso com muita frequência. Passou seus dedos pelo ligeiro pêlo que o povoava e o olhar dela seguiu cada um de seus movimentos. Lisa umedeceu o lábio inferior com a língua. Os dedos dele pararam enquanto a imaginação se fazia com o poder.

Imaginava claramente essa pequena língua passeando por seu corpo como se tratasse de dardos de fogo, jogando com seus mamilos, lhe lambendo os abdominais, antes de

provar a força de seus músculos com a ponta de seus dentes. Ele fez gesto de desabotoar as calças. Lisa lhe deteve com um sorriso e um provocador gesto dos dedos.

—Por que não me deixa fazer isso?

Seu membro o empurrou para frente e a mão dela o rodeou com sua calidez.

Inclusive através do tecido, seu corpo reagia —procurando, estirando-se, reclamando a conexão que estava desejando.

—Parece-me muito bem.

O sorriso da jovem era do mais travesso, todo insinuação.

—To vendo.

Não era justo aproveitar-se de seu estado de cochilo, mas também era injusto por sua parte não aproveitar-se da necessidade que tinha dela. Seduzindo-o com o toque de sua mão, a pressão de seus beijos através do tecido, barulho do botão ao soltar-se, o som do zíper ao baixar, sua boca ao aproximar-se...

—Está jogando em terreno perigoso, seli.

Lisa levantou as sobrancelhas, acentuando o brilho travesso de seus olhos.

—O que o faz tão perigoso?

O pequeno fio de suas unhas riscou um caminho desde seu umbigo até o zíper aberto de suas calças. Uma chicotada de sensações lhe percorreu o estômago. A gema de seus dedos se internou na pele tão sensível de seu ventre.

—Tanto você gosta do toque de meus dedos sobre sua pele? —colocou-os detrás da coluna de seu membro, atormentando-o com o contato.

— Ou é outra coisa? —Flexionou os dedos, roçando de uma maneira deliciosa sua receptiva pele.

— Possivelmente queira algo mais.

Todo homem daria qualquer coisa para ter uma mulher que o olhasse da maneira em que o estava fazendo Lisa. Como se fosse uma delicatessen. Como se fosse a cobertura de seu bolo. Como um sonho feito realidade. Maldita seja. Já se imaginava que sua consciência escolheria esse momento para aparecer. Tomando a mão dela entre as suas, pressionou sua palma contra seu pênis, mantendo-os unidos.

—É perigoso pelo muito que te desejo.

A confusão que esperava que aparecesse em seu rosto não chegou.

—Com seu corpo ou com sua mente?

—Com ambos.

Os cabelos da Lisa se derramaram em uma cascata de fina seda por seus ombros com um movimento de cabeça.

—Como homem lobo ou como homem sem mais?

Isso respondia uma pergunta —se lembrava de sua revelação.

—Não te esqueceste.

Ela o abraçou brandamente com um sorriso triste.

—Você e tudo o que tem haver contigo tende a permanecer em minha mente.

Se não tivesse sido por esse pestanejo traiçoeiro teria acreditado nessa exibição de despreocupação. Ele a acariciou as costas com o polegar, lhe dando em silêncio a ordem de preparar-se. Abaixou-se as calças. Seu membro se liberou indo cair na suave calidez de sua palma. Ela o agarrou com delicadeza, como o protegendo.

Apoiou-se contra os almofadões quando ele deu um passo a frente. Sua juba se dividiu, revelando a marca. Foi testemunha de como o corpo do Donovan se esticava em resposta. O lençol escorregou, ajudado por um movimento de seu ombro. Com uma expressão muito inocente para ser verdadeira, agarrou-a antes que chegasse ao mamilo.

Ele conteve um juramento.

—O que, vê algo que você goste?

A provocação de seu sorriso pôs em funcionamento imediatamente seu lado dominante.

Poder e paixão, desejo e risada, tudo isso era capaz de tirar dele, e, além disso, tudo de uma vez.

—Pois sim —deu uma patada em seu jeans para tira-lo do meio, deixando que a emoção o embargasse.

— Você com minha marca.

Ela agarrou com força o lençol, tampando o peito. Esticou um dedo para tocar o lugar. Era todo um contraste: a sombra de sua marca contra a brancura de sua pele, escuro contra claro, duro contra suave. Ele se reclinou sobre a cama, apanhando-a na prisão de seus braços, respirando seu aroma. Imaginando-se essas curvas maravilhosas contra seu corpo, agarrou uma dobra do lençol e puxou dela. Deslizou-se para baixo, revelando esses exuberantes seios coroados por duros bicos. A jovem lhe passou os braços pelo pescoço. Arqueou as costas. Foder, como gostava quando fazia isso, quando se oferecia sem reservas a ele.

—Agora é quando se supõe que tenho que fingir que me assusto do lobo grande e mau?

Pois sim, e o fato de que não o estivesse, preocupava-lhe. Reclinou-se sobre ela, estremecendo-se quando seus seios se fundiram contra seu peito, suaves como o algodão.

—Não, agora é quando falamos.

Seu tom não era tranquilo. Suas mãos não estavam firmes. Não podia lembrar-se de outra ocasião em que se sentisse tão tentado a deixar sua honra de lado.

—Tem-me nua na cama e tudo o que quer fazer é falar?

Ele tampouco podia acreditar.

—Sim.

—Espero que te dê conta de que acaba de me tirar toda a ilusão a respeito da resistência sexual dos homens lobo.

Em sua expressão, entretanto, não se lia a decepção. Tinha o aspecto de uma mulher a ponto de desfrutar de um bom momento. As pálpebras cobrindo pela metade seus olhos, cujo azul acentuava-se com o desejo. Pestanejou enquanto agarrava o fôlego e o mantinha. Merda. Ele estava respirando ela.

Uniu a frente com a sua, o sangue lhe ardia nas veias e sua mente se consumia com um só pensamento.

Gemeu.

—Me faça um favor —disse Donovan.

—O que?

—Quando acabarmos com isto, me agradeça o sacrifício.

Ela suspirou, assentiu e se deixou cair sobre o travesseiro.

—Ok, desde que você me agradeça isso também.

—De acordo —lhe tirou uma mecha de cabelo da bochecha—O que te está passando pela cabeça, Lisa?

—Nada. Nada absolutamente.

—Por quê?

—Porque não posso mais —se agarrou as têmporas fortemente com as mãos.

— Nem sequer aceitei ainda que seja meu amante, e além do mais, agora quer que acredite que é um ser saído do canal de conto de fadas.

—Um homem lobo.

—Isso.

—Diga-o.

—Por quê?

—Para que ao menos saiba se puder com o conceito.

—Dizê-lo não trocará nada.

—Então me siga a corrente. O que sou?

Ela o fulminou com o olhar.

—Um homem lobo, está contente?

Logo que terminou de pronunciar essas palavras, sentiu-se desorientada. Muito desorientada. Terrivelmente. Um homem lobo não era humano. Não podia ter uma relação com alguém que não era humano. Não podia. Jogou uma olhada ao corpo do Donovan, a seus enormes peitorais, os abdominais tão planos, o ligeiro saliente dos ossos de seu quadril, seu proeminente membro. Tudo nele era agressivo. Seu tamanho, sua paixão, sua personalidade. Tanto, que deveria sentir-se ameaçada nesses momentos. Mas não era assim.

Sentia-se... Apreciada. Do mesmo momento em que se conheceram não havia sentido outra coisa. Tirava-a do sério, a fazia se zangar como ninguém e a enchia de frustração, mas

nunca a fazia sentir-se incômoda ou ameaçada. E sempre, valorizada. Havia uma possível explicação.

—Os homens lobo têm telepatia?

—Não todos.

—E você?

—Não.

Fechou os olhos, profundamente aliviada.

—Menos mal.

—Te incomodaria que tivesse?

Lisa assentiu.

—Isso já seria muito.

Ele levantou as sobrancelhas e um ligeiro sorriso aliviou algo da intensidade de sua expressão.

—Mas não se importa que me transforme?

—Quer que te diga a verdade?

—Sim.

—Preferiria que lhe reservasse isso no momento.

A compreensão lhe suavizou as feições.

—Necessita tempo?

—Sim. Provavelmente muito tempo. Você se aborrece?

—Não.

—Embora às vezes faça como se somente fosse um humano normal, como todo o mundo?

—Vai me fazer pôr camisinhas?

—Pode-me transmitir alguma enfermidade? —conteve o fôlego na espera de sua resposta.

—Não.

—E me deixar grávida?

—Não, a não ser que você queira.

Essa era uma informação que teria que explorar mais a frente.

—Então, não. E para que saiba, não quero ficar grávida.

O sorriso do Donovan era encantador, e quando inclinava a cabeça dessa forma e arqueava as sobrancelhas assim, quase se derretia.

—Está segura?

Quase.

—Muito segura. Já tenho bastante com o hotel, a saúde do Robin e agora ainda por cima, Buddy.

Que estava se convertendo em um problema muito maior do que tinha pensado em princípio. Suspirou.

—Não devia havê-lo humilhado dessa maneira.

—Seu engano foi deixá-lo vivo.

Isso era um pensamento agradável.

—É verdade. Deveria ter lhe atravessado o pescoço.

—Teria sido mais seguro lhe atravessar o olho com o pau até que lhe chegasse ao cérebro.

Ela começou a rir, mas algo de sua expressão a fez parar.

—Minha mãe, diz-o a sério!

—Entre minha gente, o preço por tocar a uma mulher lobo é a morte.

—Bom, pois entre os nossos não o é —embora havia vezes que pensava que deveria ser assim.

—Tem que saber que não tolerarei que lhe ameacem.

Ela piscou, uma, duas vezes e depois uma terceira porque simplesmente não sabia o que responder a isso.

—Não pode matar a alguém simplesmente porque pense que ele possa me machucar.

—Sou um lobo.

—E eu uma humana. —Meu Deus, somente dizer isso lhe resultava estranho.

—Se quiser ter uma relação comigo, nós dois teremos que chegar a um acordo, o que significa que o que é normal para mim, também terá que estar incluído em alguma parte.

—Sou um Protetor. Não posso me comportar passivamente.

—O que é um protetor?

Houve uma pausa que se estendeu muito. Estava pensando a resposta.

—O equivalente a sua polícia.

Era um agente da polícia entre uns seres que tinham leis que as viam com termos absolutos, que impunham sentenças de morte por infrações cometidas contra as mulheres.

—Por isso vejo que sua sociedade está muito dominada pelos homens.

—Também a tua.

—Ainda ficaram algumas frestas, mas mudamos muito. Poderia dizer você o mesmo?

Depois de um momento, ele negou com a cabeça.

—Mas isso não será um problema. Viveremos aqui —disse ele.

—Não deveríamos falá-lo?

—Falaremo-lo se chegar um momento que tenhamos que partir.

Ela franziu o cenho, afastando a bochecha do toque de sua mão.

—Isso soou como uma ordem.

—As mulheres lobo obedecem aos homens.

Ela se incorporou apoiando-se nos cotovelos.

—Então, será melhor que te prepare para um choque cultural.

Ele se pôs a rir, lhe passando uma perna por cima. Imobilizou a parte inferior de seu corpo à cama com precisão.

—Me considere já impactado.

Não a estava tomando a sério.

—Não tenho nenhum pinga de obediência dentro de meu corpo.

Ele se inclinou sobre ela de novo, apertando o pênis contra suas coxas, deslizando-se por cima, cravando-se em cima —grosso, duro e preparado.

—Mas é todo um desafio maravilhoso.

Esse homem não tinha nem idéia. Colocou para trás o cabelo e em sua voz se ouviu a sombra de um sussurro profundamente feminino.

—Já não gosta.

Era mentira, mas ele não tinha por que sabê-lo.

—Sim? Não importa.

Ela levantou o queixo.

—O que vais fazer, te pôr em cima e fazer suas coisinhas?

Donovan lhe rodeou um seio com uma mão. Ela olhou para baixo. Era o suficientemente grande para cobrir o peito inteiro. A áspera gema de seu polegar roçou a ponta. Viu a carícia antes de senti-la, mas quando a sensação chegou foi como uma queimadura.

—Poderia se dizer isso —não se perdeu nem um segundo de sua resposta, o estremecimento, o tremor interno.

— Você gostou.

—Não o suficiente para obedecer.

—Ah, ou seja, que quer com jogar isso?

—Quem diz que estejamos jogando?

—Isso é o que estamos fazendo, seli, é um jogo muito antigo, e com a única coisa que não tem que se preocupar e de te encontrar entre os lençóis com um homem que não é capaz de te dar o que necessita.

Capítulo 13

Lisa ia ser todo um desafio na cama. Donovan passou as mãos por seu cabelo e o agarrou na nuca. O desejo palpitava em suas têmporas. A excitação alimentava seu desejo. As presas lhe doíam. Pelo modo em que a mão da Lisa se pousava em sua marca se imaginava que lhe queimava. Queria marcá-la de novo.

Deslizou-se por seu corpo beijando-a nas pestanas, a ponta do nariz, essa boca tão grande e tentadora...

Ela abriu os lábios, distraíndo-o com a essência de seu sabor. Donovan sentiu prazer nisso, embebedando-se com seu sabor, seu aroma, sua promessa. Separou um pouco os lábios do dela.

—Haviam lhe dito que jogar com um lobo é perigoso?

—Sim.

Lisa lhe arranhou a nuca com as unhas. A espetada chegou em sua virilha, enchendo seus testículos, alimentando sua fome.

Mordiscou-lhe a boca cheia de desejo.

—Mas nunca me explicaram a razão.

Ficou embevecido contemplando a sensualidade de seu rosto, sua falta de temor.

Embora devesse estar passando mal tendo que aceitar a realidade de sua existência, não lhe tinha medo. Mordeu-lhe o lábio, bebeu seu fôlego, e depois lhe aliviou a ferida com uma lambida antes de fazer seu beijo mais profundo. O medo não era bom. Colocou a mão abaixo dela antes de lhe dar a explicação que estava esperando.

—Porque podem voltar-se loucos de paixão.

—Te vais voltar louco?

Nem em seu aroma nem em sua voz se notava matiz algum de temor. Mas de excitação? Isso era outra coisa. Ambos transbordavam.

O rugido começou muito dentro e se transformou em puro desejo. Rodeou suas nádegas tão suaves, tenras e acolhedoras com suas mãos. Deslizou os dedos entre ambas. Ao tornar-se mais, o ofego da Lisa se tornou um sussurro. Donovan lhe respondeu quando a ponta de seu dedo encontrou o fechado casulo de seu ânus.

—Sim.

Sorriu contra seu pescoço ao notar o estremecimento que lhe percorria dos pés a cabeça.

Estava claro que ela gostava.

—OH, Deus.

Ele a apertou brandamente.

—Não, somente sou eu, Donovan.

O seguinte calafrio esticou sua voz até converter-se em uma espécie de gemido.

—Acredito que para mim é mais que suficiente.

Seus seios lhe incitavam com sua suavidade.

—Será-o.

A jovem arqueou as costas enquanto se defendia, apartando por um instante o mamilo de sua trajetória. Ele grunhiu descontente. O aroma da excitação de sua companheira se intensificou de tal maneira que esteve a ponto de perder a consciência. Moveu os quadris até que seu membro sentiu o beijo de seu inchado clitóris.

—O que significa isso? —ofegou Lisa.

Os dedos do homem se deslizaram para baixo, banhando-se no úmido calor feminino. Seus ombros se roçaram. Os cabelos da Lisa se derramaram sobre o travesseiro com lascívia ao deixar cair para trás.

—Significa que esta noite vou te fazer minha.

Inseriu tão somente as pontas de dois dedos dentro de seu estreito canal. Os delicados músculos se esticaram, abriram-se e se estremeceram com a tentação. A dura gema de um mamilo lhe roçou a bochecha. Girou a cabeça apanhando-o entre seus lábios, oprimindo-o ligeiramente, chegando ao limite que gostava. As pernas de Lisa se abriram, lhe dando a sua vez o que gostava: submissão.

—Por mim não há problema —disse Lisa.

Ela passou a língua sobre seus lábios, procurando a certeza de seu beijo. Donovan a observou enquanto o encontrava, sua vista cravada no azul de seus olhos que se fazia cada vez mais profundo conforme o afrodisíaco de sua saliva se internava em seu corpo, preparando-a. Seu membro pulsou com fome canina enquanto o lado selvagem que ela tinha escondido saía à luz, vibrava ao tocá-lo, obrigando-o a uma resposta feroz por sua parte.

Tomou ar, tratando de desacelerar a espiral. Necessitava-a muito preparada. Não queria lhe machucar. Penetrou com seus dedos um pouco mais. Como recompensa obteve o sussurro de seu nome.

—Bom.

Afastou os dedos e começou a riscar círculos sobre seu ânus, despertando seu interesse.

Sentindo sua dúvida.

—Donovan?

—Não se preocupe, Lisa —pressionou; ela resistiu.

— Sozinha tem que te oferecer a mim, como eu necessito.

Assim ela o fez, arqueando as costas e dando-se impulso com as mãos.

—Por completo. Como eu desejo.

Seus músculos se separaram ligeiramente. Ele aceitou o pequeno convite com suavidade; quando sentiu que se apertava em torno dele, as têmporas começaram a lhe pulsar e começou a ofegar rápida e fortemente.

—Como você deseja.

Transmitia-lhe a tensão através da resistência de seus músculos internos.

—Está bem?

—Não sei. Nunca dei...

A onda de desejo não lhe deixava entender o que ela queria dizer. Tinha um mamilo na boca e suas nádegas nas mãos. Em seu interior tudo dizia que se apressasse, que estava preparado. E ela tentava lhe dizer que...

Ah, foder, era virgem nessa questão. Ficou imóvel, absorvendo a informação, o fato de que ia ser o primeiro.

—Faremos devagar.

A suavidade da risada da Lisa, relaxou algo em seu desejo. Necessitava essa suavidade. Recebia-a com os braços abertos.

—Por que temos que fazê-lo?

—Porque assim somos os homens lobo —agarrou seu mamilo entre os dentes, metendo-lhe na boca e apertando-o contra o paladar, observando sua expressão enquanto o fazia, aplicando a pressão até que a espera terminou em prazer.

Perfeito. Seu membro deu uma sacudida. A ponta estava úmida. Perfeito. Ela era tão perfeita...

Com a mesma lenta deliberação, apartou a boca de seu seio.

—E porque você o deseja.

—Me dá medo.

—Já verá como logo não terá mais.

Em sua expressão voltou a instalar a luta.

—Como sabe?

Agora seus músculos já não estavam tão tensos. Deu-lhe uma amostra do que ia vir deslizando-se um pouco mais. Lisa abriu os olhos como pratos e ofegou antes de centrar-se na nova sensação. Ele a beijou com suavidade, ajudando-a a superar a surpresa, antes de lhe sussurrar ao ouvido.

—Aí tem a razão. Entrarei em seu interior assim, e o prazer será dez vezes mais intenso.

—Não acredito que possa suportá-lo.

—Suportará tudo o que eu te dê. —O beijo que lhe deu sob a orelha lhe pôs arrepiada. Continuou para baixo.

— Meu corpo. —O vão de sua garganta necessitava que o provassem, mordiscassem-no, beijassem-no. E também o que havia entre seus seios. Um espaço perfumado com seu aroma, o único seu próprio. O único que importava. Deteve-se respirando-o antes de abrir a palma apertando-a contra sua marca.

— Meu coração.

Uma dor abrasadora se estendeu desde sua mão, subiu pelo braço e se internou em seu peito. Agora nunca a perderia. Aonde ela fosse, ele iria. Estavam unidos tanto na vida como na morte. Sussurrou o voto contra o batimento do coração de seu coração.

—Minha alma é para você, nesta vida e na seguinte. Estamos unidos.

As costas da Lisa se arquearam açoitada pelas sensações.

—Donovan!

Percorreu com beijos seu abdômen, a fina linha vertical que definia os músculos, que era seu guia ao esplendor que havia mais à frente.

—O que?

—E se eu não puder te amar assim?

Ele sorriu, apoiando o queixo em sua púbis, observando sua expressão preocupada através de seus seios.

—Já o está fazendo.

Mais que mover a cabeça, revolveu-se quando se aproximou de seu inchado clitóris.

—Não sei o que sentir.

Donovan começou a esfregar o pequeno órgão em um lento círculo. Adorava o modo em que se estremecia sob sua carícia. Como seu olhar se cravava no seu como se fosse o único sólido de sua vida.

—Posso esperar até que saiba.

—Parece que... Está planejando... Esperar... Muito —a última sílaba se elevou a um uivo.

—Sou um caçador. Por isso não se preocupe.

Suas pernas se esticaram. O rubor subiu desde seu peito até as bochechas. Estava perto.

O homem penetrou um pouco mais, sentindo a suave superfície do edredom contra seu membro como pálido substituto do calor sedoso de seu interior. Não ia durar muito mais, mas tinha que saber se ela estava preparada.

—Não goze ainda.

Os calcanhares da jovem se afundaram no colchão, levando seu dedo mais profundo.

—Então não me obrigue! —foi mais um grito que uma ordem.

A emoção que o inspirou e o tom apaixonado que o envolvia, fez-lhe sorrir.

Apartou o dedo e lhe cobriu as nádegas com as mãos. Arrastou-a para baixo, até que teve seus quadris na borda da cama e depois lhe passou os ombros sob as pernas, um detrás de outro. Ela jogou a cabeça para trás enquanto ele se desfrutava no panorama que tinha ante seus olhos. Uma xana perfeita —lábios ardentes e úmidos, inchados pelo desejo, e sobre eles, o mais receptivo dos adornos —seu faminto clitóris, mais sensível que todo o resto.

—Minha.

Agarrou-lhe a cabeça, apanhou umas mechas de seu cabelo e puxou-lhes.

—Então pare de me torturar e faça algo.

A risada do Donovan penetrou pela receptiva carne. Observou como se esticavam e floresciam esses músculos tão femininos, suplicando a sua maneira o que ele estava desejando conceder.

Com um ligeiro movimento colocou a pequena e dura protuberância entre seus lábios.

—Peça-me isso com educação.

—OH, meu Deus.

Apertou com mais força.

—Isso não é o que eu quero ouvir.

—O que quer?

Não pôde resistir a envolver com sua língua o pequeno botão, tratando-a com cuidado, sabendo o sensível que era, querendo jogar com ela, não levá-la até o limite.

Ainda não. Não até que lhe desse o que seu lobo precisava ouvir. Se não podia admitir seu amor, necessitava que admitisse que o desejava e que ele tinha todo o controle.

Lambeu-lhe com pequenos círculos e com suavidade.

—Quero você.

Suas coxas se esticaram contra sua cabeça em um vão intento de levá-lo a seu interior.

—Já me tem.

Mas os músculos dela não eram nada comparados com os seus. Deteve-se, deixou a língua quieta, e lhe fez sentir seu pouco convencimento de uma vez que o via.

—Tenho seu corpo.

—E o que mais quer?

De seu corpo brotavam fluídos que lhe umedeciam a mão.

—Sua entrega.

—Havia dito que esperaria.

—De seu coração, mas aqui na cama tem que te submeter.

—Não sei como.

Sim, ela sabia. Notava-se em cada curva de seu corpo, no modo em que se abria ante ele incondicionalmente. O problema estava em sua mente.

—Pare de lutar contra mim.

—E então o que? —ofegou enquanto ele elevava seus quadris.

— Faço sozinho o que você me diz?

—Sim —isso era justo o que precisava.

— Necessito isso para me consolar até que encontre as palavras.

Lambeu-a brandamente enquanto ela se debatia internamente, mantendo um ritmo pouco constante, sem cair em um que a pudesse levar ao orgasmo. Seu doce sabor especial alagava-lhe os sentidos, derramando-se em seu sangue em uma quebra de onda selvagem e líquida. Ela não era a única que estava perto.

—Me dê o que necessito, seli. Entregue-se.

Lisa cravou as unhas nos lençóis enquanto ele roçava seus clitóris com as presas. Ele esperava que gozasse. Não o fez, agarrou os lençóis e negociou como último intento.

—Primeiro me diga o que significa isso.

Era uma mulher teimosa. Rugiu a resposta.

—Um laço eterno com meu coração.

—OH, merda —o tremor começou em seu centro, expandindo-se para o exterior com uma força cada vez maior, até que o orgasmo encontrou sua boca e seus músculos se estremeceram e seu corpo soluçou pelo prazer que lhe tinha dado. A beleza de sua resposta deixou também a ele a beira do orgasmo. Apertou os dentes e o conteve, enquanto o desejo o conduzia em um caminho inverso, lhe beijando e lhe mordiscando o estômago, os seios, a garganta até que chegou a sua boca, preparado a tomar o que necessitava, somente para encontrar que seu beijo lhe esperava. Supunha que haveria uma luta, mas somente descobriu aceitação em sua ardorosa e imediata resposta. Maldita seja, a amava.

Ajustou a posição. Seu membro se colocou de forma natural contra seu canal, que ainda palpitava. A jovem abriu os olhos, lhe cobrindo as bochechas com as palmas enquanto a urgência pulsava em seu interior.

—Sinto muito.

Quando ele encontrou sua voz, foi um verdadeiro rugido.

—Já nos encarregaremos disso.

Sua vagina se estremeceu contra a ponta de seu membro. Donovan levantou uma sobrancelha.

Devolveu-lhe o sorriso.

—Quando faz isso, perco todo o controle. Podemos nos encarregar disso também?

—Não. Eu gosto assim.

—Já imaginava —cruzou seu olhar com o dela durante um instante e então elevou os quadris fazendo que seu membro se introduzisse no poço de sua xana.

— Donovan, necessito-te.

E ele necessitava que assim fosse. Apoiou-se nos braços. Pôs-lhe as mãos no peito para detê-lo.

—Para muito mais que isto.

Ele não se esqueceria durante o resto de sua longa vida o aspecto de Lisa nesse momento.

Acanhamento mesclado com paixão, determinação com vulnerabilidade dolorosa enquanto o empurrava com os joelhos juntos. Ele retrocedeu observando-a com atenção. Seu lobo rugiu um protesto, pressentindo que vinha um rechaço. Apertou a mandíbula, lutando entre o instinto e a decência. Era muito. Tinha-lhe dado muito no que meditar. Lisa estava se arrependendo.

Ela girou e se ajoelhou sobre a cama, ainda envolta no acanhamento como em uma manta invisível. Suas maravilhosas nádegas em forma de coração reboaram empinadas como uma bandeira vermelha frente a um touro. Olhou-lhe por cima do ombro tirando o cabelo da cara e perguntou:

—É assim que se faz?

O olhar era descarado, o tom sexy, mas em seus olhos se lia o nervosismo. Tinha medo, mas estava se oferecendo a ele apesar disso. Porque ele o tinha pedido. Porque o necessitava. Porque queria lhe provar que se importava lhe dando o que desejava.

—Algumas vezes —foi tudo o que pôde responder.

—Nunca fiz isto...

—Sei.

Com um só movimento, tomou entre seus braços e atraiu suas costas para seu peito.

Para poder envolver seu pequeno corpo sob o seu, seu membro se apoiou em seu úmido calor. As delicadas costelas da jovem se contraíam e se expandiam contra seu peito enquanto suas fragrâncias combinadas os apanhavam a ambos. Sua nuca era tão branca e tão vulnerável...

—Não tem por que fazê-lo.

Ela voltou a cabeça. Beijou-lhe fortemente na bochecha.

—Este não é o momento para falar. Agora tem que te aproveitar antes que me arrependa.

Tinha medo de arrepender-se. Ela, que tinha entrado em um bar e se lançou contra o homem que tinha atacado a sua irmã. Encolheu-lhe o coração. Ela, que se tinha atrevido a emparelhar-se com um homem lobo, tinha medo.

—Deste-me tudo o que quero, e algum dia, quando não estiver nervosa, quando não for uma questão de demonstrar a você mesma a não ser só a mim, pode me oferecer isto —a carícia sobre suas nádegas a sobressaltou.

— Mas por agora, isto é o que desejo.

—O que?

Levou seu membro para frente, rugindo profundamente com a garganta ao deslizar-se em seu úmido calor.

—A você ardendo em meus braços, me oferecendo sua confiança e um futuro juntos.

A jovem gemeu e arqueou as costas, lhe fazendo penetrar ainda mais dentro nesse canal tão tenso, e os músculos que se abriam pelo prazer lhe ajudaram em seu caminho enquanto seu membro se retorcia e palpitava com o mesmo êxtase. Seus testículos lhe doíam, necessitava gozar em seu interior, marcá-la com sua semente como a tinha marcado com seu aroma e seus dentes.

—Faz que pareça muitíssimo —ofegou ela.

Donovan saiu e voltou a entrar, entrando mais profundamente, com o desejo de estar ainda mais dentro, tanto que não se pudesse distinguir entre o fim de um e o começo de outro. Tão dentro que sentisse sua presença muito depois de que se fora. Tanto que sempre fossem um.

Enquanto se estirava sobre suas costas, cravou-lhe os dentes na sombra de sua marca, provando seu sangue, seu desejo. Justo antes de morder, grunhiu a verdade.

—Para um lobo, és tudo.

Justo antes que Lisa dormisse bateram na porta.

—O que houve?

—Sou eu, Robin. Vai descer para jantar?

Ao pensar em comida, rugiu-lhe o estômago. Detrás dela, Donovan se pôs a rir.

Abriu sua grande mão sobre seu estômago enquanto se aproximava.

—Eu diria que isso é um sim.

Encantava-lhe a liberdade que ele tomava com seu corpo.

—E você não comeria algo?

Seu membro escorregou entre suas nádegas, deslizando-se até o ânus, inspirando um escuro e proibido desejo.

—Poderia comer a você —uma carícia sobre seu amado clitóris lhe sobressaltou.

— Você decide.

Houve um silêncio. Donovan esperava. Robin esperava. Lisa se esclareceu garganta conseguindo pronunciar:

—Possivelmente dentro de um momento.

Sua resposta tinha sido mais que som, ar, devido às operações do Donovan entre suas nádegas, que obtinha que seu clitóris se umedecesse com um ritmo tranqüilo.

Esperava que Robin não os estivesse escutando. Seu pênis, enorme e tentador, ficou encaixado em seu ânus de novo, mas esta vez não se moveu, mas sim se deteve e pressionou.

Lisa renunciou a responder quando o desejo lhe explodiu no ventre. Todo seu corpo se estremeceu enquanto as vibrações saíam à superfície em ondas abrasadoras.

—Sim —grunhiu ele, palpitando contra ela.

— Assim. Se abra para mim, assim.

Não ficava opção. Algo dentro dela se excitava ao pensar em oferecer-se a Donovan assim, desejava-o, ardia. Cravou-lhe as unhas na mão, apertando-o contra seu estômago enquanto sentia que o tenso anel se relaxava um pouco, notava como seu membro enchia-o, dominava-o, pedia mais...

—Sairemos dentro de um momento. —anunciou Donovan deslizando sua mão para abaixo.

—Ok.

Embora a porta amortecesse o som, Lisa percebeu o tom triste. Era tão injusto que sua irmã não tivesse nada enquanto ela tinha tudo. Que o único encontro de Robin tivesse terminado tão desastrosa e dolorosamente. Que tivesse que morrer sem nem sequer saber o que se sentia ao rir com um homem. Apertou a mão do Donovan com mais força enquanto ele se inclinava para um lado dirigindo-se para a gaveta da mesinha, e pestanejou para conter as lágrimas.

—Oxalá Buddy não tivesse sido tão cretino. Oxalá ela tivesse podido experimentar ao menos algo do que se sente com um primeiro encontro.

A gaveta se fechou com suavidade. Beijou-a na bochecha. Pela extremidade de olho, distinguiu o tubo branco de um lubrificante.

—Não se preocupe, pensei em alguém para ela.

Ah sim?

—Quem...?

Riscou uns círculos sobre seu clitóris, excitando-a. Seu fôlego planejou sobre sua orelha em um prelúdio erótico.

—Falaremos disso depois.

Kelson

Capítulo 1

—Terá que se arrumar um pouco.

Kelon agarrou as calças que lhe estendia, sentindo a dentada do vento contra sua pele úmida de suor, agora que se encontrava fora de sua pelagem e em forma humana.

—Tem alguma razão em particular para me saltar com essas coisas assim que cheguei? —o perguntou enquanto se introduzia neles.

—Sim —respondeu Donovan franzindo o cenho e lhe jogando uma camisa azul.

— Tem uma pinta horrorosa.

Kelon levantou uma sobrancelha para seu irmão gêmeo enquanto colocava os jeans.

—Tem medo de que assuste a sua pequena humana?

Para sua surpresa, Donovan sorriu. Um sorriso de verdade.

—Lisa é mais capaz de preparar seus ovos para o café da manhã que voltar-se e correr fugindo. —Entregou-lhe meias três-quartos e botas.

— Mas se quisesse, pode tentar assustá-la.

Só havia uma razão pela qual seu irmão lhe proporia comportar-se dessa maneira com sua companheira.

—Se lhe coloca algo na cabeça, é impossível tirar-lhe não?

O sorriso do Donovan se alargou.

—Aha.

Kelon terminou com a primeira bota e começou com a segunda.

—Se for sua companheira, por que está tentando ajudá-la a ficar?

—É humana. Para eles, o compromisso é mais um processo que um reconhecimento instintivo. Estou fazendo tudo o que posso para que vá mais rápido.

Kelon acabou com a segunda bota.

—O que quer dizer...

—Sua mente ainda não aceitou o que seu corpo já prometeu.

—Isso tem que reconhecer um pouco.

Seu gêmeo lhe atirou uma parka.

—Um pouco, sim. Mas tudo se arrumará.

O outro a pôs por cima.

—Desde quando te converteste em um otimista?

Donovan sorriu jogando uma olhada a grande casa vitoriana em metade do claro, rodeada de enormes pinheiros.

—Há aproximadamente quatro dias.

Kelon teve que admitir que se tratasse de uma imagem muito pitoresca, com as janelas tipo francês que iluminavam brandamente a neve recém caída e os adornos avermelhados que enquadravam essas sombras como se fossem encaixes, mas não o fazia sorrir como a um bobo.

—Aha. —Agora não era o momento de tirar a possibilidade de que não se tratasse de uma união verdadeira. Kelon passou a mão por seu comprido cabelo negro, sobressaltando-se quando encontrou-se com um nó muito grosso. Possivelmente seu irmão tivesse razão. Cairia bem um pouco de asseio.

— Poderia tratar-se só de atração sexual.

Oxalá fora isso. Não queria perder a seu irmão.

Donovan levantou uma sobrancelha.

—Também poderia ser algo verdadeiro.

O vento gelado soprou pela montanha, levantando pedaços de neve a seu redor, enchendo a Kelon de apreensão. Quando Donovan tinha essa expressão em seu rosto, significava que se decidiu, e não importava se estava enfrentando à verdade ou não. Quando se tratava de decidir sobre algo, era um imbecil do mais cabeçudo.

Kelon começou a abotoar a camisa com movimentos eficazes.

—O que é o que te faz estar tão seguro?

—Aceitou minha marca, Kelon.

Merda. Não era de estranhar que tivesse o aspecto de um homem que tem o mundo a seus pés. Que uma mulher tomasse a marca de um homem era a prova definitiva de que o emparelhamento era de verdade.

—Parabéns.

—Poderia pôr um pouco mais de entusiasmo.

—É difícil me mostrar entusiasmado, sabendo o preço que terá que pagar.

Donovan lhe olhou com olhos tranquilos, nada da frustração de seu gêmeo se refletia em seu rosto. E por que teria que ser assim? Tinha tido alguns dias para acostumar-se, enquanto que Kelon só umas poucas horas, obrigado a que Wyatt tinha esperado até a noite anterior para lançar a bomba de que seu irmão tinha encontrado uma companheira humana. Passou-se de novo a mão pelo cabelo.

— Pelo amor de Deus, Donovan. Vai perder tudo por sua culpa. Já não terá manada. Verá-te rechaçado. Sozinho no mundo.

—Não, não estará sozinho.

Por detrás dos arbustos que havia à direita de Donovan apareceu a convicção, o aborrecimento e a violência. Uma mulher miúda com cabelo castanho claro, grandes olhos azuis e um corpo agradavelmente arredondado saiu à luz. Seu aroma e seu comportamento a assinalavam como humana. Ao contrário que uma mulher lobo, não baixou o olhar ante

ele, se limitou a quadrar seus frágeis ombros, a levantar o queixo e colocar-se entre o Donovan e ele.

Como se esse débil corpo humano servisse como amparo para algo.

—Terá a mim.

Donovan agarrou a mão da mulher e puxou-a, franzindo o cenho.

—Pensei que havia dito que ficasse lá dentro.

—Disse até que chegasse seu irmão. —encolheu-se de ombros.

— Não só esperei que chegasse, mas também a que se vestisse. É este?

—Sim. —Passou-lhe uma mão pelo ombro.

— Kelon, esta é minha companheira, Lisa Delaney.

Ela observou a ambos e franziu o cenho.

—Pensava que havia dito que eram gêmeos.

—Em baixo desse cabelo e dessa barba, o é.

A jovem entrecerrou os olhos. Um germe sob um microscópio não teria sido analisado tão minuciosamente. Depois, negou com a cabeça.

—Terá que encontrar a outro. Robin não gostará.

Ver-se rechaçado por uma mulher era uma nova experiência. Kelon se apoiou contra o tronco de uma árvore.

—Quem é Robin?

Nem Donovan nem Lisa lhe prestaram nenhuma atenção.

—Necessita de alguém bonito e amável, não imundo e violento.

—Confia em mim, quando se lavar estará melhor.

—E isso servirá também para sua atitude?

—Provavelmente não. Não é que lhe entusiasmem os humanos.

—Não gosta dos humanos?

—Nem ninguém.

Lisa se deu uma palmada nos quadris.

—Grande recomendação!

—Para que? —perguntou Kelon.

A jovem apenas o olhou ao lhe espetar:

—Para sair com minha irmã.

—Vim aqui para brigar, não para me dedicar a cortejar a ninguém —repôs Kelon, se por acaso interessava a alguém. Mas não pareceu que fosse assim.

—Te disse pra que me deixasse cuidar do assunto —assinalou Donovan em voz baixa, pondo um dedo sob o queixo da Lisa para lhe levantar o rosto.

—Isso foi quando pensei que tivesse certo gosto —o olhar que jogou ao Kelon era eloqüente.

Donovan grunhiu ante esse desafio a sua autoridade. Lisa se sobressaltou e baixou ligeiramente o queixo enquanto o ar se suavizava com sua resposta, mas ninguém poderia

dizer nem por indício que se acovardava. A companheira de seu irmão era mais fogo que água, e estava claro que ainda não lhe tinham ensinado as normas de uma manada, sendo a número um que as fêmeas não desafiavam aos machos. Isso era por uma boa razão. Os homens lobo eram agressivos e dominantes. Embora a lei requeresse que mantivessem esse lado de sua personalidade controlado quando se encontravam junto às mulheres, sempre existia o perigo de que não fosse assim. Posto que o castigo por fazer mal a uma fêmea era a morte, era necessário que as mulheres lobo cooperassem para que a harmonia existisse na manada.

No que Lisa claramente não acreditava ao devolver um olhar igual de fúria a seu companheiro. Ao final, Donovan suspirou, posou uma mão em seu rosto e moveu a cabeça.

—É uma imprudente.

A suavidade da reprimenda valeu mais ao Kelon que mil palavras. Seu irmão, duro como uma pedra, que era capaz de matar sem olhar, estava apaixonado por alguém proibido, uma humana.

Alheia à concessão cultural que Donovan fazia, Lisa se encolheu de ombros.

—Você gosta.

—Na cama sim, fora não.

Esta vez o olhar que lançou a seu homem foi de horror.

—Donovan!

Foi uma exclamação de angústia puramente feminina. A reação de seu irmão foi totalmente de lobo. Riu e a apertou contra seu peito. Ela se deixou levar sem opor resistência, implicando com sua atitude sua confiança absoluta. Enquanto que Donovan... Bom, Kelon nunca lhe tinha visto sorrir assim. Como se tudo estivesse bem. Como se ele se encontrasse totalmente em paz.

Suspirou ao ver a triste realidade rosto a rosto. Seu gêmeo não ia voltar.

Tinha encontrado uma companheira, e a manada teria que aceitá-lo e seguir em frente.

Maldita seja, ele também teria que assumi-lo. Seu companheiro, seu irmão se veria rechaçado de agora em diante. Merda, ele mesmo, como Protetor, teria que fazê-lo.

Kelon se separou da árvore enquanto a raiva e a perda se mesclavam em seu interior, pedindo uma saída.

—Chamaste-me para matar a alguém ou para observar como fazem bajulações um ao outro?

—O que prefere? —perguntou Donovan.

—Matar a alguém.

A Lisa faltou o ar para respirar.

—Não podem decidir de qualquer jeito uma coisa semelhante.

Kelon levantou uma sobrancelha em sua direção.

—Acho que sim.

Ela negou com a cabeça cruzando os braços sobre o peito e olhando a seu companheiro.

—A Robin não vai servir. Não é capaz nem de matar a uma aranha!

Kelon teve que admitir que seu irmão provavelmente tivesse perdido a cabeça.

—E você quer que eu saia com ela?

—Não só isso, mas também que lhe mostre o que é a magia.

A magia não estava entre seu repertório.

—Acredito que voltarei para as montanhas e já.

Não invejava a felicidade de seu irmão, mas era um Protetor até a medula. E com o Donovan fora de jogo, a responsabilidade de proteger a manada, de fazer que se cumprisse a lei e de continuar sua linhagem recaía sobre ele. Sair com humanas tão pouco sociáveis que não eram capazes de conseguir um companheiro dentro de sua própria raça, não se encontrava dentro de suas tarefas.

Donovan fez um gesto para a casa.

—Antes de decidir tão categoricamente, poderia conhecê-la.

Daí, Kelon distinguia uma pequena silhueta que se encontrava na soleira, olhando para a escuridão. A mulher devia ser feia como o demônio se não havia nenhum humano que queria sair com ela.

—Por quê?

—Parece-me que não é o que estás imaginando.

O que estava pensando não era muito adulator.

—Merda, espero que não.

Capítulo 2

Não era feia. Nem um pouco. De fato, Robin Delaney era a mais doce que Kelon tinha visto em sua vida. De aroma suave, de boca suave, com curvas brandamente arredondadas, justamente o contrário a um lobo. Estava de pé na soleira da grande casa vitoriana e a luz do interior a emoldurava em um halo dourado, e apelava a sua alma com o melancólico sorriso que rondava sua boca ao observar as mãos unidas do Donovan e Lisa. Desejava arrebatá-la a tristeza desses lábios, agasalhar-se no néctar de sua fragrância, contribuir com felicidade a seus olhos. O instinto o empurrou para as sombras de novo, impactado por sua presença. Perigo. Paraíso. Morte. Vida.

Observou-a procurando a origem da ameaça, encontrando, entretanto ainda mais detalhe que gostava. Dessa distância, não podia distinguir a cor de seus olhos, mas seus largos cabelos eram castanhos, totalmente lisos, seu nariz pequeno, o queixo bicudo e os

lábios grandes e deliciosamente arqueados. Não podia desviar o olhar dela, e se manteve fora de seu campo de visão até o último momento, estudando-a, memorizando-a, gravando cada um de seus traços em sua mente. Havia algo fascinante no modo em que se movia, uma elegante feminilidade que fazia com que sua mão desejasse comprovar a curva de seus ombros, seus seios, suas coxas...

Ela ficou a um lado, sorrindo ante algo que Donovan dizia enquanto subia as escadas do alpendre. A luz acariciava suas bochechas, sublinhando os restos amarelados de uma marca roxa. Em seu peito se formou um rugido. Alguém tinha se atrevido a tocá-la, a marcá-la com violência. Suas garras se estenderam. Sua ânsia de sangue surgiu.

A mulher se virou, tentando ver através da escuridão.

—Quem está aí?

Sua voz, ligeiramente rouca, acariciou-lhe a libido, incrementando seu interesse. A matiz de temor o impulsionou a deixar-se ver para tranquilizá-la.

Lisa jogou uma olhada para trás, franzindo o cenho ao não encontrá-lo imediatamente, e olhando inquisitivamente ao Donovan. Ele se limitou a encolher-se de ombros.

—Estávamos mostrando ao Kelon a propriedade.

—Na escuridão?

—Tinha muita vontade de vê-la. —Lisa protegeu seus olhos da luz do alpendre.

—Kelon?

—Quem é Kelon?

—Meu irmão. Parou-se a olhar algo.

—Ele o que?

O recém-chegado saiu das sombras, sem desviar o olhar de Robin. Tinha que saber de que cor eram seus olhos.

—A verdade é que estava tentando não parecer um voyeur. Estes dois têm um grave problema: são incapazes de tirar as mãos de cima um do outro.

A jovem ficou olhando-o, lhe fazendo consciente de sua barba, seus cabelos despenteados. Robin retrocedeu um passo. A bem-vinda sumiu de seu sorriso. Seu aroma se tingiu de medo.

Não estava bem que lhe temesse. Kelon deu um passo, e depois outro, impulsionado por um toque misterioso em seu aroma. Algo que nunca tinha cheirado antes, mas que reconhecia de todas as formas. No mais profundo, em uma parte dele que já tinha renunciado à esperança, reconhecia essa fragrância.

A cada passo que dava para frente, Robin retrocedia um, mas seus passos eram menores. Ela era muito mais baixa que ele. Pequena, frágil e misteriosa. Seu rosto era redondo, possivelmente um pouco mais do que estava de moda. Sua silhueta estava repleta de curvas.

Tinha uns seios grandes que pressionavam com força o suave tecido de sua camisa com decote redondo. Os quadris se ondulavam a partir da beira da camisa, unindo-se as coxas que também estavam deliciosamente arredondadas, tentadoras, ideais para receber a dentada de um lobo. E seus olhos. Ao aproximar-se para vê-los, aspirou seu aroma, mantendo-o em seus pulmões.

Seus olhos eram de um azul céu brilhante, com tons mais escuros no centro. O degrau inferior rangeu sob seu peso. A ela prendeu a respiração e se apoiou no marco da porta. Donovan lhe lançou um olhar de advertência. A seu irmão não importou.

Nenhum olhar o afastaria do segredo que ela escondia. Nada o separaria dela. Era um lobo, um Protetor, e ela era... Ela era única.

Fez gesto de tocar a aba do chapéu antes de lembrar-se de que não levava.

—Prazer em conhecê-la, Robin.

As palavras lhe saíram automaticamente, como um ato reflito, embora em realidade estivesse concentrado na informação que lhe transmitiam seus sentidos, em como suas unhas arranhavam seu jeans, em que cada vez respirava mais depressa, no rastro do medo. Seu lobo classificou tudo o que o fazia tirar quão primitivo levava dentro, detendo-se quando algo novo se introduziu no redemoinho. Reconhecimento. Golpeou-lhe como uma bofetada. Reconhecia-a.

Ela tentou sobrepor-se a seu medo com as costas contra a parede. Subiu ligeiramente o queixo e avançou um passo para frente. Um pouco mais perto.

—Eu também me alegro de te conhecer.

A voz fluíu até ele como o mel, matizando ligeiramente “te”. A única coisa que podia fazer era observá-la, enquanto a grandeza do que olhava abria passo em sua mente. Sua companheira. Tinha uma companheira.

A luz do alpendre mostrava sua confusão e os reflexos de seu cabelo. Teria esperado que fossem avermelhados como os de sua irmã, mas as suas eram mechas loiras, que brilhavam como raios de sol emoldurando seu fascinante rosto. Esse rosto com uma marca.

Seu lobo rugiu. Apertou os punhos ao subir o último degrau.

—Quem te fez isso?

Donovan entrou em seu campo de visão. Robin moveu a cabeça, olhando à direita e esquerda. Não tinha aonde escapar. O edifício estava detrás dela e ele na frente. Não podia ir a nenhum lugar onde ele não a encontrasse.

Donovan se interpôs entre eles, dando uma cotovelada ao Kelon.

—Desculpe o meu irmão. Quando lhe coloca uma coisa na cabeça...

—Não importa. —O tremor de sua voz refletia justamente o contrário.

—Donovan? —chamou Lisa.

—Já me ocupo disso.

A reação de seu gêmeo ante a ameaça foi imediata. Rugiu.

Em um tom tão baixo que ninguém a não ser outro homem lobo teria podido escutá-lo, Donovan advertiu:

—Te controle.

—Mantenha-se afastado dela. —Nenhum outro macho podia aproximar-se dessa mulher.

Donovan apertou a mandíbula.

—Está assustando-a. Retroceda.

—Não. —Só queria estar mais perto.

—O desejo te está turvando o cérebro.

Não, não era assim. Pela primeira vez em sua vida, sua mente estava limpa. Sabia exatamente o que tinha que fazer. O que desejava. Via claramente aonde ia. Que todos os caminhos levavam até ela.

Donovan o empurrou com o ombro. Para um estranho, pareceria que os dois irmãos estivessem brincando entre eles, mas em realidade o único que lhe estava retendo para não agarrar a Robin entre seus braços, era a determinação de seu irmão.

—Se continuar assim, se colocará a correr —grunhiu este, sorrindo a Lisa por cima do ombro.

—Pois então a apanharei.

—Tudo iria muito melhor se te limitasse a cortejá-la.

O rugido do peito do Donovan recordou a seu irmão que, sob a lei da manada, Robin se encontrava sob seu amparo. Isso ia complicar as coisas. Donovan tomava suas responsabilidades muito a sério, e nenhum macho, nem sequer um irmão, poderia conseguir que se esquecesse de seu dever.

Kelon inspirou uma vez, depois duas, reconhecendo a agressiva determinação de seu irmão, o nervosismo de Lisa e a apreensão de Robin. Centrou-se no desta última. Sua verdadeira companheira.

Restringiu-se um pouco quando a razão começou pouco a pouco a sobrepor-se a seu instinto. Tinha-a encontrado. Era o presente que fazia o destino. Era algo que não tinha preço, e tinha direito a que seu valor ficasse demonstrado como devia.

Assentiu com um movimento de cabeça. A cortejaria. Donovan não se relaxou imediatamente durante uns segundos. Ao final, ficou a um lado, mas seguiu vigiando-o.

Não tinha por que preocupar-se. Kelon voltava a estar sob controle com esse propósito em sua mente. Com um sorriso, e procurando mentalmente algum diálogo de um filme que fora apropriado para essa situação, esticou sua mão.

—Estive longe da civilização durante muito tempo. Às vezes não sei como me comportar. Não pretendia te assustar.

Uma mulher lobo teria seguido seu primeiro instinto e teria se mantido afastada, mas Robin não o era, e ao parecer os humanos fazem mais caso a seu coração que a sua cabeça. Ele apontou mentalmente enquanto lhe dava a mão a sua vez. Também o modo cauteloso

em que Lisa os olhava. Sua oposição não mudaria nada, mas sua interferência poderia atrasar o inevitável final de seu cortejo.

—Tudo bem.

—Foi mal educado por minha parte. —Não soltou sua mão—, é que a sua presença é tão deliciosa que me fez perder a razão por um momento.

A suas costas, Donovan gemeu. Lisa pôs os olhos em branco. Robin pestanejou, mas não tirou o olhar e não fez gesto de querer soltar-se.

—Eu gostaria de te compensar cozinhando. A não ser que já tenha jantado —disse Kelon.

Estava bastante seguro de que não era assim porque não cheirava a comida. A uma mulher lobo teria trazido uma presa recém caçada para indicar seu interesse. Para Robin faria o jantar.

A mesma idéia, sem tanta confusão. Guiou-a através da porta. Ela olhou por cima do ombro ao Donovan.

—Não sei se...

—Fique tranqüila, se Kelon cozinhar, a única coisa que tem que fazer é se sentar e deixar que suas papilas gustativas lhe antecipem o paraíso que vai chegar a sua boca.

Esta vez o sorriso de Kelon era verdadeiro. Sempre podia confiar no apetite de Donovan em levar as coisas a seu terreno, até certo ponto.

—Sabe cozinhar? —Robin o fez soar como se ele houvesse dito que podia caminhar sobre a água.

—Eu gosto de seu lado criativo. —E o exercício de destreza que incluía o manejo de facas.

Ela se relaxou ligeiramente. Depois de outro olhar ao Donovan por cima do ombro, relaxou-se completamente, lhe dando de presente o primeiro sorriso.

—Como criativo? Não fará coisas tão extravagantes, dessas que não se podem nem comer, fará?

—Me diga onde está a cozinha e te mostrarei o que posso fazer.

Ela se deteve em metade do antiquado saguão, cujo aspecto lhe pegava muitíssimo.

Havia uma elegância no modo em que se comportava que recordava às mulheres do século passado. Uma mulher que era o fogo de seu lar. Alguém por quem voltar para casa.

—Quer te lavar antes?

A maneira em que olhou a sua barba para apartar os olhos rapidamente, disse-lhe que possivelmente seria uma boa idéia.

—Estou desejando tomar banho e me barbear, mas me permita que primeiro te prepare algo para matar a fome.

—A nós também? —perguntou Donovan.

Kelon olhou pra Robin.

—Quer compartilhá-lo com eles?

—Claro.

—Não tem por que. Sei que meu irmão pode ser intimidante, mas posso arrumar isso com ele.

Ignorou a resposta de Donovan, “em seus sonhos” e se concentrou na compreensão crescente dos olhos de Robin. Estava se precavendo de seu interesse. O que acontecia com os homens humanos? Uma mulher tão doce era um tesouro. Acariciou-lhe o dorso da mão com o polegar. A suavidade de sua pele lhe chegou até a medula. Seu membro desejava sentir toda essa suavidade contra ele.

Ela baixou o olhar até sua virilha. Kelon se deu conta de que tinha notado sua excitação quando suas bochechas se tingiram de vermelho. Era algo difícil de ocultar em um lobo. E muito mais para ele.

Ele cruzou o olhar com o seu, não lhe permitindo que o separasse, lhe obrigando a sentir algo de quão selvagem levava dentro, deixando que a atraísse para ele.

—Se quiser tudo, lhe darei —disse Kelon.

Seus olhos azuis brilhantes contrastavam contra o vermelho de suas bochechas, mas envergonhada ou não, não retrocedeu, mas sim lhe dedicou um sorriso que lhe subiu a pressão sangüínea e disse:

—Possivelmente deveria esperar e ver como se sai com o jantar antes de responder a essa pergunta.

—É um convite permanente.

Mais rubor, junto com o primeiro sinal de sua excitação em seu aroma. Era tão atraente como ela mesma, limpo, terroso e especial com um penetrante matiz feminino. Rugiu brandamente de prazer ante esta pequena revelação. Donovan lhe golpeou nas costas para ocultar o traiçoeiro som.

—Espero que sua decisão não se veja influenciada pelo flerte.

—Quem está flertando?

Outro golpe nas costas, mais forte esta vez.

—Você.

O sorriso de Robin era precavido e possivelmente realçado por algo como a esperança?

—Por mim não te prive.

Kelon lhe roçou com um dedo a bochecha, tentando fazer leve o tudo o que nele era pesado e escuro.

—Não o farei.

O olhar dela se cravou no seu. Não gostava desses círculos negros abaixo dos seus olhos, nem esse algo que detectava em seu aroma que não estava bem.

—Bem —comentou ela sem respiração, e seu sorriso se fez mais brilhante ao retroceder.

Deixar que o fizesse foi uma das coisas mais difíceis que teve que fazer em muito tempo.

—A cozinha está por aqui.

Observou-a enquanto caminhava a frente dele, só centrado em parte na plenitude evidente de seu traseiro. Preocupava-lhe mais a debilidade que se revelava em seu aroma.

Agora que estava prestando atenção, dava-se conta de que seus passos eram um pouco mais pesados do que o normal e parecia que ao apoiar as mãos nas superfícies planas, estava se sujeitando. Não estava bem. Da soleira, convidou-lhe a entrar na cozinha.

O toque de seu ombro contra o dela não foi acidental. Seu grito afogado foi música para seus ouvidos. Ainda melhor foi o sorriso que compartilhou com ele durante um momento antes de entrar na cozinha. Era tímida, mas não tinha medo, e estava claramente aberta a seu galanteio.

Um rápido reconhecimento lhe mostrou todos os recipientes que poderia precisar pendurados em um suporte no centro da espaçosa sala. A geladeira e os fogões estavam colocados de forma prática. Alegrou-lhe ver que estes eram a gás. Ao abrir a geladeira comprovou que estava bem provida. Levantou o olhar. Robin ainda estava do outro lado da cozinha, apoiando-se no marco da porta.

Rebuscou rapidamente pelos armários e pegou os ingredientes que necessitava e os jogou sobre a tabua de cortar. Robin observava todos seus movimentos com a mesma fascinação com que ele a olhava. O chão rangia no saguão. Sem dúvida se tratava da Lisa e Donovan que vinham por ali. Robin lhes sorriu por cima do ombro. A frigideira retumbou sobre o fogão metálico, tampando a voz de Donovan. Robin ficou parada e depois rígida.

Ele fez um gesto para os bancos que haviam do outro lado do balcão.

—Vem me fazer companhia.

Ela se aproximou com precaução, seu sorriso aberto de antes, era agora tenso. Não sabia o que ela tinha ouvido Donovan dizer, mas sabia que havia ouvido algo; ia dar um chute no rabo de seu irmão por lhe tirar a alegria do rosto.

—A verdade é que não tenho muita fome.

Fingiu que não tinha notado sua mudança de atitude e subiu as mangas da camisa. Pegou um copo e colocou suco nele.

—Mas pode ficar comigo um momento.

—Não tem por que cozinhar para mim.

—Para mim é um prazer, e o que não quiser pode dar pro Donovan. Ele sempre tem fome.

—Igual à Lisa.

—Ah sim? —Olhou-a enquanto atravessava o cômodo.

— Nunca o houvesse dito.

O sorriso se desvaneceu do rosto de Robin.

—Pode comer tudo o que quiser sem engordar nem um grama.

Agarrou o copo e suspirou. Não era difícil de adivinhar o que estava pensando. Ele sabia que os humanos não gostavam muito dos corpos tão cheios. Mas ele não era humano, era um lobo. E as mulheres lobo estavam acostumadas a serem esbeltas e musculosas, totalmente em forma. Muito belos, mas para um homem que ansiava a suavidade, não era o ideal.

—Suponho que a alguns homens gostará. Mas... —Esperou até recuperar sua atenção, e então procurou que seu olhar se deslizasse lenta e deliberadamente sobre seus ombros arredondados, seus seios cheios e seus amplos quadris.

— Cada um tem seu gosto.

Robin se moveu incômoda na cadeira, e voltou a ruborizar-se, assim como a notar sua excitação em seu aroma.

—Onde está a farinha?

—No pote da bancada —respondeu Lisa olhando-o com receio e sentando-se em uma cadeira junto a sua irmã.

Donovan se colocou ao outro lado.

—O que vais fazer?

—Não pergunte ao cozinheiro. —Indicou o copo frente a Robin.

—Beba.

Ela baixou a cabeça e o homem vislumbrou seus lábios apertados antes que o cabelo se deslocasse para frente e os tampasse.

Donovan se moveu na cadeira. As patas de madeira rangeram protestando.

—Não lhe faça nem caso quando começa a dar ordens, Robin. É melhor. A jovem levantou a cabeça e o olhou pela extremidade do olho.

—Sempre está dando ordens?

—Quando pensa que tem razão, sim.

Ela inclinou a cabeça.

—E crê que tenho que beber o suco?

—Sim.

Estava mesclando farinha, sal e levedura em uma tigela. Acrescentou manteiga.

—Por quê?

Mesclou a manteiga com os dedos, partindo-a em pedacinhos.

—Pelo modo em que falas e pela secura dos lábios, eu diria que está desidratada. Além disso, pela maneira que vai apoiando nos móveis que há ao seu redor, poderia ser que estivesse um pouco enjoada. —Indicou o copo.

— O suco tem frutose para combater o enjôo e líquido para a desidratação.

Ela ficou olhando um instante.

—Deste conta de tudo isso nos poucos minutos que levamos falando?

Kelon pôs o recipiente a um lado.

—Sim.

Outra pausa, durante a qual ela se limitou a olhá-lo sem trocar sua expressão, e depois sorriu, revelando a malícia de sua alma. Deus, adorava as mulheres amantes das travessuras.

—Aposto que você gosta dos quebra-cabeças —disse Robin.

Esta vez foi ele quem ficou olhando. Não muita gente sabia isso dele.

—Sim, mas só os tridimensionais. Os planos são muito fáceis.

Ela passou os dedos pelos flancos do copo, estendendo a condensação com as pontas. Era facilíssimo imaginar esses dedos sobre seu membro fazendo o mesmo. Era uma experiência única. Nunca havia se sentido ciumento de um copo de suco.

Acrescentou a suficiente quantidade de água para a massa.

—Também eu gosto desses.

Fazia tempo que uma mulher não lhe dizia algo tão pouco sensual. Mas também era o mais íntimo, e o modo em que se ruborizou e manteve seu olhar depois esperando que a rechaçasse trouxe a luz todos seus instintos protetores.

—Se tiver algum, poderemos fazê-lo depois do jantar.

Seu rubor se transformou em carmesim e depois em escarlate quando Lisa interveio.

—Parece-me uma idéia excelente. Será ótimo ter alguém com quem fazer quebra-cabeças. Esteve muito solitária desde que Heather voltou para o trabalho.

Kelon fez uma careta em seu interior. Não podia ser mais óbvio que Lisa pensasse que tinham que obrigá-lo a passar tempo com sua irmã. E agora mesmo não podia fazer nada para desmentir essa impressão.

Robin já não parecia nada entusiasmada. Kelon admirou que conseguisse manter seu sorriso.

—Pois sim, estará bem —comentou a jovem.

—De fato... —começou a dizer Lisa. Donovan lhe agarrou a mão.

—Seli?

—O que?

—Te cale.

Ela olhou a seu redor, viu a expressão de Robin e disse entrecortadamente:

—Vá, acredito que me interpretaste mal. Não é o que parecia. Estou segura de que...

Esta vez foi Kelon quem a cortou.

—Que estou encantado de que Robin me tenha recebido e me tenha dado a oportunidade de conhecê-la melhor.

—Um, sim.

—Então, tem razão, mas para impedir que Robin deixe de ruborizar-se e antes que se converta em cinzas, por que não deixamos o tema? —depois de dividir a bola de massa em três partes iguais e pôr uma parte de papel de cozinha frente de cada um, ele indicou:

—Façam bolinhas de três centímetros.

Donovan jogou uma olhada a Lisa que se pôs a amassar sua parte como resposta à petição.

—Tá vendo? Inclusive quando é educado, dá ordens.

Para surpresa de Kelon, Robin saiu em sua defesa.

—Igualzinho a alguém que conheço.

Para um homem tão mandão, Donovan era capaz de adotar uma atitude da mais inocente.

—De quem está falando?

—Como se não soubesse. —Parecia que pôr os olhos em branco era um costume familiar, mas para o Kelon, em Robin ficava melhor que em sua irmã.

Com um olhar a Donovan, colocou uma bola de massa na tabua que tinha na frente.

—Está bem? —disse Robin, e se inclinou para comparar sua forma com a que Kelon fazia. Isso proporcionou ao homem uma visão de seu decote. Se estava tentando seduzi-lo com isso, estava-o conseguindo. Seu aroma empapava o profundo vale, e o tentava com as possibilidades eróticas que oferecia.

—Perfeito.

Ela seguiu seu olhar. Com um pequeno grito afogado, colocou a mão no peito.

Inclusive sua mão, da metade do tamanho que a dele, sem suas duras calosidades e as penosas lembranças que lhe traziam, excitava-lhe. E ali onde estava, podia imaginar-se toda sorte de maneiras nas que poderia estimular-se enquanto ela se despia.

Donovan limpou sua garganta. Seu irmão jurou em voz baixa. Ia muito rápido.

Para ela não existia o reconhecimento instantâneo. Os humanos não pensam como os lobos.

Pela primeira vez desde que tinha entrado, precaveu-se da realidade. Poderia haver encontrado a sua companheira, como seu irmão, mas era humana. Se seguisse em frente, teria que reestruturar todas as coisas que para ele tinham valor em sua vida. Possivelmente deixar tudo.

Para... O que?

Robin voltou a sentar, lhe recordando que estava esperando seu veredicto.

—Hmm, perfeito.

Agarrou uma bola de massa e a aplanou rapidamente até formar uma fina tortinha, e depois a jogou no azeite. Fritou-se com um lento vaio. Deu-lhe a volta depois de um par de segundos. Quando pareceu, colocou-a sobre papel de cozinha para escorrê-la. Esticou a mão para pegar outra, e se encontrou com a que Robin lhe estendia com eficiência as que lhe estavam passando os outros.

Enquanto passava uma, a jovem lhe perguntou.

—Posso te perguntar o que está fazendo?

—Umas queijadinhas para matar a fome até que o jantar esteja preparado.

—Nem sequer sabe o que temos para fazer o jantar.

Ele se encolheu de ombros.

—Já me ocorrerá algo. Sou bom na cozinha.

Robin não apanhou as seguintes duas bolas. Voavam como frisbees. Desceu do banco e aproximou-se da bancada justo quando se estavam escorregando pela borda. Ele foi a alcançar ao mesmo tempo. Seus reflexos eram mais rápidos e chegou antes. Ao ver que se cambaleava ao ficar de pé, passou-lhe um braço pela cintura e lhe ajudou a estabilizar-se.

Um olhar à mesa confirmou suas suspeitas.

—Não terminaste o suco.

—Já.

Tremiam-lhe as mãos que se levou à frente. Tanto Donovan como Lisa a olhavam com preocupação, mas não com surpresa. Ao Kelon lhe pôs um nó no estômago. Havia mais do que suspeitava. Tirou as tortinhas do fogo e a conduziu à cadeira de novo.

—Está bem?

A jovem assentiu.

—Só estou um pouco enjoada.

Logo que as coisas estivessem mais claras entre eles, ia ter que ocupar-se de sua tendência a mentir.

Empurrou o suco para ela. Fixou-se em sua bochecha arroxeadada e seus dedos ansiaram acariciar essa pele machucada. As glândulas debaixo da língua se incharam com o desejo de curá-la. Apertou os dentes para sossegá-lo. Não era um homem impulsivo, mas quando se tratava dela, utilizava mais o instinto que o pensamento. Não gostava desse sentimento. Encontrava-se mais a vontade com a lógica.

Não lhe ajudava absolutamente que Donovan tivesse notado sua sensação e que parecesse divertido. Se não fosse por ter coisas mais urgentes para preocupar-se, levaria seu gêmeo para fora e lhe apagaria esse sorriso repelente do rosto. Ou ao menos o tentaria. A verdade é que os dois estavam muito iguais no que se referia a força.

—Beba o suco.

Isso obteve que Robin levantasse a frente, mas não que bebesse. Esperou até que tomou um gole, e depois terminou com o aperitivo, lhe indicando a cada poucos minutos que tomasse um gole até que o copo estivesse vazio.

—Se alguém me mostrar onde está a ducha, me assearei um pouco e logo começarei com o jantar.

—Eu posso fazê-lo —disse Robin. Ele a olhou e negou com a cabeça.

—O que tem que fazer você é relaxar. Eu me ocuparei de tudo.

Em sua cabeça acrescentou “de agora em diante”.

Lisa observou aos dois e seu olhar confuso logo se encheu de suspeita.

—Não tínhamos combinado que te convertesse no chefe.

—De que pacto fala? —perguntou Robin.

Kelon negou com a cabeça sem tirar os olhos da Lisa. Não queria que lhe revelasse que Donovan tinha lhe pedido que saísse com Robin. Com certeza esta se sentiria ferida.

—Nada que tenha que preocupar-se.

—Algumas coisas não se podem controlar —acrescentou Donovan, provando uma parte de queijadinha.

Como no caso do amor, pensou Kelon, compreendendo muito melhor a escolha de seu irmão. A não ser que ele se decidisse em ignorar seu destino, tudo o que fizesse Robin seria de sua incumbência. E todo o seu, concerniria a esta, incluindo a lei da manada, bem que ele a estivesse administrando, ou que esta fosse por eles.

Lavou as mãos e as secou em papel de cozinha antes de passar uma mão pela barba. Ao menos havia algo que podia controlar.

—Se não lhes importar, vou lavar-me.

—Não me importa absolutamente.

O possível duplo sentido da resposta de Robin lhe fez sorrir durante todo o caminho até o banheiro.

Capítulo 3

Robin quase engoliu a língua quando viu Kelon na soleira da sala de jogos, recém barbeado, com seus longos cabelos negros caindo pelos ombros, ressaltando as marcadas características de seu meio natural, que tanto fazia parte dele. Essa barba estava ocultando uns lábios bem desenhados, um queixo quadrado, maçãs do rosto altas e nariz reto. Uns rasgos agressivos que diziam claramente: aqui há perigo. Este não era dos que se passavam à noite tranquilamente em casa. Mas, entretanto ali estava, disposto justamente a isso.

Apoiou-se contra o marco da porta.

—Não veio jantar.

—Com o aperitivo, já estava cheia.

A verdade é que havia se sentido horrorizada ao escutar a Donovan e sua irmã falarem de como tinham escolhido o Kelon para que saísse com ela. A vergonha, assim como uma náusea persistente, tinham-lhe impedido de ir ao jantar.

—Podia ter tentado com algo especial.

Seu tom parecia um pouco decepcionado.

—De verdade você gosta de cozinhar?

Ele se encolheu de ombros e se separou da porta.

—Relaxa-me.

Se assim estava relaxado, não gostaria de vê-lo acelerado. Olhou o quebra-cabeça que tinha na frente e sentiu-se estúpida por havê-lo sequer mencionado. Fazer quebra-cabeças soava a solteirona, e para esse homem, gostaria de ser uma femme fatale. Como se isso fosse possível.

—Não tem por que fazer isto —lhe disse quando ele entrou na sala com esse passo fluido e elegante que a fazia pensar de algum jeito em um animal à espreita.

—E se quiser?

—Mas não quer.

—Como sabe?

Kelon era músculo sobre músculo.

—Sei.

A energia lhe saía pelos poros como em uma onda. A jovem desejou, não pela primeira vez, estar sã. Ao menos durante um dia. Pressentia que uma relação com um homem como esse seria algo que uma mulher recordaria o resto de sua vida. Durasse o que durasse.

Kelon olhou a tampa da caixa.

—A Torre Eiffel? Somos um pouco ambiciosos, não?

Só tinha feito um quarto, e tinha estado com isso um mês. No hospital havia ficado mal acostumada. Sempre tinha a uma de suas irmãs para ajudá-la. Fazer quebra-cabeças tinha sido um entretenimento social e levá-lo a cabo sozinha não era o mesmo.

O que Lisa não compreendia. Ela nunca tinha estado doente em toda sua vida e não entendia a dependência total que suporta estar de cama, ou como a pessoa doente tem que utilizar métodos externos para manter o interesse das pessoas ativas e sãs que estão ao seu redor. E esperava que nunca a entendesse.

—Eu gosto das provocações.

Kelon se encontrava frente a ela, toda vitalidade e sexualidade que a alagavam como em uma maré. Embora tivesse levado uma vida retirada e estivesse morrendo, continuava sendo uma mulher, e agora que o via barbeado, apesar de haver se sentido já atraída quando sua barba obscurecia seu rosto, seus hormônios estavam começando a fazer das deles, já que estava contemplando seriamente a possibilidade de atirá-lo sobre a mesa de café e ficar em cima.

Atirou a peça do quebra-cabeça que tinha estado tentando pôr no lado esquerdo.

—Frustrada?

Nem imaginava.

—No momento.

—E o que te diria neste momento?

A formalidade da expressão a sobressaltou. Olhou-o de novo, pressentindo, igual que lhe passava com o Donovan, que Kelon era mais do que parecia.

—Que amanhã será outro dia, que não há nada como meditar as coisas com o travesseiro. —encolheu-se de ombros e sorriu com pesar.

— E qualquer outro tópico que me ocorresse.

—É otimista.

Havia quatro cadeiras junto à mesa. Justamente teve que escolher sentar-se em uma que dava para ver sua bochecha arroxeadada. Sabia o quanto estava feio, e o que provavelmente estaria se perguntando. Sentiu-se envergonhada. Que estúpida era. Fingiu que procurava outra peça para o quebra-cabeças.

—Não vou falar sobre isso, assim se a marca te incomoda, possivelmente seja melhor que sente em outra cadeira. —Levantou o olhar, tomando nota da largura de seus ombros, e a confiança de sua atitude. Era sexy, bonito e totalmente fora de seu campo de ação.

Kelon esticou o braço e lhe roçou a bochecha breve e brandamente. Fez-lhe cócegas.

—Eu gostaria de te tirar a dor.

—Não importa. Algumas vezes necessito que me recordem que o mundo não é um conto de fadas.

Ele ficou imóvel, e o profundo negro de seus olhos brilhou de forma que atraiu sua atenção sem permitir que desviasse o olhar, nem sequer que respirasse, embora tivesse que fazê-lo porque havia algo em seu aroma que lhe obrigava a isso. Como bolo de chocolate mesclado com esteróides. Como uma lembrança que não tivesse desejado esquecer.

Sua mão voltou. Esta vez embalou sua bochecha com sua grande palma, com uma carícia tão tenra que não parecia própria do homem que tinha na frente dela. Um homem tão duro que dava a impressão de poder acabar com todos os demônios e partir tão alegre depois.

—Os contos de fadas tendem terminar mal para os que não estão protegidos.

Depois de uma luta, de novo foi proprietária de seus sentidos.

—Não necessito que me protejam.

Ele a liberou da prisão de seu olhar. Estudou o jogo agarrando uma peça.

—Não estou de acordo.

A jovem tirou o cabelo do rosto, sem ver-se surpreendida de tudo, considerando a confusão em que se colocou. De repente, entraram-lhe dúvidas.

—Donovan te trouxe aqui para lhe ajudar com o Buddy e seus amigos, não?

—Sim.

Isso tinha sentido. Parecia um tipo que gostava dos problemas

—Não tem que fazê-lo.

Outro olhar a sua bochecha.

—Arrumar as contas com Buddy será um prazer.

A verdade é que gostava bastante dessa maneira antiquada de falar.

—É pior do que pensa.

Não queria que lhe fizessem mal.

Kelon acrescentou a peça à base do quebra-cabeça.

—Em que sentido?

—Alguns amigos do Buddy não têm boa impressão. Tentaram jogar a Lisa pelo escarpado. Pensavam que era Donovan, mas não era assim.

—Se por acaso não se dava conta da gravidade do assunto, acrescentou—: seu irmão poderia ter acabado gravemente ferido.

O homem nem sequer pestanejou. Rebuscou entre as peças da mesa.

—Você crê que esses dois vão a sério?

Não parecia preocupado o mínimo por essa possibilidade que a mantinha acordada todas as noites.

—Sim.

A sombra de um sorriso cruzou seus lábios. Deixou uma peça e procurou outra.

—Muito bem.

—Dá-me medo —a confissão lhe escapou. Ele não se incomodou em levantar o olhar.

—Já sei.

Sabia? Isso era tudo o que ia dizer? Oxalá tivesse mais experiência com os homens para saber como sair disso. Mas a verdade é que provavelmente não havia nada que uma mulher pudesse fazer para preparar-se para um homem como ele, decidiu olhando-o um segundo por debaixo das pestanas. O que significava que teria que terminar o jogo ali e agora. Especialmente porque nunca ia poder acabá-lo.

—Sei por que está aqui.

Esta vez sim ele levantou o olhar.

—Pensei que sobre isso já tínhamos falado.

—Quero dizer aqui, esta noite.

Estava-lhe emprestando toda a atenção do mundo. Ela gaguejou.

—Sei que seu irmão te pediu que... —Era tão humilhante, tão embaraçoso. Umedeceu os seus lábios. Não servindo para nada. Tinha a boca seca como o deserto. Não era justo que tivesse caído do céu um homem como esse para depois saber que estava aí por pena. Suspirando, conseguiu dizer:

—Donovan tem um sentido de responsabilidade muito desenvolvido. Não tem por que estar comigo depois desta noite.

—Mas esta noite quer que esteja?

Meu Deus, por que não teriam contratado um gigolô? Teria sido muito menos complicado e provavelmente muito menos embaraçoso. Apertou os dentes mortificada e se lançou à piscina.

—Com uma hora, Donovan ficará tranqüilo. Abandonará a idéia de encontrar alguém para mim.

Kelon colocou a peça que acabava de agarrar no jogo. Fazia isso de dois em dois minutos. Como o fazia?

—Mas o que acontecerá se eu não o estou?

A jovem franziu o cenho.

—Se você não está o que?

Pôs-lhe a mão rugosa pelas calosidades, forte, inegável sob o queixo. Seu corpo reagiu instintivamente ante esse gesto tão masculino, essa ordem silenciosa de que olhasse-o. Levantou os olhos.

—O que acontece se eu não fico tranqüilo?

Um medo frio, escuro e sufocante a invadiu e tentou soltar-se.

—Não. —Kelon lhe acariciou os lábios com o polegar de uma maneira surpreendentemente erótica.

— Não tem nenhuma razão para me temer, pequena. O que queria dizer é, “o que acontecerá se só agora” não é suficiente para mim?

Robin pôs os olhos em branco. Acreditava que era tão ingênua assim?

—Por favor, sou uma mulher que se entretém fazendo quebra-cabeças e você é um homem que —fez um gesto com a mão para abrangê-lo por completo, sua atitude perigosa, a energia que logo que podia controlar—, que pensa que as brigas são algo bom.

—É verdade que Donovan queria que saísse contigo.

Doeu-lhe ouvi-lo. Embora todos o tivessem feito por seu bem, doeu-lhe muito ouvir a Kelon dizer. Soltou-se. Não queria que visse suas lágrimas. Como não podia liberar-se sem descobrir mais do que queria, fechou os olhos, ocultando a pena que sabia que encontraria em seu olhar. Esse pesadelo estava sendo o mais humilhante de toda sua vida, inclusive mais que a primeira vez que teve que ir ao ginecologista.

—Robin, abra os olhos e me olhe.

A ordem não admitia réplica.

Sentou-lhe bem ignorá-lo, lhe demonstrar que havia algo que podia controlar.

—Não, isto é muito humilhante.

—Está aborrecida porque pensa que estou aqui porque Donovan me pediu isso.

—Não é o que penso, é o que sei.

Seu prazer se transmitiu de seu braço a sua mão, e dali a seu rosto, rompendo sua convicção.

—De verdade crê que deixo que as pessoas me digam o que tenho que fazer?

—A família pode fazer que alguém faça algo.

Sua voz soava mais perto, sua fragrância também, apoderando-se de sua libido, lhe dando vida. OH, o que daria pra ter algo com esse homem.

—Não, não pode. Abra os olhos, pequena.

—Por quê?

—Porque quero que saiba quem está te beijando.

Capítulo 4

Como se não fosse saber quem a beijava. Kelon era uma força em si mesmo. Escuro, perigoso e atraente. Muito, muito atraente. Um homem que era capaz de deixar de lado as inibições de uma mulher e, jogá-la rindo ao fogo. E, entretanto, estava-a tocando como se fosse feita de cristal, lhe mordiscando a comissura dos lábios, roçando com sua língua a curva do lábio inferior, lhe esfregando o nariz com o seu.

—Pensei que fosse me beijar. Sua risada lhe golpeou a bochecha.

—Estou deixando que te acostume à idéia.

—Já o estou. Faz o pior que seja capaz.

—O suficiente para abrir os olhos?

Provavelmente, mas não queria, pela mesma razão que ainda tinha as mãos recolhidas sobre o regaço. Porque se mudasse algo, se se movesse, esse momento podia vir-se abaixo. Ou pior, poderia dizer algo realmente estúpido e despropositado. Não queria fazer isso. Não, sendo esse momento o que tinha sonhado durante tantos anos.

—É melhor assim.

—Para mim não.

—Mas, não ia dedicar-me esta noite?

—Assim é.

A jovem inclinou a cabeça, facilitando o beijo que lhe deu sob a orelha. Pareceria impossível que uma carícia tão simples tivesse umas conseqüências tão tremendas, mas o estremecimento que começou em seu pescoço ganhou impulso enquanto se estendia para baixo, acionando as terminações nervosas em seu caminho, lhes dando vida própria, convertendo pequenas brasas espectadoras em chamas.

—Faça outra vez.

Sua rouca risada lhe acariciou a pele.

—Gostou?

Seria estúpido negá-lo.

—Acredito que, se tratar de você, eu vou gostar.

—Por mim não há problema.

—Os homens nunca se queixam das mulheres fáceis.

Seus dedos ficaram imóveis sobre sua bochecha.

—Pensa que é fácil porque me responde? —Seus lábios lhe roçaram o cardeal.

—Não seja tola, carinho. Supõe-se que tem que responder a mim. Somente a mim.

Outro toque de seus lábios, esta vez abertos, e depois o úmido calor de sua língua. Sobre sua pele. Deveria lhe haver dado asco. Não foi assim. Era trepidante, proibido... Tentador.

—Vai me beijar já? —perguntou ofegante.

—Ainda não. —Sua língua a tocava em todos os lugares, seu rosto ardia por toda parte. Moveu-se, tentando devolver as carícias. Não lhe deixou, manteve-a imóvel a seu prazer, fazendo que suportasse o calor sem nenhum alívio.

— Shh, primeiro irei te curar, depois nos amaremos.

—Me curar?

Ele assentiu suspirando. Quando por fim lhe levantou o queixo, ela se encontrava sem fôlego, faminta, cheia de dúvidas. E já não lhe doía o rosto. Seu escuro olhar se cravou no dela.

—O que?

Não podia lhe manter o olhar, porque de repente lhe ocorreu pensar na patética que deveria lhe parecer. Uma mulher que se voltava louca só porque um homem lhe beijava a bochecha. E a única razão que podia imaginar para que o estivesse atrasando tanto era porque ele não tinha planejado encontrá-la tão disposta. Provavelmente tinha pensado em beijá-la tão somente na bochecha para “cortejá-la um pouco” dar uma emoção a essa mulher solitária, mas tinha reagido como a virgem sedenta de sexo que era, e agora não sabia como sair dessa confusão.

Obrigou-se a abrir as mãos e as colocou sobre seu peito, empurrando-o.

—Se não quer, não tem por que me beijar.

O rechaço chegou aonde as palavras não podiam e Kelon pestanejou. Através da névoa do desejo, vislumbrou a dúvida nos olhos de Robin. A incerteza. Moveu a cabeça para limpar sua mente. Merda. Tinha que ir mais devagar. A última vez que ela tinha estado com um homem lhe tinham feito mal; sabia. Não queria lhe machucar, mas o estava pondo muito difícil. Tão difícil. Tinha-a em seus braços, e seu aroma em seu sangue. Ela estava preparada, disposta. Quão único tinha que fazer é esticar o braço e tomá-la. Mas a jovem tinha medo.

—Quero te beijar.

Merda, isso soava mais animal que humano.

Inspirou outra vez e o sangue lhe pulsou na cabeça ao sentir a suave fragrância de sua excitação verter-se sobre ele.

—Quero começar aqui. —Beijou-a no cabelo.

—E terminar com os dedos de seus pés.—Apoiou a frente contra a sua.

— E não quero perder nem um milímetro do meio.

Robin se estremeceu como se lhe tivesse dado uma câibra.

—OH, sim.

—Mas esta noite não.

Seus dedos se apertaram sobre sua camisa.

—Por que não?

—Não me tente. Estou tentando fazer as coisas a sua maneira.

—A minha maneira?

—Sim. Tem direito a que lhe corteje.

—Quem te disse isso? O cortejo leva tempo, implica coisas.

Ele a acomodou contra seu peito. Seu rosto se apertou contra sua garganta. Sentia-se a gosto em seus braços. Feminina. Suave. Perfeita. Seu membro, seu corpo, sua alma a desejavam.

—Bom, sempre poderíamos fazer as coisas a minha maneira.

—A sua maneira se chega mais rápido ao bom?

Possivelmente Donovan estivesse equivocado. E não todas as humanas necessitassem tempo.

—Sim.

—Então me parece ótimo.

—Está segura?

Deu-lhe uns tapinhas no tórax, umedeceu-se os lábios e assentiu. Seu desejo perfumou o ar.

—Sim.

—Passe os braços pelo meu pescoço.

O fez com uma confiança da mais humilde. Deslizando as mãos pelas costas, sob os quadris, por suas coxas, levantou-a e a levou até seu meio. Sua virilha se apertou contra a dela. Sentia o calor e a umidade que o esperavam enquanto os tornozelos de Robin se ancoravam aos pés da cadeira. Um rugido satisfeito soou em seu peito. A jovem moveu os quadris como resposta. Seu membro vibrou e se estendeu.

—Faça outra vez.

Era uma ordem das mais fáceis de cumprir, já que o seguinte movimento de seus quadris lhe arrancou um rugido ainda mais agressivo.

—Tentar a um lobo não é prudente.

—Jogar com uma virgem sedenta de sexo não é inteligente. —Dirigiu suas mãos para sua camisa, lhe abrindo os botões antes que ele pudesse processar o que a jovem havia dito.

—É sua primeira vez?

Robin assentiu encolhendo-se os ombros como se não tivesse a menor importância.

—Faltaram-me oportunidades.

Apartou as lapelas de sua camisa e então ficou gelada, olhando-o maravilhada.

—Sabe que é o homem mais atraente que vi?

Kelon prestou atenção a como o tocava, notou a dúvida, a resolução.

—Me alegro de que me encontre atraente.

—Minha mãe, todas as mulheres do mundo lhe achariam atraente.

Esticou a mão para o botão de seu jeans. O pêlo da nuca lhe fez cócegas com uma advertência. Algo não ia bem. Ela o desejava, mas fora esse desejo havia algo mais. As mãos da jovem se ocupavam do zíper.

Quando ela levantou por um momento o olhar, entendeu-o. Desespero. Pôs uma mão sobre a sua.

—Robin, me olhe.

—Me acredite, estou olhando com vontade.

Essa declaração tão descarada lhe fez sorrir. A evasiva não.

—Me olhe.

O fez, lentamente. E além do desespero, o homem viu outra coisa. Uma que removeu algo em seu peito; viu medo. Robin tinha medo de que lhe fizessem mal.

—Não te farei mal, seli.

—Já sei.

Ele não acreditava que fosse assim.

—Não te farei mal assim. —Roçou-lhe a bochecha. Sob a mão e rodeou um seio.

— E não vou ferir seu coração.

Ela negou com a cabeça. Seus olhos se nublaram pelas lágrimas, fazendo ressaltar o azul.

—Acredito que sou uma dessas mulheres.

—Perdão?

A jovem colocou as mãos sobre as bochechas.

—Já sabe, essas mulheres que se apaixonam por todos os que lhe emprestam atenção, sem ter em conta quem são. Primeiro Buddy, agora você.

—Buddy é quem te fez isto.

—Sim. Não é um momento para recordar a minha vida amorosa.

Kelon recolheu uma lágrima com a ponta do dedo.

—Não chore por ele.

—Não estou chorando por ele. Eu adoraria lhe dar um pontapé nos ovos.

—Então por que chora?

—Por frustração. Choro porque estou frustrada. —Golpeou-lhe o peito.

— Quero sexo e você não me quer dar isso.

—Quero te dar muito mais.

—OH, por favor.

—É uma mulher que terei que saborear, adorar.

Ela o cortou.

—Não quero que me saboreie. Quero que me possua.

—Você não gostaria tanto disso como que lhe amassem.

—Prova-o e averigua-o.

—Não.

A mulher se separou de seu abraço. Ele ficou de pé a seu lado, apertando-a contra ele quando perdeu o equilíbrio.

—Por quê?

Não gostava que estivesse tão débil. Era mais que fome. Mais que cansaço.

—Esta noite estou de guarda.

Saiu de seus braços e tirou o cabelo dos olhos. Voltou a cair, enquadrando seu doce rosto em um tom torrado suave. Tudo nela era tenro. E especialmente, suspeitava, seu coração.

—Entretanto, as coisas podem ser diferentes amanhã de noite.

—Amanhã de noite? O que tem amanhã?

—Temos um encontro.

Capítulo 5

Donovan se encontrava sentado na cozinha quando Kelon o encontrou. Sem duvidar um momento, foi para ele e o derrubou. A cadeira caiu. Seu irmão ficou em pé com um grunhido e os punhos fechados.

—Pode-se saber por que fez isso?

—Pela Robin.

Voltou a preparar seu punho. Donovan o colheu com uns reflexos e uma força que se igualava a sua.

—O que acontece com ela?

—Sabe que você me pediu que lhe fizesse galanteios.

—Merda.

—Já. —Seu irmão puxou a mão para liberá-la.

— Merda. Pensa que me dá pena.

—E não é assim?

—Não. —Cravou as garras em sua palma.

—Assustou-a?

—Não tanto como ela a mim.

Donovan colocou de novo a cadeira no lugar.

—O que quer dizer?

—Sou um Protetor, Donovan. Isso é o que fui sempre.

—Eu também.

—Sou bom nisso.

—O melhor.

—Não seria um bom companheiro.

Os dois segundos de duvida antes que seu gêmeo respondesse foram eloqüentes.

—Não tem por que.

—Sim. Isso é o que eu penso também.

Seu irmão acabou de discernir a questão.

—Robin é sua companheira?

—Não é necessário que o faça parecer tão horrível.

Donovan se aproximou do armário, tirou uma garrafa de uísque e agarrou dois copos da máquina de lavar pratos.

—Merda, Kelon, sinto muito.

—O que sente?

Abriu a boca e a fechou.

—Nada.

—Como que nada?

Donovan só tocava o uísque quando havia más notícias. Kelon agarrou o copo e arrastou uma cadeira do outro extremo da mesa.

—Diga-me isso.

—Não sou quem dirá.

—É minha companheira.

Seu irmão negou com a cabeça e agarrou um copo.

—Não aceitou sua marca. Até então, está sob meu amparo. E isso significa que também seus segredos.

—Então a proteja. Me diga o que a ameaça.

—Agora, esses dois amigos do Buddy.

—Não o próprio Buddy “Punhos Pesados?” Violou-a?

—Isso eu não sei.

—O que significa “isso eu não sei”?

—Ela não fala sobre isso, quer esquecê-lo. Mas Lisa diz que não, que Buddy só se pôs um pouco violento.

—O que pensa você?

—Que é um pirralho que arremete contra tudo quando não consegue o que quer.

—E ele queria a ela.

—Sim.

—E ela o que queria? —Os ciúmes o rasgavam ao pensar em outro homem sentindo esses suaves braços ao redor de seu pescoço, sentindo esses seios plenos contra seu peito enquanto seu fôlego se estrelava contra sua garganta.

Donovan tomou um gole de uísque.

—Isso terá que perguntar a ela.

—Sou seu irmão.

—E ela é a irmã de minha companheira, e só me tem para protegê-la. Não a trairei.

Kelon queria ver-se com algo ou com alguém, por exemplo, com seu irmão, com Buddy, os amigos deste, não importava. Poderia ser qualquer um. Tinha que fazer algo para soltar essa raiva.

—Eu sou seu companheiro.

—Então tem duas opções: ou faz que aceite sua marca ou que fale contigo.

—Há uma terceira. —Kelon tomou um gole com um gesto muito indiferente.— Poderia te arrancar a confissão.

Donovan se reclinou na cadeira.

—Pode ser que me tenha emparelhado com uma humana, mas sigo sendo o mesmo filho da puta de sempre. Nem pense que pode fazer isso.

Não, não podia. Donovan tinha um estrito código de honra, como ele, e tomava sua responsabilidade sobre as mulheres a seu cargo muito a sério. Morreria antes de trair a confiança de Robin.

—Já sabe que veio procurar o Wyatt por pura sorte.

—Por ter nascido primeiro.

—Terá que deixar de me passar isso de dez minutos no focinho em algum momento de sua vida.

—Não acredito. —Donovan terminou com seu uísque.

— Sempre funciona.

Kelon já imaginava. Olhou pela escura janela ao jardim iluminado pela lua.

—Houve algum sinal de atividade?

—Não desde que tentaram jogar a Lisa pelo precipício.

—Não posso acreditar que os deixastes com vida.

—Não foi minha escolha. A segurança das mulheres vem em primeiro.

Kelon passou os dedos pelo cabelo, sentindo as mechas mais grossas, recordando quão suave era Robin ao tato. Não se deitaria com ela hoje, mas não havia razão pela que Donovan tivesse que sofrer.

—Vai com a Lisa. Eu farei guarda.

—Está seguro?

—Sim.

Dirigiu-se à porta e se deteve.

—Kelon?

—O que?

—Autorizarei que se una a ela se, depois de que saiba tudo, decide seguir em frente.

—Isso não me afastará dela.

Donovan assentiu. Seu “Já sei” soou cansado, de uma maneira que não tinha nada que ver com a falta de sono, deixando a Kelon com uma inquietação que não podia tirar-se de cima.

Kelon se viu envolto por um ar frio logo que saiu. À noite lhe deu as boas-vindas com o silêncio profundo do campo de jogos de um predador. Pôs em marcha todos seus sensores, escutando o vento soprar através das árvores, notando o pesado do ar, a advertência no rangido dos ramos ao roçar-se. Algo não ia bem.

Revisou mentalmente o que conhecia do terreno, voltando a olhar a casa, comprovando onde se encontrava a estrada. Sabia onde estavam porque o vento não lhe trazia nenhum aroma. Deixou cair a jaqueta de couro na neve. O couro fazia muito ruído para um lobo preparado para a caça. Deslizou-se entre as árvores, ocultando-se entre as sombras, roçando a neve, evitando o estalo traiçoeiro dos ramos. Chegava-lhe o aroma da fumaça de um cigarro à direita. Ao parecer, os amigos do Buddy não eram caçadores ou saberiam que o aroma dos cigarros podia notar-se a quilômetros de distância. Uma advertência muito clara tanto para presas como predadores de que havia humanos rondando.

Seguiu essa pista até a colina que se elevava detrás da casa. A fumaça já estava rançosa, o que provavelmente significava que a pessoa já não estava ali, mas haveria deixado algum rastro. Possivelmente algum importante. Não foi difícil encontrar o lugar onde o intruso tinha estado. O chão se encontrava cheio de pontas de cigarro.

Kelon se ajoelhou e comprovou os rastros que tinha deixado sobre a neve.

Surpreendentemente havia muito poucos. O homem tinha se escondido ali com um objetivo. Tinha se escondido e vigiado. A Pergunta era: qual? A resposta estaria na trajetória.

De ali se distinguia a parte traseira da casa, vislumbrava-se à perfeição a asa da torre, a sala de jogos no primeiro andar e os dormitórios das mulheres no piso superior. Não se tratava de uma pessoa que queria vingar-se por uma briga de bar: era alguém com um objetivo em sua mente. Colocou os dedos nos três buracos que formavam um triângulo. Ali tinha havido um tripé sujeitando um algo pesado. Esse tripé tinha sustentado uma câmera. Um braço apoiado nessa câmera teria incrementado as marcas do chão. Tirou o binóculo. Via-se muito bem, o suficiente para o disparo de uma câmera. Para o disparo de uma pistola. Ao olhar, distinguia as sombras de uns corpos movendo-se detrás dos escores do dormitório do terceiro piso. A sombra do Donovan era muito maior e corpulenta. Seguiu-a de perto uma silhueta muito menor: Lisa. As sombras se encontraram. Apertou com o dedo um gatilho imaginário. Alvos fáceis.

Baixou o binóculo saltando ao outro dormitório do segundo andar, o de Robin, para chegar à sala de jogos. Todas as luzes estavam acesas. Robin ainda se encontrava na cadeira frente à mesa com a cabeça apoiada em uma mão. As altas janelas a convertiam também em um alvo perfeito. Kelon desenhava mentalmente um diagrama da disposição da sala. Não havia nem rincões nem curvas. Era como um aquário, simples e descoberto. A única

coisa que tinha que fazer alguém que queria eliminar a todos, seria disparar com rapidez a suficiente quantidade de balas através desse espaço aberto.

Merda.

Levou-se ao nariz uma das pontas de cigarro. Queria reconhecer o aroma desse bastardo que perseguia a sua companheira. Só encontrou um pequeno rastro. Talvez fosse suficiente, ou talvez não. Mas era um começo. Memorizou a marca de cigarros e olhou a seu redor em busca de mais pistas, mas não havia nada mais.

Refez o caminho do franco-atirador. Pelo tamanho dos rastros do homem, a largura de seu passo e a profundidade, tinha que procurar a alguém por debaixo do metro e oitenta. Um homem com um tripé, uma pistola e com uma motivação oculta. Não era algo que deixasse a alguém muito tranquilo digamos. Quando chegou ao nível do chão se deteve, precavendo-se de algo diferente sobre os rastros. A pegada se distinguia com toda clareza.

Um desenho que só se encontrava normalmente no calçado de desenho. Não era provável que nesse povoado pobre e decadente houvesse alguém interessado em comprar algo assim, o que significava que possivelmente o tipo não era dali. Isso lhe dava um tombo à história.

As mulheres se encontravam duplamente ameaçadas.

Merda, isso complicava as coisas.

Kelon continuou para cima, deslizando-se a grandes pernadas, com todos os sentidos a flor de pele, observando tudo o que havia a seu redor. Não havia nada fora do normal. Uma coruja piava, os ramos se moviam e as árvores emitiam seu protesto contra o frio, mas em nenhum lugar, exceto ao seu redor, notava-se um silêncio incomum que pudesse indicar a presença da morte. Deteve-se na estrada do alto da colina.

Na neve havia rastros de pneus. Não se distinguia nem a marca nem o desenho. A julgar pela distância entre as rodas, tratava-se de um quatro por quatro ou uma caminhonete, mas desses havia um montão por essa zona. Sua presa sumiu. Os rastros estavam frios, mas a ameaça continuava.

Donovan não acharia nenhuma graça. Kelon se levantou e sacudiu a neve das mãos. Pior para os que estavam perseguindo a sua família, porque ele tampouco estava contente.

—Está seguro?

Kelon se apoiou contra o corrimão do alpendre e comprovou o visor de seu rifle.

—Infelizmente, sim.

Donovan colocou a faca em sua capa.

—Pode-se saber o que faz um tipinho de cidade espiando a nossas mulheres?

—Não seria má idéia perguntar a elas.

—Está seguro de que não se tratava do Buddy?

Kelon tirou a ponta de cigarro do bolso e a estendeu a seu irmão. Este a cheirou um instante e sacudiu a cabeça.

Seu gêmeo suspirou.

—Já me parecia. Isto significa que temos que voltar a perguntar às garotas.

—Sabem o mesmo que nós.

Ao estar emparelhado com Lisa, Donovan poderia assegurar com muita mais certeza se estava dizendo a verdade.

—Lisa não tem nem idéia. E Robin estava perplexa.

E aterrorizada. Tinha ocultado bem, mas o estava. E quem não o estaria? Tinham vindo ali pra começar de novo e agora se viam perseguidas por todos os lados. Pessoas que tinham estado lutando tanto mereciam um pouco de paz, não isso.

—Como quer que o façamos?

—Acredito que deveríamos nos dividir para obrigar ao tipo a sair da toca.

Donovan levantou uma sobrancelha.

—Não estará aproveitando a oportunidade para ficar com Robin a sós, estará?

Comprovou a munição.

—Isso também.

—Poderia mandar Lisa contigo.

—Mas não o fará.

Donovan agarrou um revólver.

—Mas só porque confio em você e porque é uma boa idéia para que esses delinqüentes se deixem ver.

—Está seguro de que confia em mim?

Seu irmão lhe dedicou um de seus sorrisos angulosos típicos.

—É a melhor forma que tenho de te atar as mãos.

—Posso ter perdido todo sentido da honra.

—Não acredito.

—O que te faz estar tão seguro?

Donovan fechou a câmara do revólver.

—Continua respirando.

Capítulo 6

—Pensei que estivéssemos fugindo, não que íamos a um pic-nic —comentou Robin prendendo o capacete da moto neve.

Kelon lhe entregou a cesta das provisões.

—Prometi a você um encontro.

—Assim que isto é uma espécie de encontro-fugido?

—Poderia dizer-se que sim. —Comprovou que a lata de gasolina na parte traseira da moto estava cheia e que o trenó com as outras provisões estava bem preso.

Depois se voltou para ver se o macacão de neve que ela vestia estava bem fechado e se suas botas e luvas eram de boa qualidade. Também olhou o capacete. Estava um pouco solto. Ele o apertou, enquanto ela o observava pacientemente.

—Sei me vestir sozinha.

—Só sou precavido.

—Isso é o que diz a todo o momento, mas embora se suponha que alguém está tentando me matar, é melhor irmos embora. —colocou as mãos nos quadris, acrescentou —: já me dirá se isso tem sentido.

Não pensava lhe dizer nada de nada. Segurou o capacete com as mãos, pondo sua cabeça no ângulo que desejava antes de apertar sua boca contra a dela. Seus lábios se abriram com um grito afogado. Ele se aproveitou, aprofundando o beijo, acariciando-a com a língua, apertando-a entre suas pernas. Tinham muita roupa para sentir-se, mas podia imaginar o toque de seus seios, suas suaves coxas... Imaginava-a nua sem nenhum problema. Desejava-a nua.

Gostou de como ela se apertou contra ele depois do beijo, que não ocultasse como ele a fazia se sentir. E especialmente como se umedeceu os lábios, tragou com dificuldade e depois suspirou.

—Alguém já lhe disse alguma vez que beija maravilhosamente?

—Ninguém que importasse.

Ela franziu o cenho.

—Isso não soa bem.

—Por quê?

—As pessoas que você beija deveriam te importar.

—Em minha família, só há uma mulher importante.

—Assim as outras são como lixo?

—Não, não são lixo. Só que não eram a que tinha que ser.

Ela meditou durante um segundo.

—Se não fosse por todas essas armas que tem cruzadas no peito, diria que é um romântico.

Um lobo romântico? Isso não podia ser. Seria o alvo das brincadeiras da manada durante pelo menos uma década. Roubou-lhe as últimas marcas de seu beijo lhe passando o polegar pela comissura da boca, enquanto a tristeza se mesclava com o desejo. Se ele apareasse com Robin, já não teria que preocupar-se com a manada. Donovan pensava que Wyatt podia fazer milagres, mas ele tinha suas dúvidas. A manada Carmichael se apoiava nas tradições, assim como nas superstições, e acreditava que sua salvação consistia em seguir os velhos hábitos. Essa forma de pensar os fazia vulneráveis, necessitados de seus

Protetores. E ele ia partir. Sua companheira ou sua manada. Os dois o necessitavam. Queria ter os dois. Só podia ter um.

—Não tem por que fazer isto —disse Robin pela quarta vez.

—Estou segura de que quem quer que fosse, estava fazendo fotos para alguma revista. Por aqui há um montão de fotógrafos e a casa é muito fotogênica.

Ele jogou uma olhada ao telhado. Gostaria de acreditar que se tratava tão somente de um inocente artista, mas seu instinto lhe dizia o contrário.

—Pode ser.

—Sério. Ninguém teria nenhuma razão para me machucar. Mal saí de casa os últimos vinte anos. Ninguém sequer me conhece. Como iam querer me matar?

—Falaremos disso quando chegarmos ao nosso destino.

—A respeito de por que quereriam me matar? Essa vai ser uma conversa muito curta.

—montou-se na parte de trás da moto e se segurou na sua cintura.

—Então, possivelmente falemos de por que ninguém te conhece.

—E possivelmente não.

Ele apertou o acelerador.

—Não duvide de que o faremos.

Robin estava nervosa. Kelon içou a mochila com as provisões e observou como duvidava à entrada da cova. Estava nervosa, mas era valente. Não havia muitas mulheres que conhecesse que tomariam a notícia de que alguém estava tentando as matar encolhendo-se de ombros, de forma resignada, e com a confiança plena de que ele a protegeria.

—Faz muito frio para as serpentes.

Ela o olhou por cima do ombro, com um sorriso flutuando na comisura da boca.

—E para os ursos?

Kelon sorriu jocosamente.

—Grande garota de cidade você está se saindo.

—Diz isso como se fosse algo mau —replicou ela ficando a seu lado.

Kelon lhe entregou um saco de dormir.

—Simplesmente é diferente.

A jovem o seguiu para a cova.

—Alguma vez saíste com uma garota da cidade?

—Não. Não passei muito tempo em nenhuma cidade.

Tirou uma palhinha e a desenrolou sobre o chão. Ela se aproximou e deu uma olhada no fino suporte.

—Vou ter que dormir sobre isso?

—Não. —O homem desenrolou um colchão um pouco mais grosso.

—Nisto.

Ela o observou um pouco receosa.

—Obrigado.

Ele indicou o saco de dormir que lhe tinha dado.

—Coloca-o enquanto vou procurar a comida?

—A comida?

—Não se pode fazer um picnic sem comida.

Robin ficou olhando a Kelon enquanto este saía. Iam fazer um picnic de verdade? Ele se agachou e saiu da cova, enquanto a jovem ficou contemplando a vasta paisagem. Era uma vista preciosa. Oxalá pudesse desfrutar dela. Porra, oxalá pudesse desfrutar do Kelon, mas de algum jeito, pensar que alguém andava por aí com uma pistola lhe apontando à cabeça tirava a graça de tudo.

Deixou cair o saco de dormir no chão. Apesar do que havia dito a Kelon, estava preocupada. Cruzou os braços sobre o peito e os esfregou através do casaco. Não podia entender por que alguém queria matá-la. Ou pior, a Lisa. Ouviu que Kelon entrava. Não pensava voltar-se. Não queria que ele lesse o medo em seu rosto. Ele era um homem que respeitava a força, e ela não tinha nenhuma agora.

Kelon a abraçou por detrás e a apertou contra seu peito. Sempre se sentia pequena em seus braços, protegida. O qual era estúpido: nem sequer o conhecia. Por isso sabia, podia ter inventado toda a história.

—Está mentindo, Kelon?

Ele a obrigou a voltar-se, deslizando os dedos entre seu cabelo, atirando com suavidade até lhe fazer levantar a cabeça. As pequenas espetadas do crânio explodiram como faíscas em seu sangue.

—Quer que o faça?

Cruzou o olhar com o seu sem duvidá-lo e de novo sentiu a pressão de seu membro; uma declaração da mais verdadeira. Via arder o desejo em seus olhos. Possivelmente fosse ela a razão pela qual ele estava excitado. Ao melhor não. Poderia ser que se excitasse com qualquer mulher.

—Sim.

—O que quer que te diga?

—Me diga que poderá solucionar esta confusão.

—Posso solucioná-lo.

—Me diga que me deseja.

O escuro fogo que parecia iluminar seus olhos de dentro se intensificou.

—Desejo-te.

A jovem lhe desabotoou a parka. O calor de seu corpo se estendeu entre os dois, assim como sua fragrância.

—Sempre cheira tão bem...

Seus dedos se moveram mais rápido que os dela ao abrir a camisa. Sua mão o obrigou a apoiar a boca contra seu peito.

—Deveria comprovar meu sabor.

Ela colocou um dedo na boca e depois sobre sua pele, unindo-os, mas mantendo essa distancia crítica. Ele era um homem. Queria sexo. Ela queria sexo. Não havia nenhuma razão para pensar outra coisa. As pessoas o faziam todo o tempo: fazia amor e se guardava os segredos. Levantou a vista para os olhos do Kelon de novo e ele soube que ela não era assim. Com ele não. Posto que ele a olhava como se fosse a sério, como se ela fosse algo especial, como se visse seu futuro nela.

E não ia haver nenhum futuro.

—OH, Deus.

O forte desejo de seus olhos se suavizou.

—O que acontece, seli?

—Não haverá mais que esta noite, Kelon.

Suas pálpebras desceram como sempre faziam quando via algo como uma provocação.

—Pode haver o que nós queiramos.

Ela o desejava também.

—Não, não pode ser.

Robin alargou a mão e lhe tocou o bordo da maçã do rosto. Como podia lhe dizer que estava morrendo? Que não sabia quanto tempo tinha de vida? O rim podia falhar amanhã. Os medicamentos que lhe estavam dando para impedir a rejeição podiam causar uma complicação hoje mesmo. E não ia voltar para a diálise. Isso sabia. Enquanto debatia em seu interior, descobriu como fazê-lo. Só tinha que... Dizê-lo.

—Eu vou morrer.

A princípio não acreditou que a tivesse ouvido. Nada de sua expressão trocou. Depois sua mandíbula se esticou.

—O que te faz acreditar isso?

Negação. Todo mundo negava sempre a realidade, e depois queriam lutar contra ela. Mas já não havia nada pelo que lutar. Tinha falado com o médico, havia-o obrigado a justificar-se. Estava rejeitando o rim. Os medicamentos estavam atrasando. Embora seguisse com a diálise, provavelmente não agüentaria até que aparecesse outro doador. Era um caso difícil.

—Fizeram-me um transplante de rim e saiu mal.

Seu abraço se fez ainda mais tenro.

—Então pediremos que lhe façam outro.

—Não é tão fácil. É o segundo.

—Faremos que seja fácil.

Deveria ter sabido que tomaria assim. Esse homem era um guerreiro. Deu-lhe uns tapinhas na bochecha, tentando suavizar a realidade mediante a carícia. Contra isto não podia lutar.

—Entende por que me parece bem que passemos um bom momento e já está?

—Não pode me abandonar.

—Já estou lutando toda minha vida, Kelon. Estou cansada.

Sua expressão se voltou arisca, quase violenta.

—Eu não.

O ar entre os dois se espessou pela tensão.

—Não pode enfrentar isto por mim.

—Então lutaremos juntos.

Dizia-o a sério. Não havia nenhuma dúvida. Trocou os dedos pelos lábios ficando nas pontas dos pés, lhe beijando a incipiente barba, provando o sabor de sua pele, fechando os olhos enquanto o gosto salgado entrava em sua boca como se fosse néctar. Ela passou os braços pelo pescoço, abraçando-o tão forte como pôde, tentando conter as lágrimas porque era tão injusto que o tivesse conhecido agora, assim... quando nada podia sair disso.

—Não pode.

Negou com a cabeça e retrocedeu um passo, pestanejando com rapidez.

—Só quero uma noite, Kelon. Uma noite para fazer com que a magia exista. Para me sentir como uma mulher, não uma bonequinha frágil, a não ser uma mulher de carne e osso desejada por um homem de carne e osso. Isso é tudo. Não necessito um “para sempre”. Só isso.

—E me escolheste.

—Não lhe dê muitas voltas a isso. Se por acaso te esqueces, também escolhi ao Buddy.

Apartou-lhe o cabelo da bochecha, lhe fazendo consciente da pinta que devia ter.

—Porque era simples e não se sentiria ferida —disse Kelon.

Como ele podia saber isso ?

—Sim. Sabia que me deixaria em paz.

—Eu não.

Já o temia.

—Isso é um problema.

—Por quê?

Ele, o sonho de toda mulher, estava ali, um homem forte que não tinha medo de ir procurar o que desejava, que não temia à adversidade, que tinha aparecido em seus últimos dias de vida, e perguntava por que?

Pôs-lhe um nó na garganta que lhe impediu de responder. Não deixavam de ir a seus olhos essas malditas lágrimas. Por muito que pestanejasse, por muito que tragasse, não podia ir contra elas.

—Maldito seja.

Ele não tinha o aspecto de querer pedir desculpas.

—Disse-me que queria fazer as coisas a minha maneira. E isso significa amor à primeira vista.

—Não pode me amar.

—Por quê?

—Porque não há futuro.

—Só aceitarei esse futuro.

Outra vez falava desse modo tão formal dele.

—Não se apaixone por mim, Kelon.

—Já é muito tarde. —inclinou-se e a tomou em seus braços.

Ela se agarrou a seu pescoço, temendo cair.

—Me amar significa que terá que dizer adeus.

—Eu não gosto muito das despedidas.

Kelon deixou que as pernas dela se deslizassem contra as suas até que seus pés tocaram o chão. Tinha sido um contato muito breve. Era como se seus hormônios tivessem esperado durante todo o tempo esse momento, esse homem.

A dor foi ainda mais profunda. Ela assentiu.

—Compreendo.

O homem lhe cobriu o queixo com a palma de sua mão.

—Não, não o entende, mas depois desta noite o fará.

—O que?

Baixou a cabeça.

—Entenderá como funciona meu mundo.

Demorou um segundo em recordar que tinha acessado a fazer as coisas a sua maneira.

—Está decidido a fazê-lo.

—Estou-o desejando.

—Não te fará mal?

—Você não pode me ferir.

Robin lhe apertou os ombros.

—Prometa-me isso.

Acariciou-lhe o cabelo. Parecia que gostava de seu cabelo, sempre colocava as mãos dentro, passava os dedos entre suas mechas.

—Prometo-lhe isso.

—Então, a que esperamos?

—A que te relaxe o suficiente para começar.

—E se chegarem os maus?

—Os maus não podem aproximar-se cem metros de distância sem que eu saiba.

—Você é tão bom assim, é?

—Com certeza. —Começou a recliná-la sobre o colchonete.

Por muito que quisesse, seus joelhos se negavam a dobrar-se.

—É tão bom com isto como com a cozinha?

—Melhor.

Ela piscou. Lisa tinha estado contando maravilhas do jantar desde que o havia preparado.

—Resulta-me difícil de acreditar.

—Dobre esses joelhos e comprove-o.

Deixou cair a cabeça contra seu peito.

—Isto te vai parecer uma loucura.

—Duvido-o.

—Não posso.

—O que?

A jovem moveu a cabeça e aceitou a realidade. Não ia poder passar por isso sem se humilhar de tudo.

—Dobrar os joelhos.

Ele se pôs-se a rir.

—Está nervosa?

Robin lhe agarrou pelos ombros e cravou as unhas no grosso couro do casaco.

—Tinha planejado começar com alguém com mais ego.

Os dedos do Kelon começaram a lhe desabotoar o zíper do casaco.

—Não soa muito bem.

—Era um plano excelente. —Sua cabeça se apoiou com naturalidade a sua palma enquanto seus dedos lhe roçavam a orelha e depois passava ao pequeno vão que havia debaixo.

— Os egocêntricos tendem a acreditar que tudo tem haver com eles.

—Não parece que fosse muito divertido para você.

—Não queria que fosse divertido a primeira vez —conseguiu ofegar ela.

—Queria que servisse como aprendizagem. Não quero que riam de mim.

Meu Deus, se não parava de lhe mordiscar ia acabar louca.

—É uma idéia interessante. —Deu com os músculos do pescoço e continuou mordiscando para baixo.

— Mas o meu é melhor.

E ela pensava que assim iria melhor. Era muito pior. Cada roce de seus dentes, cada pequena dentada ou sucção acariciavam um nervo conectado com seu interior, sintonizando-a com o som de sua respiração, a antecipação de seu beijo, o ritmo de seu pulso, até que a única coisa que pôde fazer foi agarrar-se a seus ombros ou cair no chão.

—Qual é a tua?

—Que te seduziria. Alguma queixa?

—Não —exclamou entrecortadamente enquanto ele enterrava sua boca no ponto onde o pescoço se encontrava com o ombro.

— Nenhuma.

Seu rugido chegou até seus sensíveis nervos, penetrando até o mais profundo das brasas de sua excitação. Ele abriu a boca, quente e úmida. Os joelhos de Robin se dobraram. Kelon a seguiu, protegendo a queda sobre a surpreendentemente elástica colchonete com suas mãos.

—Suponho que já não tem problemas com os joelhos —murmurou Kelon com voz rouca enquanto seus dedos se ocupavam dos botões da camisa. Um primeiro botão, depois dois, três, quatro. Todos se rendiam com a mesma surpreendente falta de resistência que ela tinha mostrado.

—Kelon. —O comichão de seus dentes lhe fez abrir os olhos—, está-me mordendo?

—Ainda não. —Baixou a cabeça até sua clavícula e respirou entrecortadamente.

—Deus, ainda não.

—Mas vai fazê-lo? —A jovem afundou os dedos na suave frescura de seu cabelo, atraindo-o para si enquanto ele lutava com o que fora.

—Sim.

A moça se estremeceu.

—Isso é quase tão sexy como seu rugido.

Seu corpo tremeu sobre o dela. Seu seguinte rugido soou como uma risada.

—O que?

—Estou tentando ir devagar, Robin.

Havia dito algo estúpido. Já sabia ela que ia dizer uma tolice.

—Tinha que ter feito com o Buddy.

—Uma merda que tinha. —Ele se apoiou sobre o cotovelo.

— Está muito bem onde está.

A verdade é que dizia umas coisas das mais tenras. Moveu-se até que colocou os quadris sob os seus.

—Agora sim.

Uma mão no quadril lhe ajudou no resto do caminho, e depois, pela primeira vez em sua vida, sentiu o delicioso peso do corpo de um homem sobre o seu, a pressão de seu membro entre suas coxas, a ameaça potencial de todos esses músculos, o controle protetor que lhe impedia de esmagá-la. A fazia sentir-se suave, feminina, atraente. Deleitou-se com

essa sensação, dele apertando seu duro membro contra sua ardente xana. Nem toda a roupa do mundo podia impedir a sensação. OH Deus, era tão sexy.

—Acredito que vou gozar.

Quis retirar as palavras logo que as disse, mas é obvio tinha a mesma oportunidade de fazê-lo como de impedir que seu corpo se lançasse de cabeça para a satisfação.

Não podia fazer outra coisa, além de tirar a importância à questão.

—Sinto muito, é que tudo é novo para mim.

Seu sorriso era carinhoso.

—E quer gozar?

—Esperei muito tempo.

Ele se deteve, seus olhos pareciam brilhar, o peito apenas se movia.

—Alguma vez chegaste ao orgasmo, nem sequer com sua própria mão?

—Pensei que isso era como fazer armadilha.

—O prazer é o prazer, carinho.

Robin pôs uma mão entre eles.

—Assim, você preferiria tocar a si mesmo em vez de ser tocado por mim?

—Claro que não!

—Bom, eu decidi que a primeira vez preferiria gozar com um amante em vez de sozinha. —Com sua mão livre, roçou as tensas rugas da comissura da boca, observou como o assombro se fazia com sua expressão, acariciou-lhe o contorno da mandíbula, e nesse momento soube por que sempre havia sentido que tinha que esperar. Por que nunca antes tinha lhe parecido o momento.

— Então não sabia, mas acredito que me reservei para você.

Capítulo 7

Reservei-me para você.

Essa verdade tão simples atravessou a Kelon com a eficácia letal de uma espada, acabando com seu autocontrole e trazendo à luz os instintos que estava tentando conter. Dela.

Seria sua completamente. O único prazer que conheceria seria o que lhe proporcionasse.

Seus primeiros ofegos, gemidos, gritos seriam para ele. Cravou os olhos em seu olhar, tão descarada, que planejava um sorriso tremente. OH, como desejava lhe escutar gritar. Ele tirou o cabelo da bochecha. Seus dedos, que riscavam o contorno de sua mandíbula, se deleitaram com essa branca e suave pele. Era toda uma mescla de contrastes: inocente e travessa, suave mas forte, doce e de uma vez incrivelmente sexy. E era dele. Apoiou o

polegar em seus lábios, admirando o modo em que a paixão convertia seu rosto em pura beleza.

—Poderia deixá-lo.

A jovem piscou.

—Como?

A recolocou abaixo dele.

—De te controlar.

—Por quê?

Via que gostava de ver-se imobilizada abaixo dele. Cada vez que ele se movia, que respirava, ela se retorcia surpreendida e trocava de posição, para que lhe desse mais do mesmo.

—Porque não vou permitir que controles nada.

—Por quê?

Desabotoou-lhe os últimos botões da camisa.

—Porque eu também estive te esperando.

Robin abriu os olhos como pratos.

Abriu a sua vez as lapelas. Levava um sutiã de encaixe negro. Um desses que eram mais tentadores do que recatados e que garantiam lançar a pressão sangüínea de um homem até a lua.

—Colocou isto para mim, carinho?

A jovem assentiu ruborizando-se.

—Você gosta?

Seus mamilos se distinguiam através do encaixe. Casulos rosados tentadores que davam água na boca. Seu membro ansiava tomá-la, sua natureza dominá-la. Tinha que controlar esse instinto. Robin não era um lobo. Não tinha uma constituição criada para a violência e não o entenderia. Era sua primeira vez. Necessitava que a tratassem com carinho e ternura. Maldita seja, em algum lugar de seu interior tinha que havê-la.

—Muitíssimo.

Roçou-lhe a bochecha de novo.

—Estou fazendo algo errado?

—Por que o pergunta?

—Parece aborrecido.

Ela se fixava mais do que ele tinha pensado. Tirou-lhe a camisa e depois fez que passasse os braços pelo pescoço para apertar esse sutiã tão sexy e esses seios tão formosos contra seu peito.

—Não sou um homem moderado.

A afirmação converteu seu cenho em sorriso. Inclinou a cabeça.

—E isso parece importante para você? Por quê?

—Não quero te machucar.

—Não o fará.

—A primeira vez é complicada.

—Estou preparada.

Kelon não queria que estivesse preparada. Queria vê-la excitada. Queria voltar-se louco a seu lado. Desejava lhe dar paixão e beleza. Ele só sabia de violência e destruição. A tensão que penetrou nos músculos da jovem, disse-lhe que ela era consciente de ambas as coisas.

—Ah, carinho, não.

—Não o que?

—Não se precipite. Pode ser que eu não tenha muita experiência em ir devagar, mas aprenderei.

Ela se deteve, com o rosto enterrado em seu pescoço, e de repente toda essa doce suavidade se relaxou de novo contra ele e jogou a cabeça para trás deslumbrando-o com um sorriso que era todo calidez.

—Então aprenderemos juntos.

Estava claro que gostava da idéia.

—Sim.

—Bom.

Estava bem. Muito bem. Sentindo-a relaxada debaixo dele, experimentando sua confiança enquanto se arqueava sobre sua palma, não havia nada melhor no mundo.

Robin atirou do pescoço de sua camisa.

—Leva muita roupa em cima.

Ele se apoiou nos cotovelos sobre ela.

—É curioso, eu ia dizer o mesmo a respeito de você.

—Você primeiro.

—Não, você.

A jovem inclinou a cabeça com olhar travesso.

—Eu esperei mais.

Ele rasgou a parte da frente de sua camisa com suas garras, distraíndo-a com pequenos beijos sobre seu rosto e sua garganta.

—Eu tenho mais fome.

A moça negou com a cabeça imediatamente, empurrando seu casaco.

—Isso é impossível.

Kelon se concentrou em seu jeans, tirando-lhe com limpa eficácia, deixando-a com apenas uma calcinha de encaixe que judiava de seu lobo com o pouco que cobria. Rugiu com admiração.

—Já sei o que estou perdendo.

Enquanto ele se despojava de seu casaco, desabotoava os botões da camisa desde cima, ela, com os olhos cravados na sólida crista de seu membro que se sobressaía detrás do grosso tecido, não perdia nenhum de seus movimentos.

—Estava imaginando o que estou perdendo. —umedeceu-se os lábios enquanto uma mão descia para explorar sua longitude.

— E todo mundo sabe que não há nada como a imaginação.

Os quadris do homem se estremeceram ante a tenra carícia. Muito suave para lhe dar o que necessitava, mas carregada de erotismo, assim como do assombro com o que explorava a jovem.

—Carinho.

Seus olhares se encontraram.

—Eu adoro como o diz, suave e sexy, mas com um tom rouco, como se lhe fosse atraente de verdade.

Estava claro que era uma garota faladora. Ele sorriu. Isso não lhe importava.

—Não há nada mais atraente que você nua, me desejando.

Robin baixou o olhar. Seus músculos se esticaram imediatamente. Ele sabia a razão. A deteve antes de que pudesse tampar a cicatriz.

—Não.

—Mas...

Kelon a olhou.

—Já a vi. Não importa, não te subtrai nenhum atrativo.

—A verdade —franziu o cenho de uma vez que resmungava puxando da mão que Kelon lhe tinha pego— é que estava tentando esconder minha barriguinha.

Desta vez ele piscou. Pensava que esse ventre deliciosamente arredondado lhe repugnava?

—Então está claro que não tem nem idéia do que eu gosto.

—Ah não?

De uma vez que colocava a mão sobre seu umbigo, sustentou seu olhar deslocando seus dedos para frente e para trás.

—Isto é o que eu gosto. Quero senti-la contra mim. Quero notar como acolhe a meu pênis enquanto eu beijo essa boca tão doce.

—Mas você está tão em forma...

—E você é tão suave e tão acolhedora, tão diferente de mim, tão feminina. —Deslizou a mão por seu corpo, e ao notar o arrepiou, agarrou um dos sacos de dormir e o jogou por cima de ambos.

— Fico atordoado cada vez que olho você —lhe sussurrou contra a garganta, arrastando as palavras junto com seus beijos.

Ao chegar a seus seios, ela o recebeu com um grito afogado. Um estremecimento o impulsionou a seguir explorando toda essa carne tentadora, e quando lhe desabotoou o sutiã, ela se arqueou lhe rogando “por favor”.

Podia ser que fosse tímida fora da cama, mas em meio a paixão, desatava-se, lhe guiando com as mãos, os gemidos, lhe mostrando o que gostava, o que sonhava, franzindo o cenho surpreendida quando finalmente ele chegou ao mamilo.

—O que?

A jovem negou com a cabeça, lhe agarrando o cabelo com as mãos.

—É só que...

—Pensava que seria diferente?

Ela se mordeu os lábios enquanto ele voltava a introduzir o mamilo em sua boca de novo.

—Pensava que seria mais...

Kelon puxou as taças de encaixe a um lado mantendo seu olhar.

—E você quer sentir mais?

Robin assentiu com esperança nos olhos.

—É só que esta poderia ser a única... —deteve-se e terminou com um ofegante—: Sim.

la dizer que essa poderia ser a única vez que fizesse amor. Seu lobo grunhiu um protesto. Não podia acreditar. Seus doutores humanos o arrumariam. Deteriam a rejeição.

Não podia encontrá-la para perdê-la imediatamente. Não ia ser assim. A raiva venceu ao desejo, acrescentando um matiz à suavidade que estava tentando manter.

—Então se relaxe e me deixe que faça a magia.

Com um sorriso tremente, a jovem lhe tirou o cabelo do rosto.

—Sabe fazer magia?

Esse sorriso lhe cravou no coração mais que qualquer palavra.

—Uma magia especial só para você.

—É uma honra.

Não, era ele o que estava sendo participante de uma honra. Porque ela se entregou a ele, porque confiava nele, porque o tinha escolhido para ser o primeiro. Beijou seu pequeno mamilo, Sorrindo ante seu cenho. Não tinha nem idéia do que podia fazer por ela. O afrodisíaco em sua saliva garantia a todas as mulheres o prazer. O desejo entre eles garantiria uma experiência além de seus sonhos mais selvagens.

—Te preferiria mais disposta.

—Estou tentando, só que...

Ele cedeu a seus impulsos naturais e a mordiscou, recordando no último momento cobrir os dentes com seus lábios. A jovem quase saiu do colchonete. Puxou dele para trás,

lhe agarrando pelo cabelo enquanto as sensações fluíam por suas veias, e depois o atraiu para si quando começaram a retirar-se.

—OH, Meu Deus!

Sob a cova que formava o saco de dormir, a fragrância de sua excitação se mesclou com a sua, lhe embebedando com o desejo.

—Você gosta?

—Sim, OH, sim. —Ele fez outra vez, esta vez sujeitando-a enquanto a sensação se disparava em seu interior, esperando que se visse envolta completamente no prazer antes de voltar-se para levar o mamilo à boca. A princípio o lambeu brandamente e depois com mais força, até encontrar a pressão que a fazia tremer como uma folha em suas mãos, estimulado por sua emoção e seus gritos entrecortados.

Ocupou-se do outro seio, excitando-a da mesma maneira com dentadas cada vez mais fortes e chupadas mais potentes, sabendo que o afrodisíaco de sua saliva estava se filtrando por sua pele até seu sangue, preparando-a ainda mais.

Deixou o mamilo e se tornou para trás para admirá-la enquanto ela se inclinava para frente lhe oferecendo seus seios. Uns seios que vibravam por sua rápida respiração. Uns peitos adornados por pequenos e escuros mamilos, inchados e avermelhados por seus cuidados.

Apoiou um dedo em um dos úmidos pontos.

—Que bonito.

Robin gritou quando ele apertou para baixo, fazendo que seu dedo se enterrasse na carne, criando um vazio que suplicava que o enchesse. Seu membro tremeu. Tinha uns peitos perfeitos para serem possuídos.

—OH, Deus, Kelon. —lançou-se para o zíper de sua braguilha.

— Te necessito.

Ainda não. Não o suficiente.

—Logo, pequena.

Não queria que a consolassem. Suas impacientes unhas sobre seu ventre enquanto introduzia a mão em suas calças lhe incendiaram os testículos que já lhe doíam. Ela não o desejava menos que ele a ela, mas tinha que estar preparada. Tinha que prepará-la.

Robin lhe baixou as calças até os quadris, apanhando seu membro quando este se liberou.

—OH, Meu Deus.

Kelon apertou os dentes e fechou os olhos. Ela era virgem, e ele era maior que a maioria dos homens.

—Não se preocupe. Não te farei mal.

—Tem a impressão de que este menino mau me assustou? —Apertou seu membro com admiração.

—Não?

—Tenho lido o suficiente para saber que me topei com um filão e não posso acreditar na minha sorte.

O homem pôs-se a rir. Não pôde evitá-lo. Era tão diferente ao que ele havia imaginado de uma virgem, de uma humana. O fogo lançava sombras sobre seu rosto, escondendo sua expressão, mas suas mãos não deixavam de lhe proporcionar suaves carícias que lhe excitavam e atormentavam. Seus quadris se moveram para frente inutilmente.

—Isso significa que não preciso me preocupar com seu pudor de donzela?

Ela soprou com um som muito pouco próprio de uma dama, mas que lhe fez rir ainda mais.

—Claro que não. Quero todo o pacote.

Kelon riu rugindo como ela gostava e notando o estremecimento conseguinte. Nunca tinha feito amor rindo, mas para sua surpresa, não diminuía as sensações, mas sim eram mais profundas.

—Então, te prepare.

Ela se retorceu um pouco.

—Isso parece um pouco perverso.

O homem se ajoelhou, ficando escarranchado de suas coxas.

—E você gosta?

Os olhos da jovem alcançaram um azul profundo e o mais sexy dos sorrisos flutuou sobre seus lábios enquanto acolhia seu membro em suas mãos.

—Acredito que poderia gostar.

Ele não deixava de olhá-la enquanto a atraía para frente. Com os olhos cravados nos deles, colocou o pênis contra seu estômago.

Embora o gesto fosse do mais atrevido, ele não deixou de notar o nervoso movimento de sua língua sobre seus lábios enquanto o abraçava com mais força. Maldita seja, que suave era. Que incrivelmente suave.

—Você gosta?

Suas garras se estenderam pelo desejo. Cravou-as no colchonete para afastá-las de sua pele. Ele negou com a cabeça.

O rosto da jovem mudou de expressão. Tirou as mãos. Ele as agarrou e as apertou contra seu membro.

—Não, me dê um minuto.

Apesar de a sua voz soar rouca, ela sorriu como se lhe tivesse presenteado com uma montanha de jóias.

—Gostou.

—Muito.

Robin inclinou a cabeça e olhou para o membro, escuro, vibrava em sua mão. Ela acariciou lentamente com os dedos e essa língua, essa doce língua que ele mataria por sentir contra sua pele apareceu entre seus lábios de novo.

—Poderia gozar se quisesse?

Teria podido fazê-lo do momento em que a conheceu.

—Sim.

O membro se retorceu, muito ansioso por lhe proporcionar o que necessitava.

—Merda!

Robin pestanejou de um modo muito inocente para uma mulher que estava acariciando amorosamente um pênis com suas mãos.

—O que?

—Supõe-se que tenho que me ocupar de você.

—Eu também posso te dar prazer, não?

Podia lhe dar todo o prazer que quisesse, mas essa primeira vez era melhor que algumas coisas ficassem no escuro.

—Para mim é um prazer cada vez que respira.

Ela piscou rapidamente, mas não o suficiente para ocultar o brilho de suas lágrimas. Merda, tinha ferido seus sentimentos. Robin tinha recriado tantas vezes esse momento em sua mente. Supunha que inclusive o haveria coreografado.

—Carinho, há algumas coisas às que tem que se acostumar.

—Não é isso. —endireitou-se e o saco de dormir escorregou pelas costas do Kelon.

—É só que... Às vezes diz umas coisas preciosas —sussurrou, cravando os olhos na atrevida ponta de seu pênis, passando-a pequena língua rosa pelos lábios e atrasando-se como se pudesse saboreá-lo no ar.

O frio fez que um calafrio lhe percorresse as costas. Ignorou-o. Se uma geleira lhe tivesse caído em cima nesse momento, duvidava que houvesse sentido. Ela se adiantou, ou possivelmente foi ele. Nem sabia nem lhe importava. Seu mundo se reduziu ao momento em que seus lábios, vacilantes, mas determinados, fecharam-se sobre seu pênis, lhe chupando brandamente, como se tivesse medo de lhe machucar, sentindo que suas terminações nervosas pediam a gritos uma pressão mais forte que lhe proporcionasse a última das satisfações supremas. Segurou-lhe a cabeça com as mãos, e quando se estremeceu, pôs uma sobre as costas, abraçando-a contra ele, deixando que lhe desse prazer como ela quisesse. Ela seguia tremendo. Uma esquina perdida de sua mente se deu conta de que devia estar passando frio.

Ela levou ainda mais dentro de sua úmida boca. Seu membro pulsava; os quadris se estremeciam. A cabeça do pênis se golpeou contra a parte alta da garganta. Deram-lhe arcadas. Ele soltou um juramento. Robin se desculpou com um beijo. Derramou-se algo de seu fluido interno. A jovem abriu os olhos como pratos. Ele supunha que se surpreenderia

ou inclusive que lhe repugnaria, o que não esperava era esse novo brilho de excitação, ou que se umedecesse os lábios de novo antes de tragar sua semente atraindo-o para si com força. Tampouco esperava essa exclamação de prazer enquanto enchia a boca com seu sabor de novo.

—Kelon.

—Deus santo, carinho. —Atraiu-a para ele, recordando no último momento reduzir a força.

Ela caiu sobre seu peito. Kelon arrojou o saco de dormir sobre ela, protegendo-a entre sua dureza e a suavidade da malha.

Ao ajoelhar-se sobre ele, o sorriso de Robin era tão amplo como a paisagem do exterior.

—Cede-me o mando?

—Sim. —Sim seria mais seguro. Se ela estava acima, ele não se esqueceria e não a atacaria com tanta força.

—Isto vai ser divertido.

Ia ser um inferno, mas teria matado a quem se atreveu a detê-la.

Desejava essa ardente boca. Não lhe fez esperar, limitou-se a riscar um caminho de beijos por seu torso, lhe deixando sentir seu sorriso e a ponta de seus dentes. Ele tremia como um estudante. A espuma do colchonete se rasgava sob suas garras enquanto ela se ocupava da ponta de seu pênis, apertava-o entre seus lábios, beijava-o, lambia o esperma que escapava de seu controle e transbordava de satisfação quando o levava a boca.

—Robin —advertiu.

—O que?

—Não acredito que possa suportar muito mais estes jogos.

Ela pôs os olhos em branco, levantando seu membro e analisando a parte inferior.

—Agüenta. Esperei muito tempo para isto.

Sua coluna vertebral ardeu quando a jovem riscou com uma unha afiada o caminho que seus olhos tinham decidido.

—Se começar a chupar e deixa de jogar, nós dois poderíamos passar um bom momento.

Robin levantou as sobrancelhas.

—Quem há dito que esteja jogando?

—Eu o digo.

Rugiu. Ela se pôs a rir e lhe mordiscou o estômago, observando-o por debaixo das pestanas.

—Me alegre de te haver esperado, Kelon.

Agarrou-lhe a cabeça para poder olhá-la.

—Por quê?

A jovem obedeceu à ordem silenciosa, lhe mordendo de novo, com mais força, e como riu quando ele deu um coice. Esta vez o rugido soou a sério. As fêmeas não desafiavam aos machos. Sobre tudo na cama.

—Porque contigo posso ser eu mesma.

A confissão roubou toda agressão de seu desejo. Sua boca era o fôlego de seus pulmões.

Tomou com força e rapidez, levando-o até sua garganta antes de soltá-lo com uma suavidade abrasadora, aproximando-o cada vez mais à perda do controle com os ligeiros toques de sua língua e as largas carícias de sua boca. Ele respirava entrecortada e roucamente, e a risada dela se ouvia amortecida. E seus olhos contentes não se separavam nem um momento enquanto aplicava suas amorosas carícias.

De novo algo passou por sua mente, impregnando profundamente, e enchendo essa parte vazia dele pela que sempre tinha suspirado. Dela.

Com um grunhido a derrubou, embora seu corpo tenha protestado pela perda. Robin se apoiou nas palmas das mãos ao cair. Colocou os pés por debaixo instintivamente, do qual ele se aproveitou. Depois de lhe agarrar os tornozelos, passou-lhe os braços por debaixo lenta e parcimoniosamente e se colocou em cima dela, lhe abrindo as pernas para sua inspeção, seu desejo. Ela pegou um chiado, um som incoerente, medo, surpresa, ao sentir sua boca em sua xana. Seus quadris resistiram sob a primeira carícia de sua língua.

—Fica quieta.

A ordem logo que era coerente. Ele logo que era coerente. Tinha-a esperado durante muito tempo e agora ela estava ali, oferecendo-se a ele. Quase bêbado de paixão por sua fragrância, embriagado pelo sabor de mel de seu desejo, não ficava muito de prudência exceto seu instinto. Um instinto perigoso e violento. Deu-se de presente a ela, lambendo e mordendo, tomando seus gritos como incentivo, com a necessidade de lhe dar mais, de lhe dar tudo, e embora seus gritos cessaram, ele não podia, desejava levá-la ao seguinte nível, ao seguinte extremo de prazer. Tomou seus clitoris entre os dentes, deslizou um dedo em seu tenso canal e logo outro. Seu corpo cansado se elevou uma vez mais ante suas ordens, lhe dando o orgasmo que lhe exigia para derrubar-se sem fôlego desfeita em soluços sobre a improvisada cama. Kelon não podia esperar mais. Depois de tirar a boca, deslizou suas mãos para cima, permitindo que a pressão de suas pernas sujeitasse seus quadris.

Minha. Minha. Minha. O conhecimento fluía através dele com cada pulsar do coração. Era dele. De ninguém mais. Seu membro caiu sobre seus lábios maiores inchados, banhando-se em seu calor líquido.

Meu? Sim? Foi um grunhido de satisfação.

—Kelon, por favor.

Deu-se conta de que as mãos de Robin lhe golpeavam o peito, que seu corpo se retorcia para afastar-se, pior; que enquanto lutava para soltar-se, seus olhos transbordavam de medo.

Estava atemorizada. Ele a estava assustando. Uma pequena parte de sua mente absorveu a informação; à outra não importou. Só desejava possuí-la, marcá-la, assinalá-la com seus dentes e sua semente.

A jovem voltou a pronunciar seu nome. Sua voz, que tinha começado tão risonha, agora estava rouca e trememente pela comoção. Tinha-lhe feito isso, poderia lhe fazer ainda mais mal se não parasse. Fechou os olhos, encerrou à besta, ganhou um instante de razão e a empurrou.

—Foge.

Capítulo 8

Não se moveu, provavelmente muito assustada para fazer outra coisa. E enquanto estava ali, seu desejo, tudo lhe dizia que voltasse a atraí-la para si. Suas presas ameaçavam estendendo-se assim como suas garras. A paixão e a necessidade alcançavam níveis insuportáveis, o obrigando a transformar-se. Se o fazia, nunca poderia separar-se dela.

—Maldita seja, Robin. Vai.

Não obedeceu, mas sim ficou ali sentada, apoiada nos braços, olhando-o. E então fez algo assombroso. Ajoelhou-se, passou-lhe os braços pelo peito, apoiou a bochecha entre suas omoplatas e se limitou a dizer:

—Não.

Ele sentiu vontade de jogar para trás a cabeça e uivar. Desejava ir às nuvens, mas então ela fez algo ainda mais surpreendente. Inclinou-se e o beijou na bochecha, lhe oferecendo toda a compaixão de seu generoso coração. A ele. Ao homem que quase a viola.

—Não se preocupe, Kelon.

Ah, merda. Agarrou-a e a apertou fortemente contra ele, lembrando-se apenas de manter as garras afastadas de sua pele, enterrando seu rosto em seu cabelo, respirando com deleite sua fragrância misturada com o xampu com aroma de melão, redescobrimdo sua humanidade enquanto lhe acariciava as costas e lhe oferecia a absolvição por nenhuma outra razão além de ser quem era. Quando suas presas e suas garras se retraíram, a envolveu no saco de dormir, uma tarefa que se complicou porque não lhe soltava o pescoço.

—Suponho que teria que aprender a ser mais cuidadoso.

—Ou possivelmente eu a ser menos covarde.

—Não, o problema é meu, sério.

Robin tirou a mão do saco de dormir e lhe roçou a seus com os dedos.

—O que houve?

O homem voltou a mão e a deixou aberta junto a ele como uma espécie de chamariz.

—Voltou-me louco.

—Não estava tentando me castigar por ser muito atrevida?

—Não.

A jovem posou os dedos nos seus, com um pouco de dúvida, como se tivesse medo de que a rechaçasse. Isso era impossível. Ele fechou com cuidado os dedos em torno dos seus, lhe dando todo o tempo do mundo para que se retirasse. Robin não o fez. Sua mão resultava muito pequena e branca na sua. Os ossos, delicados. Ao levantar o olhar, Kelon viu que sorria.

—Não tem muito instinto de sobrevivência, não?

—Em seu caso? —Encolheu os ombros filosoficamente. —Parece-me que nenhum.

O polegar de Kelon lhe roçou o dorso da mão. Tinha arruinado sua noite especial, tinha convertido a magia em um pesadelo. Donovan lhe tiraria as tripas. E ele o permitiria. Sabia que ela não era uma mulher lobo, que não tinha experiência, e tinha se jogado sobre ela como se fosse o contrário.

—Deixei-me levar. Sinto muito.

Ela franziu o cenho e tirou o cabelo do rosto. Kelon jogou uma olhada a seu relógio.

Uma hora, grande idiota, levava uma hora com ela. Não era de estranhar que estivesse pálida e perturbada. Nem tampouco que se estremecesse ao trocar de posição. Em seus olhos brilhavam as lágrimas.

—Maldita seja, não chore.

—Não.

A lágrima caiu. Não pôde separar o olhar enquanto escorregava por sua bochecha para desabar-se sobre o dorso de suas mãos unidas. Deveriam açoitá-lo.

—O que necessita, Robin? Farei o que queira.

—Quero que me abrace.

Ele piscou.

—Pode fazê-lo?

Kelon a rodeou cuidadosamente com seus braços, incapaz de acreditar que ela seguia desejando que a tocasse. Seu membro saltou esperançado. Ele o ignorou.

—Sim, claro que posso.

Ela se apoiou contra ele durante alguns segundos. Quando lutou para se liberar do saco, ele a ajudou a tirar os braços.

—Melhor?

A moça assentiu.

—Sim.

Baixou o saco, ruborizando-se ao descobrir os seios. Tomou suas mãos unidas e conduziu o dorso de uma delas até a suave pele de um lado de seu peito. Voltando sua mão, ofereceu-lhe a curva inteira.

—Pode me fazer amor agora?

Ele a olhou fixamente com um “não” pendurando de seus lábios. Ele, o homem que não conhecia o medo, aterrorizado de perder o controle, de ser quem a ferisse.

—A verdade é que não tem nenhum instinto de sobrevivência.

Robin levantou o queixo.

—Está-me dizendo que não?

Kelon lhe rodeou a mandíbula com a mão, deslizando os dedos até seu queixo.

—Quando estou perto de você, não confio em mim mesmo.

—Os homens costumam dizer isso como desculpa.

—Digo-o porquê é verdade.

—Passei-me, não? Tenho lido que os homens às vezes chegam a um ponto onde já não há marcha atrás e então isso pode...

Pôs-lhe um dedo na frente dos lábios, cortando a justificação.

—Não fez nada mal. Deixou-me louco. Quando te toco, perco a razão.

O sorriso do Robin voltou, como se reaparecesse o sol entre as nuvens.

—Tanto me deseja?

Ele franziu o cenho.

—Isso não é nada bom.

—É maravilhoso. —Atirou do tecido e virtualmente se atirou em seus braços. Ele a agarrou, suportando seu peso sem dificuldade. Robin jogou a cabeça para trás.

— Sempre quis que um homem me desejasse tanto.

Não tinha nem idéia de quanto.

—Sou um lobo. Deseja-me agora?

Com um movimento de cabeça, ela lançou seu cabelo para sua virilha. Kelon apertou os dentes ante o sedoso açoite.

—Sou uma virgem sem nenhuma habilidade na cama... Deseja-me ainda?

—Com cada uma de minhas células.

Ela se deixou cair sobre o colchão com lascívia, embora seu travesso sorriso não disfarçasse de todo a incerteza que ainda reinava em seus olhos.

—O que faz, seli?

O sorriso da jovem sumiu e sua expressão se escureceu.

—Confio em você.

A esse passo ia arrancar o coração. Aproximou-se dela devagar, para não assustá-la.

—Por quê?

—Porque posso. —Ela inclinou a cabeça.

— É um engano?

—Não. —Deu um salto quando ela colocou seus pés frios debaixo de suas panturrilhas.

—Prometo-te que não voltarei a perder o controle.

—Não nos ponhamos tão drásticos. Não é que não foi divertido, é só que no final deu-me um pouco de medo. Não sabia quem era nem o que fazia, mas...

Seu membro se acoplou a sua vagina, afundando-se com naturalidade em sua feminina fenda.

—Desejava-me.

Passou-lhe os braços pelo pescoço.

—E ainda o faço.

Tinha os lábios inchados e avermelhados por seus beijos e a pressão de seus dentes.

Era irresistível. Ele se inclinou. A jovem se ajeitou, encontrando-se a metade do caminho com os lábios abertos, dispostos à união. Foi um beijo comprido e minucioso, e quando terminou, ela respirava com tanta dificuldade como ele.

—Bem. —Mais que bem. E esta vez não lhe falharia. Não perderia o controle. Daria-lhe o que sonhava: uma noite para recordar.

Robin levantou as sobrancelhas.

—Então, a que estamos esperando?

—A nada. —Ele introduziu a mão entre eles, deslizando o polegar sobre seu úmido clitóris. Ela se estremeceu. Abriu os olhos alarmada.

—Tranqüila. Não vai ser como antes.

—Sinto muito.

—Está-o fazendo muito bem. Relaxe.

Ela estava tensa, atemorizada como virgem, e úmida com o conhecimento de uma mulher. Acariciou-lhe de novo o clitóris, com uma suavidade e lentidão com as que nunca havia tocado a uma mulher. Ela respondeu com um ofego, relaxando seus músculos internos. Seu membro avançou uns milímetros.

Cinco pares de unhas lhe cravaram no pescoço.

—OH.

Deteve-se. Só tinha metido a ponta.

—É muito?

Ela negou com a cabeça.

—Não é o suficiente.

—Bem.

Era muito abrupto, muito direto, mas era tudo o que podia dizer enquanto seu corpo o aceitava pouco a pouco. Seguiu acariciando-a, julgando por suas contrações internas o que mais gostava, empurrando quando seus músculos se relaxavam, parando-se quando se apertavam como um punho. Ao chegar à barreira de sua virgindade, estava respirando com tanta dificuldade como ela. Esta vez a matiz de dor ao dizer seu nome foi inconfundível.

—Kelon!

—Estou aqui, carinho.

Sua cabeça se movia de um lado a outro, apanhada entre o prazer que desejava e a dor que temia.

—Estamos fazendo bem. —Retrocedeu esses milímetros cruciais, retroagindo-se para voltar para a carga de novo, desfrutando de suas exclamações de surpresa e prazer.

Fechou os olhos para evitar a necessidade de impulsionar-se para frente tudo o que podia, contra a necessidade de gozar.

— Está bem.

E de uma maneira diferente, assim era. Nunca antes tinha amado a uma mulher, mas a ela estava adorando milímetro a milímetro, ofego a ofego, encontrando uma suavidade em si mesmo que não tinha sabido que existia, compartilhando com ela. Só com ela.

—Sim —gemeu Robin.

— Muito bem.

Um tremor começou em seu estômago e se estendeu por seu peito junto com um rubor.

Desfocou-lhe o olhar, concentrou-se em seu interior. Ele desejava isso para ela. Saindo lenta e tranquilamente, se detendo justo antes de retirar de tudo, sussurrou:

—Te deixe levar, Robin. Faça-o por mim.

—Não posso.

Voltou a introduzir-se, lhe acariciando seu pequeno clitóris úmido com um pouco mais de força e rapidez.

—Sim, sim que pode. Não te deixarei.

Ela cravou o olhar no seu.

—Promete-me isso?

Passou-lhe uma mão sob a cabeça para sustentá-la.

—Prometo-lhe isso.

A jovem se mordeu o lábio. Sua respiração era entrecortada. Ele necessitava um pouco mais de sua atenção.

—Aceita-me, Robin?

—Sim.

—Então, goza.

Com uma investida de seus quadris e uma carícia de seu polegar, levou-a até o limite, unindo seu grito ao seus enquanto seus músculos internos acolhiam a seu membro com a força de seu clímax, lhe levando mais dentro que nunca, além da barreira de sua virgindade, mais à frente do ponto sem volta, até o mais profundo, até que já não havia nada que os separasse: somente ele e ela. Unidos.

Até que a paz abriu caminho entre eles em uma simples verdade.

—Minha.

—Sim.

Passou-lhe a mão atrás da cabeça e atraiu sua boca para a sua, apanhando seu gemido e o último risco de seu prazer em um beijo que a fundiu com sua alma. Era humana, frágil, proibida. E sua por completo para o resto de sua vida. A rejeição abria passo através dele em um uivo vazio e sem sentido. Uma dentada de homem lobo não curaria uma enfermidade existente. Só funcionava contra enfermidades posteriores. Aparear-se com Robin não trocava seu destino. Morreria igual. Seguia vivendo de tempo emprestado.

Como se estivesse lendo seus pensamentos, lhe recolheu o cabelo e o sustentou detrás da cabeça. Sua outra mão embalou seu rosto, como se esperasse protegê-lo.

—Oxalá tivéssemos mais tempo.

Ele a olhou aos olhos, contemplando a história de “Oxalá” e “se” ali escrita. Seguiam unidos, mas ela estava se distanciando dele, de um possível final feliz.

—O jogo ainda não terminou.

Robin lhe dedicou um sorriso cansado.

—Não, ainda não.

Estava-lhe levando a corrente. Realmente não acreditava. Kelon lhe enxugou com o dedo polegar a lágrima que penetrava pela extremidade do olho. Rodeou-lhe o pulso com os dedos detendo-o, reclamando sua atenção.

—Sinto não poder ser o que necessita.

—Já o é.

—Algum dia encontrará a alguém.

—Já a encontrei. —Apartou-lhe as suaves mechas de cabelo do rosto, aceitando o que tinha sabido sempre.

Quando ela deixasse este mundo, não iria sozinha, indefesa ante o que lhe esperava ao outro lado. Seguiu o caminho da lágrima sobre a suave pele de sua bochecha, a calidez de sua garganta, encontrando o batimento do coração, de seu pulso, seguindo-o até a base de seu pescoço, deslizando-se ao longo da curva do suave músculo até a direita e sobre a clavícula.

Suas presas se alargaram com ansiedade. O desejo e a alegria envolviam o momento agri-doce que deveria significar “para sempre”, mas que em realidade só diria “até”.

Mordeu-a pela primeira vez, fazendo fluir os hormônios desde sua boca, as mesclando com seu sangue e seu grito de êxtase. Seu membro se endureceu em seu interior, unindo o erotismo da dentada à força do momento.

A dentada, lento e seguro, fizeram-se mais profundo, maximizando seu prazer, com o desejo de que o recordasse.

Seu orgasmo chegou em uma lenta quebra de onda. Enquanto palpitava em torno dele, Kelon se cortou com sua garra na palma e colocou a ferida sobre a marca, pronunciando as palavras de um ritual tão antigo como o tempo, enquanto seu sangue se mesclava.

—Minha alma é tua nesta vida e na seguinte. Estamos unidos.

A palma lhe queimava, a dor se estendeu por seu braço, penetrou em seu peito, sua cabeça, suas extremidades. Seu membro palpitava e se estremecia. Os testículos o abrasavam. O orgasmo se apoderou dele, ardente e intenso enquanto Robin ofegava e suas costas se arqueavam. Ele a abraçou até que o ardor se converteu em uma profunda calidez; então a olhou:

—Já está.

Capítulo 9

A rejeição estava ocorrendo mais rápido do que pensava. Robin sustentava o pote de remédio em uma mão. Durante os três dias que tinham passado em seu ninho de amor, como a jovem tinha apelidado à cova, tinha chegado a um ponto no qual tomar a medicação era pior que os sintomas da rejeição em si. Olhou para onde Kelon estava preparando uma cafeteira. Colocou as pílulas em seu recipiente de novo. Esses momentos eram especiais. Não pensava desperdiçar nem um minuto.

Kelon levantou o olhar, carregado de preocupação e carinho.

—Encontra-te melhor esta manhã?

Ela fechou a tampa do pote.

—Uhum.

Levantou-se e se aproximou dele, com passos torpes, por culpa da irritação que tinha entre as coxas. A marca de seu ombro, onde ele a tinha mordido, ardia-lhe quando se aproximava. Ele a alcançou. Deixou que a ajudasse lhe dando a mão.

—Anda um pouco estranha.

Ela se apertou contra ele, aspirando sua fragrância. Sempre se sentia melhor quando se encontrava a seu lado.

—E quem tem a culpa disso?

O sorriso que a pergunta despertou era mais que agradável.

—Eu.

Acariciou-lhe as costas. Só levava sua camisa, pois a cova se esquentou bastante durante os últimos dias.

—Então será melhor que me ocupe disso.

A moça não pôde evitar ruborizar-se. As imagens que lhe vieram à mente da última vez que “se ocupou disso” eram muito vividas. Suas mãos sob seus quadris, sua língua ardente como um selo sobre sua carne. Ele riu entre dentes e levantou a beira da camisa, expondo sua cicatriz e seu abdômen. Antes de deslocar sua atenção para baixo, beijou-lhe os dois, como sempre, em uma espécie de ritual que ela achava muito doce.

—Kelon, não.

—Está mau. É meu dever te acalmar.

Algumas vezes falava de um modo antiquado que resultava muito doce e muito sexy ao mesmo tempo. Punha-lhe arrepiada.

—Assim é como acabei dolorida a última vez. Você “calmante” sempre nos leva a mais.

Kelon levantou a sobrancelha direita. Soprou sobre sua vagina, sorrindo ao comprovar que ela se estremecia.

—Não te estará queixando?

Não. Sim. Não podia decidir-se. Seu estômago rugiu ruidosamente e se lembrou de por que prometeu manter-se firme essa manhã.

—Sim —ofegou, pondo seus dedos entre sua boca e sua carne.

—Pode ser que você possa viver de amor, mas eu estou morrendo de fome.

—Já o ouvi. —Beijou-lhe o dorso da mão, baixou a camisa, e depois, posando uma mão em sua nuca, beijou-a.

Ela suspirou e se relaxou contra ele. Esse homem sabia como beijar. A força e a paixão com a que tomava sua boca sempre a faziam sentir-se completamente possuída e de uma vez amada.

—Está segura cem por cento de que não quer que te acalme?

Seu estômago respondeu por ela, rugindo de novo.

—Isso parece.

Ele a soltou com suavidade sem tirar seus olhos escuros dela, até que se assegurou de que tinha recuperado o equilíbrio antes de deixá-la. Não importava que tirasse a mão, seguia sentindo-se conectada a ele. Kelon se encaminhou para o lado da cova onde tinha deixado suas armas.

—Posso ir contigo?

Ficar sentada na cova era do mais aborrecido.

Ele introduziu a faca no alto da bota. Agarrou o rifle.

—Carinho, vou caçar coelhos. De verdade quer estar presente enquanto mato ao coelhinho do Bambi?

Ao pensá-lo, o seu estômago revirou.

—Depois de tudo, possivelmente necessite um calmante.

Ele negou com a cabeça, com seus largos cabelos caindo pelos ombros, emoldurando seu escuro rosto e sublinhando os afiados rasgos, lhe proporcionando um olhar claramente perigoso.

—Ou possivelmente o único que te passa é que tem o estômago vazio.

Ficou a seu lado.

—Bom, desta vez faz o favor de esfolá-lo antes de trazê-lo.

—Já aprendi a lição. Ainda não pude tirar o aroma de minhas botas.

Pesava-lhe um pouco a consciência a respeito, mas quando ele tinha levantado os corpos ensangüentados, lhe mostrando a caça, como um homem das cavernas orgulhoso de havê-la conseguido para ela, em vez de pensar nas maravilhas que ele poderia fazer dessa carne fresca, era um cozinheiro fantástico capaz de obrar milagres de um nada, havia vomitado imediatamente. Sobre suas botas.

Robin abaixou a camisa. Ainda lhe dava vergonha recordá-lo.

—Foi tua culpa.

—Parece-te que esteja discutindo?

A jovem inclinou a cabeça.

—Um pouco. Nota-te nos olhos.

Ele se aproximou, um homem grande com olhar severo que a fazia sentir mais preciosa que um diamante. Seu cabelo revoava a suas costas, detrás de sua escopeta, ao aproximar-se.

Seu sorriso era zombador. Tomou o queixo entre as mãos.

—Bem, pois não o estou.

Com apenas uma carícia de seu polegar sua libido se disparou.

—Enquanto estou fora, fica na cova. E se mantenha afastada da entrada. Não quero que caia em uma das armadilhas que ponho.

Algo frio e duro lhe pressionou a mão. Ela o agarrou.

—Uma pistola? Tem toda a zona mais minada que em um filme do Rambo e pensa que vou necessitar uma pistola?

A dizer por sua expressão, ele não compartilhava seu cepticismo.

—Se aparecer alguém pela entrada, tira o seguro e começa a disparar.

Como se alguém fosse aproximar-se por ali.

—Se preocupa muito.

—Não. —Levantou-lhe o rosto e roçou sua boca com a sua.

— Só sou precavido.

O fogo estava extinguindo. Kelon ainda não havia retornado e a temperatura estava caindo aí fora. Tampouco ficava muita água. Robin se aproximou da entrada da cova e olhou pra fora. A escuridão estava caindo, pondo de relevo a impressionante paisagem que se estendia no exterior. As rochas destacavam em ângulos agudos, e as árvores criavam seu lar em todos os espaços livres que podiam, alguns virtualmente pendurados das ladeiras em posições impossíveis. Entre estes havia alguns que não o tinham conseguido. Esqueletos de esperança quebrada.

Esfregou-se os braços com as mãos. Não queria que nada lhe recordasse que ficava pouco tempo. Tampouco queria que nada lhe estragasse o dia. Se Kelon voltava para uma cova fria com o fogo apagado e se encontrava com sua garota desidratada, não lhe faria

nenhuma graça. Era um protetor natural, e apesar de seu lado perigoso, não tinha nenhum problema em mostrá-lo. Ao menos quando se tratava dela.

Negou com a cabeça esboçando um sorriso, e tocando a marca com a mão. Kelon não gostava que chamasse a si mesma de “noiva”. Cada vez que o fazia, grunhia dessa maneira dela, que é obvio tinha o efeito de fazer o dizer mais. Adorava quando rugia, assim como quando a mordida, o que simplesmente trazia a luz esse lado brincalhão que sempre tinha suspeitado que possuísse.

E que estava prosperando com os cuidados de Kelon. Esse último lhe roubou um sorriso travesso. Esse homem era incansável e criativo. E adorava lhe escutar gritar, continha seu imenso desejo de chegar ao clímax até que ela gozasse todas as vezes que ele considerava necessárias. Só então chegava ele, grunhindo seu nome e chamando-a seli, abraçando-a como se ela fosse a única coisa importasse, protegendo-a de seu peso e a violência que ela sentia que se construía em seu interior, apertando-a até que a fúria cessava e seus músculos se relaxavam. Até que encontrava a paz. Robin só o via depravado em seus braços. Gostava de poder lhe dar de presente paz. Devia-lhe tanto...

Observou a zona que havia debaixo. Não havia nenhum sinal de movimento, humano ou animal. Conforme via, não havia nenhum sinal de vida, e em sua placidez se abriu caminho para a inquietação. E se tinha acontecido algo a Kelon? Normalmente nunca estava fora tanto tempo. Como poderia encontrá-lo?

Começou a sentir um certo temor, que minava sua confiança e aumentava sua preocupação. Uma vez instalado, não partiria. Tocou-se a marca do pescoço onde a tinha mordido. Não podia acontecer nada ao Kelon. O único que lhe permitia suportar sua morte era saber que ele seguiria vivendo, e a ilusão de que um pouquinho dela continuaria em sua lembrança.

Mas para isso, ele também tinha que sobreviver. A beleza da vasta paisagem se transformou de repente em algo sinistro. Seu amante podia estar em qualquer lugar. Podia haver caído em um vale, estar apanhado em uma greta. Ter tropeçado com sua faca.

Este último lhe fez rir. Estava ficando louca. Kelon se sentia a vontade com armas. Estava familiarizado nessas terras selvagens. Estava bem, mas deixava-a responsável pelos problemas básicos: madeira, água e aborrecimento.

O arroio se encontrava abaixo e à direita, a uns cem metros. Pelo curso da água havia madeira em abundância. Possivelmente não toda estivesse seca, mas Kelon lhe tinha explicado como encontrá-la. Não o tinha mostrado, porque em interesse de sua natureza precavida, não tinha querido arriscar-se a que a vissem. Contemplou de novo a desolada paisagem.

Vista por quem? Pelos esquilos? Assumindo que alguns deles se aventurou a sair. O vento cheirava a frio e tormenta. Iam necessitar madeira e água se a tormenta fosse potente.

Colocou o casaco, guardou o revólver no bolso, sentindo-se estúpida pelo nervosismo que lhe entrou quando saiu da cova. O desenvolvido sentido da precaução do Kelon a estava afetando. Como se tivesse algo com o que mostrar-se cautelosa. Que a devorasse um urso era provavelmente melhor a seguir como estava. De todas as formas, não estava segura. Não tinha investigado muito. Durante um de seus momentos de depressão, tinha explorado as possibilidades. Não tinha demorado muito em decidir que haviam coisas que era melhor que fossem surpresa.

Escorregou em uma parte de gelo enquanto descia pelo pendente. Recuperou o equilíbrio agarrando-se a uma árvore. A cabeça lhe deu voltas ao sentar-se. Ficou assim enquanto passava o enjôo. Olhou para cima. A cova parecia que estava longe ao pé da colina.

Inspirou e ficou em pé. O enjôo não voltou, mas o pequeno passeio lhe tinha cansado mais que tinha suposto.

Encheu o grande cantil com água, golpeou-se as pernas com as mãos para que voltassem em si, colocou as luvas outra vez e recolheu um pouco de madeira. Só tinha enchido a bolsa até a metade quando se deu conta de que não poderia levar mais. Custaria-lhe várias viagens conseguir o suficiente para que lhes servisse de algo. Bom, o que ia fazer. Agora Kelon ia se pôr a gritar como um louco e ela não teria a satisfação de lhe fazer calar com um trabalho bem feito.

—Olá, senhorita Delaney.

Era uma saudação perfeitamente educada, proporcionado em uma voz absolutamente normal. Gelou-lhe o sangue. Era inaudito que alguém a saudasse ali em meio de nenhuma parte.

Voltou-se. O homem não era nem muito alto nem muito bonito, nem muito gordo nem nada de nada. Nem sequer dava muito medo, exceto pelo fato de que lhe tinha seguido a pista até ali. E que tinha uma pistola da mais feia em uma mão e uma geladeira de camping vermelha e branca na outra.

—Conheço-lhe?

—Conheceu minha irmã.

Rastreou sua memória em busca de alguma conhecida com as feições marcadas, os olhos marrons e o cabelo escuro desse homem. Não deu com ninguém.

—Como se chama?

—Evelyn Shapiro.

O nome lhe soava conhecido, mas não podia lhe pôr rosto, e não era como se conhecesse muita gente. Ele a olhava como se esperasse que o reconhecesse imediatamente. Robin retrocedeu um passo.

—Sinto muito, não me lembro.

—Salvou-te a vida e não te lembra dela?

Sua professora estava acostumada responder às respostas incorretas com esse nível de decepção controlada. Odiava-a.

Apertou mais o cantil e a madeira.

—Sinto muito. Não.

Ele assentiu como se lhe acabasse de confirmar uma suspeita.

—Disse-lhes que não era uma boa idéia. —Avançou um passo.

— Evelyn deveria poder descansar em paz.

—Morreu?

—Como se não soubesse. —Fez um gesto para a colina.

— Temos que voltar para a cova.

—Por quê?

O homem levantou a geladeira.

—Necessito um espaço onde trabalhar.

Como podia ter um aspecto tão sinistro uma simples geladeira?

—Sinto muito. —Robin retrocedeu outro passo.

—Kelon não gosta que receba visitas quando ele não está. As sobrancelhas do desconhecido se levantaram como perguntando educadamente.

—O homem que está contigo?

Ela assentiu.

Ele sorriu.

—Kelon nunca saberá.

Robin tivesse dado algo por que soubesse.

—Não sou mentirosa por natureza.

—Bom, os dois sabemos que isso não é verdade. —Fez um gesto com o canhão da arma.

— Comesse a subir.

Isso significava voltar as costas a ele.

—Estou bastante cansada. Melhor falarmos aqui.

A pistola se levantou, lhe apontando diretamente ao peito.

—Não.

A resposta não lhe deixava outra opção. Voltou-lhe as costas enquanto o medo se apoderava dela, asfixiando-a.

—Te mova.

Assim o fez, pondo um pé frente do outro, enquanto todas as terminações nervosas de suas costas saltavam como se estivessem eletrificadas. O revólver que Kelon tinha-lhe dado, que se encontrava perfeitamente guardado no bolso, pesava-lhe como o chumbo. Quando levava tão somente um quarto do caminho as forças lhe abandonaram.

—Tenho que descansar.

—Não.

A moça jogou uma olhada por cima do ombro. Doíam-lhe os braços, e lhe queimavam os pulmões, e não lhe era possível levantar a perna nem um só passo mais.

—Não era uma pergunta.

O tipo levantou a pistola.

—Caminha.

—Não.

Seus lábios desenharam um sorriso zombador.

—Não posso acreditar que dessem uma parte da Evelyn a uma débil como você.

Fez-lhe a luz. Uma parte da Evelyn. Evelyn Saphiro tinha sido a mulher que havia doado o rim.

—Não sou débil. Estou doente.

—É débil.

Empurrou-lhe com o canhão da pistola nas costas. Doeu-lhe muito mais do que esperava. Tropeçou e se deteve.

—Segue.

Agora entendia as histórias de pessoas e animais que quando lhes perseguiam tombavam e aceitavam seu destino. O cansaço podia ser muito mais poderoso que o medo. Deixou cair a madeira, mas seguiu agarrando o cantil. Poderia lhe servir como arma.

—Por quê?

—Porque Evelyn tem que descansar em paz.

Olhou sua inquietante expressão serena, suas pupilas dilatadas.

—O que a impede?

—Você. Você é a última.

Isso não soava bem.

—A última do que?

Ele jogou uma olhada ao céu e assinalou com a pistola a colina.

—Está-me fazendo perder tempo.

—Estou recuperando o fôlego.

Aguçou os ouvidos, os olhos, a mente. Onde tinha se metido Kelon?

—Seu companheiro não vai voltar.

O comentário atraiu sua atenção.

—O que?

O homem se encolheu de ombros humildemente.

—Sou muito bom com os rifles de longo alcance.

Podia imaginar-lhe com uma calculadora, mas com um rifle de longo alcance?

—Não o parece.

Ele franziu o cenho.

—Não todos os esportes requerem músculos.

A única razão pela que Kelon não retornaria era se esse lunático lhe tinha disparado.

—Não. —Logo que podia mover os lábios. Meu Deus, Kelon.

— Não todos.

A raiva e a perda lutavam por fazer-se com a supremacia em seu interior. Deslizou a mão por debaixo do casaco, cobrindo o lugar onde a tinha mordido, lutando por manter uma expressão passiva enquanto em seu interior gritava por ele, pela perda que não tinha que ter ocorrido. O lugar lhe queimava a palma, ou possivelmente era sua raiva que se refletia nele.

Girou-se lentamente, com os músculos tão tensos que quase que não podia mover-se. Tinha que sabê-lo.

—Matou-o?

O homem levantou a pistola.

—Sim.

Ela avançou um passo.

—Por quê?

—Não podia me arriscar a que interferisse. É a última.

Robin deu outro passo.

—Fique onde está.

Ela desobedeceu a ordem. Fixou-se em seu rosto, memorizando-o junto com sua sensação. Se a matasse antes que ela a ele, o perseguiria para sempre. Ela queria recordar exatamente como era e senti-lo para poder encontrá-lo inclusive lá da próxima vida, e fazer a vida dele impossível.

—Não deixa de dizer que sou a última, mas não do que.

—Evelyn não pode ressuscitar se seu corpo não está completo.

—Isso não tem sentido.

—Segundo nossas crenças, sim.

A jovem deu outro passo, apertando o recipiente da água e aproximando a mão do zíper do bolso. Esse homem estava muito doente. E tinha matado ao Kelon. Porque tinha a idéia de que se reconstruía a sua irmã, poderia controlar o que ocorreria no futuro. Um caso clínico.

—Sua irmã assinou um cartão de doador. Isso significa que deu sua permissão para que usasse seu rim. E sabe o que? Que fico.

Provavelmente deveria ter se preocupado, porque não lhe disse que parasse ou que retrocedesse, mas já lhe dava tudo igual. Kelon tinha morrido. Esse homem tinha-o matado. Não podia pensar em outra coisa.

Ao dar o seguinte passo, o homem se tornou sobre ela e lhe agarrou o braço puxando ela para frente. Golpeou-lhe com o cantil. Ricocheteou em seu ombro. Ele, surpreendentemente forte para alguém tão magro, lançou um juramento, mas não a soltou.

Possivelmente a loucura lhe proporcionava uma força maior do o normal, ou poderia ser que ela estivesse muito fraca. Atirou da cremalheira do bolso. Nos filmes de policiais parecia muito fácil. Na realidade, lutar contra alguém enquanto tenta tirar uma pistola de um bolso é quase impossível. Ficava trancada a metade de caminho. Não podia chegar a apertar o gatilho. Não podia soltar-se.

Robin fez quão único podia fazer enquanto brigava: gritou tudo o que pôde. Era inútil e absurdo, mas era tudo o que tinha. Até que o homem a esbofeteou e disse “Não pode te ajudar”, não se deu conta de que tinha estado gritando o nome do Kelon. A marca do ombro lhe abrasava. A seu redor soou o eco de um rugido. Levantou o olhar. Não percebeu movimento algum, e o homem seguia olhando-a fixamente. O pêlo da nuca se arrepiou e o sentimento de perigo se incrementou.

Fechou os olhos. Kelon não podia ter morrido. Não podia acreditá-lo. imaginava seu rosto, recriando até o mínimo detalhe. Em seu interior, tudo lhe reclamava. Desejava-o. Tanto que acreditou que se aproximava. Se fazia muitas ilusões. Maldita seja, Kelon!

Sentiu uma aguda dor no ombro. Abriu os olhos e olhou a seringa de injeção que se cravava em seu ombro, o polegar que a apertava, sentiu a abrasadora intrusão. O horror invadiu-a. Tinha-lhe injetado algo. Sentia-o penetrando por seu corpo, um frio, uma queimação. Implacável. Gritou outra vez por uma razão diferente.

O intumescimento se estendeu, lhe roubando a força e a vontade. Dobraram-lhe as pernas. Ele a sustentou quase com suavidade, apoiando-a até o chão.

—la fazer isto na cova por comodidade, mas te puseste muito difícil.

Claro que se havia posto difícil. Estava tentando matá-la. Seus lábios não podiam formar as palavras. Estava paralisada. O homem agarrou uma fina faca de aço. Um bisturi dos que se utilizam em cirurgia. Meu Deus! Olhou o bisturi e aos enlouquecidos olhos do estranho. Meu Deus!

Tinha que sair dali. Tinha que levantar-se e mover-se, Merda. Ordenou a suas pernas que se movessem, mas não ocorreu nada. De sua garganta só saíam grunhidos. Patético. Inútil.

—Não se preocupe, a paralisia passará em uma hora.

Se conseguisse o que queria, dentro de uma hora já não estaria viva.

O homem lhe abriu o casaco. O frio lhe arrepiou sobre o estômago quando lhe subiu a camisa. Levantou a faca.

Não. Não. Não. Não podia deixar de pensar essa palavra. Levava semanas sabendo que estava morrendo, mas não queria que fosse assim. Deu-lhe uns tapinhas no ombro.

—Não se preocupe, não demorarei muito. Sei que seria muito mais amável de minha parte te matar primeiro. Não sou um homem cruel, mas o órgão tem que tirar-se de um corpo vivo. Tal e como o tiraram dela.

Meu Deus, estava louco. O pior era que não podia abrir a boca para dizer-lhe. Não porque fosse ter nenhuma influência sobre ele, mas ao menos se sentiria melhor fazendo

algo. Chiar, uivar, jurar, amaldiçoar, tudo menos estar aí tombada enquanto um homem punha um bisturi no abdômen e começava a cortar.

A realidade era que ia lhe tirar o rim enquanto seguia com vida.

Uma ardente agonia se estendia pela parte inferior do abdômen.

—Só estou marcando o lugar. Não se preocupe, terminarei logo.

Sentia que ofegava, mas não estava segura. Também sentia como se não tivesse ar suficiente. Tinha-lhe administrado muita anestesia? Se era assim, oxalá sortisse efeito antes que ficasse a sério a rachá-la.

Estava tão assustada que não podia nem fechar os olhos para não ver esse doente, retorcido e estranhamente sereno rosto enquanto realizava seu asqueroso trabalho.

“Kelon!

Reconstruiu a imagem em sua mente, detendo-se em todos os detalhes, a forma de seu rosto, sua fronte, o profundo marrom de seus olhos, a beleza escultural de sua boca. Perfeito, tudo tinha que ser perfeito, até a menor de suas cicatrizes. Esse último lhe fez parar e pensar. Tinha uma cicatriz sequer? Não se lembrava de nenhuma. Tinha sido absolutamente perfeito, e tinha morrido. Por culpa dela, protegendo-a. Era horrível.

O bisturi cintilou na luz do entardecer quando o homem o levantou, murmurando uma prece em uma língua que não entendia, dando uma tintura religiosa a esse ato tão odioso que ela não podia deter nem evitar.

Esperava que escondesse seu corpo muito bem, quando tivesse terminado. Não queria que suas irmãs o encontrassem e averiguassem como tinha morrido. Ninguém deveria ter que viver com essa informação.

O bisturi descendeu. Aferrou-se à imagem do Kelon. O aço lhe roçou a pele.

“Kelon! O grito lhe saiu do coração. Os matagais da direita explodiram com um rugido que afogou seu grito. Uma forma negra entrou em seu campo de visão, chocando-se com o homem. Seu braço se levantou; a faca baixou. A besta nem sequer piscou. Uns horríveis bramidos encheram o claro. O odioso grito do homem abriu passo entre a cacofonia de sons. Cessou tão abruptamente como tinha começado, e depois houve silêncio.

Robin lutou, tentou mover os olhos para ver. Uma forma negra se aproximou tomando forma. Um lobo. Era um lobo. O maior que jamais tinha visto. O sangue lhe obscurecia a pele perto da boca. Ao abrir esta lhe mostrou uns ferozes dentes brancos. A ela lhe cortou toda a respiração.

Meu Deus —rogou—, se tiver que ir desta maneira, poderia me levar já?

Não morreu. O lobo baixou a cabeça. Seu chiado foi um pequeno grito afogado. Seu frio e úmido focinho lhe roçou a bochecha, a frente, a mandíbula, antes de deslizar-se dentro do casaco e farejar o lugar do ombro que lhe abrasava. Robin não podia mover a cabeça. Não podia fazer nada a não ser esperar a dentada que terminaria com sua vida.

O animal grunhiu roucamente, e em seu interior tudo se deteve. Conhecía esse som. Era impossível, mas o reconhecia. O lobo farejou seu corpo, descobrindo o sangue de seu abdômen. Esta vez rugiu. Girou a cabeça à direita e atirou uma feroz dentada nos pés do homem morto. Em seu interior, Robin soluçava. Por fora, permanecia tombada, enfraquecida, como um pulso esperando a que fizessem com ela o que quisessem.

O lobo gemeu. O som era tão triste como o que ela queria emitir. Sentou-se sobre suas patas traseiras, jogou a cabeça para trás e uivou. O som ricocheteou nas cúpulas das montanhas. Antes que o eco se extinguisse, respondeu-lhe outro uivo em um timbre diferente. Tinha pedido reforços? Por que? Tanto perigo representava ela?

Com uma última carícia do focinho em seu abdômen, o lobo gemeu e se separou de sua vista. Ouviu o som da água quando entrou no arroio. Seguiram mais barulho, e depois o inconfundível som de um animal sacudindo-se. Pequenas gotinhas geladas lhe salpicaram as bochechas. Como se o animal houvesse sentido sua surpresa, voltou. Roçou-lhe de novo a bochecha com o focinho, e depois, o lobo, sustentando seu olhar dessa forma tão misteriosa, retrocedeu.

Sua forma se obscureceu, distorceu-se. Ela pestanejou. Não trocou nada. O animal se estava transformando, alargando, estirando. Os ossos soaram e o cabelo desapareceu como em um torvelinho até que não ficou nada do lobo, e em seu lugar apareceu... Kelon.

Impossível. A anestesia lhe devia estar afetando o cérebro. Kelon se ajoelhou a seu lado. Rodeou-lhe a bochecha com uma mão. Para ser sua imaginação, parecia muito real.

—Ah, carinho, o que passou?

As lágrimas que tinha estado retendo começaram a brotar inadvertidamente. Sentiu que era ela quem devia lhe fazer essa pergunta.

Capítulo 10

—O que fez com o corpo dele?

Robin se sentou na cama apoiando as costas contra a cabeceira. De todas as perguntas de sua mente, essa parecia a mais segura. E, seis horas depois do incidente, duas horas depois de que o efeito da anestesia lhe tivesse passado, eram as primeiras palavras que tinha pronunciado. Kelon, sentado em uma cadeira junto à cama, nem sequer parecia surpreso.

—Decidiste pelo menos importante?

—Parece-me que não vou mais à frente. —Dirigiu-lhe um olhar cortante.

— Nunca.

Não podia com um homem que se transformava em lobo. Nesses momentos, era impossível.

Ele se levantou, desprendendo uma estranha energia. Robin levantou a mão.

—Pode me responder daí.

—Ignorar o que sabe não vai mudar nada.

A jovem lhe atirou um travesseiro.

—Não tem por que me dizer como tenho que tratar o assunto.

Kelon agarrou o travesseiro.

—Isso significa que está pensando?

—O que?

Lhe pôs o travesseiro detrás da cabeça.

—Que me viu transformar de lobo em homem.

—Isso foi uma alucinação causada pela anestesia que esse homem tão horrível me subministrou.

Tinha que ser assim.

—Sabe perfeitamente o que viu, Robin.

—O que vi é impossível.

—Não. —Lhe passou o dorso dos dedos pela bochecha.

— Não o é.

Ela continuou olhando à frente, ignorando-o.

—O que fez com o corpo?

—Donovan foi a minha chamada e se ocupou dele.

—E a polícia?

—Nós somos a polícia. Ele te tocou. —As garras arranharam o travesseiro.

—Cumprimos com nosso dever.

Nunca o tinha visto assim: duro, zangado, perigoso.

—Acho que me dá medo.

—Não posso te dar medo.

Ela recordou o lobo, os gritos, o momento em que se transformou.

—Sinto te comunicar que sim.

Ele levantou os lençóis e colocou sua mão onde o irmão da Evelyn lhe tinha talhado. A ferida que ele tinha curado.

—Pensei que chegava muito tarde, Robin.

A jovem não se permitiu acreditar na angústia de sua voz.

—Quase. Uns segundos mais e ninguém teria que preocupar-se de me explicar nada.

A brincadeira teria terminado ali.

—Que brincadeira?

—A que começou por compaixão. A que me fez acreditar que alguém como você estaria realmente interessado em alguém como eu.

Ignorou seu grunhido. A dúvida que lhe tinha estado corroendo do primeiro dia em que o tinha conhecido surgiu, negando-se a desaparecer.

—É minha culpa, tranquilo. —cobriu-se com os lençóis. Estava disposta a seguir o jogo, já que não me fica muito tempo de vida e me dava o que queria; era uma aventura antes de que tudo se acabasse, mas de algum jeito agora que sei o que sei tudo é diferente.

—E o que sabe exatamente?

Sabia que não podia seguir mentindo. Olhou-o. Os lábios de Kelon formavam uma linha reta de desagrado.

Agarrou uma parte da colcha entre os dedos, evitando seu olhar. Doía-lhe dizer isso.

—Nunca foi um segredo que sua gente tinha idéias fixas a respeito das mulheres. Vocês se ocupam delas. Fez um bom trabalho comigo, manteve a promessa ao Donovan de me ensinar o que era passar um bom momento, mas chegou o momento de deixá-lo.

—Também te fiz uma promessa.

Tinha prometido não feri-la, física ou mentalmente. Tinha mantido essa promessa.

Ela era a que se atou com “agora” e “para sempre”.

—Não posso fingir mais, Kelon. Acabou-me a imaginação.

Os dedos dele deixaram de mexer com seu cabelo para lhe agarrar a nuca. Levantou-lhe o queixo com o polegar. Seus olhos eram muito escuros, mais escuros que a noite que se estendia depois da janela.

—Os lobos vão a sério.

—Não sei o que quer dizer.

—Significa que é minha.

—E se eu não quero?

—Não importa. —Descobriu-lhe o ombro e colocou sua mão sobre o lugar onde a tinha mordido. A cicatriz lhe queimou, palpitou ao reconhecê-lo, enviando raios de desejo através de seu agitado corpo.

— Estamos unidos.

As palavras lhe resultavam familiares.

Estamos unidos.

As serpentinhas de desejo penetraram por seu corpo, liberando a necessidade que sempre sentia dele. Moveu-se na cama, tentando suprimir sua resposta.

—O que significa isso?

Kelon entreceitou os olhos e suas narinas se incharam. Quando seu olhar desceu até sua virilha ela se deu conta de que seus esforços não serviam de nada.

Havia algumas coisas que nunca poderia lhe ocultar. O desejo era uma delas.

—Significa, que segundo a lei dos lobos, estamos apareados.

Por mais que dissesse tal coisa, soava estranho. Ninguém podia esperar que o levassem a sério dizendo homens lobo e apareados na mesma frase.

—Segundo a lei dos homens lobo?

—Sim.

—Existe?

Seus lábios se torceram para cima. Seu roce se fez mais suave.

—Sim.

Outro pensamento surgiu no caos de sua mente.

—Mordeu-me; isso me converte também em mulher lobo? —Passaram-lhe pela cabeça as cenas dos filmes de terror que tinha visto, e era um montão.

— Porque, para se justificar, isso não vai me ajudar em minha auto-estima.

Ele negou com a cabeça enquanto os cabelos lhe caíam pelos ombros como uma cascata negra. Adorava seu cabelo. O que passava é que não sabia se devia seguir gostando dele.

—Os homens lobo nascem, não se fazem.

—Sua dentada irá me curar?

A esperança que se ocultava atrás da pergunta era tremente. A desilusão da resposta, lhe esmagava.

—Não. —Acariciou-lhe a bochecha com as gemas dos dedos.

— Não podem curar as enfermidades já existentes. Nossa dentada proporciona anticorpos que protegem contra futuras enfermidades.

Ela suspirou ao entendê-lo.

—Assim sigo morrendo.

—Sim. —Apoiou a palma contra sua bochecha, atraindo-a para seu ombro, como se através de sua férrea força de vontade pudesse mantê-la a salvo, e já não parecia tão importante o que era. Só que existia.

— Mas quando chegar seu momento, não estará sozinha.

O que estava dizendo é que estaria com ela. Que a veria morrer. Deixaria este mundo com sua tristeza em sua alma. Ela jogou a cabeça para trás, sem apartar os punhos. Não havia podido viver sua vida como teria querido, mas podia morrer como ela desejava. Ele era sua lembrança feliz. Necessitava que ficasse assim.

—Não quero ir deste mundo com sua tristeza como última lembrança.

Já tinha tido bastante tristeza.

Kelon abriu a boca, mas ela o cortou colocando a mão sobre seus lábios. Sua barba de dois dias lhe fez cócegas. Outra lembrança que guardar e venerar.

—Prometa-me isso .

Ele entreceitou os olhos. A dor penetrou em seu olhar. Beijando sua palma, a levou ao peito. Seu coração pulsava com força. Com firmeza. Como ele.

—Não posso te prometer isso, seli. Sou um Protetor. Você é minha companheira. Não posso permitir que vá sozinha deste mundo.

Não ia conseguir lhe fazer trocar de opinião. Sentia-se consternada e aliviada de uma vez.

Por muito que tentasse preparar-se, morrer assustava. Por muito que não quisesse incomodar a seus seres queridos, uma parte dela se sentia aliviada ao saber que não se encontraria sozinha ao final.

—Pode ser que não seja uma cena muito bonita. Ele apertou os dentes.

—Não estará sozinha.

E isso foi tudo. Ficou ali sentada durante um minuto, sentindo o batimento do coração de seu coração, sua determinação. Pedindo-lhe emprestado algo de sua força.

—O que significa seli?

A mudança de tema nem sequer lhe fez pestanejar. O crânio lhe fazia cócegas onde seus lábios lhe roçavam.

—É uma palavra de carinho com a que os lobos chamam à mulher que apanhou sua alma. Significa literalmente “unida a minha alma”.

—É precioso.

—Sim, é.

Com essa facilidade que sempre lhe fascinava nele, levantou-a, separando os lençóis de seus quadris.

—Me ponha as pernas ao redor da cintura.

Assim o fez, só porque lhe facilitava sentir seu calor. Precisava senti-lo. Só fazia umas horas que pensava que o tinha perdido. Apertou a bochecha contra a ferida da bala.

Agora não era mais que uma cicatriz.

Curou-se a si mesmo e a ela também. Tinha que estar cansado.

Ele não deixava que se escondesse nem que fingisse. As Palmas lhe resultavam rugosas contra as bochechas enquanto rodeava seu rosto com elas e sustentava seu olhar com o seu tão escuro. Robin suspirou lhe cobrindo os ombros com as palmas das mãos.

Ardiam-lhe os olhos. Iam jogar tão pouco...

—Nunca foi uma brincadeira para mim, seli. Não saí contigo por pena. —Com os polegares lhe acariciou as lágrimas que não podia conter. Os dedos de Robin se estenderam para abranger toda sua força.

— Nunca foi outra coisa a não ser a pessoa que me roubou o coração. Do momento em que te vi, do momento em que aspirei sua fragrância, soube que era a que estava esperando.

—Mas estou morrendo.

Não havia nenhuma possibilidade de negar esse fato.

Ele sacudiu a cabeça como se ela não o estivesse entendendo. Seu cabelo se deslizava pelo dorso de suas mãos como em uma carícia de cetim fresco.

—O que somente me faz sentir agradecido de te haver encontrado nesta vida. Esta vida? Ao menos um raio de esperança.

—Pode ser que haja outras vidas? —perguntou.

— Pode ser que eu volte de novo?

—Não há garantias.

A jovem lhe tirou o cabelo do rosto, precisando ler sua expressão.

—Mas existe a possibilidade?

Seus lábios se estreitaram.

—Sim.

—Você não acredita, não?

—Não de tudo.

Só necessitava que acreditasse um pouquinho, para lhe proporcionar algo ao que agarrar-se durante o tempo que ficava.

—Então... Vamos crer, o que acha? —Pestanejou para conter as inevitáveis lágrimas.

— Quando chegar o momento, não digamos “adeus”, só “até que voltemos a nos ver”.

Possivelmente morria acreditando que reencarnaria, influenciaria o que fosse que decidia essas coisas e voltaria antes. Assim ele não teria que esperar tanto. OH, Deus, como podia ser tão egoísta? Estava-lhe fazendo prometer que a esperaria toda vida.

—Sinto muito. Não me prometa isso. Não é justo.

Só que era tão duro ter que despedir-se dele, pelo que compartilhavam. O que podiam ter tido... Seus dedos lhe obrigaram a levantar o queixo. O fogo dançava em seus olhos.

—Não necessito que seja justo. Nenhum lobo o necessita. Só necessitamos isto.

—A cabeça de Robin voltou a cair sobre seu ombro enquanto ele apertava sua boca contra a sua em um beijo maravilhosamente tenro.

— Durante um dia, um mês ou uma vida, não importa por quanto tempo —sussurrou em sua boca.

— O que importa é que te encontrei.

Golpeou-lhe o ombro sem muito entusiasmo, ocultando o rosto em seu pescoço, incapaz de suportar a intimidade de respirar a promessa de suas palavras. O fazia sofrer.

—Me vais fazer chorar.

Kelon inclinou a cabeça. Sua formosa boca desenhou um doce sorriso.

—Preferiria te fazer suspirar de prazer.

Isso soava muito melhor que soluçar pelo que não se podia mudar.

—Eu também.

—Então, por que não me deixa tentá-lo?

Baixou o ombro lhe fazendo perder o equilíbrio. Não ficou mais remédio que desabar-se sobre a cama. Kelon, negra sombra, desumano, diferente, mas tudo o que ela desejava, aproximou-se. As mãos da moça se deslizaram por seus ombros com tanta naturalidade como cada sopro de ar que entrava em seus pulmões. Como se pudesse ler sua mente, lhe perguntou:

—De verdade não te importa que eu seja diferente?

Ela uniu os dedos detrás de seu pescoço.

—De verdade não te importa que eu esteja morrendo?

Ele negou com a cabeça.

—Não, tenho ainda o presente.

Gostava dessa filosofia. Centrar-se no dia de hoje significava que não tinha que preocupar-se com o rumo que isso estava tomando, não tinha que preocupar-se com nada mais do que fazer com que esse momento com esse homem fosse inesquecível.

Podia viver assim.

—Eu gosto dessa filosofia.

—Me alegro, porque há algo mais que temos que falar.

Sua expressão se tornou severa. Agora podia identificar o tipo de energia que havia desde que se dirigiu a ele. Aborrecimento.

Cobriu-lhe com a mão a parte do abdômen onde tinha estado a ferida.

—Acredito que te disse que ficasse na cova.

Tinha que ter adivinhado que não ia se liberar de uma bronca a respeito desse assunto.

—Só fui ao arroio.

—Só saiu ao exterior desprotegido e sem nada com o que te defender.

—Tinha a pistola.

—Guardada no bolso, sem ter acesso a ela.

O que podia dizer? Tinha razão.

—Pois sim, a verdade é que não imaginava que um louco ia vir me tirar o rim que me tinham doado acreditando que assim sua irmã poderia ressuscitar. —encolheu-se de ombros.

— Me processe.

Seus olhos adquiriram um matiz perigoso, sua carícia uma tensão ameaçadora.

—Interessa-me mais a obediência que o dinheiro.

Robin se retorceu nervosa, não gostando do tom de sua voz.

—Asseguro-te que ficaria mais satisfeito com o dinheiro.

—Não acredito.

A calma da afirmação lhe provocou um calafrio de alarme enquanto sua mão se fechava sobre sua perna. Vislumbrou sua expressão, a determinação de sua boca, a emoção

inominável que obscureceu seus olhos antes de que lhe desse a volta. Muito rápido. O enjôo se uniu à náusea.

Urgh.

A mão de Kelon descansava em seu traseiro. Pesada e imponente.

—O que?

—Acredito que vou vomitar.

A mão abandonou imediatamente suas nádegas para lhe acariciar as costas, pressionando os tensos músculos entre suas omoplatas, lhe esfregando com suavidade até que relaxou-se e a náusea desapareceu. Embora não tivesse jeito de educador, era um grande massagista. Robin se viu forçada a admitir, desabando-se sobre o colchão:

—Tinha que te ter escutado.

—Com certeza.

Não tinha que lhe dar um tom tão arrogante. Ao fim e ao cabo, estava se desculpando. Por isso, seu “tentarei fazê-lo no futuro” não foi tão conciliador como teria querido.

—Sei.

Não gostava de como o dizia.

—Kelon...?

—Fica onde está, seli.

A mão nas costas não lhe deixava outra opção.

—O que vais fazer?

—Desobedeceste a seu companheiro. Se colocou em perigo. Estou obrigado como Protetor e companheiro a te castigar.

Sua mão passeou por suas nádegas. Ela gritou como se lhe tivesse atingido, e imediatamente se sentiu envergonhada por seu exagero. Tentou endireitar-se empurrando com ambos os braços. O seguinte tapa lhe chegou certamente, como se fosse manteiga quente, derretendo-se sobre sua resistência, cobrindo-a de um estremecimento ilícito. Um inquisitivo roce entre suas pernas fez brotar uma suave e masculina gargalhada.

Como lhe podia excitar algo assim?

—Está me açoitando como a uma menina...

—Não. —A seda de sua camisola subiu até a metade de suas costas. As rugas do tecido cobraram significado. Vulnerabilidade. Submissão. Excitação. Seus quentes dedos conformaram a curva de suas nádegas.

— Vou te castigar como a uma mulher que arriscou sem necessidade o mais precioso para mim: sua vida.

Robin lutou para captar seu olhar por cima do ombro. Tudo o que conseguiu ver foi seu ombro e seu músculo flexionado disposto a descarregar a mão de novo. Deu-lhe uma patada.

—Nem o sonhe.

—É meu dever.

Em sua voz havia um matiz que não tinha nada que ver com o aborrecimento. Um eco escuro e sexy que a atraía: não pretendia castigá-la. E se esse não era o objetivo, só ficava uma opção: prazer. Sua tensão interior se relaxou. Kelon era muito bom com o prazer.

A seguinte palmada lhe ardeu ligeiramente. Por muito que quisesse sentir-se ultrajada, havia um elemento de excitação no momento, um matiz de deleite no estímulo, uma certa sensualidade na administração do “castigo”.

—Dever?

—Sim. É a lei dos homens lobo.

Seus dedos, agora em metade de sua coluna vertebral, massageavam-na brandamente.

—E sempre segue a lei? —Ofegou ela quando ele encontrou um lugar que lhe deu de presente um estremecimento.

Seus dedos pressionaram, acalmando a queimação.

—Ao pé da letra.

Estava claro que em sua voz havia humor, assim como uma promessa profunda e sexy. Os seguintes açoites lhe chegaram até o ventre, criando caos e confusão em seu caminho.

Como uma coisa tão mal podia lhe fazer sentir tão bem? Outro açoite, outra abrasadora dentada de prazer. Suas pernas se abriram, seus quadris se arquearam ante os seguintes, um detrás do outro, tão ligeiros que não doíam exatamente, mas sim lhe ardiam de uma maneira que a obrigava a revolver-se, até o ponto de que não se deu conta de que Kelon já não a sujeitava. Tinha as mãos enterradas no edredom, e lhe empurrava com cada golpe, desejosa de que o fizesse mais forte, que lhe desse mais, que lhe fizesse arder do modo que ela pressentia que podia.

—Kelon?

—O que?

—Faz-o bem!

Não sabia o que significava “bem”, mas o instinto lhe dizia que ele sim.

Sua risada resplandecente só significou um pouco mais de estímulo dentro de tudo o que já havia.

—Está me pedindo que te castigue, Robin?

A jovem curvou as costas e lhe mordeu a coxa com força, ouvindo seu rugido, estremecendo-se quando lhe chegou até os ouvidos, lhe proporcionando um delicioso batimento do coração, de desejo que se expandiu pelas costas, fluindo naturalmente até seu centro, por suas coxas.

—Sim.

Kelon cobriu com suas mãos a queimação do último açoite, protegendo-o, mimando-o.

—Está me pedindo que açoite este delicioso rabinho?

Estava-a pressionando.

—Se não me engano, não me dava nenhuma outra opção.

—Um homem tem que cumprir com seu dever.

O sorriso de sua voz era fácil de detectar.

—Então, o faça bem!

Sua mão saiu de seu campo de visão e reapareceu por um momento ao descer.

Ouviu o contato antes de senti-lo. Mais forte que antes, mesclando o escuro prazer com uma dor ardente, trazendo a superfície uma parte dela que só suspeitava que possuía.

—Arrepende-te?

—Maldito seja, sim!

—Bom.

Começou devagar, lhe dando uns açoites ao azar que lhe roubavam o fôlego e lhe punham as terminações nervosas a prova de bombas. Oxalá pudesse lhe roubar o ritmo, adivinhar a sensação...

Não a deixava, trocava de ritmo, variava a força, mantinha-a ao limite, apanhada entre o prazer e a dor, a agonia e o êxtase. Robin cravou as unhas na colcha, xingou, jurou, chiou. Uma, duas, três vezes. Os açoites cessaram. Voltou a chiar por uma razão diferente.

Não podia deixá-la assim. Não podia.

—Kelon! —A chamada era mais uma ameaça que um pedido.

Ele se limitou a lhe devolver o rugido.

—Se levante.

Demorou um segundo em processar a ordem, mas quando o fez, obedeceu sem pensá-lo, com esperança.

Ele cumpriu com essas expectativas afundando seus dedos entre suas coxas, apoiando o dedo do meio diretamente sobre seus clitóris inchado.

—Deus!

Veio-se abaixo, roçando-se no dedo enquanto o homem começava de novo, não com os açoites firmes que ela desejava, a não ser com os ligeiros e brincalhões que havia suportado fazia cinco minutos.

—Kelon, se não o fizer a sério te matarei.

O lobo teve o descaramento de tornar a rir e seguir brincando com a mesma pressão esquiva em seu clitóris e em seu traseiro. Na esquina mais afastada de sua mente reconheceu uns ruídos na porta do dormitório, a voz do Donovan, a indignação da Lisa, mas estava muito longe. Tudo o que lhe importava era a doce agonia que crescia em seu centro e se estendia para fora. Dava patadas, retorcia-se. Kelon rugia. Seu dedo a acariciou uma vez, duas. Ela se estremeceu enquanto o prazer lhe chegava ao mais profundo; seus ofegos se converteram em gemidos quando o sentiu de novo, da mesma maneira, com o mesmo ritmo. Sua palma caía contra suas nádegas com a mesma regularidade, a força se

incrementava com cada golpe, previsível e deliciosamente. Roçava o clitóris com a ponta dos dedos, maravilhoso, ardente, paciente.

—Foda-se, Donovan, está-lhe fazendo mal.

A porta se abriu. Robin só teve um segundo para absorver a expressão horrorizada de sua irmã e a divertida do Donovan antes de que Kelon tomasse seu clitóris entre seus dedos apertando-o e soltando-o com um ritmo frenético, idêntico ao dos rápidos e ardorosos açoites que a lançaram a toda velocidade a um violento orgasmo, onde nada importava exceto os ferozes espasmos que a obrigaram a desabar-se sobre a cama. Esticou a mão, aterrorizada.

—Kelon.

Ali estava ele, abraçando-a, apertando-a contra ele, deixando que seu grande corpo absorvesse suas sacudidas, sujeitando-a ante a força produto de seu clímax. De longe ouviu a voz da Lisa.

—Não lhe está fazendo mal?

—Não. Está castigando-a.

Robin enterrou o rosto na garganta do Kelon, respirando profundamente sua fragrância, sabendo a vergonha que ia sentir, sem lhe importar, limitando-se a deixar-se levar pelo êxtase. A porta se fechou com decisão. Através da barreira de madeira ouviu um comentário afogado:

—Bom, diabos. Por que não me castiga alguma vez?

—Me dê uma razão.

Kelon riu entre dentes, embalando-a. Robin lhe golpeou o ombro.

—Nunca poderei esquecer isto.

—Não deveria. Terá que aprender as lições.

Ela se reclinou, sem preocupar-se com cair. Kelon a recolheria. Sempre o fazia. Acomodou-se na curva de seu braço, subindo os quadris para que seu membro, duro como uma rocha, pudesse apoiar-se em suas nádegas.

—Assim, cada vez que te desobedeça vai me fazer gozar desta maneira?

Seus lábios lhe roçaram a frente.

—Algo assim.

—E isso é disciplina?

Kelon se encolheu de ombros e desviou o olhar.

—Ao que parece é a única que tenho coragem de te administrar.

Soava um pouco decepcionado consigo mesmo. Ela o preferia brincalhão. Acariciou-lhe a bochecha e lhe sorriu antes de pôr o dorso da mão contra sua frente e cair em seus braços com gesto dramático.

—Te prepare, sinto que está sobrevivendo outro ataque de desobediência.

Ele a voltou a incorporar com apenas uma flexão de seus músculos.

—Fantasia de diabo.

Robin lhe passou os braços ao redor do pescoço e lhe fez cócegas na orelha.

—Sua fantasia de diabo.

—Sim. —Tinha um sorriso precioso. Algo lento, mas quando chegava, abrangia-o todo.

— Minha. —Tocou-lhe a comissura dos lábios, deixando seu dedo lá onde começava sua risada, como se quisesse capturá-la.

— Donovan não irá parar de debochar de mim.

- Por quê?

Dando-lhe uns tapinhas na perna, confessou-lhe:

—Quando se trata de você, falta-me a severidade adequada.

Ela rebolou seu traseiro.

—Eu não tenho nenhuma queixa.

—Deveria. Como teu companheiro, tenho certas responsabilidades.

Dava realmente a impressão de que pensava que a tinha decepcionado.

—As quais cumpre à perfeição. Isto teve um pouco de perversão, e devo confessar que adorei.

Seu sorriso se transformou em um muito sexy.

—Eu também.

Só até certo ponto. Ele não gozou, e isso era responsabilidade dela.

—E como tua companheira, eu não tenho responsabilidades?

—Sim. Viver.

Robin pôs os olhos em branco. Algumas vezes podia ser bastante obstinado. Cruzou o olhar com o seu e a sustentou umedecendo os lábios enquanto se saía de seu colo.

—E nada mais?

Sua enorme mão posou com naturalidade sobre sua cabeça. Cinco rugas se formaram na esquina de seus fascinantes olhos.

—E agradar a seu companheiro.

A jovem lhe desabotoou a braguilha, baixou-lhe o zíper das calças, inclinando-se para frente enquanto seus dedos lhe apertavam contra a parte de trás do crânio, jogando com seu fôlego através dos jeans.

—Já sabia eu que tinha uma veia egoísta em seu interior.

—Não é nada bom.

Ela negou com a cabeça.

—Ao contrário, acredito que é algo muito são. Garante que vai conseguir o que necessita de mim.

Seu membro era muito grande para tirá-lo das calças.

Ele se levantou, antecipando-se a seu desejo.

—Te tendo, basta-me.

Robin voltou a negar com a cabeça pondo os olhos em branco.

—Sério, Kelon, isso é uma mentira como uma catedral, e se houvesse alguma possibilidade de que isto se convertesse em uma relação longa, teríamos que falá-lo.

O dedo polegar do homem lobo se deslizou pela comissura de seus lábios, pressionou e introduziu-se entre seus dentes.

—Vai me dar bronca ou me dar prazer?

—Te daria prazer se eu te chupasse o membro?

Um profundo grunhido saiu de sua garganta. O pênis se estremeceu em sua mão. Umas gotas de esperma lhe cobriu a ponta. A Robin correu um calafrio pelas costas. Aguçava ainda mais sua libido quando ele mostrava seu lado primitivo.

—Tomarei como um sim.

Passou a língua pelas gotas, sabendo que ele a estava vendo saborear o gosto, a textura. As mãos do Kelon se aferraram a seus cabelos e outro grunhido seguiu ao primeiro.

—Engole.

Assim o fez, devagar, com atenção, jogando a cabeça para trás, sorrindo-lhe aos olhos enquanto sua garganta trabalhava e lambendo os lábios depois.

O cabelo do homem caiu para frente, lhe obscurecendo o rosto enquanto se inclinava sobre ela, atraindo-a para seu membro.

—Seli, carinho, é perigoso jogar comigo.

—Por quê? Porque fará loucuras?

Ele gemeu.

—Sim. —Impulsionando-se com os quadris, apertou seu membro contra seus lábios.

— Abra a boca.

Não lhe surpreendia que não pudesse permanecer passivo. Fez-se um novelo no vão criado por suas coxas.

—Me obrigue.

—Robin...

Levantou uma sobrancelha passando seus dedos pra cima e pra abaixo em seu membro.

—Eu desafio.

—Robin...

—Eu adoro seus rugidos. —Roçou-lhe com a língua.

—Desafio-lhe duas vezes, o que diz, vale-te isso?

Ao parecer sim, porque as mãos que tinham estado lhe cobrindo o rosto se moveram, tomaram impulso e a atraíram para si, fazendo passar seu membro através da barreira de seus lábios, mais à frente do limite de seus dentes, até que chegou à barreira de sua garganta.

Seus olhos, sedentos, tinham um olhar selvagem, brilhavam com um resplendor interior. Só por ela.

Era mais do que esperava. Robin se engasgou e lhe agarrou as pernas, recuperando o fôlego enquanto ele retrocedia até que só a grossa cabeça descansou sobre sua língua.

Estava claro por que se deteve. Estava lutando consigo mesmo, brigando com o instinto que ela tinha despertado nele. A jovem não desejava isso. Não queria que ele se contivesse. Negou com a cabeça e agarrou seu membro com as duas mãos. Inclinando-se, o tirou da mesma maneira, com força e rapidez, relaxando a mandíbula enquanto o pênis penetrava, mantendo-o na parte traseira da garganta, lutando com a sensação de náuseas. Seu membro se estremeceu e um sabor salgado se estendeu pela boca. Ela fechou os olhos e tragou. As arcadas cederam por um segundo.

—Sim, assim, muito bem.

Ela levantou o olhar pestanejando, sem poder pronunciar palavra.

Seu membro se arrastou por sua língua ao retirar-se. Desejando lhe proporcionar o mesmo prazer que ele tinha proporcionado a ela, a jovem o chupou com força, lambendo a parte de abaixo com a língua.

Kelon moveu os quadris e seu membro voltou para a carga, deslizando-se sobre seus lábios, fazendo cócegas a suas terminações nervosas, criando atalhos de fogo em seu interior. Ela apertou as coxas ante a felicidade que envolvia esse momento único. Seu membro chocou com sua garganta de novo. Robin tragou rapidamente. O homem deixou cair a cabeça para trás e seu membro se estremeceu enquanto seguia para frente, pedindo mais, embora seu punho tenha se fechado sobre a base de seu grosso pênis, restringindo sua própria necessidade. Por ela. Sempre pensava nela. Robin não desejava que entre eles existissem as preocupações; queria paixão, gozo e liberdade. Que ele pedisse o que necessitava para que ela pudesse proporcionar-lhe. Com uma suave carícia de seus dedos pelo interior de suas coxas, aliviou-lhe a tensão. Tomando os testículos com os dedos, roubou-lhe o controle. Com firmeza, tirou-lhe a mão.

Ele se incorporou imediatamente.

—Isso não é muito inteligente, pequena.

Algumas vezes seu desejo de protegê-la era um pesadelo.

—Não sou uma menina. Tem que meter na cabeça que sou sua companheira.

—Já sei.

Replicou-lhe posando a mão sobre sua coxa:

—Então, prove-o. Deixe-me fazer o que eu queira.

—Não entende como é estar com um lobo.

Robin olhou nos olhos dele sem pestanejar, apesar do fogo que via ali dentro.

—Sei como é entre nós.

—E como é?

Tomando seus pesados testículos entre suas mãos, sussurrou:

—Nós estamos bem juntos, Kelon. Ou o crê ou não o crê.

Os dedos do homem se enredaram em seu cabelo. Seu peito se expandiu ao respirar.

—Não quero te machucar.

—Não pode.

—Seria tão fácil.

Os testículos lhe pesavam, atiravam-lhe por um desejo ao qual não queria dar rédea solta.

Isso ia ter que mudar.

—Possivelmente para outro, mas não para você.

—Tem muita fé em mim. —A acusação lhe saiu rouca do peito, terminando com um tom mais agudo quando o polegar de Robin pressionou uma grossa veia por debaixo de seu pênis.

Apertou-lhe, além disso, os testículos como lento estímulo.

—Possivelmente você é que não tem suficiente.

Kelon abriu a boca. Fazê-lo calar era um processo simples. Tudo o que requeria era deslizar lentamente a boca por seu grosso membro, retirá-la com a mesma lentidão e depois um delicado mordisco sobre a ponta. Ele gemeu e ela sorriu, tomando o de novo em sua boca, mais profundamente esta vez, mais longamente, absorvendo suas investidas e sua fúria, desfrutando de seu prazer, repetindo o processo uma e outra vez, reconhecendo que estava aproximando-se quando seus músculos se esticavam e seu pênis se inchava até proporções inimagináveis.

Agarrou-lhe pelos quadris ao ver que queria retirar-se, lhe grunhindo. Este era seu presente. E o dava como ela queria.

—Carinho, não posso me reter mais.

Robin não queria que se retivesse. Precisava saber o que sentia ao lhe dar prazer assim, ao alimentar a parte dominante de sua personalidade da mesma maneira que ele se ocupava do lado submisso dela. Negou com a cabeça. Agarrou-lhe o cabelo. A jovem se estremeceu ao experimentar pequenas espetadas de prazer.

“Goza”.

O pensamento voava por sua mente, acelerando sua paixão e sua concentração.

Desejava que gozasse assim, selvagem, dominante, louco pelo prazer que lhe oferecia. Seu pênis penetrou até o mais profundo. Não podia respirar, mas não lutou contra isso, confiava nele. Seus dedos lhe acariciaram a bochecha que estava ocupada pelo vulto de seu membro.

—Deseja-me, carinho? —Uma pequena investida de seus quadris lhe ofereceu ainda mais.

— Assim?

Antes que ficasse sem fôlego, antes que nem sequer pudesse pensar em assustar-se, retirou-se. Ela respirou profundamente através do nariz e sorriu com os olhos.

—Então, te prepare. Isto vai ser um pouco selvagem, porque, se te disser a verdade, sua boca me deixa louco.

Ela assentiu brevemente e lhe deu o que desejava. Ele foi como ela queria que fosse: selvagem, forte, mas sem lhe machucar nunca. E lhe deu o que ele queria: aceitar-lhe como era, como ele precisava ser. Apertou seus pesados testículos em suas mãos. Observou como seu controle se fazia em pedaços. A ruptura começou em seus olhos, estendeu-se pelos marcados rasgos de sua expressão, penetrou por seus braços antes de transferir-se por último ao que estava guardando. Seus quadris se convulsionaram com força uma, duas vezes. Seu membro golpeou-lhe a parte traseira da garganta e mais à frente. Ela lutou desesperadamente contra as náuseas, não queria lhe falhar agora, precisava entregar-se, tentava adaptar-se a sua brutalidade, e o conseguiu. Então Kelon lhe deu tudo o que tinha e ela o aceitou, desfrutando de sua suavidade, impulsionando o lado selvagem, necessitando-o tanto como o ar que respirava. E quando terminou, ele se sentia arrependido.

—Diabos, Robin.

O mesmo arrependimento que se encontrava em sua voz, nas mãos que acariciavam as costas. Seu membro se escorregou de seus lábios. Ela gemeu protestando instintivamente. Relaxou-se em seu abraço voltando a tomar seu pênis na boca, espremendo as últimas gotas de seu prazer, apoiando-se em suas pernas. Ele se estremeceu pela última vez, palpitou pela última vez. Seu membro se desinchou ligeiramente. Fascinante.

Kelon se deslizou para fora da cama, tomando-a em seus braços, abraçando-a como sempre fazia, como se não houvesse nada mais precioso em nenhuma parte. Acariciou-lhe o cabelo com seus lábios e sussurrou:

—Vai dar muita guerra, verdade?

Robin se girou, apertando-se contra suas coxas, sem revolver-se quando lhe rodeou a garganta com uma mão.

—Este é meu plano.

—Está bem?

—Sim. —Não podia ocultar o orgulho de sua voz. Nem a rouquidão.

Ele a estudou com atenção, reclinando-se.

—Fui um pouco besta. Maldita seja.

Antes que ela pudesse ao menos piscar, já tinha estendido-a sobre o chão. Ele separou as mãos.

—Deixa de te interpor em minha felicidade pós-coito.

—Tenho-te feito mal.

—Não, não o tem feito, mas está danificando meu esplendor.

Ele se deteve, enfeitando com sensualidade sua preocupação.

—Seu esplendor?

Não era difícil entendê-lo, a julgar pelo que via. Sua camisola tinha embolado na cintura e lhe deixava o peito direito ao descoberto.

Robin arqueou as costas, elevando o seio.

—Sim.

Os olhos do homem não se separavam de seu torso.

—E suponho que crê que tenho a responsabilidade de lhe devolver isso.

—Exatamente.

Kelon fechou os dedos sobre seu peito, deixando o mamilo no meio.

—Suponho que pode me persuadir.

Ela aproximou suas genitálias ao membro que voltava a endurecer-se.

—Como?

—Prometendo te comportar como deve.

A moça enrugou o nariz.

—Se preocupa muito.

O homem aproximou a boca da sua.

—Não. Só sou precavido.

Capítulo 11

—Isto não vai bem.

—O que? —perguntou Kelon a Donovan ao entrar na cozinha.

Saudou com a cabeça a Lisa, que estava frente aos fogões. Esta se estremeceu, se ruborizou e depois lhe fulminou com o olhar. Kelon interrogou a seu irmão silenciosamente levantando uma sobrancelha.

Ele se encolheu de ombros.

—Está zangada porque não a castigo.

Lisa bufou e seguiu removendo a panela de aveia que tinha sobre o fogo.

—Por favor, como se não pudesse conseguir uns açoitos quando eu quisesse.

Na boca de Donovan se desenhava um sorriso que Lisa não podia ver. Piscou o olho a seu irmão antes de tomar um gole de café.

—Isso é o que você diz.

Outro bufo de Lisa. Seu companheiro lhe olhou com carinho e depois se voltou para Kelon.

Adotou uma expressão grave.

—Como está Robin?

—Um pouco cansada. —Decidida a espremer todas as emoções que pudesse do tempo que restava. Saltando cercas mais rápido do que ele acreditava que fosse necessário.

— Está dormindo.

Porque a tinha deixado esgotada. E apesar do sorriso satisfeito que ostentava quando a tinha deixado, não podia evitar sentir-se culpado a respeito de quão incapaz era de resistir a ela. Um Protetor devia saber controlar-se melhor.

—Como assimilou a descoberta de que seja um homem lobo? —perguntou Lisa.

—Estava mais preocupada se por acaso tinha saído com ela por pena.

A moça tirou a colher, colocou a tampa na panela e se aproximou.

—E foi assim?

Donovan lhe agarrou a mão e a atraiu para si.

—Os lobos não fazem essas coisas.

—Somos ou tudo ou nada —acrescentou Kelon, bebendo um pouco de café. Estava forte e tinha muito sabor.

Donovan não podia cozinhar uma pimenta, mas sabia fazer um bom café.

Lisa olhou aos dois.

—Já estou começando a captá-lo.

Kelon fez um gesto para o fogão.

—Estão-se queimando os flocos de aveia.

—Merda.

—O que não está bem? —perguntou a seu irmão de novo.

—Não consigo entrar em contato com o Wyatt.

Havia muitas razões para isso, todas razoáveis. Nenhuma delas tão possível como a suspeita que dançava nos olhos do Donovan.

—Sem ninguém que lhe cuide as costas, é vulnerável.

—Já o tinha pensado.

—Também pode ser que seu telefone tenha quebrado.

—Também.

Donovan estava tão pouco convencido disso quanto Kelon.

—Quem pode ter o telefone quebrado?

Robin apareceu na porta. Estava pálida, mas sorria. Seu olhar o envolveu como um dia do verão.

—Supõe-se que tinha que estar dormindo.

—Tenho fome.

—Preparei flocos de aveia —anunciou Lisa.

—Ok.

Robin não queria flocos de aveia. Kelon o lia claramente em seu rosto, mas isso nunca o diria a sua irmã. Arrastou-a para seu lado. Com o pretexto de lhe dar um beijo, sussurrou.

—Quer que me ocupe de sua aveia?

—Pode?

—Tem um preço.

—Te pagarei o que queira.

Sua sobancelha direita se levantou.

—Um cheque em branco?

—Sim.

—De acordo.

—O que estão balbuciando? —perguntou Lisa.

—Estou negociando —respondeu sua irmã.

Lisa jogou uma olhada à panela.

—O café da manhã?

—Uhum.

Lisa apontou com a colher ao Kelon.

—Seja o que for o que te tenha prometido, dobro-o.

—Nem o sonhe! —Com seu ouvido de lobo, Donovan sabia perfeitamente o que Robin tinha prometido.

Kelon pôs-se a rir, fez sentar a Robin em uma cadeira e agarrou a colher que Lisa estendia.

—E se te relevo?

Lisa lhe cedeu a colher sem nenhum reparo.

—Parece-me muito bem. —Depois de cruzar os braços sobre o peito, perguntou—: Wyatt tem problemas, não?

Kelon olhou a seu irmão, quem negou com a cabeça.

—Não necessariamente.

Agarrou o açúcar mascavo e a canela do armário.

Por desgraça, Robin podia ver o que sua irmã não podia.

—Tem problemas porque estão aqui conosco?

Merda, estas garotas eram muito espertas.

—Possivelmente.

—Têm que lhe ajudar.

—Não.

—É seu primo —lhe espetou Lisa.

—E nós somos suas companheiras —interveio Robin.

—Não vão nos deixar aqui.

—Desde quando é uma autoridade nos assuntos de lobos?

—Desde que me casei com ela —grunhiu Kelon, jogando açúcar mascavo à mescla.

Lisa se voltou rapidamente para ele, golpeando o Donovan no rosto com o cotovelo.

—Que te casaste com ela? Quando? Como?

—Da mesma maneira que você com o Donovan.

—Sem permissão?

Donovan a atraiu para si.

—Eu dei minha permissão, seli.

Robin se incorporou.

—Casamo-nos? Fiquei dormindo na cerimônia?

Golpeando a colher contra a borda da panela, Kelon cruzou um olhar com ela.

—Digamos que gritou todo o momento.

As bochechas da moça se tingiram de vermelho.

Lisa bufou.

—Um orgasmo não significa um contrato de matrimônio.

—Para um homem lobo sim.

Robin recuperou a voz.

—Eu não sou uma mulher lobo.

—Mas é minha.

Para isso não tinha nenhum argumento. Lisa sim, lhe fulminando com o olhar, como protegendo a sua irmã.

—Ainda não entendo por que têm que ficar aqui. O homem mal morreu, ou interpretei mal a repentina excursão de Donovan ao bosque?

—Ainda ficam Buddy e seus amigos —grunhiu Donovan.

Sua companheira levantou os braços para o céu.

—Os que nos atiraram pela sarjeta fugiram, e sem eles Buddy é inofensivo.

—Não vai me convencer, assim nem o tente.

—A única solução é irmos com eles —interveio Robin como se fosse a única sensata de todos.

O “não” de Donovan ecoou de uma vez que o “Foder, não” de seu irmão.

—É a única solução —assinalou Lisa com um tom do mais razoável.

— Não podem deixar o Wyatt sozinho com uma manada hostil. São os Protetores.

Algo roía a consciência de Kelon.

—Não.

—A manada será civilizada, seguro.

—O que te faz pensar isso? —perguntou Donovan, voltando a tentar com o telefone.

Lisa não era das que se davam por vencida facilmente.

—São os homens mais educados que conheci na vida. Está claro que procedem de uma sociedade civilizada.

—Você é humana. As leis dos homens lobos não lhe dizem respeito.

—A vocês sim, e não acredito que ninguém se atreva a incomodar a ninguém que se encontre sob seu amparo —acrescentou Robin.

—Nisso tem razão —disse Donovan pendurando o telefone e cruzando um olhar com seu irmão.

—Caiu diretamente na secretaria eletrônica.

Kelon ficou com o mesmo nó no estômago que tinha ficado quando tinha visto Robin tombada no chão abaixo daquele maníaco com a faca na mão.

—Wyatt nunca esteve tanto tempo sem comunicar-se conosco.

—É verdade.

—Está metido em uma confusão.

Robin separou a cadeira da mesa.

—Farei a bagagem assim que terminemos de tomar o café da manhã.

Lisa deixou sua xícara de café sobre a mesa.

—Eu te ajudarei.

Kelon acrescentou três cubinhos de açúcar ao café de Robin, sossegando um calafrio ao pensar na quantidade. As entusiasmadas hipóteses das mulheres foram recompensadas com a decepção. Nenhuma delas ia se aproximar da manada.

—Ainda não tomamos nenhuma decisão.

—Já. —Robin se encolheu de ombros agarrando a xícara que lhe oferecia. O sorriso que lhe dedicou foi mais doce que o café que havia dentro.

—Nos prepararemos se por acaso.

—É uma viagem dura e você está doente.

Seu sorriso não decaiu.

—Você me cuidará.

E isto saía dos lábios de alguém que sempre dizia que não necessitava que a cuidassem. Negou com a cabeça como aviso. Estava muito emocionada pensando em ver seu lar para prestar alguma atenção.

—Robin...

—O que? —perguntou.

— Não é normal que queira ver onde cresceu, conhecer uma sociedade totalmente nova para mim?

—Robin, não nos vão receber com uma festa de boas-vindas.

Seu lar não era como o dos humanos. As políticas e as lutas de poder eram contínuas.

—Então me necessitará ali para te fazer sentir melhor ao final do dia.

—Deixa-o —suspirou Donovan.

—Têm razão e sabem. A não ser que abandonemos ao Wyatt, não fica outra opção que levar as duas.

Lisa jogou uma olhada pela janela.

—Quer dizer às três.

Kelon baixou o fogo e se inclinou para olhar também pela janela. Uma esbelta mulher vestida com traje elegante estava saindo de um sedan dourado. Suas feições e seu tom de pele eram muito parecidos com as de Robin e Lisa. Movia-se com elegância, rapidez e eficiência.

—Nossa irmã, Heather —explicou Lisa enquanto a mulher se aproximava da casa a bom passo.

—Será melhor que nós inventemos algo rapidamente se não quiserem que ela descubra que são homens lobo.

Kelon sorriu. Estava claro que a visita intimidava às irmãs mais novas.

—Parece-me que nós podemos arrumar isso com uma irmã super protetora.

Lisa negou com a cabeça. Robin deu uns tapinhas no ombro de Donovan.

—Não conhecem Heather.

Donovan lhe devolveu os tapinhas.

—Nem vocês aos homens lobo.

Wyatt

Capítulo 1

—Os homens lobo não existem.

Suas irmãs, Lisa e Robin se limitaram a olhar a Heather como se estivesse a ponto de experimentar uma iluminação. Um dos homens, acreditava que Kelon, lhe pôs uma tigela de flocos de aveia na frente. Cheirava deliciosamente a bolinhos de aveia e canela.

—Todo mundo diz isso no começo.

Agarrou a jarrinha de leite e se serviu de boa parte dela.

—Não me digam que vão por aí dizendo a todo mundo que são homens lobo?

Donovan se reclinou na cadeira. Ela conteve o fôlego, meio que esperando que a madeira quebrasse sob seu peso. Os homens com os quais se ataram suas irmãs eram tão grandes como montanhas. Outra preocupação que acrescentar às muitas que foram acumulando.

—Não. Isso atrairia muita especulação.

Sem mencionar freqüentes visitas de homens com trajes brancos, pensou ela.

—OH —provou um pouco da aveia. Estava deliciosa. Obrigou-se a engolir apesar da tensão que lhe fechava a garganta.

— Ao menos tivestes o bom senso de lhes juntar com homens que sabem cozinhar.

Lembrou-se de sorrir muito tarde.

Lisa franziu o cenho.

—Donovan não sabe cozinhar.

—OH —deixou a colher. Não lhe ocorria nada mais diplomático que dizer.

Assim, a única coisa que podia fazer era ficar sentada em um lado da mesa enquanto que suas irmãs e seus companheiros “homens lobo” sentavam-se do outro. As expressões de suas irmãs eram fáceis de ler. Desafio, porque sabiam que ela não ia acreditar, misturado com uma determinação pertinaz, teimosa e irracional a que o fizesse.

As dos homens não estavam tão claras. Limitavam-se a lhe olharem fixamente, esperando, com os rostos vazios de tudo exceto de paciência. Pressentia que sabiam esperar. Mas a paciência não lhes levaria a nada.

Podiam ficar ali sentados até que as rãs criassem cabelo que ela não ia entrar em transe. Os homens lobo não existiam.

Os dois eram altos, tinham traços marcantes, cabelo e olhos escuros parecidos. Estava claro que eram gêmeos. Era fácil ver por que Lisa e Robin haviam se interessado por eles. Qualquer mulher com sangue nas veias o teria feito.

Desprendiam sensualidade e perigo. A clássica combinação de menino mau. O que sempre atraía a Lisa como um ímã.

Robin não tinha um tipo claro, mas sempre tinha seguido a Lisa, e seus problemas de saúde a tinham feito vulnerável, especialmente depois de que esse cretino do Buddy quase a tivesse violentado. Não estava tão claro por que os homens se interessaram por elas. Possivelmente é que somente necessitassem de mulheres que estivessem dispostas a acreditar em sua paranóia.

Suspirou internamente. Já que se juntaram com uns lunáticos, por que não podiam ter escolhido uns que tivessem menos músculo e um aspecto menos ameaçador? Uns homens que não a fizessem ser tão consciente de sua própria falta de força. Tanto Donovan como Kelon lhe transmitiam a imagem de um bisturi: afiado, potencialmente perigoso e disposto a cortar ao mínimo engano.

—Esteve alguma vez na prisão, Donovan?

Este nem sequer pestanejou.

—Não, mas pus a uns quantos detrás das grades.

Isso explicava um montão de coisas. Os policiais compartilhavam freqüentemente alguns dos traços dos delinqüentes.

—Em que departamento está?

—Sou um Protetor.

A dor aguda detrás dos olhos se intensificou. Era como se estivessem arrancando os seus dentes. Apertou-se a ponta do nariz. Não teria se tornado enfermeira de urgências se não fosse capaz de controlar o estresse. Só que já tinha o bastante com o depressivo panorama da doença de Robin e a chamada de Lisa sobre o ataque a que tinha sido submetida esta.

—E o que é que faz um Protetor?

Na expressão de Donovan se lia diversão.

—Faço cumprir as leis de meu povo, dito a justiça e protejo.

Estava-lhe seguindo a corrente. E ela odiava que fizessem isso. Golpeou com as unhas a mesa.

—Está claro que não é o melhor em seu trabalho, porque se não, eu não estaria aqui.

O comentário acabou com a paciência da Lisa.

—Isso não vem ao caso.

Provavelmente, mas lhe importava igual.

—Me desculpe, estou tentando convencer a mim mesma de que não estão loucos e arrastastes a essas duas com vocês.

—E como vai? —perguntou Donovan.

Olhou-lhe por debaixo da mão e sorriu friamente.

—Não muito bem para vocês.

Lisa lhe deu uma cotovelada.

—Deixa de provocá-la, Donovan.

A cadeira do Kelon rangeu ao trocar-se de posição.

—Provocar às pessoas é algo natural nele.

Oxalá a maldita cadeira se rompesse. Toda essa arrogância pedia para cair de rabo no chão. Heather lhe dedicou o mesmo sorriso cheio de dentes que a seu irmão.

—Acredito-lhes, e se estivesse de melhor humor, inclusive lhes seguiria a corrente, mas agora estou cansada. Minha paciência chegou ao limite, e a verdade é que não tenho

tempo para isto, assim se tiverem alguma prova, mostrem. Se não, deixem de insultar minha inteligência.

Esta brincadeira não me parece divertida.

—Que tipo de prova necessita? —inquiriu Donovan como se acabasse de lhe pedir seu certificado de posses.

Heather se reclinou na cadeira.

—Supõe-se que os homens lobo podem transformar-se, não? —Moveu os dedos em sua direção.

— Se transforme.

O homem olhou a Lisa.

—Não posso.

Justo o que se imaginava.

—Suponho que então está claro.

—Eu sim —ofereceu Kelon.

Perguntou-se quanto tempo demorava uma paranóia em fazer-se com o controle, de maneira que alguém pudesse dizer uma coisa assim sem mover um músculo. Apertou com os dedos o cabo da colher tão forte como pôde.

—Como é que você sim e ele não?

—Porque eu não prometi não fazê-lo.

Isto cada vez era mais estranho.

—A quem o prometeu?

Lisa deixou de repente a xícara na mesa.

—A mim, “o que acontece” Donovan me prometeu que não se transformaria porque pra dizer verdade, tampouco eu posso lidar com isso neste momento.

“Bem-vinda ao meu mundo”. Heather se voltou para o Kelon.

—Mas você não o prometeu a ninguém, certo?

Este a seguia olhando com a mesma paciência tranqüila que a fazia sentir-se como um bichinho sob o microscópio.

—Não.

—Então, te transforme e acabemos com isto de uma vez.

—É um pouco mandona, não?

Robin se apoiou nele, e posou uma mão em seu, para falar a verdade, impressionante torso.

—Sempre o foi.

A mudança em sua atitude foi sutil, mas com o toque da mão de Robin essa energia potente que desprendia pareceu suavizar-se. Transtornado ou não, sentia algo por sua irmã.

Kelon passou um braço pelos ombros de Robin. Um gesto muito possessivo, mas de uma vez desconcertantemente doce.

—Quer que o demonstre a sua irmã?

Os dedos de Robin pareciam tão frágeis comparado à força dos de Kelon... Era frágil, sempre o tinha sido, mas não havia nada disso em seu olhar quando se levantou.

—Não.

Além de arquear uma sobrancelha, Kelon não questionou a resposta. Isso dizia respeito a ela.

Robin não tinha duvidado.

—Porque teria que ser suficiente que eu o dissesse. Teria que te bastar que eu lhe dissesse, Heather.

Havia limites para isso “teria”.

—Está-me pedindo que acreditar no impossível.

—Mas o fato de que eu seja, deveria contar.

Sua irmã tirou a franja da frente.

—Estou aqui falando do tema, não?

—Não, está aqui dissecando tudo o que dizemos, tentando ver os ossos, provar sua teoria de que nos enganaram e nos tornamos loucas.

Normalmente Robin não era assim. Nunca discutia. Sempre tinha sido o colchão entre ela e Lisa. A que apaziguava os ânimos.

—O que quer que eu faça?

—Que acredite em mim. Que apóie ao Kelon e lhe dê as boas-vindas à família.

—Seli...

—Não se meta, Kelon.

—Não pode esperar que sua irmã acredite sem provas.

Genial, agora tinha um homem que pensava que era um homem lobo de seu lado em uma briga com sua irmã, a respeito de algo que não era possível. O que demonstrava o quanto estava cansada era o fato de não conseguir discernir se tratava-se de uma vantagem ou um inconveniente para seu argumento.

—Claro que posso.

—Robin... —começou a dizer Heather, não sabendo para onde ia mas querendo ir para algum lado.

Sua irmã a cortou.

—Sempre confiei plenamente em você. Quando me pediu que me submetesse a um segundo transplante, quando me disse que ia ficar bem e que lhe desse outra oportunidade, o fiz. Passei por isso porque me pediu, porque confiava em você, mas agora me toca. Estou-lhe pedindo que esta vez acredite em mim.

—O que me pede é bastante inacreditável.

—Assim o era o segundo transplante.

E assim tinha sido. Robin tinha sofrido meses de diálise, uma dolorosa operação, falsas esperanças... Tinha passado por tudo isso porque ela o tinha pedido, e não tinha servido para nada. Merda! Quando tinha aprendido Robin a jogar tão sujo?

—É totalmente ilógico.

—Sei.

—Isso não me parece bem.

Sua irmã se inclinou para frente, respaldando com seus olhos e sua postura o rogo de sua voz.

—Mas sabe querer muito bem a outros, e estou te pedindo que me queira o suficiente para acreditar no que te digo. Por favor, Heather. Preciso-o.

A questão era por que. Sua irmã abriu a boca, sem saber o que ia sair dela, mas sabendo o que Robin necessitava que dissesse.

Kelon atraiu Robin para si.

—Carinho, inclusive eu sei que isto é muito para alguém ficar sabendo e digerir imediatamente.

Em seu abraço havia muita ternura e de uma vez se lia claramente no modo em que seu corpo protegia a sua “minha”.

Robin levantou o olhar para ele com o coração nos olhos.

—Preciso-o, Kelon.

Acariciou-lhe a extremidade do olho, recolhendo uma lágrima antes que caísse.

—Podemos esperar até que se instale —concedeu.

Heather deixou de tentar comer e afastou seu prato. Isto já era muito.

—Ok, quem são vocês e o que têm feito com minhas irmãs?

—Possivelmente nós amadurecemos —interveio Robin, com a aparência da irmã que recordava. A que seria capaz de atirar-se frente a um ônibus para deter uma discussão.

—Não acredito.

Lisa se encolheu de ombros.

—Algum dia tinha que acontecer.

—E a única coisa que precisava era um casal de homens lobo? Uau. Quem o teria pensado?

Logo que terminou de dizê-lo, quis retirá-lo. O sarcasmo não ia lhe levar a nenhum lugar. Robin se estremeceu. Lisa suspirou. Merda.

—Sinto muito. Estou cansada e... —O que podia dizer? Em plenas capacidades mentais? Passou-se a mão pela trança.

— Estou cansada.

Robin suspirou.

—E nós lhe lançamos uma bomba assim que chegou.

—Se isso te faz melhorar sua opinião sobre mim —disse Donovan—, eu votei por esperar.

Ela o olhou com receio. Dizia-o a sério ou em brincadeira?

—Levarei isso em conta.

—Eu não queria dizer isso nunca —acrescentou Kelon com um sorriso nos lábios que não tinham seus olhos, que não se separavam da Lisa.

Heather jogou a cadeira para trás. Precisava descansar. Não pôde nem sorrir.

—Então, Kelon, isso te converte em meu preferido no momento.

Esperava que batessem na porta de seu dormitório. O que não esperava é que fosse Kelon. As sombras do corredor emolduravam seu rosto com uma luz inquietante, pondo de relevo os ângulos de sua expressão e diminuindo suas curvas suaves. Seus olhos pareciam brilhar com um magnetismo hipnótico. E o comparou contra sua vontade: com um lobo.

—Dei-me conta de que não comeste nada.

Levava uma bandeja nas mãos, e nela havia uma torrada com a pinta mais pecaminosa que tinha visto na vida. Esticou as mãos para agarrar a bandeja.

—Isso branco em cima é arsênico? —não brincava de tudo.

Ele não soltou sua carga imediatamente e tampouco sorriu.

—Demos-lhe muitas coisas nas que pensar.

—Não me recorde isso, ou não poderei comer nem um bocado.

Supunha que podia chamar a essa pequena curva de seus lábios sorriso.

—O ponche de ovo é para sua acidez de estômago.

—Ponche de ovo? —adorava e também as torradas. Não recordava a última vez que alguém tinha notado que não tinha comido, e nem muito menos lhe houvesse preparado seus pratos preferidos. Sentiu-se emocionada, embora a atenção viesse em forma de desculpa.

—Terei que lhes pedir obrigado.

—A quem?

—As minhas irmãs.

—Ah —houve outra longa pausa.

— Estão preocupadas com você.

—Sei.

—Ninguém espera que aceite cegamente o que não pode acreditar.

—Robin sim.

Ele negou com a cabeça e suspirou. Uma grossa mecha de seu comprido cabelo negro se deslocou por seu ombro direito.

—Não, não é assim. Somente que tem pressa por fazer que as coisas funcionem.

Heather o observou com atenção.

—Porque o rim lhe está falhando.

Os olhos do Kelon brilharam de emoção por um momento.

—Sabe?

E ela que tinha esperado que a informação lhe fizesse pôr-se a correr.

—Eu pago as faturas do seguro.

Outro “Ah”, e depois:

—Se te servir de algo sabê-lo, quando chegar o momento, não estará sozinha.

Não lhe ajudava muito. Nada o fazia sentir-se melhor sabendo que sua irmã estava morrendo, que nada do que fizesse poderia arrumá-lo.

—Obrigado.

Agarrou a bandeja das mãos outra vez e a levou até uma pequena mesa que havia ao lado da poltrona de cor bordo. Não ficava outra opção. Ou o seguia ou perdia a melhor comida que tinha visto em meses. Ele assinalou a poltrona.

—Sente-se.

—É um pouco mandão, não?

—Isso diz Robin —com um gesto de cabeça que fez a mulher pensar em velhos tempos, acrescentou.

— Bom apetite.

Se tivesse tido um pouco de juízo, o teria deixado partir antes de desgostar-se tanto para poder tragar um bocado. Agüentou até que ele esteve à metade de caminho da porta.

—Não quero parecer uma bruxa. Somente que algumas vezes sinto que vivemos em planetas diferentes. —Especialmente quando suas irmãs afirmavam que tinham se casado com homens lobo. Revolveu-lhe o estômago. Tomou um gole do ponche de ovo. Estava fresco, suave e especial à perfeição. Seu estômago não se rebelou.

— Sabe, levamos dez anos.

Ele se voltou.

—Esses dez anos lhe permitiram fazer o que devia por sua família.

—Sim —e deixá-la totalmente seca aos trinta e três anos.

Esses seus escuros olhos se posaram em seu rosto, em sua silhueta. No olhar não havia nenhum apelo sexual —nunca o havia quando os homens se fixavam nela— mas o sentimento de que a estava avaliando não era nem um pouco agradável.

—Tem que saber que o homem que lhe pegou, Buddy, e seus amigos ainda representam uma ameaça.

—Quer dizer que vocês, grandes e maus homens lobo não se desfizeram deles?

—Deles ainda não, mas nos ocupamos do homem que queria devolver o rim a seu doador original.

Heather não pensava que pudesse suportar mais.

—A doadora está morta.

—Ele não considerava esse fator como um problema.

A jovem se apertou o estômago revoltado.

—OH, meu Deus.

Kelon se aproximou. Ela se sobressaltou. A única coisa que ele fez foi aproximar o copo esquecido de ponche a seus lábios. Ela negou com a cabeça e o deixou sobre a mesa.

—A polícia o apanhou?

Esta vez seu sorriso lhe pôs os cabelos de pé.

—Ele já não é um problema.

Ela não pensava investigar o tema nem por um momento.

—Por que está me contando isso?

—Porque amanhã vamos ao complexo onde está nossa casa e você vem com a gente.

A palavra “complexo”, nunca pronunciava nada luxuoso nem confortável.

—Prefiro ficar aqui.

Isso era mentira. O que preferiria era voltar para a cidade, para sua vida caótica, muito ocupada para pensar, muito mais que ficar ali pendurada em metade desses bosques com tantas árvores que não seria capaz de vislumbrar a chegada de um estranho nem que estivesse olhando.

—Em minha cultura, a família é tudo, e não deixamos as mulheres sozinhas.

—Não te entendo.

Ele esboçou um sorriso, o primeiro sincero que lhe tinha visto.

—Agora você também é nossa família.

Então por que lhe soava tão sinistro?

Capítulo 2

Donovan e Kelon tinham chegado. E não estavam sozinhos. Wyatt se endireitou com cuidado, sujeitando as costelas quebradas. Havia trazido Robin, Lisa e a outra mulher que não reconhecia. Era mais alta que as outras duas, e mais contida. Sua silhueta era mais refinada, seu rosto mais delicado, mas estava claro que tinha um ar de família. Quando saiu da caminhonete observou que seus movimentos eram eficazes e controlados. Recordava a uma corça com caráter, toda nervos e tensão.

Justo o que necessitava. Uma bomba relógio a ponto de explodir em uma caixa de dinamite. Suspirou e limpou o sangue da sua bochecha com a toalha. Através da janela via cari vigiando a casa. Seu próximo desafio. Normalmente, esse tipo não lhe daria muitos problemas, mas no estado no que se encontrava e sem tempo para curar-se, poderia ser um rival a ter em conta.

—Seguem esperando?

Odiava ter que olhar a seu pai, que agora somente era uma sombra do robusto homem que recordava.

—Sim.

—Se os matasse, acabaria com este assunto.

E seu pai poderia continuar morrendo para poder reunir-se com sua companheira.

—Não vou matar as pessoas com as quais cresci.

—Eles estão tentando te matar.

O sangue começou a brotar de novo da bochecha. Pressionou com a toalha. As brigas constantes lhe estavam custando caro, o que suspeitava que era parte da estratégia de Cam. Esse homem sabia o que fazia. Wyatt estava cansando, não se curava tão rapidamente como o fazia de costume. Ao final, acabaria perdendo uma briga. Não havia dúvida de que seria com o Alfa Cam.

—Sim. Assim me pareceu.

O movimento lhe fez olhar pela janela. Os recém chegados estavam atraindo muita atenção. Especialmente entre os homens. Não recebiam muitas visitas.

Normalmente se tratava de machos de outras manadas que vinham por questões de negócios ou procurando companheira.

Não sabia se alguma vez na vida tinha vindo alguma mulher, e os protetores da manada haviam trazido três de uma vez. Suspirou. Possivelmente essa distração lhe tirasse de cima os seus competidores durante um momento.

—Donovan e Kelon chegaram.

—Bem. —Seu pai esticou a mão para agarrar a água que havia junto à cama.

—São uns bons tipos. Tão bons quanto seu pai —lançou um olhar a seu filho.

—Os mantenha ao seu lado.

Por um momento, Wyatt acreditou vislumbrar uma ponta de preocupação nos olhos de seu pai, mas um segundo depois já não estava. Devia estar mais cansado do que pensava. Se havia algo que Big Al tinha claro era a lei da manada. Qualquer variação nela considerava uma debilidade. E era óbvio que pensava que não matar a uns homens que o desafiavam era uma debilidade. Se Wyatt morresse por culpa dessas brigas pelo poder, seu pai o choraria, mas não clamaria por que se fizesse justiça. O veria como culpa dele.

—Nunca tenha filhos com alguém que não seja seu casal verdadeiro, filho. Debilita a estirpe.

Ou lhe jogaria a culpa a sua mãe. O antigo policial suspirou mentalmente. Levava toda sua vida pagando por essa suposta debilidade causada porque seu pai não tinha sabido esperar a seu amor verdadeiro e se emparelhou com alguém compatível.

—Terei isso em conta.

Seu pai grunhiu. Poderia ter sido uma risada. Era difícil de dizer com a habilidade que tinha de disfarçar seus pensamentos depois de uma expressão vazia.

—Seguro que não. Fará o que te dê vontade.

Seu filho sorriu olhando pela janela.

—E eu que pensava que não me conhecia absolutamente.

—Conheço-te.

Provavelmente sim. E além de seus dotes de lutador, não aprovava nada do que via. Wyatt não se surpreendeu ao comprovar que, ao que parecia, a desconhecida se incumbiu de descarregar o carro. Tinha a pinta de ser das que se encarregavam de todos e de tudo. De todas formas, havia algo que lhe chamava a atenção nela, talvez uma quantidade excessiva de energia que precisava liberar. Apostaria o que fosse que traria de cabeça na cama a quem quer que pudesse chamar a sua porta.

—Donovan e Kelon trouxeram umas mulheres.

Seu pai se reclinou contra o travesseiro, respirando entrecortadamente como se tivesse tido que correr quarenta quilômetros para agarrar o copo da água. Maldita seja, não se acostumava a vê-lo assim. Frágil e vulnerável, agarrando-se à vida não porque quisesse, mas sim porque estava preocupado pela manada a que tinha dedicado toda sua vida. Tinha medo do que seu filho pudesse lhes fazer.

—Muito bem —grunhiu o homem, cuja mão tremeu ao deixar o copo na mesinha de cabeceira.

— A manada as necessita.

A manada necessitava um montão de coisas, incluindo que lhes anunciasse que se encontravam no século vinte e um.

Uma alta mulher lobo com cabelos negros e um modo de mover-se que clamava “saia de meu caminho” cruzou o complexo, dirigindo-se para os recém chegados. Vera Campbell. Durante os últimos cinquenta anos, sua perseguição obcecada ao Donovan havia criado a expectativa de seu emparelhamento. Isto tinha sido discutido até não poder mais, até que tinha recebido a autorização da manada apoiada na força potencial da descendência. Ao que parecia, o que desejava Donovan não era relevante. Tudo porque Vera procedia de uma estirpe de Protetores. Apesar de que sua mãe só tinha procriado duas fêmeas, ninguém podia imaginar ao Donovan trazendo filhas ao mundo, e todo mundo esperava que em algum momento este pedisse à formosa mulher que fosse sua companheira. Se alguém se incomodasse em perguntar ao Wyatt, este lhes haveria dito que isso nunca ocorreria. Baixar a cabeça não fazia parte da natureza de seu primo.

—O que está olhando?

—A Vera.

Al se pôs-se a rir.

—É uma mulher decidida, verdade?

—Tem a pinta de alguém que está reclamando o que é dela.

O que não sabia era o que ia acontecer quando averiguasse que Donovan havia se emparelhado. Deixando à parte sua paixão por seu primo, nela não havia nada previsível.

—O que tinha que fazer Donovan é aparear-se com ela e começar uma nova dinastia de Protetores.

—Isso não acontecerá.

—É perfeita para ele.

—Não é seu amor verdadeiro. Não se preocupa que isso debilite a estirpe?

—A manada necessita Protetores. Os humanos estão nos encurralando.

—O que significa que deveríamos aprender a nos misturar com eles.

—Nos misturarmos significaria a destruição da manada.

Os gens de nossa descendência se debilitariam. Wyatt já conhecia o conto, no entanto não concordava com isso.

—A endogamia já o está conseguindo.

—É melhor que a alternativa.

Seu filho abriu a boca e depois voltou a fechá-la. Seu pai nunca aceitaria a realidade.

Vera estava se aproximando do grupo. De onde estava, podia distinguir seu cenho franzido.

—Merda.

—Problemas? —perguntou Al.

—Parece que Donovan trouxe consigo uma companheira.

Seu pai sorriu com os olhos brilhantes pela espera.

—A Vera não vai gostar disso. —levantou-se sobre seus cotovelos, tentando dar uma olhada por cima do Wyatt. Este não se moveu nem tampouco lhe ofereceu sua ajuda.

— Tem pinta de ser uma boa lutadora?

—É baixa —e era uma boa lutadora, mas nada para uma mulher lobo. Este último não o disse em voz alta.

—Vera fará de sua vida um inferno.

—Sim. —E provavelmente a mataria, a não ser que Donovan interviesse, o que por sua vez poderia ter como resultado o resto da manada lhe fazendo a vida impossível. Seu primo não tinha que trazê-la, mas com certeza não a teria trazido se tivesse tido outra opção.

Maldita seja.

—Acredito que chegou o momento de pôr em prática minhas habilidades diplomáticas.

Vera se aproximava do pequeno grupo rapidamente. Outros lobos, precavendo-se da razão de seu aborrecimento, pisavam-lhe nos calcanhares. Não é que Wyatt pudesse culpá-los. Fazia tempo que não passava nada por ali, e Vera sempre dava bons espetáculos. Somente que ele não podia deixar que o fizesse hoje.

—Não te servirá de nada se quiser briga —Al cavou o travesseiro.

— Nenhum Campbell retornou jamais a razão quando estavam procurando briga. — Isso era verdade. Wyatt deixou cair a cortina.

—Então terei que me impor a ela como seu futuro Alfa.

Seu pai se voltou a reclinar sobre o travesseiro suspirando com cansaço.

—Isso sim eu gostaria de ver.

Wyatt agarrou seu chapéu e abriu a porta de repente sabendo que Big Al não duvidaria em derrubar a uma mulher que questionasse sua autoridade, em lhe pegar caso ela se negasse a lhe obedecer. Era a tradição, as antigas leis —o domínio da força bruta— o único método de governar ao que seu pai assinava.

—Já imaginava.

Capítulo 3

Heather não sabia o que esperar, mas para ser uma guarida de lobos o lugar lhe parecia ridiculamente normal. Olhou a Robin e a Lisa.

—Esperavam isto?

Lisa apertou os lábios e se apoiou no capô da caminhonete.

—Quer que te diga a verdade? Esperava algo mais emocionante.

Donovan a olhou enquanto tirava umas malas da parte traseira do carro.

—Pensei que já não pudesse com mais.

Heather não pôde evitar sorrir ao ver que Lisa se encolhia de ombros e olhava a um atrativo homem que se aproximava.

—De você não, mas estou aberta a outras experiências.

Donovan rugiu ao seguir a direção de seu olhar. Foi um som surpreendentemente autêntico.

—Isso nem o sonhe.

Agarrou-a pelo braço e a fez voltar-se com agressividade. Heather começou a procurar a seu ao redor uma arma. Lisa pôs-se a rir e se relaxou contra o peito de seu companheiro.

—É tão fácil...

Ele a soltou um pouco, começando a acariciá-la.

—E você gosta tanto de brincar com fogo...

Sua irmã arqueou as sobrancelhas, lhe provocando claramente.

—Sempre pode me colocar na linha.

A dura boca do homem esboçou um sorriso que Heather não entendeu.

—Não sou tão fácil.

A suas costas ouviu um grito. Ao voltar-se encontrou Robin se esfregando o traseiro e viu que Kelon estava a seu lado com os braços cruzados sobre o peito com um sorriso do mais masculino em seus lábios.

—Eu sim.

A irmã mais velha piscou. Estavam falando de açoites, e, ao que parecia, enquanto Lisa desejava-os e não os obtinha, Robin sim, e ainda por cima os apreciava.

—Argh.

—O que?

Não ia admitir que se encontrava horrorizada, ao pensar que suas irmãs praticavam jogos sexuais com seus noivos, e ao mesmo tempo excitada ao pensar nos próprios jogos em si. Sacudiu-se a manga da jaqueta.

—Barro.

—Se preocupa muito com as aparências —comentou Robin, com aspecto plenamente satisfeito, apertada contra Kelon.

Heather tinha notado que os McGowans adoravam tocar e sempre mantinham a suas irmãs por perto. Seu comportamento era protetor e romântico ao mesmo tempo. Uma relação amorosa com alguém que te adora era algo com o que todas as mulheres sonhavam, algo que Heather sabia que Robin tinha perdido a esperança de conhecer. Agora que o tinha encontrado, deveria alegrar-se por ela. Sabia. Mas em troca, o que experimentava se parecia muito ao ciúme.

Não se lembrava da última vez que tinha tido um namorado, nem muito menos que tivesse estado o suficientemente despreocupada para esquecer-se e relaxar-se. E a última vez que essa “despreocupação” tinha tido lugar nos braços de um homem tinha sido... nunca. Nunca tinha sido capaz de deixar-se levar com um homem. Sempre tinha havido muitas responsabilidades, muitas circunstâncias, muitas dúvidas das quais sua mente não tinha podido desprender-se.

—É um costume —respondeu pra Robin, que a olhava. Uma reminiscência dos dias nos que os Serviços Sociais a vigiavam como falcões, esperando que cometesse um engano para poder tirar dela as suas irmãs.

—Possivelmente deveria te desprender dele.

A voz, um som profundo e rico, que se deslizou por sua pele como veludo, vinha de atrás. Era uma voz que não se escutou desde a morte do Elvis.

Girou-se respondendo:

—Não acredito.

Especialmente enfrentando-se com um homem que definia o pecado com seus agressivos traços masculinos e um modo claramente sexual de olhar a uma mulher.

Teve que lhe perguntar:

—Você também crê que é um homem lobo?

—Isso depende —seu olhar abandonou o seu para passear por seu rosto, parando-se durante tanto tempo em sua boca que ela se perguntou se teria restos do chocolate que tomou na viagem.

—Do que?

—Da resposta que você prefira.

Com o mesmo reconhecimento preguiçoso, os olhos voltaram a posar-se nos seus. Minha mãe! Estava flertando com ela.

Heather sossegou a necessidade instintiva que lhe impulsionava a passar uma mão pelo cabelo e ajeitar-se bem a saia. Não era das que se arrumasse muito, mas quando pela extremidade do olho viu uma formosa e alta mulher, com cabelos negros e olhar furioso aproximando-se deles, desejou havê-lo feito.

—Então acredito que minha resposta dependeria do que você, lobo ou humano, tenha feito para conseguir zangar a essa mulher.

O homem não apartou os olhos de seu rosto.

—OH, não está aqui por mim. Veio pelo Donovan.

—O que? —Lisa se separou do dito.

— Alguma história que se esqueceu de me contar?

Heather ouviu a resposta do Donovan, mas não absorveu as palavras. Não quando o desconhecido seguia olhando-a, dando amostras de que gostava do que via. Não quando de repente estava se imaginando com ele na cama, derrubando-se entre os lençóis, trocando beijos e carícias. Tomou fôlego. Fazia muito tempo que não ficava com um homem.

O desconhecido lhe tendeu a mão.

—Wyatt Carmichael.

Saltaram faíscas elétricas ao roçar-se.

—Heather Delaney.

—Ah, a irmã mais velha.

De repente, sentiu-se tão desejável como pão duro. Com um suspiro, soltou sua mão.

—Sim, a irmã mais velha.

Os olhos de Wyatt se entrecerraram, centraram-se. O ar que lhes rodeava pareceu fazer-se mais pesado, mais intenso. Através de seu grosso casaco, seus seios responderam a quebra de onda de energia, inchando-se e elevando-se, e seus mamilos se endureceram.

—Não era um insulto, Heather. Suas irmãs só contam coisas boas de você. É muito responsável.

Mais velha. Responsável. OH sim, essas eram justamente as coisas que uma mulher queria escutar quando estava em frente a um tipo sexy, que estava pensando em convidar para compartilhar a cama com ela essa noite. Obrigou-se a sorrir.

—Obrigado.

A mulher, ao que parecia cansada de esperar, abriu caminho através da multidão e se pôs frente a Donovan. Era quase da mesma altura que ele. Com um movimento de cabeça tirou o cabelo do rosto. A impaciência do gesto se enfatizou com as mãos que colocou em seus quadris.

—Donovan, quem é esta?

A palavra esta não podia ter contido mais desdém.

Lisa reagiu como se supunha. Quadrou os ombros. A luz da batalha se introduziu em seus olhos ficando nas pontas dos pés.

—Uma pergunta melhor seria quem é você.

Donovan a agarrou pelo braço e a obrigou a ficar atrás dele.

—Eu me encarregarei disto.

—Posso cuidar de mim mesma.

Podia ser que a esses homens faltasse um parafuso, mas Heather se sentiu aliviada ao ver que ao menos tinham sentido comum. Uma mulher com caráter não podia chegar muito longe frente à força física, e se Lisa enfrentasse a essa mulher, acabaria mal. Agarrou-lhe a mão.

—Não, não pode.

A mulher lobo farejou, enrugou o nariz como se estivesse cheirando algo em mal estado e retrocedeu um passo.

—Trouweste humanas?

—Isso não te diz respeito.

—Os humanos não são bem-vindos aqui.

Wyatt deu um passo a frente enquanto um murmúrio se estendia pela multidão.

Heather se perguntou se era coincidência que seu grande corpo se situasse entre ela e os outros.

—Isso não é teu assunto, Vera.

A voz do Wyatt soava sexy inclusive quando repreendia a alguém. A mulher se deu a volta e disse entrecortadamente.

—Não pode estar de acordo!

Wyatt cruzou os braços sobre o peito.

—Pois o estou.

—Mas todos sabemos que...

O filho do chefe a cortou.

—Se Donovan quer trazer sua companheira a seu lar, tem minha permissão. Isso é o que todo mundo tem que saber.

As bochechas de Vera se avermelharam. O olhar que dedicou a Donovan foi feroz, mas não tanto como o que lançou a Lisa.

—Se apareou com ela?

Donovan continuou apertando estreitamente o braço de Lisa. Kelon tinha a Robin oculta junto ao carro. Seu comportamento confirmava sua resposta instintiva. Era uma situação perigosa.

—Sabe lutar? —perguntou Vera assinalando com o queixo a Lisa.

—Não.

—Sim —lhe espetou Lisa.

Donovan se deu a volta e lhe sacudiu o braço.

—Não.

—E você o que sabe?

—Porque não é uma mulher lobo. Não tem nenhuma possibilidade.

—Dá-te conta de quanto isso é insultante?

—Não.

—Não tem por que interferir em uma provocação —interveio Vera com certa satisfação.

—Mas eu, como futuro Alfa, posso —interrompeu Wyatt.

—Não haverá nenhuma briga. Eu proíbo.

Vera abriu a boca. Um olhar de Wyatt a fechou.

—Vá. Agora mesmo —o futuro chefe não levantou a voz, mas foi como se a ordem a tivesse golpeado no estômago. Baixaram-lhe as fumaças e afastou o olhar.

Heather poderia ter pensado que se acovardou totalmente a não ser por sua mandíbula apertada e o olhar assassino que lançou a Lisa ao girar-se sobre seus calcanhares e partir com o mesmo porte aristocrático com o que se aproximou. Se as olhadas matassem, Lisa já seria cadáver.

—Isso é tudo o que precisava para que partisse? Uma ordem?

As últimas palavras fizeram que Wyatt voltasse a olhá-la. Heather estava acostumada a ter que levantar os olhos para olhar aos homens, mas nem tanto. Não até o ponto de sentir que lhe ia partir o pescoço. Além da altura, o homem tinha músculos. Sem mencionar uns ombros bem postos, a mandíbula quadrada e um rosto formoso emoldurado por olhos castanhos tão claros que pareciam quase dourados. Os roxos do rosto não tiravam nem um pouco de seu atrativo, em realidade lhe davam um aspecto duro, masculino, desses que dizem “eu posso com tudo”.

—Teria preferido que lhe batesse?

Longe do carro, o vento soprava com toda liberdade, atravessando seu casaco, quase empurrando-a contra ele.

—Não! Como te ocorre pensá-lo sequer?

Wyatt ficou parado, as narinas se dilataram e ficou olhando-a como se tivesse se transformado em algo que não reconhecia. Ela retrocedeu um passo. Fez um ruído surdo em sua garganta e esticou a mão. Seus olhos tinham um aspecto estranho. Quase inquietante.

“Somos homens lobo.”

Passou-lhe pela cabeça essa afirmação tão absurda. Cruzou os braços sobre o peito e os esfregou de cima abaixo. Em seu interior, seguiu palpitando o interesse.

Kelon interceptou o movimento de seu primo colocando-se entre ambos e tomando sua mão.

—Me alegro de ver-te, Wyatt.

Este pestanejou e pareceu recuperar o sentido com um ligeiro movimento de cabeça.

—Eu também me alegro de ver vocês.

O movimento de sua mão incluía Robin, Lisa e a ela mesma.

—Conforme vejo não puderam acabar com o problema.

—Ocupamo-nos de um deles —disse Donovan, ignorando a multidão de desconhecidos que se amontoava observando a Heather e a suas irmãs com muito interesse para sua paz mental.

— Os outros seguem por aí.

—Havia mais de um?

O “sim” do Kelon foi mais um grunhido que uma articulação de palavras. Heather estava se acostumando surpreendentemente rápido a esse estranho costume, e o mais curioso era que não lhe afetava da mesma maneira que quando o fazia Wyatt. O grunhido deste era sexy.

—Eu me encarreguei dele.

Donovan tirou a mala de sua cunhada do carro e observou Wyatt enquanto este a mantinha junto ao pára-lama.

—Merda, parece uma pena.

O homem não é que tivesse muito bom aspecto. Tinha todo o rosto arroxeadado e andava mancando. Heather tinha trabalhado o suficiente em urgências para reconhecer sinais de costelas quebradas.

—Seguem-lhe mantendo ocupado os aspirantes? —perguntou Kelon.

—Ajudam-me a me manter em forma.

—É um modo interessante de fazer exercício —comentou Heather.

Apesar de que devia lhe doer terrivelmente, Wyatt nem sequer pestanejou ao elevar as sobancelhas da mesma maneira em que o faziam freqüentemente Kelon e Donovan. Obviamente, era um gesto de família.

—Não te parece bem?

—Que tenha pinta de que lhe estão tirando todo o recheio? —A jovem esticou a mão para agarrar sua mala.

— Parece-me que não está tendo o resultado esperado.

—Confesso-te que não está mesmo saindo como eu esperava.

Sua mão se fechou sobre a alça ao mesmo tempo que a dela. Não lhe escapou seu estremecimento ao agachar-se.

—Deixe que eu a leve —se ofereceu o homem.

Grunhiu dessa maneira única que ele possuía. Seu corpo respondeu tão femininamente como antes.

—Com essas costelas, acredito que seja melhor não.

Os dedos do Wyatt se posaram sobre os seus, tirando-os suave, mas decididamente da alça.

—Não tem que preocupar-se por isso. Se necessitar a alguém para levantar algo pesado, eu sou o indicado.

Capítulo 4

Não tem que preocupar-se por isso.

Enquanto seguia o Wyatt ao lugar onde ia ficar, Heather não podia evitar perguntar-se: Tinha sido uma casualidade ou esse homem sabia realmente que tinha problemas para desconectar?

—Já estamos aqui —se deteve frente a uma casa tipo rancho com grandes janelas e um alpendre ao redor.

—O que significa aqui?

—A melhor hospedagem daqui.

Ela deu uma olhada pra casa do lado onde estavam entrando Lisa e Robin.

—Por que não posso ficar com minhas irmãs?

—Só há dois dormitórios.

—Não me importo em dormir no sofá.

—Ok, mas suspeito que te importaria muito ter que escutar a suas irmãs e a seus maridos durante toda a noite.

Não era uma dissimulada, mas quando se tratava delas parecia que vinha à tona seu lado mais conservador, porque se ruborizava cada vez que se mencionavam suas vidas sexuais.

Um fato que parecia causar diversão em Wyatt, a julgar pelas rugas junto a sua boca.

—Obrigado por sua consideração.

A secura do agradecimento não fez outra coisa a não ser acentuar essas rugas até que formaram um amplo sorriso.

—Os emparelhamentos verdadeiros são apaixonados.

Ela pôs os olhos em branco.

—Por que utiliza esse vocabulário?

Ele a agarrou pelo braço, lhe ajudando a subir o último degrau em um gesto muito antiquado.

—Que vocabulário?

—Emparelhamento.

—Porque isso é o que fazemos os homens lobo. Nos apareamos.

Tinha que roubar o encanto ao gesto voltando sobre esse ponto. Ela se voltou. Como estava um degrau mais acima que ele, encontrava-se quase a sua mesma altura.

—Sabe que não acredito nisso, não sabe?

—Imagino que não crê em um montão de coisas agora mesmo —lhe acariciou com um dedo a bochecha.

— Mas tenho fé em que ao final acreditará.

Em qualquer outra pessoa teria dado uma bofetada por tocá-la. Com o Wyatt, sentia que estava bem. Em lugar de permanecer fria e desinteressada, sua pele se esquentou sob seu toque. O homem abriu a porta e lhe convidou a entrar. Quando Heather passou pela frente dele, sua fragrância lhe envolveu com a mesma acolhedora calidez que o interior de sua casa. Se voltou e o olhou, enquanto uma nova pergunta surgia em seu interior, juntamente com um sentimento de desespero.

Poderia agüentar uma relação com um homem assim?

Culpava totalmente a suas irmãs por esse momento de insegurança. Se não tivessem um aspecto tão satisfeito, se seus noivos não parecessem estar tão apaixonados por elas, sua mente não teria embarcado pelo caminho proibido de possivelmente, somente possivelmente, pensar que existia um Príncipe Azul para ela, o que conduzia indevidamente à conclusão de que essas coisas não acontecem a mulheres práticas e lógicas como ela.

—Não acredito nos contos de fadas.

—Ninguém te pede que o faça. De qualquer forma, enquanto estiver aqui, possivelmente seja bom que abra sua mente às possibilidades que tem frente a você.

Referia-se a ele?

—Por quê?

—Porque não sabe nem a metade do que acredita que sabe —fechou a porta.

—Pelo tanto, possivelmente também seria útil que desse umas saídas para quando tivesse que me reanimar.

—Supõe-se então que vou me assustar o tempo todo?

—Se crê que sou humano, sim.

—Bom, até agora não consegui que ninguém me provasse o contrário —se retirou a franja da frente com um sopro.

— Lisa não deixa Donovan transformar-se porque considera que seria “muito para digerir”, e Robin proíbe a Kelon porque quer que lhe acredite sem provas. Assim que —se encolheu de ombros.

— “vivo perigosamente”.

Wyatt convidou-a para que se sentasse em uma poltrona reclinável.

—Está te provando.

Por que não? Estava cansada por falta de sono e comida.

—Isso parece. O que eu gostaria é de saber a razão.

—Provavelmente porque lhe está acabando o tempo.

A cadeira quase a tragou em sua suavidade quando se sentou nela.

—Sabia que ela está morrendo?

Wyatt se inclinou e agarrou uma almofada do sofá antes de atirar-lhe. Ela a apanhou no ar.

—Não sabia até agora.

—Não lhe diga que sabe.

—Nem me teria ocorrido fazê-lo. Que problema tem?

Heather abraçou o travesseiro, apertando-o para sossegar a dor da realidade que tanto lhe custava esquecer.

—Fez dois transplantes de rim. Este último está indo tão mal quanto o primeiro.

—Merda.

—Esse é o resumo.

—Não podem tentar com outro rim?

—Depois de duas rejeições, não é uma boa candidata para um terceiro. Não é uma boa combinação.

—Sinto muito.

Não havia nada que acrescentar exceto um estúpido e fútil “obrigado”.

—Quer beber algo?

—Com ou sem álcool?

—O que prefira.

Era uma resposta inocente, e possivelmente eram sozinhos seus hormônios os que lhe estavam dando mais importância do que tinha, mas teve a sensação de que lhe estava oferecendo mais que uma bebida. Isso era prometededor, se queria seguir em frente com um convite para compartilhar sua cama.

—Tomarei uma taça de vinho, se você me acompanhar.

—Agora mesmo.

Observá-lo caminhar pela sala era um estudo da graça do movimento. Se deslizava com cada passo, e colocava os pés de uma maneira que a fazia pensar em um animal espreitando uma presa.

Somos homens lobo.

A idéia já não lhe parecia tão extravagante. As taças tilintaram.

—Vai ficar muito tempo? —perguntou sobre seu ombro.

—Aqui ou em Haven?

—Começemos por aqui.

Outro entrecostar de cristal, seguido rapidamente dos sons de gelo caindo sobre líquido.

—Eu não gosto do vinho com gelo.

Sentiu-se como uma completa idiota quando ele se voltou. Tinha uma taça de vinho—uma grande taça de vinho—em uma mão e um copo alto na outra. Este continha algo mais forte, possivelmente uísque, a julgar pela cor âmbar.

—Me lembrarei disso.

—Sinto muito. Às vezes falo sem parar pra pensar.

Estendeu-lhe o vinho. Ela se fixava particularmente nas mãos dos homens. As suas eram fortes, de ossos grandes e proporcionados. Sensuais. Apostaria o que fosse que essas mãos podiam dar a uma mulher muitíssimo prazer.

Agarrou a taça. Ele não se afastou imediatamente. Ficou ali parado, olhando-a até que ela não o pôde suportar mais. Passou-se a mão pelo cabelo. Não lhe parecia que houvesse nada estranho.

—O que houve?

Ele retrocedeu um par de passos.

—Nada. Nada absolutamente.

Sua voz soava de novo rouca. Não pôde evitar um calafrio. Com uma voz como essa, era provável que pudesse proporcionar um orgasmo a uma mulher, apenas e tão somente lhe falando.

“Você não gostaria de me dar uma oportunidade?”

Ele levantou a cabeça de repente e entrecerrou os olhos.

O rubor lhe começou nas pontas dos pés e subiu até cobrir seu rosto de um calor que fazia anos que não experimentava.

—Por favor, não me diga que pensei em voz alta.

—Poderia, mas estaria mentindo.

Ao menos, tinha o vinho para passar esse momento. Bebeu de repente toda a taça, dizendo a si mesma que tinha direito. Levava dois dias muito duros que haviam culminado com sua humilhação frente do homem mais sexy que tinha visto em sua vida.

Deus! Não tinha feito coisas assim desde os treze anos! Colocou-se a taça sobre a coxa.

—Então pode evitar a vergonha a nós dois e fazer de conta que não ouviu nada.

Pela extremidade do olho, viu como se aproximava pelo reflexo cada vez mais intenso do líquido âmbarino de sua bebida. Seus dedos lhe rodearam o queixo, pressionando no exterior, lhe obrigando a que lhe olhasse. A fragrância do uísque se mesclou com a de sua pele, mais terrosa. Das duas, foi esta a que disparou seus sentidos, mas nada lhe golpeou tão forte como o que viu em seus olhos. Todas as promessas que uma mulher pudesse desejar ardiam ali.

—Bom, e por que iria querer fazer isso?

Não é que ela gostasse de beber muito, mas nesse momento lhe haveria encantado dispor de outra taça.

—Para poupar aos dois muita frustração.

—Não concordo.

Não, supunha que não. Provavelmente ele podia escolher entre muitas mulheres. Que deviam se atirar em cima. E quando chegavam a sua cama, não ficavam ali tombadas perguntando-se onde estava o problema, se esta vez seria diferente, pensando, ao final, que lhe faltava intensidade entre os lençóis. Levantou a taça.

—Pode me pôr um pouco mais de vinho?

—É obvio.

Reclinou-se na poltrona, acolhendo a confusão que lhe causava a bebida. Com as coisas um pouco imprecisas, ainda se fixava mais na beleza de seu movimento enquanto cruzava o cômodo. O homem era pura poesia em movimento—se é que a poesia podia definir-se como a tendência masculina a andar rondando. Franziu o cenho. Com uma costela quebrada a beleza de seus passos não teria sido isenta de defeito. Ele voltou a encher também seu copo, inclinando-se sem problemas para agarrar mais gelo do pequeno refrigerador que havia debaixo do aparador.

—Já não te dói nada?

—Os homens lobo se curam rapidamente.

A referência não lhe desagradou como tinha suposto. Estava claro que Lisa e Robin pareciam satisfeitas sexualmente. Se os homens lobo eram capazes de dar isso a suas amantes, ansiava agora mesmo. Wyatt lhe devolveu a taça. Ela a agarrou, deslizando os dedos sobre os seus. Pelo braço lhe subiram chispadas elétricas. Tentou não criar muitas esperanças. No passado algumas coisas lhe tinham parecido também prometedoras para logo em seguida fracassarem.

—Me faça um favor: pare de falar de homens lobo.

—Por quê?

—Tira-me a vontade.

Wyatt subiu as sobrancelhas dessa maneira que estava começando a considerar tão sexy.

—A vontade do que?

Só demorou quatro goles em esvaziar a taça. Debateu interiormente se lhe pedia que voltasse a enchê-la, mas considerando que não tinha comido nada desde ontem, duas taças eram mais que suficiente para lhe dar ânimos.

—Estou pensando em te pedir que me beije.

—Só pensando? Ela sorriu.

—Bom, está um pouco louco.

Ele se estirou. A camiseta lhe pegou em cima do estômago definindo claramente os abdominais e os impressionantes peitorais mais acima.

—Porque sou um homem lobo?

A jovem se umedeceu os lábios.

—Estou começando a considerá-lo um inconveniente menor.

—Parece-me ótimo que seja flexível.

Parecia que não tinha calibrado bem sua resistência ao álcool. A ponta do nariz já estava lhe formigando.

—Tem algo para beliscar?

—Tem fome?

—Me faria bem comer um pouco. Um sanduíche de manteiga de amendoim, uma coisa assim.

Ele tomou um gole do uísque, observando seu rosto por cima da borda. A impressão de que estava descobrindo tudo o que ela queria esconder lhe fez tomar consciência dele. E dela.

—Não sou Kelon, mas acredito que serei capaz de fazer um sanduíche.

Já não sentia a ponta do nariz.

—Um sanduíche me parece ótimo. —Deixou a taça em um extremo da mesa.

— Se me disser onde está a cozinha, eu mesma o farei.

Um simples gesto de Wyatt a fez deter-se. Bom, isso e que a habitação lhe desse voltas.

—É o mínimo que posso fazer.

Encaminhou-se à cozinha, deixando-a com a pergunta na cabeça: Era o mínimo que podia fazer para que?

Capítulo 5

Quando Wyatt voltou para salão, Heather se encontrava reclinada na poltrona com os olhos fechados, relaxada sem dúvida pelos efeitos do custoso vinho que bebeu como água. Não é que isso tivesse sido algo mal. Tinha muita pressão em seu interior. Preferia ver seu rosto relaxado a tenso.

Era um rosto agradável, não formoso, mas atraente. Seus traços eram fortes, chamativos, expressivos, de acordo com sua personalidade, com o modo em que se comportava: com a confiança de alguém que lutou para chegar onde está e sabe que o merece. Tudo nela assinalava que tinha uma personalidade intensa: do cabelo trançado firmemente até as botas que pareciam gritar “não brinque comigo” e que se ajustavam às suas bem formadas panturrilhas. Parecia uma mulher das que eram capazes de descobrir a alma de um homem com somente um olhar. E que podia lhe arrancar o coração com outro.

E era dele.

Heather abriu seus olhos cinza, não azuis como os de suas irmãs, com faíscas mais escuras nas beiras. Seu sorriso e olhar eram igualmente imprecisos — sabia que estava

bêbada. O que não sabia Wyatt era por que sentia a necessidade. Colocou o sanduíche na mesa.

—Aqui está.

Os olhos da jovem se posaram em sua bochecha, onde lhe tinham ferido. Franziu o cenho.

—O corte desapareceu.

—Já lhe falei sobre isso. Curo-me rapidamente.

—Isso não pode ser.

—Para um humano, não.

A moça suspirou e alcançou o sanduíche.

—Não continue.

—Isso significa que já não te interessa que te beije?

Ela voltou a franzir o cenho, meditou um momento e depois se encolheu de ombros.

—OH, isso.

—Sim, isso.

Isso era importante para ele. Estava muito interessado nisso.

Abriu a boca levando o sanduíche aos lábios, suspirou e voltou a deixá-lo sem sequer havê-lo mordido.

—De qualquer forma, não teria chegado a parte alguma.

—Parece muito segura.

Encolheu-se de ombros de novo.

—Tenho muita experiência.

Não muitas das mulheres com as que tinha saído eram tão sinceras. Ficou brincado com o extremo de sua trança que pendurava sobre seu peito, sem tocar sua pele, tão somente recreando-se nessa possibilidade.

—Me diga.

Heather entreabriu uma pálpebra.

—Não será um desses pirados que gostam de escutar as últimas aventuras de seu parceiro, não?

—Não. Prefiro passar à ação, não que me contem isso.

—Bom, isso compensa um pouco.

—O que?

—Que não esteja muito bem da cabeça.

—Não sabe quão equivocada está, pequena.

Ela agitou a mão direita no ar antes de deixá-la cair sobre o braço da poltrona.

—Na realidade dá no mesmo para o que tenho planejado.

—Tem planos?

Heather assentiu.

—Grandes planos. Desses que mudam a vida —sua voz se converteu em um sussurro.

— Dão medo.

Estava saindo do tema.

—Tanto como beijar a um homem lobo?

—Mais.

Ele não podia imaginar nada que provocasse mais medo.

—O que?

A julgar pela lentidão com a que recolhia seus pensamentos na hora de responder, sua companheira se encontrava bastante entoadada. Por duas taças de vinho. Acariciou-a com o olhar de novo, notando-se nos traços muito marcados, em seu corpo muito magro, e em sua energia mais que esgotada. Supunha que não era nada surpreendente. Por isso via, Heather tinha estado apoiando-se em seus nervos para seguir em frente durante muito tempo.

Repetiu a pergunta.

—Deixo-o.

—O que?

—Meu trabalho. Sou enfermeira.

Suspirou. Logo respirou com mais calma, mais profundamente. Se Wyatt queria respostas, antes que ela voltasse a pôr a barreira, teria que pressioná-la um pouco.

E necessitava essas respostas, sobre tudo a respeito de tudo o que lhe assustava.

—Você gosta de seu trabalho?

Heather girou a cabeça sobre a almofada, parecendo distrair-se com a sensação. Ou possivelmente estava ganhando tempo para admitir algo que não queria. Ele não sabia.

—Heather? Você gosta de seu trabalho?

—Deus, não. Odeio o sangue. Detesto ver que as pessoas estão doentes e tristes.

—Então está bem que o deixe.

Ela abriu os olhos de repente.

—Não, não está bem. Lisa e Robin dependem de meu dinheiro. Especialmente agora que têm o hotel. Mas não posso mais. Não ... posso.

Começava a ver sentido a sua contínua tensão. Sabia que Heather tinha tomado conta de tudo quando seus pais tinham morrido. Lisa referia-se com freqüência ao quanto sua irmã era forte, contando como ela tinha ganhado quando o estado tinha tentado levar-lhes, mas agora, ao ver a mulher que tinha na frente, sabendo o quão jovem que devia ter sido, contemplando o que tinha tido que pagar pelo esforço realizado, dava-se conta que a palavra “decidida” cobrava uma nova dimensão com ela.

Merda, não era de se estranhar que estivesse tão consumida. Ninguém sabia melhor que ele, como fazer o correto podia arrancar o coração de alguém, destruir suas esperanças, debilitar suas convicções.

—Possivelmente este não seja o melhor momento para pensar em coisas aterradoras.

Isso lhe fez abrir os olhos a Heather ainda mais.

—De verdade, eu gostaria de um beijo.

—Os beijos não são aterrorizantes, Heather.

—Para você é fácil dizê-lo. Provavelmente te faz com os melhores.

Isto o desorientou.

—Não sempre.

Deslizou a mão por sua trança, expandindo os dedos quando esta se fez mais grossa para a base. Apostaria o que fosse que se a soltasse, sentiria seus cabelos suaves como a seda contra sua pele.

Ela enrugou o nariz.

—OH, por favor...

Abrangia com toda facilidade seu pescoço com a mão. Sua personalidade era tão forte que era difícil de conciliar a fragilidade de sua constituição com a potência de sua atitude.

Ainda mais difícil pensar em que, durante doze anos, tinha realizado um trabalho tão extenuante para ela sem gostar dele.

—Por favor o que? Que te beije?

A jovem levantou as mãos e as deixou cair sem força.

—Por que não?

Porque estava bêbada. Porque estava assustada. Porque estava vulnerável. Todas eram excelentes razões para não fazê-lo agora mesmo. Mas não podiam comparar-se à razão pela que deveria. Era sua companheira, e sofria.

—Vem aqui, carinho.

Foi fácil aproximar sua boca da dela. Somente precisou flexionar ligeiramente os músculos de seus dedos e a boca de Heather se encontrou a escassos milímetros da sua. Seus grossos lábios se entreabriram. O aroma do vinho matizava seu fôlego, e não escondia sua fragrância natural mas sim a exaltava. Wyatt não tomou imediatamente o que era dele.

Era seu primeiro beijo, o primeiro passo no jogo do emparelhamento. Se o fazia, aceitaria o que o destino queria lhe entregar. Não haveria volta atrás. Ou teria que convencer à manada de que trocasse seus hábitos—as provocações diárias lhe estavam convencendo de que isso não ia acontecer—ou teria que separar-se da gente que amava e a vida que sempre tinha levado. Isso não era uma opção. Ele era o futuro Alfa Carmichael.

—Wyatt?

Ninguém tinha pronunciado nunca seu nome com esse desejo, esperado com tanta ilusão a carícia de sua boca. Ninguém se tinha permitido mostrar-se tão vulnerável ante seus caprichos. Tomou a decisão rodeando sua bochecha com as mãos. A manada ia ter que transladar-se por fim ao século vinte e um.

—Estou aqui.

O roçar de suas unhas sobre o ombro foi sublime. A primeira petição de uma fêmea a seu companheiro.

—Trocaste de opinião a respeito de me beijar?

Não havia nada de vulnerabilidade no tom da pergunta. Era bem indiferente.

Se se passasse por cima o fato de que era ela que tinha exposto a questão.

Deslizou os dedos por seu cabelo antes de acomodar sua cabeça na palma, saboreando o modo em que se acoplava à perfeição.

—Estou desfrutando do momento.

Seu “sim” foi um suspiro.

—Imaginar que vai ocorrer sempre está bem, verdade?

O que implicava que, com frequência, a realidade não o era. Estava começando a compreender qual era a “essência” de sua preocupação.

—A realidade vai te deixar sem palavras.

—Isso estaria bem.

Outro suspiro. Esta vez mais profundo, mais longo. Se queria beijá-la, seria melhor que se tivesse pressa. Estava quase adormecida.

Wyatt lhe inclinou a cabeça um pouco para a direita com um roce do polegar e se aproximou.

—Muito bem —sussurrou contra sua boca.

Heather não se moveu, ficou cravada na poltrona, com a boca tensa sob a sua.

Wyatt desejava saber realmente quantos intentos falidos de despertar seu interesse havia custado infundir tal nervosismo em uma mulher. Esperou acoplando as bordas da boca à dela, inspirando seu fôlego, absorvendo a tensão, deixando que saísse, sem precipitar-se.

A jovem abriu os olhos. Sorriu-lhe como se tivessem todo o tempo do mundo, como se seu lobo não estivesse uivando para que fizesse exatamente o que ela esperava: lançar-se e reclamar esse calor úmido que lhe tentava.

Quando esteve seguro de que ela via ele e não os fracassos do passado.

—Olá, céu.

Ela franziu o cenho em sua direção.

—Está preparada para nosso beijo?

Tinha pronunciado cada uma de suas palavras contra seus lábios. Todos os movimentos roçavam as terminações nervosas das pontas da boca da moça.

—Já estamos nos beijando.

—Não, isto somente foi um momento de conhecimento prévio. Este é nosso beijo.

Com um movimento de cabeça uniu a boca com a sua. Sua língua brincalhona lhe fez abrir os lábios. No suspiro de seu fôlego provou o vinho, a esperança e uma ligeira incerteza. Ela o desejava. Temia-o. E se fez cargo do beijo, com o que ele estava começando a reconhecer como seu método para dirigir o medo.

Abraçou-a com cuidado. Era tão vulnerável dentro de sua agressividade.

Tão fácil de ferir em seu desejo de que tudo saísse à perfeição. Sua língua se encontrou com a dela com habilidade indubitável. Cada movimento estava calculado para dar-lhe prazer. E o fez. Heather o fez.

Seu sabor penetrou através de sua boca, satisfazendo sua necessidade de descobri-lo. Fechou os olhos, deixando que lhe chegasse ao mais fundo, memorizando-o, permitindo que se mesclasse com sua fragrância em sua alma. Dele. Era dele. Desejava tanto para ela. Desejava que seus sonhos se cumprissem.

Roubou-lhe o controle pouco a pouco, para não assustá-la, convertendo-se no que iniciava o movimento, que coreografava o duelo erótico, sorrindo ao comprovar que se deixava levar, aprofundando o beijo quando ela se rendeu em seus braços.

—Sim —gemeu em sua boca—, tenho o que necessita. Relaxe-te e me deixe dar isso mesmo.

Isso não era fácil para ela. Era uma mulher que utilizava o controle como defesa, que não permitia-se ser vulnerável. Mas o era ante ele, sempre o seria.

A satisfação surgiu ao pensá-lo. Apanhou seu lábio inferior entre os dentes, mordendo-o, alimentando a ânsia de suas presas com uma paródia do que realmente desejava. Queria morder seu pescoço, seus seios, sua xana que floresciam tão docemente. Banhar-se em sua fragrância íntima enquanto marcava suas coxas, seus clitoris.

Ela levantou os dedos e roçou sua bochecha antes de deixá-los cair de novo. Outra traiçoeira dúvida.

Ah, maldita seja. Desejava-a tanto mas tinha que ir devagar. Muito devagar.

Um passo em falso e se assustaria, e nada, nem sequer o afrodisíaco de sua saliva ou a paixão do emparelhamento, poderia deter sua retirada. Se isso acontecesse, somente poderia culpar a si mesmo.

Agarrou sua mão atraindo-a para sua bochecha.

—Me toque, carinho. Quero sentir seus dedos em minha pele.

—Como?

—Como você quiser. —Agarrou-a em seus braços. A ela lhe cortou a respiração quando levantou-a com tanta facilidade. Wyatt recolheu a informação de que gostava que a levantassem e a armazenou com o que já sabia sobre ela.

Quando voltou a sentar-se, a fragrância de sua excitação se fez mais potente. Estava claro que sabia apreciar a força de um homem. Wyatt se reclinou sobre a poltrona acomodando-a sobre seu colo, colocando esse traseiro delicioso sobre seu duro membro. A cabeça de Heather caiu de forma natural sobre o vão de seu ombro. Ela cruzou o olhar com o seu sem pestanejar.

—É o mais sexy que vi faz tempo, e quando me toca, não posso resistir.

—De verdade? —perguntou ela como se fosse incrível.

—Pois sim.

Custou-lhe um pouco sorrir, mas quando o fez, foi ele quem ficou sem fôlego.

Saíram à luz uns dentes brancos igualados e seu rosto trocou de maroto pra sensual.

Abriu os dedos contra sua bochecha.

—É muito bom nisto.

—Esperei durante muito tempo.

—A que uma mulher bêbada caísse em seu colo?

Além disso, tinha senso de humor. Cada vez era melhor. Ele atraiu seus dedos para seus lábios e lhe confessou a verdade:

—Esperava por você.

—Tem que aprender a sonhar coisas melhores.

—Não. Somente necessito de você.

—E se nos beijarmos de novo?

Isto tinha sido um engano por sua parte. Ele sozinho necessitava uma oportunidade e para quando ela se desse conta, já não poderia desfazer-se dele.

—De acordo.

Heather jogou a cabeça para trás e não deixou de sorrir.

—Bem.

Ele esteve de acordo enquanto lhe passava o polegar pelos lábios.

—Sim, muito bem.

A moça lhe respondeu com intensidade feminina e sensualidade natural, como não tinha-o feito nenhuma outra mulher, lhe seguindo como se tivesse nascido para isso, improvisando com entusiasmo quando podia, lhe tentando com o arco de suas costas, a pressão de suas unhas, a suavidade de seus gemidos. Necessitava que se aproximasse ainda mais.

—Porra, vem aqui.

Ela se retorceu em seus braços, os mamilos lhe cravavam através da malha de seu pulôver de pescoço de cisne e o algodão de sua camisa, apertando-se contra ele, oferecendo-se a ele, lhe oferecendo tudo.

Sua mão se fechou sobre seu seio, aceitando o descarado bico que se pegava a sua palma. Nenhuma mulher lhe tinha devotado tudo tão rápida e potentemente. Não era de se estranhar que tivesse umas defesas tão fortes. Uma vez que um homem conseguia atravessá-las, somente encontrava a ela, preparada e espectadora, confiando que seu amante tomaria conta dela, a colocaria em primeiro lugar.

Cortou o beijo, apoiando a frente contra a sua. Maldita seja, já a tinha posto primeiro.

Levantou-se. Heather lhe passou as mãos pelo pescoço, observando-o maravilhada, mas um pouco enjoada, e com confiança inconsciente.

—Aonde vamos?

—Pra cama.

Capítulo 6

Heather despertou sozinha. Não era a primeira vez nem provavelmente seria a última, mas esta era a mais devastadora de todas. Ao parecer o cansaço e o álcool não resultavam uma boa combinação para ela. Ou possivelmente era culpa de suas irmãs. Vê-las com seus noivos, contemplar o modo tão despreocupado em que se comportavam com eles tinha trazido a tona esse antigo desejo que não se decidia a morrer. Mas a realidade era que ela não era precisamente mimosa. Era prática, lógica e eficaz, e embora os médicos confiassem de que ela cumpriria suas ordens, e os pacientes em que atenderia a suas necessidades, ninguém pensava que ela também necessitava que a cuidassem.

Lisa e Robin eram o tipo de mulheres pelo que os homens se preocupavam. Tinha tentado por todos os meios que conservassem a ternura, que não tivessem que crescer muito rápido, e não se arrependia dos sacrifícios que tinha tido que fazer. O único é que algumas vezes sentia falta de sentir-se... feminina.

Estirou a mão sobre a cama, apertando a palma na esquina mais afastada, procurando alguma prova de vida. Os lençóis não conservavam o calor de nenhum corpo.

Agarrou o travesseiro, ficou de costas e a aproximou do nariz. Não ficavam restos do aroma do Wyatt. Aferrando-se ao travesseiro e fechando os olhos, aceitou a realidade. Não tinha ficado depois. Tinha tomado o que lhe oferecia e partiu. Como haveria feito qualquer pessoa sensata e racional.

—Merda, despertou.

Não teve que abrir os olhos para saber que Wyatt se encontrava na soleira observando-a. Pressentia-o.

—Se quiser, posso fingir que continuo dormindo. —Isso seria preferível a ser flagrada apertando o travesseiro contra o rosto, procurando sua fragrância como uma vaca apaixonada.

—Não —algo fez ruído ao cair ao chão.

— Não será necessário. Posso improvisar.

Soou outro ruído, mais próximo. Baixou o travesseiro o suficiente para ver o que fazia, bem a tempo de vislumbrar seu torso nu enquanto tirava a camisa. Isso sim que era um torso. Tinha conhecido a fisiculturistas que teriam matado para ter tanto músculo.

Mas ao mesmo tempo esses músculos não tinham a aparência tão artificial que resulta de levantar pesos. Eram compridos ao mesmo tempo que enxutos, e havia uma flexibilidade em seus movimentos que implicava que se utilizavam todos os dias. Não podia imaginar qual tipo de trabalho poderia causar algo como isso, mas se sentia agradecida igualmente. Ele a flagrou olhando-o e sorriu.

—Você gosta do que vê?

—Bastante. —Baixou o travesseiro mais, apertando-o contra seu peito. As mãos de Wyatt dirigiram-se ao zíper das calças. Ela se umedeceu os lábios.

—Se importa de me dizer o que está fazendo?

—Bom, o plano original era me ocupar de uns assuntos e voltar antes que despertasse.

—Mas?

Deixou-se os jeans postos. A braguilha entretanto estava desabotoada, criando uma pequena abertura que permitia dar uma olhada a essa misteriosa linha de pêlo que começava sob o umbigo e desaparecia na base do zíper.

—Demorei mais do que esperava.

Cruzou a habitação com a aparência de um predador, que essa manhã, de alguma maneira, via-se reforçada. Possivelmente era o modo em que a observava. Como se fosse sua primeira xícara de café da manhã e não pudesse esperar a prová-la. Ela se umedeceu os lábios de novo, com o olhar cravado no impressionante vulto que se notava sob os jeans. Esfregou-se uma coxa contra outra, comprovando se lhe doía algo. Não sentiu nada.

O futuro chefe pôs um joelho na cama. O colchão se afundou quando se aproximou dela com esse sorriso em seu rosto. Era devastador quando sorria assim. Maldita seja, a quem pretendia enganar? Era devastador e ponto. A mão do homem se deslizou sobre as suas sob os lençóis.

—Tentando recordar algo?

Vá por Deus! Resultava tão óbvio? Sentia que estava ruborizando, e de uma vez seu queixo se levantou. Se havia uma coisa que tinha aprendido durante todos esses anos é que a vergonha podia ser camuflada em frente o descaramento.

—Sim. E vejo que não consigo de maneira nenhuma.

Ele se pôs a rir, sem alterar-se pela acusação. Disse-lhe enredando os dedos no cabelo de sua têmpora:

—Então, suponho que terei que fazer algo a respeito.

Ela se apertou o lençol ao peito. Uma coisa era fazer com esse homem quando estava meio bêbada. Outra muito diferente considerá-lo quando estava sóbria e consciente do diferente que eram. Nos olhos dele havia todo um mundo de experiências que ela nunca poderia igualar. Uma experiência que ela não podia fingir que tinha.

—Antes do café?

Wyatt lhe jogou a cabeça para trás.

—Uhum.

Era capaz de lhe mover a cabeça tão somente com sua boca.

—Não é que seja uma pessoa que acorde cedo, sabe?

Seu fôlego lhe acariciou os lábios.

—Então acredito que terá que deitar e deixar que eu faça tudo.

Deus, que bem soava isso.

—Esse pequeno calafrio significa que está interessada?

Por que não? Ter um amante homem lobo funcionava a suas irmãs, e quando ia conhecer outro homem como esse que se interessasse por ela?

—Depois haverá café para mim?

Outra risada entre dentes se entre cocharam com sua carne em um sussurro do que poderia ser.

Minha mãe, inclusive seu fôlego matinal cheirava bem. Beijou-lhe a ponta do nariz.

—Já se está fazendo.

Heather pôs as mãos sobre a cabeça e as apertou contra o colchão.

—Então, faz comigo o que queira.

O homem roçou com o polegar sua têmpora, acariciou-lhe uma maçã do rosto e o deixou sob a mandíbula.

—Um cheque em branco. É muito valente para ser a primeira vez.

—A primeira vez? Quer dizer...?

—Carinho, quando faço amor eu gosto que a mulher esteja consciente.

—Menos mal. Estava-me sentindo extorquida.

Esta vez lhe beijou as pestanas. Fez-lhe cócegas. Teve que piscar. Ele tornou a rir e lhe apanhou o lóbulo entre os dentes. Conteve o fôlego. Fez-lhe esperar—um, dois, três segundos. Depois lhe mordeu, e a aguda sensação se lançou para seu centro, suavizando seus músculos.

Gemeu.

—Faz outra vez.

Assim o fez, mantendo a pressão, sustentando o prazer.

—É das que falam? — perguntou Wyatt.

—Importa-te?

—Não.

—Então sim.

—Bem.

Não foi a por seus lábios como ela esperava, mas sim desceu por seu pescoço. A jovem subiu o ombro. Ele riu e seguiu.

—Pare —disse Heather.

—Por quê?

—Faz-me cócegas.

—E?

Provou sua força abrindo as palmas contra seu peito.

—Não acredito que estejamos procurando a risada.

—Carinho, não há nada melhor que a risada na cama.

—Nem sequer um orgasmo?

Não podia acreditar a quão atrevida que se mostrava com ele, mas havia algo no Wyatt que a animava a tê-lo, convidava-lhe, a fazia sentir que era o natural.

—Por que me parece que te conheço de toda a vida? —disse ela.

—Porque nasceste para mim.

Disse-o da mesma maneira que Donovan e Kelon declaravam sua devoção por suas irmãs. Com a mesma serena certeza com a que afirmava que era um homem lobo.

Com tanta facilidade que não podia acreditar. As lágrimas lhe queimaram os olhos.

Arqueou o pescoço, facilitando a seguinte carícia, obrigando à tristeza a afastar-se, abrindo os braços à risada.

—Isso foi tenro.

Os lábios de Wyatt deixaram sua jugular. O ar parecia mais frio onde tinham estado.

Sua carne mais quente. Não pensou em resistir quando lhe agarrou o queixo entre o polegar e o indicador e lhe girou o rosto em sua direção.

—Se foi tão tenro, por que chora?

OH, merda, por que não resistiu? Girou a cabeça e lhe beijou no interior do pulso.

—Não necessito contos de fadas, Wyatt.

Esses olhos cor âmbar lhe estudaram o rosto. Nada de sua expressão traía seus pensamentos.

—O que necessita?

—Sinceridade.

—Não te menti.

—Vocês... Suas crenças são um pouco fantasiosas.

—Mas não impossíveis.

Também poderia lhe pedir que acreditasse que as nuvens eram de algodão.

—Não quero discutir.

—Nem eu.

—Quero fazer amor.

—Eu também.

—Então não há problema.

Exceto isso, não iam a nenhuma parte. Pensou-o durante um minuto e tomou uma decisão. Tinha passado muito tempo desde que a tinham abraçado. Desde que um homem tinha despertado seus hormônios. Era uma mulher adulta. Não necessitava um para sempre. Podia suportar uma relação de uma só noite. Arqueando as costas para que seus mamilos tomassem o calor de sua pele, fingiu uma careta.

—Só que o fogo se apagou.

O lençol se afundou enquanto ele entrelaçava os dedos com os seus.

—Hmm, isso sim que é um problema.

Voltou a fazer enlouquecer seus lábios com o batimento do coração de seu fôlego que saía com o ritmo de suas palavras. Heather inclinou a cabeça para trás, entreabrindo os lábios com um descarado convite.

—Não se você intervier.

Wyatt atirou do lençol. Não se moveu.

—Por que teria que fazer algo?

—Porque me prometeu que podia ficar aqui deitada e não fazer nada.

—Assim foi —outro puxão, e depois um sexy sorriso lhe chegou aos olhos.

— Mas para que eu tome o controle, terá que ceder um pouco.

—O que?

—O lençol.

OH, minha mãe, outra vez o estava apertando contra seu peito como uma virgem assustada. Soltou-o.

—Sinto muito. É sozinho que é um pouco entristecedor.

—Hmm —colocou sua mão direita sobre sua cabeça. Fez o mesmo com a esquerda, lhe cruzando os pulsos.

— Deixe-as assim.

—Por quê?

Impulsionou-se colocando seu grosso membro sobre a greta de suas coxas. Sua imaginação se lançou como uma locomotiva, deixando-a com a impressão de um batimento do coração que marcava o ritmo de seu pulso.

—Porque me excita.

Isso era suficiente para ela.

—Vale.

Ninguém a tinha sujeitado na cama, nem literal nem figuradamente.

A esquina direita do lábio do homem se elevou.

—Que amável.

—Estou tentando ser aventureira.

—Que sorte tive.

A moça afundou os calcanhares no colchão e apertou os quadris contra os seus.

A divina pressão de seu membro contra seus tenso clitóris se estendeu através dela em um maravilhoso prelúdio. Sentia-se bem. Muito mais que bem.

—Espero ser eu a que tenha sorte.

Wyatt agarrou os quadris de Heather entre suas mãos, afundando os dedos na suave carne que havia detrás. Fixou-se em seu traseiro imediatamente. Firme, bonito, com suficiente recheio para que um homem se sentisse a gosto.

—Não o duvide.

O gemido de frustração que Heather emitiu quando ele a empurrou para a cama de novo lhe arrancou outro sorriso. Era uma mandona, e as mãos que tinha sobre a cabeça

não faziam muito para inibir sua necessidade de controlar tudo. Perguntava-se quanto ia demorar para dar-se conta de que não lhe ia deixar nenhum poder.

Com outro puxão, o lençol caiu a um lado.

—É preciosa, carinho.

—Estou muito magra.

Sim, assim era, mas também era deliciosa, toda linha esbelta que pediam a carícia da mão de um homem complementada por curvas que lhe incitavam a ficar. Cobrindo um peito com uma mão, cruzou um olhar com ela.

—Não me parece magra.

Seus olhos cinza se cravaram nele tentando descobrir se mentia. Ele colocou o polegar sobre um mamilo com suavidade.

—E estes eu adoro.

—São muito grandes.

—Sim —adorava os mamilos grandes e ela tinha os mais bonitos que tinha visto na vida. Tão grandes como as gemas de seus dedos. O suficientemente grandes para capturá-los com facilidade em sua boca. Também para desfrutar deles durante todo um dia.

— São perfeitos.

—De verdade?

Wyatt reconhecia uma provocação quando a ouvia. Enquanto lhe acariciava a torcida ponta com o polegar lhe fazendo estremecer-se, sorriu-lhe.

—Quer que lhe demonstre isso?

Ela se mordeu o lábio inferior observando seu polegar com um desejo que lhe arrancou um rugido do peito.

—Sim.

Outra roçada de seu polegar, outra sacudida de seu corpo.

—Seus seios são muito sensíveis.

A jovem seguia observando o polegar.

—Sim.

—Alguém te tem feito gozar sugando estes preciosos mamilos?

Heather lhe lançou um olhar e depois negou com a cabeça.

—Não. Normalmente estão mais preocupados com outras coisas.

Não era difícil imaginar-se quais eram essas outras coisas. Com uma boca como essa não podia existir nenhum homem que não a quisesse sobre seu membro logo que fosse possível. Com essa predisposição a agradar e sua atitude dominante, somente lhe custaria uma indicação e ela voltaria a retomar o controle, assegurando-se de que seu companheiro ficasse feliz, mas esquecendo-se do mais importante: dar-se tempo para desfrutar também do encontro.

—Já o suponho.

Wyatt ficou de costas, arrastando-a com ele. Seus cabelos lhe cobriram, deslizando-se por seus flancos. Esta vez foi ele quem se estremeceu. Deu-se conta de que não lhe tinha passado por cima o traiçoeiro movimento, pois a viu entrecerrar os olhos.

—Te ajoelhe.

Tirou seu membro e o colocou apropriadamente. Deteve-a antes que ela pudesse acomodar-se em cima.

—Não. Espera.

—A que?

Era tão inocente em alguns aspectos...

—A que eu possa me deleitar com a vista.

E era uma vista preciosa. Seu delicado torso, seus seios suspensos como fruta amadurecida, seu membro, duro e excitado entre suas próprias pernas, elevando-se para o ardente calor de sua vagina. Agarrou seu pênis e o elevou. A grossa cabeça empurrou com suavidade as dobras rosadas, entreabrindo-as, mantendo-as separadas enquanto preparava para afundar-se em seu poço e penetrar nessa ardorosa calidez.

—Merda.

Ela o observava com olhar calculista.

—Você gosta.

Sim, sim que gostava, mas agora não iam por esse caminho.

—Sim, eu gosto, e depois poderá me mostrar sua gratidão adequadamente.

Ela começou a descer ligeiramente.

—Gratidão por quê?

O movimento do homem foi instintivo. Uns músculos tão delicados como o resto dela começaram a abrir-se quando ele empurrou para cima. Passou-lhe uma mão pelo pescoço para atrair seu rosto para si, tomando sua boca com desejo, investindo-a com sua língua, lhe dando o suficiente jogo para que pudesse esfregar-se contra ele, mas nem tanto para conseguir entrar. Quando já não podia resistir sem tomar fôlego, quando a notou tensa sobre ele, com sua paixão natural reforçada pelo afrodisíaco que se estendia por seu corpo, cortou o beijo e apanhou seu mamilo com os dedos. Manteve seu olhar enquanto o apertava ligeira e firmemente.

—Por te dar seu primeiro orgasmo de peito.

Ela emitiu um som agudo.

—Tomarei esse chiado como um sim, assim traz aqui esses preciosos seios.

Gostou de não ter que dizer-lhe duas vezes. Gostava do modo em que se lançava a essa experiência. Como não permitia que suas inseguranças lhe impedissem de obter o que desejava. Desejava esse orgasmo.

Quase tanto como ele queria proporcionar-lhe Wyatt adorava dar prazer às mulheres.

Apaixonava-lhe ver como gozava, o momento no que lhe confiavam sua segurança, quando seu controle desaparecia, mas com Heather era muito mais.

Com ela tudo era mais íntimo. Mais profundo, mais conectado. Cada suspiro, cada movimento de seus músculos encontrava um eco em seu interior, levava seu desejo e seu controle até o limite, alimentava as chamas de sua paixão. O fazia arder.

—Estamos de acordo?

Seu seio se balançou sobre sua boca, esse mamilo rosado e inchado se abatia sobre ele, mas não estava tão duro como deveria estar. O estaria. Ela afastou o cabelo do rosto com um movimento da cabeça. Como sua proprietária, tinha seu caráter, e se empenhava em cair sobre seu ombro e seu rosto, ocultando-os depois de uma cortina de desejo.

Wyatt não podia esperar mais.

—Vem aqui, porra.

Não lhe deixou outra opção, pois posou uma mão sobre suas costas. O modo em que Heather observava como seus lábios se fechavam sobre seu mamilo era uma carícia em si mesmo.

O túrgido casulo se inchou enquanto ele o sugava lenta e delicadamente, incrementando gradualmente a pressão até que ouviu o ofego entrecortado que dizia:

—Assim, assim.

O sugava, mordiscava e lambia. Ela gemia, retorcia-se e se apertava contra ele, convertendo o desejo do homem em um torvelinho com o açoite de seus cabelos, a fresca fragrância de sua paixão, a naturalidade com a que se dava. Trocar de seio foi todo um sacrifício; a breve separação lhe arrancou outro rugido de seu peito. Em sua cabeça só havia um pensamento: dele, dele, dele.

Heather lhe respondeu com um rugido próprio. O fino e primitivo som atravessou todos os limites de seu controle e chegou a outra dimensão. Tombou-a, mantendo sua boca contra seu seio, investindo-a com seus quadris enquanto ela se pegava a seu membro e sua mão o apertava contra seus seios, enquanto desesperados e roucos gemidos saíam de seus lábios.

Merda, não ia poder suportá-lo. Não ia durar, mas tinha que esperá-la. Se o tinha prometido. Os quadris de Heather se moviam sobre os seus, deslizando sua vagina sobre a crista de seu membro, lhe banhando em sua essência, alagando a habitação com a rica essência de seu iminente orgasmo.

Suas presas se alargaram e palpitararam. Os hormônios encheram as glândulas debaixo da língua dispostas para marcar. Agora! O pensamento o atravessou como um raio. Agora!

Apanhou um mamilo com as presas, arqueando as costas, acoplando seu membro contra seus clitoris. Mordeu-lhe, justo o suficiente. Ela gritou seu nome. Seu torso se cravou na palma de sua mão e sua vagina se aferrou a seu pênis com ardor desesperado.

A jovem tentou separar-se. Ele não a deixou. Em troca, transferiu sua atenção ao outro seio, repetindo o procedimento, lhe lançando a uma nova quebra de onda de êxtase antes de subir seus quadris e obrigar a descer a sua tensa vagina sobre seu membro, investindo-a, rugindo quando ela tentou retirar-se, apertando seu mamilo, mantendo seu

prazer em suas mãos enquanto seu canal se apertava como um punho em torno dele e seu grito soava em seus ouvidos.

—Wyatt!

Devagar. Tinha que ir mais devagar, mas não podia. Ela era muito pequena, muito estreita. Necessitava-a, necessitava-a por completo. Soltou-lhe os seios sossegando seu seguinte gemido com sua boca, respirando profundamente enquanto seu pênis se afundava em seu interior. A jovem se estremeceu contra ele. Ele a empurrou, elevando-a a frente com seus quadris, empalando-a com seu membro durante uns segundos, sem deixá-la descansar nem descer, beijando-a com força e profundidade, enquanto lhe apertava os quadris.

—Te prepare, céu.

Em qualquer outro momento se haveria sentido preocupado por seu aturdido olhar, mas nesse instante, somente podia pensar em marcá-la com sua boca, sua semente. Elevou-a e a deixou cair de novo com força, assentando o ritmo, lhe ordenando que o mantivesse.

Dando-lhe ligeiros açoites nas nádegas quando o fazia, mais fortes quando se retorcia e gemia, levando-a cada vez mais alto com cada investida, com cada palmada, até que ela gritou e caiu para frente. Finalmente ele se deixou levar e explodiu em seu interior, apertando-a contra ele com seu último suspiro de consciência, abraçando-a enquanto os cabelos da jovem se estendiam sobre ambos e suspirando com satisfação falou:

—Minha.

Capítulo 7

Merecia que lhe dessem um bom pontapé no traseiro. Wyatt riscava círculos com o Carl no ring, procurando uma oportunidade. O homem mantinha seu braço direito muito afastado, tinha o ombro muito levantado. Quando chegasse o momento, custaria-lhe.

—Uma amante humana —se burlou o lobo. Não é que fosse um insulto do mais original, mas a verdade é que Carl tampouco o fosse muito. Era um Beta convencido, leal às tradições, mas muito mais a seu primo, Cam.

—É cedo, Carl. Se for falar enquanto brigamos, que seja interessante, por favor.

Seu adversário cuspiu a um lado.

—Você não me dá ordens.

—Por isso estou agradecido.

—Que lhe dêem.

—Não, obrigado.

Carl se equilibrou sobre ele.

Wyatt bloqueou o ataque com facilidade, apartando o de um murro no estômago.

A expressão do outro homem revelou sua surpresa.

O futuro chefe sorriu, sentindo como a adrenalina subia em seu interior.

—O que acontece, Carl? Acreditava que ia ser tão fácil?

Tinha todo o direito do mundo a esperar que assim fosse. As provocações da semana passada tinham sido programadas para debilitá-lo sistematicamente. Cam não havia planejado que o amor verdadeiro do Wyatt aparecesse de repente nem que este a reclamasse.

Não tinha contado com que isso lhe fizesse recuperar sua energia.

Houve murmúrios dos homens lobo macho que formavam o círculo a seu redor.

Homens lobo que seriam testemunhas dos resultados. Amigos com os que tinha crescido, aos que se esperava que matasse se lhe desafiavam.

Carl grunhiu e arremeteu contra ele, tirando as garras. Wyatt encolheu o estômago e retrocedeu de um salto. Os dentes se fecharam a escassos milímetros de seu rosto. Merda, seria melhor que se concentrasse no que estava fazendo. Wyatt catapultou ao outro homem lançando-o por cima de sua cabeça, que se incorporou a suas costas. Teve sua oportunidade nesse momento, antes que seu oponente se voltasse. Com a cabeça inclinada, a nuca do Carl apresentava um alvo fácil. Tudo o que Wyatt tinha que fazer era lhe golpear na base do pescoço, lhe rompendo a coluna vertebral, e tudo haveria terminado. Tomou impulso com o braço, deixando que o calor da batalha lhe fizesse esquecer-se de suas dúvidas. Isso tinha que terminar. E só o conseguiria dando morte a alguém.

Uma exclamação entrecortada chamou sua atenção. Pela extremidade do olho, viu a companheira do Carl, Fiona, de pé a um lado, com os braços cruzados e a expressão impassível. Uma boa fêmea lobo da que seu casal podia sentir-se orgulhoso, enfrentando a sua morte com o queixo erguido e agonia em seus olhos. Seu olhar desceu a seu ventre, inchado pela gravidez. O calor da batalha começou a esfriar-se. Maldita seja.

Wyatt atrasou a decisão um segundo, o suficiente para que Carl se girasse e lhe atirasse um murro no ombro. Fingindo tropeçar, fez-lhe cair junto a ele, grunhindo na orelha do Carl:

—Não me obrigue a te matar.

Carl voltou a cabeça, e no mais profundo de seu olhar se lia a fúria e a confusão. Com um empurrão do ombro, tirou-se de cima ao Wyatt. A dor explodiu no estômago deste. Cambaleou-se pela força do golpe. Umas mãos lhe sujeitaram os ombros.

—Pode-se saber o que está fazendo, Wyatt? Acaba com ele —lhe espetou Donovan, empurrando-o para o ring.

Wyatt se desfez das náuseas.

—Estou-o tentando.

—Pois faça mais rápido. Não pode permitir a perda de energia que te está causando o baile.

Sabia, igual sabia que se matasse ao Carl a mulher que tinha permanecido a seu lado a noite depois da morte de sua mãe, lhe agarrando a mão enquanto a dor lutava por fazer-se com ele, lhe oferecendo a compaixão que um Alfa se supunha não necessitava, ficaria sem seu companheiro e seu filho sem seu pai. Tudo porque a tradição sustentava que o melhor líder não era o mais inteligente nem o mais compassivo, nem sequer o que mais o merecia, a não ser o que mais sangue derramasse. Uma tradição que requeria que matasse ao Carl ou morresse. Uma tradição, que conforme percebia nos duros olhares dos machos que lhe rodeavam, esperava-se que cumprisse.

Olhou a Fiona de novo, observou como seu controle se fazia pedaços na forma de uma única lágrima. Viu a aceitação da eleição que já não tinha. Ou matava ao Carl ou a manada mataria a ele. Entretanto, ainda duvidava.

Pela extremidade do olho, viu o ataque de seu oponente. Mais rápido do que havia pensado, a rãs do chão. Saltou para trás muito tarde. O único que lhe salvou de que abrisse as tripas, foi a contração de seu estômago no último minuto. Não foi suficiente para salvá-lo. A agonia se elevou em uma quebra de onda ardente, lhe bloqueando temporariamente a visão. Ouviu o alarido de uma mulher, o grito de Kelon e de repente todos pareciam haver-se posto em movimento, camuflando o único som que precisava localizar. E quando o som de um golpe mortal chegou assobiando através do ar a suas costas, foi muito tarde para poder defender-se.

—Bom, como é?

Heather trocou de posição na dura cadeira da cozinha, tentando discretamente aliviar a pressão sobre a carne deliciosamente irritada de entre suas pernas e evitar a pergunta de Robin ao mesmo tempo. Pelo olhar que lhe lançou Lisa não estava tendo muito êxito.

—Como é quem?

Robin pôs os olhos em branco.

—Wyatt.

Lisa estendeu a Heather uma xícara de café e aproximou uma cadeira à pequena mesa quadrada que havia no meio da agradável cozinha.

—Pessoalmente, sempre pensei que Wyatt seria fantástico na cama. Além de ser sexy como ninguém, tem esse ar de menino mau encantado de te fazê passar um bom momento.

O aborrecimento lhe pegou de surpresa ao Heather. Tomou um gole de café, agradecida de que queimasse-lhe a língua. Distraiu-lhe o suficiente para manter seu tom de voz calmo.

—Fantasiaste a respeito de como seria Wyatt na cama?

Robin se pôs a rir.

—Não acredito que haja nenhuma mulher que o tenha conhecido que não o tenha feito.

—Você também?

—Claro, ainda não estou morta.

Isso fez que Heather a olhasse de novo, não só porque não estivesse acostumada a falar com suas irmãs desses temas, mas sim porque o aspecto de Robin não tinha nada que ver com o de uma morta essa manhã. Em suas bochechas havia cor e lhe notava com uma energia que não tinha tido fazia anos.

—Já vejo. Como te encontras ultimamente?

—Bem, e não mude de assunto —Robin se deixou cair sobre a cadeira do outro lado da mesa.

—Como foi?

—Sim. Conta.

Selvagem. Descarado. Perfeito.

—Esteve bem.

—Senta-se aí tão tranqüila e quer nos fazer acreditar que somente esteve bem?

O rubor que lhe cobriu as bochechas era impagável.

—Sim.

Lisa soprou.

—Mentira.

—É uma pena que tivesse que ir brigar esta manhã, porque se não, haveria de experimentar além disso, os benefícios dele lhe acalmando.

—Como?

—OH, Deus —Lisa quase se derretia sobre a cadeira.

— Adoro que me acalme.

Heather sentiu que lhe tinham enganado com algo importante.

—O que é isso?

Sua irmã pequena tinha o mesmo olhar sonhador nos olhos.

—É quando seu homem te compensa por quão duro foi a noite anterior.

A mulher se limitou a olhá-la sem saber o que dizer.

—Além de um afrodisíaco, na saliva também têm elementos curativos — explicou Lisa.

—Que aplicam —Robin levantou as sobrancelhas— com a língua.

Heather não pensava que isso fosse possível, mas as bochechas lhe arderam ainda com mais força.

—Entregam-se muito a essa tarefa —comentou Robin, com um sorriso maroto.

—Pois sim. Se por acaso não o notaste, os lobos se dedicam totalmente a seus casais.

—Casais? Quem está falando de casal? —Não quis entrar no de lobos.

— Hei passei uma noite com um homem atraente. Nada mais.

Lisa franziu o cenho levando a mão ao ombro.

—Não me irás dizer que depois de te fazer gritar assim, Wyatt não te marcou?

—Ouviste-me gritar?

—Céu —repôs Robin com um suspiro—, todo o povo te ouviu gritar.

—Sorriu e escondeu o rosto detrás da xícara.

— E a verdade é que inspirou muito ao Kelon.

Sua irmã maior estava disposta a meter-se em um buraco logo que encontrasse um e a não sair jamais.

Lisa seguia com o cenho franzido.

—Donovan estava seguro de que te tinha marcado.

Dizia-o como se seu companheiro tivesse a última palavra em tudo.

—Odeio ter que lhe dizer isso, mas Donovan não é infalível.

—Não está me dizendo nenhuma novidade, mas é impossível que Wyatt te reclamasse tão publicamente te colocando em sua casa se suas intenções não fossem sérias. E não só isso, Donovan não o teria permitido. Os homens lobo são um pouco antiquados quanto ao que se refere as mulheres.

—Possivelmente o fato de que seja humano tenha tido algo que ver para romper o protocolo.

Não gostava de pensar em que Wyatt a via como um pouco menos respeitável porque não compartilhava sua fantasia, mas a verdade é que tampouco gostava que se considerasse um lobo.

—E o que significa marcar? —embora não queria reconhecê-lo, incomodava-lhe que fosse o que fosse, Wyatt não tivesse considerado que o merecia.

—Quando um homem lobo encontra a seu amor verdadeiro, morde-a de uma maneira determinada. Deixa uma marca que os mantém unidos.

Isto se estava voltando cada vez mais ridículo. Não pôde evitar a secura de seu tom.

—E vocês duas estão “marcadas”.

Robin olhou a Lisa. Lisa a Robin. Descobriram os ombros. Em cada uma delas, justo à direita do lugar onde o pescoço se unia com o ombro, havia uma ligeira descoloração sob a brancura de sua pele, apenas visível, cambiante sob a luz.

—Só é um roxo.

Como nenhum dos que tinha visto e em suas duas irmãs igual. Um calafrio a percorreu as costas. Isto cada vez lhe resultava mais inquietante.

—Um roxo que se esquenta quando seu companheiro está perto e que te pode dar um orgasmo se lhe empresta a suficiente atenção? —Lisa negou com a cabeça.

— Parece-me que não.

—Está segura de que Wyatt não te marcou? —perguntou Robin.

Heather afastou a um lado o pescoço de sua camisa rosa fúcsia. Os rostos de suas irmãs se obscureceram. O “OH” do Robin resumiu a decepção de ambas.

Lisa franziu o cenho.

—Donovan não vai gostar.

—O que importa a ele?

—É minha irmã; sente-se responsável por você.

—Outro lado dessa mentalidade arcaica que parece ter?

Sua irmã se encolheu de ombros.

—Acaba te acostumando.

—Tanto que não lhe deixa que se troque frente a você?

Lisa sorriu abertamente.

—O que diz? Eu lhe deixo que se dispa tudo o que queira.

—Isso não é o que queria dizer.

A outra suspirou.

—Sei. É somente porque que não estou preparada para isso.

A tensão de seu rosto despertou a má consciência em Heather. Levava cuidando de suas irmãs a maior parte de sua vida. O instinto de procurar que tudo saísse bem não apagava-se tão facilmente. Pôs sua mão sobre a de Lisa.

—Por que não quer aceitar a verdade?

—Porque não podia aceitá-la antes.

—Mas agora está preparada?

—Sim. Uniu sua vida à minha. Parece um pouco bobo andar-se com rodeios.

Robin lançou uma exclamação entrecortada.

Heather a olhou rapidamente. Ela não se deu conta. Olhava fixamente a Lisa.

—O que significa isso exatamente? —perguntou Heather sem lhe tirar os olhos de cima a sua irmã pequena.

—Que se morrer, me seguirá imediatamente.

Robin ficou branca. Seu “como??” anulou o bufo de incredulidade de Heather.

O que?

—Como o fez?

—Fez-se um corte na mão, pô-la sobre minha marca e disse” Minha alma é tua, nesta vida... “

—E na seguinte. Estamos unidos? —terminou Robin, com tom preocupado.

—OH, Deus —exclamou Lisa.

—Kelton...? Mas ele sabe que vai morrer.

—Como pôde? —Robin olhou a suas irmãs com incredulidade e horror nos olhos.

—Como pôde me fazer isto?

Lisa, em cujo rosto se lia também a incredulidade e a compaixão, sacudiu a cabeça.

—Quer-te.

Robin ficou a tremer e empurrou a xícara de café. Esta se cambaleou e caiu no chão.

Ninguém se inclinou para recolhê-la.

—Tem que me querer mais que isso. Tem que viver.

Quando a sua irmã chegar o momento, não estará sozinha.

A solene promessa de Kelon a Heather cobrava agora uma nova dimensão.

—Possivelmente não é verdade —repôs Heather com voz tremente.

Robin cravou seu olhar nela.

—Vi-o transformar-se, Heather. Salvou-me a vida como lobo. Vi como voltava a transformar-se em homem. Casamos com homens lobo. Não os que saem nos filmes de medo, a não ser os de verdade. É para sempre, e toda a lógica do mundo não vai poder trocar isso.

—Estava anestesiada. Está segura...?

—Está-o —interveio Lisa cortantemente.

Heather mordeu a língua antes de responder, não só porque não era o momento de ficar discutindo, mas sim porque os limites entre o que acreditava e o que não, estavam se voltando difusos para ela também. Queria poder acreditar que um homem era capaz de tanta devoção, que a ela também podiam amar assim.

—Possivelmente se possa reverter. As coisas nunca são tão extremas.

Era tudo o que lhe podia oferecer.

—Isso é verdade —a apoiou Lisa.

—Inclusive nos melhores contos de fadas, sempre podem se desfazer os feitiços. O que temos que fazer é encontrá-lo e lhe obrigar que o faça.

—E se não quiser?

Heather olhou um momento a sua irmã, observando as grandes lágrimas que se derramavam por suas bochechas. Não é que resultasse muito bonita quando chorava, mas era muito efetiva.

—Então o olhará tal e como está agora e o pedirá de novo.

Capítulo 8

Não foi difícil encontrar os homens. Estavam com todos outros, formando um círculo ao redor de um espetáculo que estava tendo lugar no centro do povo. Heather supôs que era uma luta, mas lhe resultou estranho que não se ouvissem gritos de ânimo. Robin correu para a parede de largas e musculosas costas chamando a gritos ao Kelon. Ele saiu de entre a multidão com uma pistola na mão, o cabelo flutuando a suas costas, com um aspecto mais perigoso que qualquer imagem que Hollywood tivesse podido criar. A jovem não se deteve, mas sim se lançou a seus braços. Ele a agarrou, e a apertou contra si, lhe jogando a cabeça para trás enquanto franzia o cenho.

Heather a tinha seguido mais devagar. Sabia o que lhe estava perguntando, mas embora não pôde escutar a resposta de Kelon, o modo em que sua irmã começou a lhe golpear sobre o peito o deixou muito claro.

A seu lado, Lisa sussurrou:

—Maldita seja.

Embora havia dito a si mesmo que não acreditava em nada do que estava acontecendo, Heather sentiu que as lágrimas lhe amontoavam nos olhos. Quão último Robin desejava era ser um peso para alguém e sempre viu a si mesma assim.

—Não parece que haja saída.

Uns quantos homens estavam olhando por cima do ombro o espetáculo que Robin estava dando, mas fosse o que fosse que estivesse acontecendo dentro do círculo, tinha muito mais puxão.

—Saíamos daqui. Não acredito que por aqui estejam muito bem vista este tipo de cenas.

—O que te faz pensar isso?

Heather indicou com o queixo a um grande homem lobo com uma mecha cinza no cabelo.

—O olhar que acaba de lançar ao Kelon esse homem.

—Pode engoli-lo se quiser.

A resposta era tão típica de Lisa, que Heather não pôde evitar sorrir.

—Já vejo que estar casada com um homem lobo não te suavizou de todo o caráter.

—Donovan tem certas esperanças a respeito.

—Suponho que as terá que engolir também.

—Sim —lhe devolveu o sorriso com dificuldade.

— Suponho que sim.

Estava olhando a Kelon e sua irmã.

—A quer de verdade, sabe?

Era impossível não dar-se conta desde tão perto. O amor resultava evidente na maneira protetora com a que o grande homem abraçava a sua irmã, em como seus dedos acariciavam-lhe suas bochechas manchadas de lágrimas. Foi especialmente óbvio quando inclinou a cabeça para ela, lhe cobrindo o rosto com seu cabelo, ocultando-a da vista dos demais e lhe sussurrou:

—A decisão já está tomada. Não tem por que chorar. Robin lhe passou uma mão pelos ombros.

—Eu desejava que você vivesse.

Seu companheiro lhe beijou o cocuruto.

—E eu desejo viver sozinho contigo. Parece que nós dois vamos conseguir o que queremos.

—Isto não é o que eu queria.

Ele pegou a frente à sua.

—Mas sim o que eu queria. Não o duvide nunca.

—Acredito que vou chorar —disse Heather.

Lisa a olhou, com lágrimas nas bochechas.

—Você nunca chora.

Heather se secou as lágrimas.

—Bom, pois já era hora.

Kelon levantou o olhar, viu as lágrimas e negou com a cabeça. Com um último beijo na bochecha, empurrou Robin para elas.

—Vão pra dentro. Este não é um lugar seguro, e agora mesmo não posso lhes proteger.

—Nos proteger do que?

—A briga.

—Essa Vera ainda tem esperanças?

—Oxalá fosse isso.

—Por quê?

Ouviu-se um murmúrio entre a multidão.

—Agora não tenho tempo para explicações. Tenho que voltar com o Wyatt.

—Isto —Heather assinalou às pessoas que formava uma barricada humana— é por Wyatt?

—Desafiaram-lhe outra vez. Parece que estão decididos a lhe mandar de volta ao princípio de todos os tempos.

Tinham-no desafiado. Recordava o rosto que levava a noite anterior, o sangue, as feridas. Por muito que fosse um homem lobo, haveria um momento em que as feridas seriam muitas.

—É perigoso?

—Os desafios só terminam com a morte.

Com a morte? Wyatt se encontrava em meio a esses bárbaros lutando a morte e ela estava se emocionando pelo modo em que Kelon tocava a sua irmã?

Heather jogou a um lado os homens ao redor, ignorando os gritos de Kelon, dando todas as cotoveladas e empurrões que fossem necessários para fazer que esses gigantes dessem-se conta de que queria passar. Um pouco mais pra dentro do círculo, encontrou-se com umas quantas mulheres. Eram mais difíceis de mover que os homens, mas quando Vera se interpôs em seu caminho, Heather perdeu a paciência. Deu-lhe o pisão mais forte que pôde, e enquanto a mulher lobo saltava morta de dor, Heather penetrou por debaixo dela e passou entre a multidão, com o estômago revoltado pelas náuseas e a preocupação, já que agora sabia o que significavam esses golpes tão estranhos. Punhos chocando-se contra carne. Possivelmente o corpo do Wyatt. Porque seguiam lhe desafiando a morte. Como era possível?

Wyatt se encontrava dentro do círculo com outro homem. Provavelmente não estava bem sentir-se aliviada, mas não estava sangrando. O outro homem sim. O sangue empapava sua camisa e suas mangas. Mas não parecia que isso o estivesse detendo. A um lado, uma mulher soluçava, e o som era mais dilacerador já que era o único protesto. Estava grávida. Muito grávida. E seus olhos não se separavam do homem que se enfrentava a Wyatt. Este também olhou à mulher, duvidou, e nesse segundo o homem lhe atacou, arremetendo contra ele, lhe atirando um golpe com —o OH, Meu Deus— umas enormes garras.

Heather ficou apanhada em um grito de advertência na garganta. O sangue saía disparada em todas as direções. Wyatt se cambaleava sobre seus joelhos, aturdido.

O outro homem rugiu um terrível som. No próximo segundo se deu conta de três coisas ao mesmo tempo: Wyatt se encontrava gravemente ferido, ninguém ia ajudar-lhe e o outro homem se dispunha a lhe matar.

A raiva liberou o grito de sua garganta. Arrancou-lhe o rifle das mãos do homem que havia a seu lado. Equilibrou-se sobre o desconhecido lhe golpeando no rosto com a arma. A força do golpe lhe vibrou por todo o braço. O oponente de Wyatt agarrou o rifle com um rugido que lhe fez estremecer-se e inspirou outro grito, esta vez de terror. Houve uma explosão e imediatamente sentiu uma dor aguda no quadril. Alguém a levantou; se deu a volta, lhe cravando as unhas no rosto.

Sacudiram-na duas vezes, com tal força que os dentes lhe tagarelaram. A arma caiu no chão.

—Te tranquilize, Heather —Donovan deu uma olhada a seu redor, sujeitando-a em alto.

—O desafio se cancelou.

—O desafio é a morte —exclamou um homem de mandíbula quadrada em um extremo do círculo.

—Se quiser que seja sua morte —lhe respondeu Donovan deixando-a no chão, mas sem soltá-la—, te atreva a contradizer a um Protetor.

—Aceita minha decisão, Carl?

—Não, não a aceita. Venceu ao Alfa. O título é dele.

—Te cale, Cam.

Carl olhou a seu redor, com as costas bem reta e uma expressão encurralada em seus olhos. A mulher grávida se cobriu a boca com as mãos e negou com a cabeça.

—OH, não. Não.

Carl observou ao Cam, ao Donovan e ao Wyatt, que se tinha posto em pé cambaleando-se. O sangue brotava a fervuras da ferida. Heather se retorcia violentamente nos braços do Donovan. Tinha que chegar até o Wyatt.

—Me deixe no chão.

—Mantenha sua posição —lhe ordenou Cam com um grunhido a seu primo.

Carl negou com a cabeça e retrocedeu um passo.

—Te renda —murmurou Donovan.

Carl retrocedeu outro passo. Wyatt se cambaleava sem remédio e Heather não entendia como podia manter-se em pé sequer. Deslizou-se fora das mangas de seu casaco, saltando ao chão enquanto Donovan lançava um juramento sujeitando o objeto vazio. Tão logo como esteve o suficientemente perto, Wyatt a atraiu para si, rugindo para os homens que havia ao redor e plantando-se com firmeza no chão.

Apartou-lhe as mãos.

—Deixa de fazer tolices, quero ver essa ferida.

—Volta para a casa.

—Só se você vier comigo.

—Não posso até que isto esteja terminado.

Minha Mãe, de verdade pensava que ia seguir lutando? A escopeta se encontrava a meio metro. Recolheu-a, com o fôlego entrecortado pelo arranhão do quadril, escapando das mãos do Wyatt, algo que não poderia ter feito se não estivesse ferido, apontou com a arma ao Carl.

—Já está arrumado, verdade, Carl?

O homem deu uma volta sobre si mesmo apertando os dentes. Sua forma pareceu desdobrar-se, voltar-se imprecisa.

Ouviu-se um estranho rangido quando caiu ao chão em quatro patas, e então já não era um homem a não ser um lobo. Com pêlo e presas.

A Heather caiu a escopeta das mãos.

Capítulo 9

Sou um homem lobo.

Heather negou com a cabeça, piscando. Os homens se aproximaram e ela começou a empreender golpes a torto e a direita.

—Calma.

Donovan. Era Donovan. O alívio se chocou contra a realidade. Ele também dizia que era um homem lobo. Empurrou-o e retrocedeu, somente para topar-se com o Kelon. Outro homem lobo.

Estava rodeada. E frente dela, Wyatt estava sangrando.

—OH, Meu Deus.

—Agora não é o momento de derrubar—lhe espetou Donovan.

—Agarra isto —grunhiu Kelon lhe devolvendo a escopeta. Passou o braço do Wyatt por seu ombro.

— Se alguém tratar de nos seguir, dispare.

Com seu humor atual, isso não seria um problema.

—Encantada.

Donovan levantou uma sobrancelha em sua direção enquanto agarrava o outro braço de seu primo, levantando-o junto com seu irmão.

—Está-te sentindo hostil?

Tudo o que Heather podia ver era que o sangue empapava o que ficava da camisa do Wyatt antes de derramar-se em brilhantes atoleiros vermelhos sobre a neve suja.

—Muito.

—Então possivelmente estaria bem que tirasse a trava —lhe sugeriu Kelon.

Comprovou a lateral da escopeta.

—Isto?

—Isso.

Ouviu passos a suas costas. Tirou a trava de um tapa e girou sobre seus talões disparando às cegas.

—Merda —Cam se sujeitou o ombro.

O sangue lhe emanava entre os dedos. Ela voltou a levantar a arma, lhe apontando ao peito.

—Suma daqui agora mesmo.

Ele não se moveu.

—Baixa a escopeta.

—Significam algo para você as palavras nem o sonhe e vai pro inferno?

—Significa que necessita que lhe dêem uma lição.

Heather apertou com mais força a escopeta.

—Ou possivelmente que tenho que apontar melhor.

Ouviu uma risada entre dentes a suas costas. Wyatt. Em lugar de mover-se havia ficado ali apreciando seu sarcasmo. Estava claro que quando tudo acabasse, tinham que falar, e muito seriamente.

—Se não quer ter que respirar pelo umbigo, Cam, sugiro que faça o que diz minha companheira.

E ela agradeceria ao Wyatt que fizesse o que lhe haviam dito. Cada vez lhe pesava mais a escopeta e se estava pondo dos nervos.

Cam fez uma careta de desprezo.

—É humana. O que pode fazer?

Como seguisse assim, o ia comprovar.

Estava-se cansando de todas essas panaquices “de ver quem é mais macho”.

Olhou por cima do ombro ao Wyatt lhe dizendo com brutalidade:

—Deixa os sarcasmos para mais tarde e vai com o Kelon e Donovan pra dentro. E você —apontou de novo ao Cam— fecha a boca.

—Não aceita a verdade? —perguntou-lhe o homem lobo, com seu tom zombador.

—Não, mas me estão cansando os braços. E antes que caia a escopeta, te vou fazer um buraco, assim possivelmente queira considerá-lo enquanto está falando comigo.

—Acredita que vais poder com um lobo?

Posou com força o dedo no gatilho.

—O que acredito é que posso fazer o que tiver que fazer, e se esta bala não te matar, estou segura de que te fará parar o suficiente antes de que um desses dois —assinalou com o queixo aos amantes de suas irmãs— acabem contigo.

—Não lhe falta razão —interveio Wyatt com sarcasmo. Isso foi a gota que encheu o copo.

—Te cale, Wyatt e volta para casa.

Este não lhe fez nem caso e seguiu provocando ao outro homem como se o rifle não pesasse cada vez mais a cada segundo.

—E se não quer te sentir totalmente humilhado frente de todos seus companheiros de manada, sugiro-te que se retire antes de que te prove que pode contigo.

—Só é uma mulher.

—É minha mulher e basta.

—É débil.

—Mas cada segundo que passa me sinto mais forte.

—Eu não —interveio Heather, se por acaso interessava a alguém.

Cam rugiu de uma maneira que lhe fez sentir-se muito humana, muito frágil. Muito ameaçada.

Wyatt lhe devolveu o rugido.

—Vem aqui, Heather.

—Não.

—Faz o que te digo.

—Só obedeço ao Donovan. —E este lhe havia dito que ficasse onde estava e que se mantivesse firme.

—Uma mulher lobo só obedece a seu casal.

—Então, que má sorte para você que eu seja humana.

Os antebraços lhe abraçavam. O rifle tremia.

—Maldita seja, Wyatt —grunhiu Kelon.

—Vamos.

—Não sem a Heather.

—Agora.

Ouviu-se um horrível rugido, o som de uns corpos caindo ao chão e depois um braço lhe agarrou pela cintura empurrando-a para trás. Apertou o gatilho. A escopeta se disparou.

Cam se atirou ao chão, agachou-se e pareceu como se fosse a lançar-se sobre ela. A multidão que se reunia se dissolveu. Ela disparou de novo enquanto a levavam.

A bala foi parar junto ao grande homem lobo. Este se fez a um lado. O olhar de assombro que pôs lhe fez muito bem a seu ego.

—Toma, chauvinista filho da puta!

A emoção do perigo lhe devia estar afetando, porque seus mamilos se haviam inchado e quase lhe doíam de tensos que se puseram por nenhuma razão aparente, enquanto Wyatt a arrastava.

—Tira a arma —lhe grunhiu este ao ouvido.

—Não.

Kelon lhe tirou a escopeta da mão. Donovan se colocou frente dela e seu irmão ficou imediatamente detrás dele. A largura de seus ombros e a tranqüilidade com a que mantinham sua posição defensiva lhe fez sentir-se melhor. A umidade que empapava seu casaco e a parte traseira de seu jeans, não. O sangue de Wyatt.

—Me solte.

—Dentro de um momento.

—Agora.

—Você não me dá ordens, céu.

—Alguém sensato tem que estar ao mando.

—Esse sou eu.

Heather seguiu com a vista a poça de sangue que tinham deixado a seu passo.

—Diz pro homem que está sangrando-se.

—Diz o seu Alfa —os seios da jovem cada vez se apertavam mais a seu antebraço.

—Isso não significa que o vás conseguir.

—Já estou me dando conta.

—Eu não gosto de seu tom —disse Heather.

O som da madeira retumbou sob suas botas. Estavam em casa. Wyatt saltou ao alpendre, gemeu e depois grunhiu.

—O resto ainda você gostará menos.

Donovan se encontrava justo detrás dele. Seu irmão cobria a retirada. A ela tampouco fazia nenhuma graça que eles estivessem utilizando seus corpos como escudos. Lisa e Robin não lhe perdoariam jamais se lhes passava algo. Como se as houvesse conjurado, estas saíram da casa. Seus maridos as empurraram de volta pra dentro.

—Voltem pra dentro.

Ambas entraram sem emitir nenhum único protesto, um milagre em si mesmo. Heather olhou ao Kelon.

—Onde estavam vocês quando eram pequenas?

Kelon estudou com atenção os arredores.

—As buscando.

Supunha que se acreditavam serem homens lobo, também poderia acreditar em seus costumes de emparelhamento.

—OH.

Os músculos dos braços do Wyatt começaram a relaxar-se, lhe permitindo separar-se um pouco e que seus seios tivessem um pouco mais de espaço. A tensão erótica que experimentava era insuportável. Umedeceu-se os lábios e gemeu. Imediatamente três pares de olhos masculinos se cravaram nela. Justo o que necessitava.

—Está ferida.

Não se estavam fixando em seus seios, mas em seu quadril.

Nem todo o sangue era do Wyatt.

—OH.

A dor de seus mamilos era muito pior que o de seu quadril. Cruzou os braços sobre o peito, incapaz de compreender sua reação.

Wyatt caiu de joelhos, cambaleando-se. Ela fez gesto de aproximar-se. O homem agarrou-lhe as costas com um braço e lhe rasgou os jeans com suas garras.

—Wyatt!

Sujeitou-se as calças. Nem Donovan nem Kelon apartaram o olhar.

—Perversos.

—Alguém tem que agarrá-lo quando cair.

Deteve o Wyatt antes que pudesse despi-la de tudo.

—Estou bem. Você é a quem terão que cuidar.

Tinha que entrar em casa antes de cair na tentação de apertar os seios e comprovar a impressão de que estava andando com uma nádega de fora.

—Eu sou quem tem que dizê-lo —apesar de suas palavras, o rosto do Wyatt estava branco como a parede.

—Já basta. Até aqui chegamos —assinalou com o dedo ao Donovan.

— Que lhe ajude Kelon a agarrá-lo e levá-lo para dentro.

—Não o permitirá até que se assegure de que você está bem, e a briga poderia ser muito para ele.

Apertou Wyatt contra ela, sujeitando-o. Meu Deus, necessitava ajuda, e ela, alívio.

—Então, o deixem inconsciente.

Os irmãos se olharam um ao outro.

—Não me importaria —se ofereceu Donovan com muito entusiasmo.

—E uma merda, se alguém tiver que tombar ao Wyatt, esse sou eu —interveio Kelon.

—Eu sou o maior.

Dava-lhe a impressão de que a discussão ia para longe. Por que não se davam conta de que isto ia a sério?

—Pelo amor de Deus, Lisa, me traga outra escopeta.

—Agora mesmo.

Donovan sorriu.

—Isso não será necessário.

Agarrou ao Wyatt pelo ombro.

—Ela não entrará até que você não o faça. Tem que deixar que te ajude enquanto Kelon ajuda a ela.

Wyatt tinha o olhar alarmantemente desfocado.

—Kelon a tem?

Heather se atirou literalmente aos braços do mencionado, quase perdendo as calças pelo caminho.

—Vale.

Wyatt se cambaleou. Seu primo lhe passou o braço pela cintura e o arrastou pra dentro antes de levá-lo a cama.

Kelon lhe seguiu. A jovem lhe empurrou.

—Já pode me soltar.

Kelon negou com a cabeça.

—Ainda não.

—Está experimentando um desses inoportunos momentos “macho?”

Ele nem sequer se dignou a olhá-la ao lhe perguntar:

—Se te deixo deixará de lutar?

—Sim.

—Então, vale.

—Menos mal —não podia fazer nada mais que esperar. Se tinha aprendido algo, era que, quando ficavam assim, era melhor lhes seguir a corrente, e posto que Kelon ia detrás do Donovan, tinha que fazê-lo. Ao menos, já não lhe doíam tanto os seios.

Logo que Kelon a deixou no chão, correu pro lado de Wyatt. Tinha perdido muito sangue. Voltou-se para Donovan.

—Faz essas coisas com as garras e lhe corte a roupa.

—Essas coisas com as garras?

Não tinha tempo pra joguinhos de palavras.

—Agora.

—O que podemos fazer? —perguntou Robin.

O “lhe fazer um file “ do Kelon se sobrepôs a seu “chamar um médico”.

—Que bem lhe fará isso?

—Terá que repor-se quando se curar.

—Pouco feito —ordenou Wyatt com voz débil.

Robin pôs os olhos em branco.

—É obvio.

Heather levantou o olhar da horrível ferida aberta.

- Um file lhe ajudará a curar-se?
- Ajudará a recuperar-se.
- Irei procurar umas toalhas para lhe limpar.
- Obrigado, Lisa.

Wyatt necessitava muito mais que um remédio . Necessitava um médico.

- Sentiria-me melhor se viesse um médico.
- Não temos médicos.
- Então o que tem.
- Somos nós.

Heather passou uma mão pelo cabelo. Era enfermeira. Sabia o mal que estava a situação. Pelo amor de Deus, via-lhe os intestinos através da ferida.

- Eu vigiarei —anunciou Kelon indo para a janela.
- O que terá que vigiar? —perguntou Heather.
- A briga terminou deixando uns quantos cabos soltos.

Uns cabos soltos com má pinta, pelo modo em que agarrou Kelon sua escopeta.

Ouvia Robin transitar na cozinha. Lisa voltou com uma terrina de água saponácea e algumas toalhas. Heather pôs algumas debaixo da ferida, mas ao final decidiu que não. Era melhor que sofresse o colchão que ele.

Donovan agarrou a terrina e a deixou sobre a mesinha de cabeceira.

- Obrigado. —A jovem agarrou a toalha, molhou-a e começou a lhe limpar o sangue.
- Wyatt?
- O que?
- Se morrer, não lhe perdoarei isso nunca.

Agarrou-lhe a mão, apertando-a contra os duros músculos de seu estômago, e outra vez começaram a incomodar os mamilos.

- Não te deixarei.
- Não é que tenha escolha.
- Olhe a ferida, carinho. Já se está fechando.

Assim o fez, e assim era.

Isso era impossível. Não disse em voz alta o que pensava pela simples razão de que ao parecer sim que o era.

- Há risco de infecção?

—Não. Os homens lobos têm uns anticorpos muito potentes —explicou Donovan lhe estendendo uma toalha limpa e recolhendo a que tinha utilizado, que já estava empapada de sangue.

- Eu os comparo com cães rottweiler alimentados com esteróides —interveio Lisa.

— Esses masoquistas não podem esperar nem um momento a lançar-se ao ataque para arrumar as coisas.

—Viu-os em ação?

—Sim. Donovan também sofreu uma ferida no ventre quando os amigos do Buddy tentaram me atirar por um precipício.

—O que?

—Pensava que tínhamos combinado em não lhe contar nada disso no momento — gritou Robin da cozinha.

—Sinto muito.

A Heather não importava. Quão único precisava saber era que Wyatt ia se curar, que quando a ferida se fechasse, não ia haver perigo de infecção.

—Por que está inconsciente? —perguntou Heather.

—Não o está —Donovan olhou pela janela de novo.

—Pode te ouvir, mas seu corpo está utilizando toda a energia que tem para curar a ferida. Se tivesse que fazê-lo, despertaria.

—OH.

Seguiu seu olhar. Os residentes do complexo, homens lobo, estavam reunidos em grupos. Discutiam com paixão. Pela linguagem corporal e os movimentos das mãos, não parecia muito positivo.

—Vai ter que fazê-lo?

—Por agora não.

—E depois?

Ele franziu o cenho, jogou uma olhada ao Wyatt e forçou um sorriso.

—Tudo sairá bem.

A moça lhe limpou o sangue do quadril a seu primo.

—Não é muito bom com os sorrisos tranquilizadores, verdade?

—Ao que parece não —voltou a cravar a vista na janela.

—Tem que ir —disse Heather.

—Não passa nada.

Umedeceu-se os lábios e se esfregou os lados do peito com os braços, tentando acalmar a ardência.

—Donovan, já sou maior. Se o único que tivermos que fazer é vigiá-lo, podemos fazê-lo.

Ela olhou a Lisa, que estava recolhendo a roupa ensangüentada que Donovan havia jogado ao chão.

Esta assentiu.

—Vai, Donovan, nós arrumaremos isso.

Ele as observou durante um segundo, analisou a decisão e depois fez um gesto afirmativo. Assinalou com o dedo a Lisa. Esta sorriu e assinalou a sua vez. O homem se afastou da cama sacudindo a cabeça, agarrou-lhe o queixo entre as mãos e a beijou. Não foi um beijo suave ou educado, a não ser um beijo do mais apaixonado. Quando terminou, Lisa

cambaleou com expressão aturdida. Donovan mantinha o controle como sempre, embora respirasse com dificuldade e na parte frontal de suas calças se observava uma ereção considerável. Deu-lhe uns tapinhas no traseiro. Ela gemeu.

—Não saiam da casa.

Lisa lhe respondeu assentindo vagamente.

Logo que Donovan abandonou a habitação, Heather estalou os dedos, fazendo voltar para a realidade Lisa.

—Eu gostaria de poder engarrafar o que leva esse beijo.

Lisa se ruborizou levando uma mão ao ombro.

—Sim, faríamos-nos ricos.

—Dói-te algo?

—Não, mas a sensação me demora um pouco em ir.

Heather negou com a cabeça, acariciando o estômago do Wyatt. Embora estava aí convexo com uma ferida do tamanho do estado da Florida, seguia tendo um aspecto poderoso. Ela piscou. Por muito que a ferida seguisse sendo muito grande, tinha a metade do tamanho da original como demonstrava a cicatriz avermelhada que se criou sobre a pele.

la demorar um pouco em acostumar-se. Voltou a olhar a Lisa.

—Que sensação?

—A da marca. Cada vez que Donovan está perto me arde e me dói como se fosse fogo.

Heather baixou os olhos para o Wyatt, sentindo essa queimação erótica nos mamilos. Ela ia mata-lo.

Capítulo 10

Wyatt não gostava de como lhe olhava Heather. Quatro horas depois de que tivesse tido essa falta de atenção quase fatal, três desde que se curou, uma desde que suas irmãs partiram, e ainda seguia lhe observando com olhar assassino como se estivesse considerando lhe arrancar os testículo com uma faca oxidada. Terminou o file.

—Quer mais? —as palavras eram solícitas; o tom não.

—Não, com seis já tenho o bastante.

A verdade era que com cinco teria tido o bastante. Pedir um sexto tinha sido uma distração. Tinha esperado que quando acabasse lhe teria passado o aborrecimento, mas—a olhou de novo—não tinha sido assim. Não queria brigar com Heather essa noite. Já teria bastante amanhã quando as conseqüências de hoje saíssem à luz. Qualquer que fosse a

decisão, a manada ia se dividir. Não havia forma de evitá-lo. Não com uma batalha que levava forjando-se durante setenta e dois anos.

Heather fez gesto de agarrar a bandeja. Agarrou-lhe a mão e a obrigou a aproximar-se à cama. O som que fez era o mais parecido a um grunhido que podia emitir um humano. Colocou a bandeja no chão sujeitando a jovem.

—Gostaria de me dizer o que te passa?

—Não muito.

—Por quê?

—Porque já se derramou suficiente sangue hoje.

—O que significa que quer me matar.

—Sim.

Travando seus dedos com os dela, atraiu-a para si. Ela se negava a dobrar os joelhos e ele a ceder. A jovem caiu sobre ele torpemente. Heather gemeu imediatamente. Ele recordou-o muito tarde. Seu quadril.

—Maldita seja.

Trocou sua posição com um rápido movimento, levantando a borda de sua saia de um puxão enquanto ela o olhava pestanejando, surpreendida pelo repentino da manobra.

Via-se um profundo sulco a um lado do quadril, justo debaixo da tira de sua sexy tanga.

Este ele gostou, mas a ferida não.

—Isto tinha que haver-se curado.

—Vai se infectar? —ela gemeu e se estremeceu quando a girou a um lado.

—Não, meus anticorpos lhe protegerão.

—E se não gostam?

—Isso não pode acontecer. Não têm escolha quando se trata de tecido marcado.

—Então não se preocupe. Esse não é meu problema.

Ele olhou a estilizada silhueta de seu torso, detendo-se em seus seios. Seus olhos se fixaram em como se juntavam ligeiramente com a força da gravidade. Uma curva perfeita para a palma de sua mão. Os mamilos, duros e dispostos, empurravam a camiseta. Perfeitos para sua boca.

—O que acontece?

O tapa que lhe atirou na cabeça lhe fez tagarelar os dentes.

—Você é o problema, idiota. Marcou-me os mamilos!

—O que?

Recordava vagamente a necessidade de marcá-la, o desejo, a atração por seus maravilhosos mamilos. Mas marcá-los?

—Merda.

Wyatt ficou sobre ela, depois de girá-la e sentar-se escarranchado sobre seus esbeltos quadris. Acariciou-lhe com os dedos os seios, sabendo que se fosse verdade, o sentiria em

seus mamilos inchados. Somente de pensar que seus seios lhe respondessem assim, excitava-se.

—As marcas são algo muito sensível.

A cabeça de Heather se movia de um lado a outro. Levantou as mãos, apertou-as como punhos e as deixou cair de novo.

—O que você já sabia.

—Sim —levantou as mãos. Mas não tinha sido totalmente consciente ao fazê-lo.

Ela arqueou as costas expondo-se, rogando.

—Estive sofrendo durante todo o dia.

—Sinto muito.

—Faça com que pare... Tire-as daí.

—As marcas são permanentes.

—Não pode ser, maldito seja.

Ele se inclinou, apoiando-se no cotovelo direito. O colchão se afundou sob seu peso. A jovem caiu a um lado e um mamilo lhe roçou a bochecha, dando com a comissura de sua boca.

—Mas os efeitos não têm por que sê-lo —disse ele levando o mamilo à boca através da camiseta.

—OH, Meu Deus!

—Não leva sutiã.

—Roça-me muito.

Wyatt sorriu esfregando o queixo contra a dura ponta.

—Não tenho nenhuma queixa.

—Bom, pois eu sim!

—Suba a camiseta.

—O que?

Ele não podia resistir a sua boca. Tinham passado horas desde que a tinha beijado. Uma boca tão deliciosamente plena e cálida.

—Suba a camiseta e me demonstre as vontades que têm esses preciosos seios — sussurrou contra seus lábios.

—Perverso.

Ao insulto lhe faltava intenção.

—Mas você gosta.

—Pode ser —Heather lhe beijou brandamente, lhe cravando os pequenos dentes afiados no lábio inferior.

— O que eu ganho?

—Que você, minha gatinha sexy, goze.

Ela começou a esfregar os seios contra seu peito, arqueando as costas.

—Só uma vez? Não parece que valha muito a pena o esforço.

—Possivelmente posso me esforçar um pouco mais.

—Mais te vale.

Ele se pôs a rir, acoplou a boca à sua, aspirando sua fragrância e seu fôlego, levando-lhe ao mais profundo.

—Ninguém te ensinou a respeitar ao seu Alfa?

A jovem se encolheu de ombros com completa despreocupação sobre o caminho que estava tomando.

—Temo que não.

—Teremos que trabalhar esse tema.

—Isso eu espero.

Ele negou com a cabeça ante seu desafio.

—Não tente a um lobo, Heather.

—Por quê? Vai ficar dominante comigo?

Sua voz se entrecortou ligeiramente ao fazer a pergunta. Ao evitar seu olhar descobriu o segredo que acreditava estar tão bem guardado. Agarrou-lhe o queixo, inclinou-se, apertando-a sob seu peso, beijando-a forte e profundamente, sem lhe permitir o controle, mantendo-a onde desejava, inalando a fragrância de sua excitação, tragando seu pequeno gemido. Podia ser tão dominante como ela quisesse.

—Levante a camisa.

Assim o fez, primeiro um lado e depois o outro, com pequenos puxões provocadores, descobrindo seu estômago, os lados de seus seios, detendo-se justo antes de lhe mostrar o que ele mais desejava.

Confirmou com um olhar que era de propósito.

—Está-me desafiando, seli?

—Simplesmente te dando algo no que pensar.

Colocou-lhe as mãos sobre a cabeça. Um estremecimento quase imperceptível lhe indicou que estava encantada. Ele não se incomodou em ocultar sua excitação. Dominar a uma mulher na cama era um de seus prazeres favoritos.

—Acredito que está me desafiando.

Ela levantou as sobrancelhas.

—E?

—E isso tem consequências.

—Hrrrrrph.

A camiseta não ofereceu resistência a sua palma e escorregou sobre os descarados montículos, revelando tudo o que ele desejava ver, e possivelmente umas quantas coisas que ela não queria. Sob o vermelho de seus suculentos mamilos, sob o marrom avermelhado de suas auréolas, distinguia a sombra de sua marca. Um selo erótico

permanente. Não tinha tido a intenção de lhe marcar os seios, mas se alegrava de havê-lo feito.

Roçou-lhe com o dedo uma das pontas, desfrutando de seu imediato gemido.

—Sempre que estiver perto, estes morrerão por minhas carícias, minha boca, meu pênis... durante o resto de sua vida.

—Bastardo.

—Não, somente um companheiro muito agradecido —lambeu o faminto bico. O corpo de Heather se apertou contra o seu. Seu pequeno grito lhe atravessou o ouvido. Ela fez gesto de baixar as mãos, mas o homem as agarrou e as voltou a cravar sobre os travesseiros com suavidade, acrescentando um pouco mais de pressão, absorvendo seu calafrio de prazer com seu corpo muito maior.

—Não. Deixa as mãos aí.

—Te vais pôr mandão agora?

—Perder tem esse efeito em mim.

Ela franziu o cenho.

—Não perdeste. Não havia nenhuma razão para matá-lo.

—Assim não é como o verá a manada.

—Que se foda à manada.

Heather não tinha por que entender o que significava a manada para um lobo. Como era a metade da alma que não pertencia a seu casal.

—Prefiro foder a você.

—O que te detém?

Ele sorriu baixando o olhar até seus seios e seus mamilos, tão inchados que teria jurado que podia ver o batimento do coração de seu pulso neles.

—Nada. —Atraiu-a para si com uma mão debaixo de sua cintura, incrementando a pressão até que seu torso se arqueou acolhedoramente.

— Vem aqui, gatinha.

Agarrou um dos duros bicos em sua boca, sugando-o ligeiramente, deixando que movesse a cabeça de um lado a outro sob o açoite da sensação, deixando que ela se acostumassem a seu poderoso desejo, antes de levá-la mais longe com uma sucção mais uniforme, tomando o mamilo entre seus dentes enquanto ela se retorcia, mordendo-o com suavidade, observando como abria os olhos como pratos, quando o beliscão de dor se mesclou com o do prazer. Atirou brandamente, firmemente e a abraçou enquanto o orgasmo se derramava sobre ela com um áspero grito. Observou como o prazer a acolhia, a transformava, protegeu-a entre seus braços enquanto gritava, enquanto voltava à realidade de novo.

Wyatt lhe acariciou a bochecha, brincou com a comissura de sua boca com a língua, ficando ali porque lhe arrepiava uma e outra vez, desejando lhe dar mais prazer.

—Foder, você é preciosa.

Ela ainda tinha vontade de discutir.

—Não, não o sou.

Ele a beijou pelo pescoço, mordiscou a tentadora curva onde o ombro se unia com o pescoço antes de descer, com um destino claro.

—Outro desafio? —sussurrou contra a curva superior de seu seio direito.

—Não —fez gesto de tocar, duvidou ante seu olhar e voltou a colocar os braços sobre o travesseiro. Sacudiu a cabeça negando.— É muito cedo.

—Não estou de acordo —nunca seria muito cedo para ver esse olhar desfocado de novo, para rodear-se da fragrância de sua satisfação, para sentir como tremia com o êxtase que lhe tinha dado. — Eu adoro ver como goza.

O rubor de suas bochechas se pronunciou, mas ela não o ocultou.

—Assim?

—Assim

Soprou sobre seu mamilo direito girando a cabeça.

—Quero que goze outra vez.

—Preciso descansar.

Ele negou com a cabeça. Para ser uma mulher tão decidida, não se conhecia a si mesmo tão bem.

—Esta vez gozará com mais intensidade.

—Quem o diz?

Um segundo depois tinha o outro mamilo em sua boca e recomeçou todo o processo. Seu membro palpitava e lutava por liberar-se, desejando o calor e a umidade, dos que somente lhe separavam uns escassos centímetros de tecido.

—Seu Alfa o diz.

Ela pôs os olhos em branco, mas o gesto terminou com um ofego quando o homem o mordeu, atravessando-a esta vez um poquinho com seus dentes. A jovem gritou e se retorceu, apertando os quadris contra os seus, procurando, rebuscando, até que encontrou a posição que necessitava. Uma diminuta gota de sangue se estendeu por sua língua enquanto apertava-lhe o seio com a mão e a boca, alimentando o desejo de emparelhamento, nutrindo sua marca enquanto ela esfregava sua vagina contra a cabeça de seu membro, lhe dando de presente sua confiança de uma vez que lutava por dar com a cúpula que a evitava. As mãos do Wyatt desceram até suas nádegas, e afundaram os dedos nas provocadoras curvas, lhe levantando os quadris e inclinando os seus até que seu clitóris cavalgou sobre a rugosa superfície de seu zíper. A jovem se estremeceu ante a nova sensação, e depois abriu as pernas e o investiu uma, duas, três vezes.

Baixou as mãos. Ele rugiu uma advertência e lhe devolveu outra, introduzindo os dedos entre seus corpos, lhe desabotoando a braguilha, lhe baixando o zíper, tirando o

membro ao ar fresco antes de aproximar seu púbis com a delicadeza de uma mariposa e obrigá-lo a deslizar-se por sua escorregadia greta, acariciando-o com seu clitóris inchado, envolvendo-o em seu desejo. Agarrou-lhe a mão e a levou a um mamilo. A dura e elástica ponta palpitou contra o centro de sua palma.

—Me faça tua, Wyatt. Faça-me tua me invadindo com seu membro.

Desejava a união.

—Não —não podia lhe fazer isso. Comprometê-la para logo lhe levar tudo quando o conselho tomasse uma decisão ao dia seguinte.

—Sim. Me penetre com seu membro, me faça gozar, e quando o mundo se desfizer e já não saiba onde estou, me una a você para que nunca possa me perder de novo.

—Ah, merda.

O calor, o desejo e a necessidade escaparam de seu controle quando Heather levantou o quadril, atraindo seu membro para seu interior ajudando-se com a força da gravidade.

—Te una a mim, Wyatt.

Sim. A tentação pôde com o dever e ele se apertou mais contra ela, afundando-se no abrasador calor de sua greta, fechando os olhos enquanto o feminino canal se fechava sobre seu membro, os músculos o espremiavam, tentando-o com mais força, lhe rogando que a investisse e lhe desse o que desejava; que ele e ela estivessem juntos. Para a eternidade.

Ele se afundou até o mais profundo, capturando seu grito de felicidade em sua boca, absorvendo o momento, a beleza. Ardiam-lhe as palmas; seu lobo uivava. Sim!

Não. Soltou-se. Era um bastardo egoísta, mas nem tanto. O gemido de frustração de Heather lhe doeu. Sua palma palpitava com um desejo que ia além da paixão, pra lá do desejo. A necessidade de uni-la a ele para sempre nesta vida e na seguinte fluía por seu sangue, e cada vez era mais intensa.

Apertou os dentes para sossegar a dor. Heather evitou seu olhar fazendo um novelo a um lado, entendendo a mal a rejeição.

—Heather.

Impediu-lhe que a tocasse.

—Não se preocupe, Wyatt. Deixei-me levar.

Pensava que não queria fazê-lo.

Acariciou-lhe as omoplatas, a costa, detendo-se antes de chegar às curvas de suas nádegas.

—Não posso lhe dar isso Heather. Agora não, mas posso te dar de presente algo quase tão bom —afundou a mão entre ambas as nádegas, detendo-se ante o tenso casulo que se escondia entre ambas. Apostaria qualquer coisa como ninguém o tinha provado antes.

—Não até que me diga por que.

Ele negou com a cabeça. A jovem ainda seguia procurando o controle. Umedeceu-se os dedos com seus fluidos e voltou, riscando um círculo tão estreito como sua fechadura. Ela ofegou e arqueou as costas.

—A briga de ontem somente pode solucionar-se de uma maneira.

—De que maneira?

—Em frente a decisão do conselho.

Que votaria certamente por sua morte.

Pressionou. Cedeu ligeiramente. Ela pegou um chiado, mas empurrou a sua vez, pois o instinto superou ao medo.

—Gostou, Heather? Pareceu-te bem essa carícia?

O rubor se estendeu por seu torso até seu rosto, mas não se escondeu.

—Sim.

Com um pouco mais de pressão, ela aceitou seu dedo até o segundo nódulo. Gritou enquanto se acostumava à estranha sensação. Beijou-lhe a comissura da boca, lhe tirando o cabelo da bochecha.

—Tranqüila. Relaxe e irá gostar.

—Não posso.

—Sim, sim que pode. Se queria te entregar a mim, isto é o que quero.

—Isto não é para sempre.

—É o que temos —esticou a mão para a gaveta da mesinha e tirou um lubrificante. Penetrou-a brandamente com os dedos, ajudando a acostumar-se à idéia enquanto desenroscava a tampa. Rodou pela cama, caindo ao chão. Retirou o dedo e o substituiu com a boquilha do lubrificante. Ela se estremeceu quando o frio gel se introduziu em seu interior. Depois de atirar o tubo aos pés da cama, obrigou-a a tombar-se de barriga para baixo, arrastando-a para trás até que as pernas lhe sobressaíram fora da cama, e atirando de seus quadris até que lhe fez apoiar-se sobre os dedos dos pés. Abriu-lhe mais as pernas, deixando perfeitamente exposto seu traseiro em forma de coração, aberto para seu prazer. Seu membro se inclinou sobre ele palpitante. Elevou-o e colocou, alinhando-o com precisão antes de deixá-lo cair por sua greta com um ligeiro e erótico açoit.

—OH, Meu Deus. —Heather se retraiu, lhe obrigando a penetrar em sua greta. Não era suficiente.

Wyatt introduziu uma mão entre seus quadris e a cama. Apoiou-se no antebraço para encontrar seus clitoris. Enquanto o esfregava brandamente, introduziu um dedo e depois dois, estirando-a, preparando-a. Sussurrou-lhe ao ouvido.

—Goza.

Ela negou com a cabeça.

—Assim não.

Wyatt lhe apertou o clitoris com os dedos, brincando com seu desejo com pequenos toques. A ela lhe entrecortou a respiração; seus quadris lhe empurraram com mais força.

—Está segura?

Ela assentiu, enquanto seus cabelos se derramavam para frente, revelando sua vulnerável nuca.

—Você —ofegou ela.

— Desejo a você.

Queria gozar com seu pênis. Merda. Não lhe ajudava muito.

—Para você será mais fácil assim.

—Não quero que seja fácil.

Não sabia o que lhe pedia. Beijou-lhe na nuca.

—Você gostará.

A jovem jogou a cabeça e os quadris para trás, lhe obrigando a penetrá-la mais profundamente com os dedos, e gritou quando os tirou. Depois de recuperar o fôlego, perguntou:

—Por que te incomoda em me perguntar o que quero se não pensa dar isso. Ele morria por dar-lhe .

—Poderia te doer.

—Não me importa.

Alinhou a ponta de seu membro com a diminuta abertura.

—Não me deterei.

—Ninguém lhe pede isso.

Wyatt negou com a cabeça. Quando lhe colocava uma idéia na cabeça, Heather era como um touro bravo. Inclinou-se, observando como se aplanava o pequeno buraco, como as rugas do exterior se alisavam enquanto o músculo se estirava ante sua demanda.

—Pode ser mais do que esperas.

—Isso é impossível, porque espero um montão. Quero que me marque o traseiro com seu membro, com sua semente. Que me encha com seu orgasmo. Não me importa se doer. Dá-me igual se me parto em dois. Meu único desejo é saber que sou tua quando tudo acabar.

Então o entendeu. Estava se aproximando dele desde outro ângulo, estava-o seduzindo com a submissão para que tomasse.

—Quer tudo isso?

Ela se retirou o cabelo, olhando-o pela extremidade do olho, esfregando suas costas contra ele.

Desafiando-o.

—Pode me dar isso?

—Neném, posso foder este traseiro tão doce até que o tenha em carne viva, até que sinta que estou dentro de você inclusive quando não me encontrar a seu lado.

—Uh, huh. —Meneou o traseiro ante ele como uma capa frente a um touro, acreditando no parecer que ele resistia. Como se houvesse algo que ele pudesse lhe negar.

— Falar é fácil.

Mas ela não o era. Era preciosa, e embora pensasse que necessitava que o recordassem em frente a força, ele sabia que não era assim. Havia muitas formas de gravar-se na alma de uma mulher. Algumas doíam. As melhores não o faziam.

Beijou-lhe a suave e branca pele da nuca e se inclinou, lhe dando cada vez mais peso enquanto lhe acariciava o clitóris, temperando sua posse com o incremento da paixão, retendo-se enquanto seu testículo se inchavam e enchiam, disposto a receber o escuro calor que havia mais à frente e muito mais desejoso de seus gritos de prazer. Desde o começo foi uma batalha desigual, pois a resistência natural não podia comparar-se a sua insistência.

Ela se abriu um pouco para a ponta de seu pênis em um beijo íntimo. Os músculos de suas costas se esticaram, entrelaçou os dedos com os seus, apertando-lhe com força enquanto continuava desdobrando-se para ele.

—Isso. Assim.

—É fácil para você dizê-lo —ofegou a jovem, sem perder sua insolência inclusive nesse momento.

—Não tão fácil —grunhiu ele, brigando com sua natureza que lhe ordenava que a tomasse, reclamasse-a, marcasse-a sabendo de uma vez que ela necessitava tempo, querendo proporcionar-lhe. Um par de milímetros e estaria dentro. Uns pequenos e vitais milímetros. Os mais duros.

Cravou-lhe os dentes no ombro, lhe mordendo, sujeitando-a enquanto a penetrava pouco a pouco seguindo com a carícia de seu clitóris, sentindo que sua tensão crescia, notando que seu clímax estava perto no ar que lhes rodeava. Generoso, feminino, perfeito.

Ela jogou a cabeça para trás gritando seu nome.

—Wyatt!

—Te deixe levar, Heather! —rugiu ele contra seu ombro. Investiu-a com os quadris, atravessando a última de suas resistências.

— Deixe levar e goza.

A comoção de sua penetração a fez derrubar-se sobre o colchão. Ela gritou de novo enquanto o orgasmo a envolvia, abraçando-se a seu membro. Ele a seguiu, bombeando em seu traseiro, acoplando seu ritmo às sacudidas em quebras de onda de seu clímax, lhe apertando o clitóris, seu prazer com a mão, enquanto lhe entregava sua semente, sua alma, seu coração, abraçando-a até que o último pulsado se esfumou. Até que ela ofegou seu nome, beijando-a no ombro, na orelha, na bochecha enquanto as palavras escapavam de seu interior. Não podia lhe dar um “para sempre”, mas podia lhe dar de presente isto.

—Quero-te.

Capítulo 11

Não têm preferência.

O pensamento penetrou na mente de Heather, lhe tirando de um profundo sono.

Pestanejou olhando ao teto, escutando os sons da noite, tentando prestar atenção ao grito de seu subconsciente que tinha reclamado sua atenção.

Não têm preferência quanto a tecidos. Kelon tinha marcado a Robin.

Estava se referindo aos anticorpos. Claro, os anticorpos! Os anticorpos não tinham preferência! Jogou a um lado os lençóis e saiu da cama a toda pressa.

—Wyatt! Acorde!

Ele não só despertou, mas também deu um salto, estendendo as garras, com um rugido de aviso nos lábios. Ela se deteve um passo de saltar a seus braços.

—O que aconteceu?

A jovem, cujos músculos não cessavam de protestar pelo trabalho pouco habitual ao que tinha-a submetido Wyatt, ficou a procurando como uma louca sua roupa por todo o quarto.

—Robin.

Enquanto colocava as calças com muita mais eficácia da que ela era capaz de coordenar, lhe perguntou:

—Ela piorou?

—Não. OH, não. É que tenho que vê-la.

O homem jogou uma olhada ao relógio.

—São quatro da manhã.

—A ninguém vai importar.

—A mim sim.

Heather colocou a camisa por cima e se encaminhou para a porta principal, abotoando-lhe.

—A mim não.

—Isso aprendeu em minhas lições de disciplina? —murmurou ele entre dentes.

A jovem se esfregou o traseiro, notando o calor do açoite. A deliciosa expansão de seu membro.

—Não sofra, castigaste-me o suficiente.

—Quer mais?

—Dentro de um dia ou dois? —Parecia que ia custar toda a vida o Wyatt colocar as botas.

—Certamente.

—Estou-o desejando.

Ele agarrou os casacos do gancho e lhe estendeu o seu.

—Se esquecia de algo.

—Não pensava nem sequer colocar isso

Wyatt tinha um sorriso de superioridade em seu rosto.

—Ouça-me.

—Te moverá mais rápido então?

—Sim.

Ela esticou os braços. Logo que seu pulso se enfiou no buraco dos ombros, lançou-se para a maçaneta da porta. Wyatt chegou antes que ela, com o rifle sobre o ombro e uma pistola no cinturão.

—Espera.

Ela não queria esperar. A notícia não podia esperar.

—É necessário de verdade?

—Sim.

—Bom, pois se apresse.

Ele demorou outros três minutos pelo menos em decidir que caminho era mais seguro. A jovem estava tão excitada que correu pelo jardim e alcançou a casa onde se encontravam suas irmãs um segundo antes que Wyatt. Esmurrou a porta. Ouviu-se o som de uns pés sobre a madeira. Um juramento masculino e como se carregava uma pistola. Possivelmente seria melhor que se identificasse.

—Robin, Lisa, sou Heather.

A porta se abriu. Kelon a recebeu com o cenho franzido.

—Tem idéia da hora que é?

—Quatro da manhã —o deixou a um lado e se apressou a aproximar-se de Robin, agarrando-a pelos ombros e estudando seu rosto. Suas bochechas seguiam tendo um tom rosado. Seus olhos tinham um aspecto brilhante e claro. E se movia com precisão, o que era particularmente notável para ser tão cedo pela manhã.

—O que acontece?

—Nada —Heather a abraçou estreitamente e ficou a dançar pela habitação com ela, tornando-se a rir quando Robin tropeçou e Wyatt teve que as segurar. Pela primeira vez, podia lhe dar a resposta que sempre tinha desejado a essa pergunta.

— Nada de nada.

Abraçou-a de novo porque não podia evitá-lo, antes de afastá-la um pouco para poder olhá-la.

—Como está?

—Bem, mas acredito que a pergunta deveria ser como está você.

Lisa entrou na sala de estar arrastando a bata, resmungando como sempre fazia quando a despertavam de um sono profundo.

—Acredito que a resposta é óbvia. Ao final se tornou louca.

—Não, não me tornei louca —soltou a sua irmã e voltou para os braços do Wyatt olhando a seu redor.

— Somente que acredito que tenho uma muito, muito boa notícia.

—Faltava alguém.

—Onde está Donovan?

—Chamaram-lhe os do conselho faz um par de horas.

Wyatt ficou rígido a suas costas. Heather girou a cabeça e o olhou. Via-lhe tão sereno como sempre, e a tensão só se adivinhava ao redor de seus olhos.

—Tem que ir?

—Não. Não me necessitarão até que se reúna o conselho às nove.

—Bom, que notícias são essas? —perguntou Kelon, que seguia com o cenho franzido em seu formoso rosto.

—Tem um despertar tão agradável como o da Lisa —debochou Heather. Não queria nenhum desmancha-prazeres nesses momentos.

—Isso não é novidade —interveio Robin com um sorriso.

—Bom, isto sim.

—Acredito que todo mundo ficará muito mais contente se o falas de uma vez — sugeriu Wyatt, que tinha posto uma mão sobre seus quadris e cujo torso transmitia através das costas um delicioso calafrio até seus mamilos. Ela se apartou imediatamente e cruzou os braços.

—Robin não vai morrer.

Quatro “o que” retumbaram na habitação.

—A dentada do Kelon a curou.

Este se quadrou e a contemplou com os olhos abertos como pratos, enquanto, a seu lado, Robin a olhava com a mesma esperança e fé em seus olhos como a que tinha quando tinha cinco anos e queria saber se os Reis Magos iriam vir de verdade.

—Isso não é possível.

—Não só é possível, mas sim é muito provável.

—Uma dentada não pode curar uma enfermidade.

Heather se apartou o cabelo do rosto.

—Se deixar de ser um desmancha-prazeres, Kelon, entenderá o que digo—ignorou seu grunhido—.Embora Robin tenha perdido seus rins porque estava doente, está perdendo este porque seus anticorpos o vêem como um órgão estranho e o atacam.

—Mas os anticorpos dos homens lobo... —começou a dizer Wyatt as suas costas.

—Segundo Wyatt, não têm preferências em tecidos —terminou Heather.

—OH, Meu Deus! —Exclamou Lisa cobrindo a boca com uma mão com os olhos cheios de lágrimas.

— Não vai morrer.

Robin agitou a cabeça agarrando a mão de Kelon, lhe obrigando a lhe abraçar o estômago, com os olhos brilhando pela emoção de um novo começo.

—Com razão tenho sentido melhor desde que deixei de tomar os medicamentos.

Kelon lhe fez voltar-se.

—Como?

Ela se encolheu de ombros.

—Davam-me muitas náuseas para poder desfrutar de você.

—Antes de tomar essa decisão, devia ter me dito.

A jovem voltou a encolher-se de ombros.

—E você deveria ter me falado antes de unir sua vida à minha. Assim estamos iguais.

—Não, não é o mesmo.

—Mas se o que suspeito é certo —interveio Heather antes que comesçassem a discutir —, fica muito tempo para lhes pôr de acordo.

Kelon agarrou a Robin em seus braços, enterrou o rosto em seu pescoço e a farejou ruidosamente.

—Estive tão ocupado que não me tinha dado conta, mas já não se nota nada estranho em seu aroma.

Robin o empurrou.

—Perdão, está dizendo que eu cheirava mal?

A expressão do Kelon era a de um homem ao que lhe acabam de outorgar um indulto depois de ter estado no corredor da morte.

—Você sempre cheira maravilhosamente, mas antes havia algo que não encaixava. Já não está.

Alegria, medo, amor, incredulidade, todos esses sentimentos lutavam por fazer-se com sua expressão, mas ao final só permaneceu uma emoção. Amor. Por sua irmã.

Heather olhou ao Wyatt.

—Acredito que vou chorar.

—Se me der um lenço, acompanho-te.

Não o ia fazer, mas era muito amável por sua parte lhe mentir.

—Merda —soluçou Lisa.

—Eu te acompanho e nem sequer terá que me subornar com um lenço.

—Trato feito.

Robin esticou a mão por detrás de Kelon. Dobrou o braço e lhes lançou algo. Wyatt o agarrou. Era um pacote de lenços de papel. Ela voltou a abraçar-se estreitamente a Kelon, apertando com força a seu homem, seu sonho.

—Para que não tenhamos que interromper a festa para esfregar o chão.

Capítulo 12

Ao final, a volta do Donovan foi o que aguou a alegria. Wyatt, que o viu atravessar o caminho a grandes pernadas zangadas e com os ombros retos, deu-se conta de que não trazia boas notícias. Desculpou-se levantando-se da mesa, deixando às mulheres discutindo sobre o prato que melhor saía ao Kelon. Saiu pela porta principal e abordou a seu primo antes que este chegasse a sua casa.

—Buscava-me?

Ele assentiu e se colocou melhor o rifle sobre o ombro.

—Sim.

Wyatt jogou uma olhada para a casa. Das janelas da cozinha não lhes viam.

—Por que está tão triste? Sabia que isto não podia terminar bem.

—Não acreditava que ia ser tão mau. Querem te matar.

Seu primo assentiu.

—Já imaginava.

—Têm-lhe medo. Se não fosse assim, arrumariam-no de outra maneira.

—Mas utilizar isto para livrar-se de mim soluciona as coisas.

—Protegerei-te quando anunciarem a decisão. Também o farão uns quantos outros.

A manada não tolerará um abuso da lei tão evidente.

Ao final tinham chegado a isso. Wyatt negou com a cabeça. Guerra civil.

—Obrigado.

Donovan baixou a escopeta enquanto o aborrecimento penetrava em seu aroma.

—O Alfa quer ver-te.

—Já imaginava.

Contemplou o tranqüilo complexo ao que tinha considerado seu lar durante toda sua vida. Em cada rocha, sob cada árvore via imagens de sua juventude, lembranças do passado, bons, maus, todos diferentes, todos lhe tinham ajudado a ser o homem que era agora. E em todos eles, uma influência constante: a segurança de pertencer a uma manada.

Wyatt se enfrentou a seu primo, lendo em seus olhos a mesma lealdade rasgada que ardia em seu interior. Não, a guerra civil não era a resposta.

Estendeu-lhe a mão. Donovan a apertou de uma forma tão familiar como a informação que já conhecia Wyatt. Seu primo mataria a gente da manada se tivesse que escolher entre a vida e a morte. Da mesma maneira que ele o faria se visse na alternativa escolher entre a família e a manada, mas se chegava a isso, se tratava de irmão contra irmão, família contra família, nenhum deles voltaria a ser o mesmo.

Nada voltaria a ser o mesmo.

Wyatt se obrigou a sorrir e deu uns tapinhas em Donovan no ombro.

—Vá pra casa. Espera-te uma boa notícia.

Os olhos de seu primo se entrecerraram.

—O que vais fazer?

—Vou falar com meu pai.

Seu pai o estava esperando, mais frágil que nunca, parecendo que somente sua teimosa obstinação o mantinha neste mundo. E provavelmente assim era. Big Al tinha o aspecto de um homem que esperava. Wyatt desejava saber a que.

—Ouvi que tem enchido o saco do conselho.

—Sou bom nisso.

—Possivelmente tenha sido muito bom esta vez —fez gesto de agarrar o copo de água que estava junto à cama.

—Estão pedindo seu sangue.

Wyatt se encolheu de ombros.

—Isso não é nada bom.

—Esta vez falam a sério.

—E antes não era assim?

O copo se fez pedaços contra a parede.

—Maldito seja, Wyatt. Peça-me ajuda.

—Por quê? Para que possa me dizer que tenho que matar a homens honestos com os que cresci? Fazer viúvas a mulheres que conheci desde que era menino?

Arrebataram os pais a meninos que merecem conhecê-los? Tudo para que possa tentar arrastar a uma manada que não quer sair da idade escura para olhar ao futuro e poder ter uma oportunidade de sobrevivência.

—Levamos milhares de anos assim e nos foi bem.

Isso foi a gota que encheu o copo.

—Mas as tradições não nos farão sobreviver outros mil anos!

—Maldito seja, é tão cabeçudo como sua mãe!

—E você me odeia por isso.

—Não, mas te asseguro que não quero te perder por isso.

Wyatt ficou paralisado ante a resposta tão pouco familiar que lhe deixou sem argumentos para a discussão.

Al suspirou e se passou a mão pelo rosto, que denunciava sua idade em cada milímetro.

—Me traga essa caixa.

Contra a parede havia um pequeno cofre de madeira. Seu filho o agarrou e o deixou sobre a cama. Al colocou a mão em cima. Em seu gesto havia um respeito que surpreendeu ao Wyatt.

—Ouvi também que tem feito com uma companheira.

—Sim.

—E que é humana, como as de Donovan e Kelon.

—Sim.

—Hrrrrph, não o teria adivinhado por seu aspecto.

—O que quer dizer?

Seu pai fez um gesto para a janela.

—Ao Cam pôs ontem os pingos sobre os ís.

—Estava um pouco aborrecida.

—Uhum —o ancião sorriu descobrindo suas presas e algo de seu antigo ser.

—Bom, depois de vê-la com seu temperamento em ação, sugiro-te que tente não incomodá-la.

—Isso já pensei.

—Já me imagino.

Al olhou a caixa, acariciando a superfície.

—Sempre pensei que acabaria aceitando minha forma de pensar.

—Sei.

—Não quero dizer que não te quisesse, somente que esperava poder seguir vivendo através de você.

Wyatt pensava que se fez imune ou seja, que tinha decepcionado a seu pai, mas ao parecer nunca conseguia acostumar-se a isso.

—Dava-me conta de que as coisas tinham mudado ao ver a briga de ontem, suas dúvidas na hora de matar o Carl, observando como sua companheira enfrentou o Cam.

—Como? —que seu pai admitisse que as coisas eram diferentes, era como se ele admitisse que o rosa era uma cor masculina. Algo que ninguém teria esperado que acontecesse.

—Em meus tempos, ou matava ou lhe matavam, e uma mulher conhecia seu lugar e não se metia em confusões. Mas ontem entendi o que Helen tinha estado tentando me dizer durante anos. Existem muitas classes de força e muitas classes de pessoas. —Empurrou a caixa e esta ficou enredada entre os lençóis. Wyatt atirou dela os últimos centímetros.

—Abre-a.

Ao fazê-lo, descobriu que estava cheia de envelopes.

—Você não é o primeiro que se apareia fora da manada, e nós não somos os únicos que o proíbem.

Wyatt abriu uma carta com data de dois anos atrás. Era de uma mulher cujo companheiro humano tinha morrido, que pedia que a acolhessem. Sua solidão e desejo de voltar a ter uma manada se observava claramente na missiva. Levantou o olhar, sabendo a resposta antes de fazer a pergunta.

—Não lhe deixou.

—Não podia. Ia contra a tradição.

—Segundo a carta, tem filhos com características de homem lobo.

—É uma mulher desesperada que quer um lar. Um não se pode confiar muito de sua valoração, e se seus filhos também têm rasgos humanos, colocaram-se com eles e ao final, os teriam matado. Sabe.

E matar meninos sempre criava conflitos.

—Assim lhe disse que não.

Al fez um gesto para a caixa.

—Disse a todos que não.

Na caixa haveria pelo menos cem cartas. Abriu umas quantas mais. Todas contavam mais ou menos o mesmo. Homens e mulheres lobo privados de direito em busca de um lar. Acariciou o “por favor” ao final da primeira carta, que estava impreciso por uma lágrima.

—Eu teria feito o contrário.

—Sei. Por isso redigi isto. Hoje mesmo o apresentarei ante o conselho — o estendeu a seu filho. O pergaminho era grosso, de estilo tradicional. Oficial.

— Pode ficar com essa cópia.

Wyatt o leu, levantando as sobrancelhas enquanto cada palavra da declaração, bem escrita, revelava as intenções de seu pai.

—Dá-me minha própria manada?

Não podia ser. As novas manadas significavam competência. Com frequência guerra.

Fazia duzentos anos que não se criava uma.

—É um bom chefe, Wyatt. —Al assinalou a caixa.

— E há um montão de homens lobo que estiveram esperando um montão de anos a que apareça alguém como você.

—Alguém fraco. —Sabia o que seu pai pensava da compaixão.

Este suspirou e negou com a cabeça.

—Alguém o suficientemente forte para unir a compaixão ao poder. Alguém que não tem medo às mudanças. Que é o suficientemente forte para lhe dar à tradição com os focinhos.

Wyatt voltou a olhar o documento. Uma manada própria, criada com suas próprias leis, sem o obstáculo da tradição. O papel rangeu ao apertá-lo. Desejava-o.

—Ao conselho não lhe fará muita graça.

—O conselho pode dizer o que lhe dê a vontade enquanto eu esteja vivo.

Isso não ia ser por muito tempo. Al lhe leu a mente.

—Posso agüentar o suficiente para te dar tempo para reunir uma manada e de treinar a quem o necessite. Donovan e Kelon irão contigo. E também Carl e outros tantos. Isso te ajudará a começar.

Não sabia o que dizer.

—Sempre tinha pensado que me odiava.

—Enquanto estava aqui convexo pensando na Helen, tive tempo de me dar conta de muitas coisas, e uma delas foi que me arrependo das vezes que não hei tido a valentia de fazer o que me pedia o coração em vez do que as tradições requeriam —seu sorriso era triste.

— Não é tão fácil como parece.

—Não. Não o é —Wyatt agarrou a caixa e ficou de pé junto à cama.

—Obrigado.

Um simples obrigado parecia tão inadequado para um momento como esse...

—De nada.

Al estendeu a mão. Seu filho a apertou, sentindo a fragilidade exterior que albergava uma vontade de ferro. A metade do apertão de mãos, deixou-o.

—A merda com a tradição.

Atirou a caixa sobre a cama e abraçou a seu pai.

Epílogo

Estimada Sarah Anne:

Lamento o atraso da resposta. Sou Wyatt Carmichael, da Manada autorizada Haven.

Ao Carmichael, da Manada autorizada Carmichael, passou-me sua carta.

É um prazer para mim lhe oferecer um lugar na manada para você e seus filhos. Informo-lhe de que somos uma manada nova situada nas montanhas de Montana. Nossos Protetores são Donovan e Kelon MacGowan. Estou seguro de que os conhece. Sua reputação é legendaria, assim como a devoção à manada a que pertencem.

Menciono-os porque sei que sua primeira preocupação serão seus filhos. Nossa manada tem umas leis progressistas e não discriminatórias. Tem sua promessa, assim como a minha, de que seus filhos se encontrarão sempre seguros aqui. Como mostra, anexo-lhe o selo dos McGowan ao final da carta.

Se desejar aceitar o convite, pode entrar em contato comigo na direção ou o número de telefone indicado acima. Enviaremos imediatamente uma escolta para acompanhá-los a seu novo lar.

Atentamente,

Wyatt Carmichael

Alfa, Manada Autorizada Haven

Heather leu a carta por cima do ombro de Wyatt, lhe passando os braços pelo pescoço.

—Está muito bem.

—É muito formal —ele alargou a mão, com a indubitável intenção de enrugá-la e atirá-la ao chão junto com as outras. Ela o deteve, lhe pondo uma mão sobre a sua.

—Só há uma palavra que vai importar a Sarah Arme.

—Manada?

Ela negou com a cabeça e se inclinou, movendo o dedo para a direita para sublinhar a última palavra. Lar. Beijou-lhe na bochecha.

—Prometeste-lhe um lar, aceitação e segurança para seus filhos. É o que mais deseja uma mulher.

A tensão se expandiu pelos músculos do Wyatt. Esse seu homem tinha tantas esperanças, lutava tanto.

—Então será melhor que eu vá preparar essa casa que compramos no povoado, para que esteja pronta quando chegarem.

—Qual delas? —tinham comprado muitas casas, oferecendo um preço justo por elas. Os habitantes, encadeados a um povo moribundo por culpa da pobreza haviam ido aceitando, aliviados de ter um dinheiro para poder começar de novo em outro lugar. A única coisa que faltava para que fosse perfeito era que Buddy tivesse sido um deles.

—A do promontório. Tem um jardim muito bonito.

Estava pensando nos meninos. A Heather queimavam os seios, mas não tanto como seu coração. Beijou ao Wyatt no pescoço. Era um homem muito bom e um chefe estupendo, que fazia tudo o que podia por uma manada a que nem sequer conhecia ainda. Se Sarah Anne não aceitasse o convite, iria ela mesma até o Missouri e a obrigaria a vir.

—Mencionei ultimamente o muito que te quero?

—Não nas últimas duas horas.

Ele levantou o braço para lhe permitir sentar-se em seu colo.

—Eu fui um pouco negligente.

—Pois sim. —E já era hora de arrumar esse assunto que ficou pendente.

Sua sobancelha direita se levantou, da maneira que ela achava sexy e íntimo de uma só vez.

—Se quer me compensar, temos uma hora antes que comece o jantar de celebração que está preparando Kelon.

—Te compensar por quê?

Agarrou-lhe a mão e a levou para seu seio. Ficou sem fôlego ante a quebra de onda de calor. Depois de centralizar o mamilo em sua palma, sorriu-lhe, brincando com os botões de sua camisa.

—Se não me engano, deve-me uma cerimônia de união.

Os olhos do Wyatt se iluminaram e seu gozo se transmitiu sobre ela como os raios do sol, penetrando em seu interior de uma vez que o calor de sua carícia. Descobriu-se o peito. Ele cortou-se na palma com uma unha. Sustentou-lhe o olhar enquanto rugia, envolvendo-a com a promessa da eternidade que somente guardava para ela.

—Assim é.

Fim



Projeto Revisoras Traduções
Grupo Romances Traduzidos
<http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/>
Comunidade Romances S.A.
<http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161>